



UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE LONDRINA

---

PATRÍCIA CARDOSO BATISTA

**OS JOVENS E A LEITURA LITERÁRIA NA ERA DIGITAL:  
DEMOCRATIZAÇÃO DO ACESSO E LABIRINTO DE  
POSSIBILIDADES**

---

Londrina  
2025

PATRÍCIA CARDOSO BATISTA

**OS JOVENS E A LEITURA LITERÁRIA NA ERA DIGITAL:  
DEMOCRATIZAÇÃO DO ACESSO E LABIRINTO DE  
POSSIBILIDADES**

Tese apresentada à Universidade Estadual de Londrina - UEL, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Estudos da Linguagem.

Orientadora: Profa. Dra. Sheila Oliveira Lima

Londrina  
2025

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

Batista, Patrícia Cardoso.

Os jovens e a leitura literária na era digital : democratização do acesso e labirinto de possibilidades / Patrícia Cardoso Batista. - Londrina, 2025.  
254 f.

Orientador: Sheila Oliveira Lima.

Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, 2025.

Inclui bibliografia.

1. Leitura literária - Tese. 2. Era digital - Tese. 3. Ensino Médio - Tese. 4. Jovens - Tese. I. Lima, Sheila Oliveira. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem. III. Título.

CDU 8

PATRÍCIA CARDOSO BATISTA

**OS JOVENS E A LEITURA LITERÁRIA NA ERA DIGITAL:  
DEMOCRATIZAÇÃO DO ACESSO E LABIRINTO DE  
POSSIBILIDADES**

Tese apresentada à Universidade Estadual de Londrina - UEL, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Estudos da Linguagem.

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Orientadora:** Profa. Dra. Sheila Oliveira Lima  
Universidade Estadual de Londrina - UEL

---

Profa. Dra. Andréia da Cunha Malheiros  
Universidade Estadual de Londrina - UEL

---

Profa. Dra. Joyce Elaine de Almeida Baronas  
Universidade Estadual de Londrina - UEL

---

Profa. Dra. Ana Elisa Ferreira Ribeiro  
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais -  
CEFET-MG

---

Profa. Dra. Vanderleia da Silva Oliveira  
Universidade Estadual do Norte do Paraná - UENP

---

**Suplentes**

Profa. Dra. Isabel Cristina Cordeiro  
Universidade Estadual de Londrina - UEL

---

Profa. Dra. Marilu Martens Oliveira  
Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR

---

Londrina, 27 de fevereiro de 2025.

## AGRADECIMENTOS

Ao chegar ao final desta trajetória que iniciou efetivamente no ano de 2021, muitos sentimentos vêm à tona, como o de gratidão e o de alívio. Gratidão por todos aqueles que me apoiaram e contribuíram para que eu chegasse até aqui, mas também de alívio, de saber que todas as demandas foram concluídas por mim com êxito, mesmo com todos os percalços internos enfrentados.

Agradeço à minha orientadora, Profa. Dra. Sheila Oliveira Lima, que me acompanha desde o mestrado e é uma das principais responsáveis pelo meu crescimento como pesquisadora e professora ao longo desses oito anos de parceria. Foi um privilégio tê-la ao meu lado nesta jornada acadêmica, alguém tão perspicaz, cuidadosa e amorosa. Sou grata pelo apoio dado em todas as etapas, especialmente quando tive a ideia de fazer o doutorado sanduíche, vivenciando esse processo pela primeira vez comigo.

Às professoras, Profa. Dra. Andréia da Cunha Malheiros, Profa. Dra. Joyce Elaine de Almeida Baronas, Profa. Dra. Ana Elisa Ferreira Ribeiro e Profa. Dra. Vanderleia da Silva Oliveira, membros da banca de qualificação e examinadora, por cederem do seu precioso tempo para contribuir com esta pesquisa, lançando um olhar criterioso e crítico, essencial para concluir lindamente essa etapa.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL-UEL), da Universidade Estadual de Londrina, que mesmo durante a pandemia e de modo remoto propiciaram muitos conhecimentos necessários à minha formação acadêmica.

À professora Profa. Dra. Ângela Balça que acolheu minha pesquisa na Universidade de Évora, permitindo-me viver muitas experiências acadêmicas, conhecer mais do contexto educacional português e criar diferentes memórias afetivas de como é ser pesquisadora em outro país.

À CAPES, pelo apoio financeiro, concedido por meio da bolsa de estudos. Isso foi essencial para que eu aproveitasse diferentes oportunidades de aprendizado, como atuar como editora-adjunta na Revista Entretextos, bem como realizar minha pesquisa também em Portugal por meio do Programa de Doutorado-sanduíche no Exterior (PDSE).

Às escolas brasileiras e portuguesas e aos seus profissionais, pela recepção desta pesquisa, cedendo espaço e tempo para a coleta de dados.

Especialmente aos alunos dos terceiros anos por perceberem a pertinência deste trabalho e voluntariamente responderem aos questionários e participarem das entrevistas.

À minha família, que mesmo de longe sempre se mostrou muito orgulhosa de cada uma das minhas pequenas conquistas. Foram eles que sonharam ter uma filha doutora, mesmo que nem soubessem muito bem o que isso significava para minha carreira profissional.

Ao Fernando, meu esposo e companheiro de vida, que me apoiou em todos os momentos, acolhendo minhas angústias, medos e frustrações e vibrando comigo frente a cada pequeno progresso. Foi ele quem idealizou comigo a finalização desta pesquisa e minha participação no PDSE, reconhecendo o quanto tudo isso significava para mim.

Aos meus amigos, que entenderam os momentos de ausência e foram ouvidos atentos em momentos de dúvidas e angústia. Especialmente à minha amiga, Rosangela Maria de Almeida Netzel, que desde o mestrado compartilha comigo os sentimentos vivenciados no mundo acadêmico, traçando metas, compartilhando vagas e desejos.

Por fim, agradeço a todos que, de alguma forma, colaboraram e me apoiaram.

## RESUMO

BATISTA, Patrícia Cardoso. **Os jovens e a leitura literária na era digital: democratização do acesso e labirinto de possibilidades.** 2025. 254f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2025.

Nesta tese, aborda-se a leitura literária na era digital, considerando os diferentes suportes utilizados pelos leitores para efetivarem essa atividade. Em vista disso, objetiva-se identificar como os dispositivos digitais interferem na ampliação da leitura literária entre os jovens estudantes dos terceiros anos do Ensino Médio. Para coleta de dados, elegeram-se cinco escolas da rede estadual da região central da cidade de Londrina, no Paraná. No primeiro momento, aplicou-se um questionário on-line com perguntas abertas e fechadas a 472 participantes, visando compreender o seu perfil leitor e suas preferências na contemporaneidade. Em seguida, selecionaram-se 10 leitores para participarem de uma entrevista a fim de entender como se relacionam com os textos literários em diferentes suportes. Como encaminhamento metodológico, realizou-se uma pesquisa de campo de natureza exploratória, adotando a abordagem qualitativa. Desse modo, a pesquisa foi norteada a partir dos pressupostos dos Estudos da Linguagem e da Psicanálise. Como resultados, constatou-se que os jovens leitores oscilam entre os diferentes suportes a fim de alargar suas possibilidades de acesso aos textos literários almejados. Todavia, embora isso propicie uma maior democratização da leitura entre eles, também faz com que tenham que lidar com um labirinto de possibilidades, o que é feito de forma diversa pelos leitores, enquanto seres subjetivos, afetivos e desejantes.

**Palavras-chave:** Leitura literária; Era digital; Jovens; Ensino Médio; Subjetividade.

## **ABSTRACT**

BATISTA, Patrícia Cardoso. **Young people and literary reading in the digital age: democratization of access and labyrinth of possibilities.** 2025. 254 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2025.

In this thesis, literary reading in the digital age is addressed, considering the different supports used by readers to carry out this activity. In view of this, the objective is to identify how digital devices interfere in the expansion of literary reading among young students in the third years of high school. For data collection, five schools from the state network in the central region of the city of Londrina, Paraná, were chosen. At first, an online questionnaire with open and closed questions was applied to 472 participants, aiming to understand their reading profile and preferences in contemporary times. Then, 10 readers were selected to participate in an interview in order to understand how they relate to literary texts in different media. As a methodological approach, an exploratory field research was carried out, adopting the qualitative approach. In this way, the research was guided by the assumptions of Language Studies and Psychoanalysis. The results showed that young readers fluctuate between different mediums in order to expand their possibilities of access to the desired literary texts. However, although this fosters greater democratization of reading among them, it also means that they must navigate a maze of possibilities, which is approached differently by readers, as subjective, affective, and desirous beings.

**Key-words:** Reading; Digital age; Young; Middle school; Subjectivity.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> – <i>Book trailer</i> do livro <i>S</i> . .....	37
<b>Figura 2</b> – Comentário em um dos vídeos de Courtney Henning Novak.....	64
<b>Figura 3</b> – Página inicial da <i>Wattpad</i> .....	70
<b>Figura 4</b> – Perfil de um usuário do <i>Skoob</i> .....	74
<b>Figura 5</b> – Página da <i>Amazon</i> indicando o livro como sucesso no <i>TikTok</i> .....	122
<b>Figura 6</b> – A paginação do texto em diferentes suportes eletrônicos.....	173
<b>Figura 7</b> – Mediadores na pesquisa “Retratos da leitura no Brasil” .....	182

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1</b> – Dispositivos eletrônicos utilizados para a leitura na pesquisa “Retratos da leitura no Brasil” (2015-2024) .....	32
<b>Gráfico 2</b> – Indicação para o último livro que leu ou está lendo.....	56
<b>Gráfico 3</b> – Os primeiros colocados na venda de livros no Brasil.....	61
<b>Gráfico 4</b> – Número de participantes por escola.....	94
<b>Gráfico 5</b> – Idade dos jovens participantes.....	95
<b>Gráfico 6</b> – Ferramentas tecnológicas que os jovens participantes possuem.....	96
<b>Gráfico 7</b> – Disponibilidade de Internet.....	97
<b>Gráfico 8</b> – Atividades realizadas no tempo livre.....	99
<b>Gráfico 9</b> – Número de obras literárias lidas nos últimos 12 meses.....	106
<b>Gráfico 10</b> – Suportes utilizados para a leitura durante o Ensino Médio.....	107
<b>Gráfico 11</b> – Exclusividade dos suportes.....	109
<b>Gráfico 12</b> – Suportes utilizados pelos jovens com mais frequência.....	130
<b>Gráfico 13</b> – Suporte preferido para a leitura de textos literários longos.....	131
<b>Gráfico 14</b> – Telas usadas para leitura literária.....	146
<b>Gráfico 15</b> – Formas de acessar obras na tela.....	148
<b>Gráfico 16</b> – Formas de acessar obras no papel.....	155
<b>Gráfico 17</b> – Faturamento dos canais de distribuição de obras gerais - 2019 a 2023.....	162
<b>Gráfico 18</b> – Mediadores de leitura na juventude.....	177

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1</b> – Os 30 autores e suas obras mais lidas no papel pelos jovens.....	115
<b>Tabela 2</b> – Os 30 autores e suas obras mais lidas na tela pelos jovens.....	124
<b>Tabela 3</b> – Simulação de valores de livros em diferentes sites de comércio.....	160

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> – Seleção dos entrevistados.....	103
<b>Quadro 2</b> – Perfil dos entrevistados.....	104
<b>Quadro 3</b> – Resumo dos motivos para a não-leitura de literatura no papel ou na tela .....	110
<b>Quadro 4</b> – Resumo dos motivos para a não-leitura de literatura em nenhum suporte.....	112
<b>Quadro 5</b> – Obras literárias cobradas no vestibular da UEL.....	118
<b>Quadro 6</b> – Algumas motivações para a escolha do livro físico para leituras longas.	132
<b>Quadro 7</b> – Algumas motivações para a escolha das telas para leituras longas....	137
<b>Quadro 8</b> – Algumas motivações para a leitura em ambos os suportes.....	141

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ATD	Análise Textual Discursiva
BIENAL'22	26º Bienal Internacional do livro de São Paulo
BIENAL'2019	XIX Bienal Internacional do livro
CAAE	Certificado de Apresentação para Apreciação Ética
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CP	Categoria 2 - papel
CPT	Categoria 3 - papel e tela
CT	Categoria 1 - tela
Ctrl+S	Observatório da Literatura Digital Brasileira
ELO	Electronic Literature Organization
EM	Ensino Médio
ERE	Ensino Remoto Emergencial
FLUP'19	8º Festa Literária das Periferias
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPL	Instituto Pró-Livro
LP	Língua Portuguesa
M	Menções
N	Número
RETRATOS 5ª	5ª edição da Retratos da leitura no Brasil
RPG	Role Playing Game
SEED-PR	Secretaria de Educação e Esportes do Paraná
TDICs	Tecnologias digitais da informação e comunicação
TIC	Tecnologia da Informação e Comunicação
TALE	Termo de Assentimento Livre e Esclarecido
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
T	Total

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	16
<b>2 LEITURA LITERÁRIA NA ERA DO DIGITAL</b> .....	23
2.1 Suportes, materialidade e práticas de leitura.....	24
2.2 Leitura: um ato corpóreo e subjetivo .....	43
2.3 Cultura digital e o universo literário .....	54
2.3.1 Compra, acesso e posse no contexto digital e no físico .....	60
2.3.2 Mediação de leitura na era digital.....	80
<b>3 METODOLOGIA</b> .....	89
3.1 Pesquisa de campo.....	91
3.2 Questionário: elaboração, aplicação e participantes .....	93
3.3 Entrevista: seleção e condução.....	102
<b>4 ANÁLISE DE DADOS</b> .....	108
4.1 Explorando a leitura na era digital: entre tinta e pixels .....	108
4.2 Formas de acesso e de busca dos textos literários .....	148
4.3 Corpo, gestos e comportamento: experiência leitora em diferentes suportes...	168
4.4 Mediação e suportes de leitura .....	178
4.5 Do desejo à (não) leitura: inúmeras possibilidades de textos e de acesso .....	191
<b>5 CONCLUSÃO</b> .....	213
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	220
<b>APÊNDICES</b> .....	232
APÊNDICE A – Questionário on-line aplicado aos jovens participantes.....	233
APÊNDICE B – Roteiro para a entrevista semiestruturada com os leitores.....	246
APÊNDICE C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) .....	247
APÊNDICE D – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE).....	249

<b>ANEXOS</b> .....	251
ANEXO A – Aprovação do comitê de ética .....	252
ANEXO B – Aprovação da SEED-PR e das escolas participantes .....	254

## 1 INTRODUÇÃO

Os avanços tecnológicos ocorridos nas últimas décadas marcam mudanças significativas para o campo da educação. Observamos diversas iniciativas voltadas à promoção do uso das tecnologias nos diferentes setores educacionais, seja por meio de metodologias ativas ou mesmo por meio da adoção de diferentes plataformas de ensino e aprendizagem. Outra prática social que também foi impactada pela era digital é a leitura, foco deste trabalho, sobre a qual diferentes teóricos começaram a discutir, como Roger Chartier (1994, 1999, 2002, 2020), Ana Elisa Ribeiro (2009, 2017, 2019, 2020), Edgar Kirchof (2016), Anne Mangen e Adriaan Weel (2016), Gemma Lluch (2017), Pablo Delgado *et al.* (2018), Maryanne Wolf (2019), Charles Spence (2020), John Thompson (2021, 2023), Patrícia Cardoso Batista e Sheila Oliveira Lima (2020, 2022), dentre outros, ponderando sobre os impactos dos dispositivos digitais para a referida atividade, bem como para o mercado editorial, escritores e público-alvo. Diante desse cenário, consideramos que essas mudanças também impactam as práticas leitoras dos jovens, que passam a recorrer a diversos suportes para a realização de suas leituras literárias. Assim sendo, nos interessa compreender mais sobre a relação desse público com os diferentes suportes disponíveis na atualidade.

Partimos do princípio de que a literatura é fundamental para o ser humano, pois, segundo Antonio Candido (2004), por meio dela podemos satisfazer as nossas necessidades primárias de ficção e de fantasia. Para ele, assim como o sonho é necessário para o equilíbrio psíquico, “talvez não haja equilíbrio social sem a literatura [...] ela é fator indispensável de humanização, inclusive porque atua em grande parte no subconsciente e no inconsciente” (Candido, 2004, p. 175). Diante disso, evidencia-se que a literatura deve ser respeitada como um direito de todos. Todavia, Candido (2004) afirma que, do modo como a sociedade está organizada, pode restringir ou ampliar o acesso a este bem humanizador. Logo, devido às desigualdades que perpassam a sociedade brasileira, por vezes a literatura que chega ao indivíduo depende da classe em que ele se encontra, conseqüentemente muitos são privados de contato com ela. E esta, segundo Candido (2004), só circulará sem barreiras se a sociedade se organizar de maneira a garantir a distribuição equitativa dos bens. Nesse contexto, ele considera que “uma sociedade justa pressupõe o respeito dos direitos humanos, e a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável” (Candido, 2004, p. 191).

Atualmente, a dificuldade de acesso aos textos literários pode ser diminuída a partir dos dispositivos eletrônicos, pois a literatura não se restringe mais aos livros impressos. Desse modo, com a expansão dos dispositivos digitais, como computadores, *tablets*, celulares, leitores digitais etc. e acesso à Internet, caso o leitor tenha esses recursos e queira, pode-se facilmente acessar as obras gratuitamente e realizar leituras na tela.

No Brasil, o número de pessoas com acesso à Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC) é considerável. Uma pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2022, mostra que a Internet está presente em 91,5% das residências, de modo que 98,9% dos brasileiros utilizam o celular para acessá-la, 47,5% televisão, 35,5% microcomputador e 7,6%, *tablet*.

Nesse contexto, à primeira vista, a democratização da leitura parece estar mais próxima, pois os dados apontam que grande parte da população possui equipamentos tecnológicos que possibilitam o acesso e a realização de leituras por meio da tela. A esse respeito, Chartier (1999, p. 117) afirma que “Com o texto eletrônico, a biblioteca universal torna-se imaginável (senão possível) sem que, para isso, todos os livros estejam reunidos em um único lugar”. Assim sendo, o leitor não precisa, necessariamente, se deslocar da sua casa até uma biblioteca ou uma livraria para obter livros e lê-los, porque para acessá-los basta ter as ferramentas necessárias (computadores, *tablets*, aparelhos celulares etc.), acesso à Internet e saber como utilizá-las para chegar aos textos almejados. Diante disso, surge a seguinte pergunta de pesquisa: *quais são os suportes utilizados pelos alunos do Ensino Médio (EM) para realização da leitura literária e quais são as suas motivações para tal?*

Parte-se da hipótese de que os jovens, embora oscilem entre diferentes suportes, preferem ler textos literários no papel, dado que têm menos distrações que na tela, uma vez que os dispositivos tecnológicos apresentam outras possibilidades de uso, que não a leitura. Nessas situações, o leitor pode ser interrompido por notificações de aplicativos de mensagens ou das redes sociais, ou pela necessidade de desvio da leitura para pesquisar palavras desconhecidas, ou mesmo navegar por *hiperlinks* etc. Já o livro impresso propõe um itinerário mais restrito em que leitor e texto estão “a sós”, o que favorece a concentração necessária à leitura de obras complexas e densas.

Entretanto, diante das inúmeras possibilidades de leitura que se abrem com as bibliotecas “sem muros e sem lugar”, o leitor pode ter ainda mais dúvidas sobre o que

ler dentre tantas opções disponíveis. A esse respeito, Batista e Lima (2020) argumentam que o tempo é limitado, por isso exige-se que o leitor escolha e organize uma sequência de obras, uma vez que não conseguirá ler todas que deseja. Isso pode provocar o recalque da leitura, aproximando-se do que descreve Barthes (2004) quando se refere à impossibilidade de realizar plenamente o desejo do leitor. Para o teórico francês, o recalque decorre não só quando o leitor não encontra o livro desejado na biblioteca ou não pode comprá-lo numa livraria, por exemplo, mas também mediante o impedimento de acessar todos os que gostaria, seja devido ao aspecto financeiro ou temporal.

Segundo Roland Barthes (2004), o recalque da leitura é também resultante da imposição do ato de ler como um dever, pois é preciso ter lido isso ou aquilo, mesmo quando se trata das leituras ditas “livres”. Entretanto, o leitor nunca dará conta de ler tudo o que está disponível nas bibliotecas, livrarias ou, hoje, na Internet. Diante disso, Barthes (2004, p. 35, grifo do autor) ressalta que, “[...] a liberdade de leitura, qualquer que seja o preço a pagar, é *também* a liberdade de não ler”.

Frente a isso, tem-se como objetivo geral identificar como os dispositivos digitais interferem na ampliação da leitura literária entre os jovens estudantes do Ensino Médio.

Para seguir essa perspectiva de análise, conta-se com os seguintes objetivos específicos:

- a) investigar a adesão dos jovens aos diferentes suportes de leitura;
- b) analisar quais fatores influenciam as escolhas de leitura entre os jovens e seus procedimentos de busca de obras literárias no digital e no impresso;
- c) refletir sobre como o jovem leitor lida com as inúmeras possibilidades de leitura e de acesso na era digital, considerando o seu desejo e sua subjetividade.

A partir dos dados obtidos na dissertação de mestrado, *Formação de leitores literários no Ensino Médio: tecendo histórias*, finalizada no ano de 2019, observamos que a navegação pela Internet ocupa uma boa parte do tempo dos jovens, e que estes possuem os aparatos tecnológicos necessários para o acesso à leitura (Batista, 2019). Sendo assim, considerando que eles já utilizam esses recursos para outros fins, talvez isso poderia implicar o alargamento das leituras literárias desse público. Entretanto, esse não foi foco da referida pesquisa, deixando lacunas a serem preenchidas e suscitando novas indagações.

Ao realizar um levantamento de pesquisas sobre essa temática no *Catálogo de Teses e Dissertações*, mantido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) a partir das palavras-chave “Leitura literária e digital”, obtivemos 33 resultados, sendo 20 de dissertações de mestrado e oito teses de doutorado, mas apenas seis pertencentes à grande área de conhecimento Linguística, Letras e Artes.

Ao analisar os títulos, bem como os resumos, identificamos que a maior parte das pesquisas focava a leitura literária no digital ligada a um gênero ou a uma plataforma específica, ou mesmo se debruçou sobre outro público, que não os estudantes do EM. Assim sendo, dentre elas, apenas uma demonstrou-se semelhante à proposta desta tese, que é “Práticas de leitura literária digital entre leitores jovens”. Na referida pesquisa, Monica Araújo (2016) objetivou compreender as práticas de leitura de literatura digital de leitores jovens de 15 a 17 anos, de estratos socioeconômicos diferenciados. Com isso, a pesquisadora da área de Educação identificou que os jovens oscilavam entre a leitura no suporte digital e no impresso de acordo com a disponibilidade de acesso da obra almejada. Além da pesquisa de Araújo (2016) ter um objetivo diverso do proposto aqui, naquele momento, ela indicou que uma das limitações de seu trabalho seria o fato de que, com o avanço das tecnologias, o impresso perderia o seu espaço como suporte preferido entre os jovens.

Desde a pesquisa de Araújo, publicada no ano de 2016, muitos avanços tecnológicos aconteceram, impactando o universo literário como um todo, conforme comentaremos adiante. Somado a isso, temos ainda um fato muito marcante que ocorreu entre os anos de 2020 e 2021, que foi a pandemia causada pela Covid-19, momento em que, enquanto estudante, pesquisadora e professora da Educação Básica vivenciei dificuldades, medos e mudanças inesperadas, inclusive muitas relacionadas à expansão do uso de ferramentas tecnológicas. De forma resumida, durante aquele período, as instituições escolares foram fechadas e passaram a funcionar de forma remota, obrigando profissionais da área educacional e estudantes a adotarem novas ferramentas tecnológicas, plataformas, aplicativos, dentre outros para ensinar, aprender e ler, sem a devida preparação para tal, cenário que se arrasta até hoje.

No caso da leitura literária, durante a pandemia, esta ficou ainda mais dificultada tanto para os professores que se preocupavam em oportunizá-la, quanto para os alunos leitores, uma vez que além das escolas, as bibliotecas também foram

fechadas, impedindo o empréstimo de livros impressos, por exemplo. Para suprir a falta de acesso aos livros impressos, Batista e Lima (2022) constataram que os docentes passaram a recorrer a textos eletrônicos e/ou digitalizados, passando a indicar, selecionar e enviar textos digitais ou digitalizados. Isso nos permitiu inferir que houve um aumento da promoção das práticas de leitura na tela, ao menos naquele momento, o que pode ter persistido entre professores e alunos no pós-pandemia, ou cessado com a volta das atividades presenciais plenamente em 2022. Isso é um dos aspectos comentados nesta tese, afinal, os participantes desta pesquisa cursaram metade do EM durante a pandemia, vivenciando seus efeitos e afetos.

Diante disso, esta tese se justifica pela importância de adensar os estudos teóricos sobre a formação de leitores na contemporaneidade, considerando os dispositivos digitais como possibilidade de ampliar o acesso dos jovens aos textos literários, mas também como geradores do recalque à leitura, dado que pode imobilizá-los diante da multiplicidade e da diversidade de textos.

A partir das considerações de Luiz Antônio Marcuschi (2001, p. 31) de que as investigações qualitativas “não visam em primeiro lugar a produzir soluções para certos problemas, mas a explicar ou entender esses problemas”, nesta tese, esperamos contribuir para a ampliação do saber acumulado sobre a temática. Reconhecemos a necessidade de refletir sobre os diferentes suportes para leitura e a adesão destes recursos pelos jovens leitores. É fundamental, nesse sentido, considerar que a leitura na tela é uma opção que precisa ser mais explorada nas pesquisas da área, a fim de que os professores tenham mais dados sobre esse cenário, o que pode levar a reflexões sobre os próximos passos da escola em relação à formação do leitor que vive em um contexto digital.

Esta pesquisa é relevante na medida que, assim como Michèle Petit (2019), não consideramos que a leitura literária torne as pessoas melhores, mas pode ajudá-las na melhor compreensão do mundo que as cerca. Segundo Petit (2019), com a leitura o indivíduo estará mais instrumentalizado para viver em uma sociedade altamente letrada e permeada pela cultura escrita. Essa familiaridade com a escrita é benéfica para todos os setores, seja escolar ou profissional, uma vez que é a partir da linguagem que expressamos nossas ideias e entendemos o mundo. Diante disso, explicita-se que todas as possibilidades de ampliar o acesso dos jovens à literatura merecem ser investigadas, seja esta propiciada pela tela ou pelo impresso.

Como impacto social, almejamos que as reflexões propostas levem a uma

melhor compreensão das mudanças nas práticas leitoras entre os jovens. Desse modo, observamos a necessidade de analisar a partir de diferentes pontos de vista as diversas ferramentas e formas que podem contribuir para que o direito ao acesso à literatura seja garantido a todos, ou não. Isso é importante na medida em que políticas públicas são elaboradas visando este fim, mas que nem sempre se baseiam em dados concretos sobre a temática, e sim em interesses meramente particulares, tal como o caso da plataforma *Leia Paraná*, comentado brevemente.

Na busca de alcançar o que propomos aqui, estruturamos o trabalho em seis seções. A primeira delas refere-se a esta introdução, na qual delineamos o tema de pesquisa, objetivos, bem como as motivações para essa escolha.

Na segunda seção, abordamos a leitura literária na era digital. Diante disso, estruturamos em três subseções. Na primeira, discorremos sobre as modificações das práticas de leitura e comportamento dos leitores a partir da possibilidade de acessarem textos por meio de diferentes suportes. Na segunda, apresentamos as perspectivas de leitor e de leitura adotadas nesta tese, que em um viés psicanalítico, considera o leitor enquanto um ser desejante e constituído de subjetividade, elementos que emergem durante o ato de ler e mesmo na escolha do suporte. Na terceira, destacamos os impactos da cultura digital para o universo literário e as práticas de leitura. Sendo assim, comentamos brevemente sobre algumas mudanças nos processos de produção, publicação, circulação de livros e leitores, depois passamos às diferentes vias de acesso aos textos, como: compra, empréstimo e *download*, e finalizamos discutindo sobre as modificações na mediação da leitura devido ao advento da Internet e dos diferentes ambientes digitais.

Na terceira seção, detalhamos a metodologia de pesquisa adotada, bem como os procedimentos de coleta e análise de dados. Sendo assim, organizamos em três subseções: na primeira descrevemos as escolas campo; a segunda e a terceira abordam os instrumentos de pesquisa eleitos para as coletas de dados, que são questionário on-line aplicado aos estudantes de cinco escolas dos terceiros anos do EM, bem como uma entrevista semiestruturada com dez leitores selecionados.

Na quarta seção, realizamos o tratamento de dados e refletimos sobre eles, enfocando as implicações da leitura em diferentes suportes entre os jovens participantes. A seção se divide em cinco subseções: na primeira descrevemos as práticas leitoras dos alunos com ênfase nas obras e/ou autores lidos, suportes utilizados e suas motivações para tal; na segunda, evidenciamos quais telas são

utilizadas pelos jovens leitores e os procedimentos de busca adotados para acessar os textos literários almejados na contemporaneidade; na terceira, debatemos sobre a experiência de leitura em diferentes suportes, destacando a presença corpórea, gestual e comportamental do leitor; na quarta, exploramos as práticas de mediação na era digital e sua relação com os suportes; na quinta refletimos sobre como os leitores entrevistados lidam com a inúmeras possibilidades de acesso e de textos e suas implicações para o desejo de ler.

Por fim, na última seção, apresentamos as considerações sobre os resultados desta pesquisa, tendo em vista os objetivos delineados e demonstrando as possíveis contribuições e lacunas para serem almejadas em pesquisas futuras.

## 2 LEITURA LITERÁRIA NA ERA DO DIGITAL

*“Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades,  
Muda-se o ser, muda-se a confiança;  
Todo o mundo é composto de mudança,  
Tomando sempre novas qualidades”  
(Luís de Camões).*

O soneto renascentista, escrito por Camões no século XVI, destaca a influência do tempo nas transformações do mundo e como estas afetam nossos comportamentos. Na era digital em que vivemos, caracterizada pelo avanço das tecnologias digitais da informação e comunicação (TDICs), as práticas de leitura passam por significativas transformações, refletindo no comportamento dos leitores.

Nesse sentido, uma mudança significativa que impactou o cenário da leitura refere-se ao suporte, pois agora o leitor pode escolher entre a leitura no formato impresso em papel ou na tela de diversos dispositivos eletrônicos. Essa variedade de formatos permite que o leitor selecione aquele que melhor atenda aos seus objetivos, demandas e desejos. Sendo assim, à primeira vista, podemos ter a impressão de que se trata de uma mera mudança de suporte, já que o conteúdo do texto, na maioria das vezes, é o mesmo, entretanto, como veremos nesta pesquisa, bem como em outros estudos sobre essa temática, a questão é mais complexa. Portanto, é essencial refletirmos sobre as diferentes nuances envolvidas nesse processo.

No que se refere à literatura, foco desta pesquisa, destacamos que não nos ateremos à discussão sobre a natureza do que é considerado ou não literário, mas sim ao universo literário, que envolve produtores de textos, leitores, mercado editorial, escritores, circulação e suportes, elementos que foram visivelmente impactados pela cultura digital.

Diante disso, abordaremos, nesta seção, o ato de ler e suas modificações na era digital, considerando os diferentes suportes, formas de acesso e mediadores a partir da perspectiva de leitura adotada aqui.

## 2.1 SUPORTES, MATERIALIDADE E PRÁTICAS DE LEITURA

*“Dos diversos instrumentos do homem, o mais assombroso, sem dúvida, é o livro. Os demais são extensões de seu corpo. O microscópio, o telescópio, são extensões de sua vista; o telefone é extensão da voz; depois temos o arado e a espada, extensões de seu braço. Mas o livro é outra coisa: o livro é uma extensão da memória e da imaginação”  
(Borges, 2011, p. 11).*

Na sociedade letrada, o ato de ler tem muita relevância para participação nas práticas sociais, aquisição de conhecimentos e acesso às informações. Com os avanços tecnológicos e as mudanças na cultura escrita, termos consolidados ganham novos contornos e outros são criados. O livro, consolidado historicamente como objeto material, impresso em papel, agora apresenta-se também no formato digital de diferentes formas, podendo já nascer digital, ou seja, ser produzido a partir de ferramentas tecnológicas, ou transformar-se, migrando do livro físico para o meio digital a partir da digitação ou digitalização. Independente da técnica utilizada, é fato que, graças às ferramentas tecnológicas, diferentes textos, inclusive os literários, passaram a ser amplamente divulgados e alcançaram um público maior com a revolução digital. Sendo assim, nesta subseção, abordamos algumas implicações dessas mudanças no campo da leitura e nas práticas leitoras dos textos literários.

Partimos do princípio de que todo texto possui um suporte para a sua circulação e leitura entre os leitores, podendo assumir formatos físicos, como os livros impressos, ou mesmo virtuais, como no caso dos *e-books*, livros digitais ou textos eletrônicos, termos estes entendidos aqui como sinônimos. Para Marcuschi (2003), desde a antiguidade os suportes ou portadores de texto variam; o que começou nas paredes das cavernas, passou pelas tabuletas, pergaminhos e papel, e hoje está nas telas dos mais diversos dispositivos eletrônicos. Portanto, a leitura de uma obra literária escrita depende de algum recurso material, ou seja, de um suporte, e isso também tem relevância para o leitor.

Nesse contexto, faz-se importante definir o que entendemos como suporte nesta pesquisa. A esse respeito, recorreremos às considerações de Marcuschi (2003), que define o suporte como um lugar físico ou virtual que tem um formato específico (como livros, jornais, *outdoors*, revistas etc.) e que serve para fixar e mostrar o texto,

tornando-o acessível aos leitores. Sendo assim, Marcuschi (2003) expõe que, entre 2 e 3 mil anos atrás, os fenícios usavam os vasos, colonatas ou mesmo túmulos como suporte para a circulação de textos. Atualmente, além desses recursos, temos outros, como livros, jornais, *outdoors*, sites na Internet etc., expandindo ainda mais as possibilidades para as práticas sociais de leitura e escrita, que se ressignificaram ao longo do tempo, bem como por seus suportes.

Diante dessas considerações, faz-se pertinente abordar a história do livro, um suporte criado especialmente para portar um tipo específico de texto. Para tanto, recorreremos às considerações de Chartier, um historiador francês com diversas pesquisas sobre o tema, nas quais argumenta que o livro já passou por diferentes revoluções, marcadas pelas mudanças dos suportes e das formas de transmitir o escrito.

A primeira revolução do livro refere-se à sua invenção, ou seja, quando os textos passaram do 'volumen' para o códice. O códice ou códex diz respeito ao formato do livro, como hoje o conhecemos, composto por folhas e encadernados, que, conforme Chartier (2020), surgiu entre os séculos II e IV da Era Cristã, no Ocidente. Antes disso, os textos eram lidos em rolos, ou seja, 'volumen'. De acordo com Chartier (1994), essa mudança de formato teve algumas implicações importantes, a começar pela diminuição dos custos e materiais, uma vez que possibilitou que os conteúdos de vários rolos fossem reunidos em um formato menor devido à utilização dos dois lados da página no códice. Além disso, permitiu que a localização de partes específicas, realizada pelo ato de passar as páginas, fosse possível, agilizando o manejo do texto pelo leitor. Outro ponto foi que ler e escrever ao mesmo tempo tornou-se viável, o que não era possível com o rolo. A esse respeito Chartier (1994, p.191-192) destaca que:

É graças ao códice que o leitor conquista a liberdade: colocado numa mesa ou púlpito, o livro reunido em cadernos já não exige uma total mobilização do corpo, proporciona maior independência ao leitor que pode ler e escrever ao mesmo tempo, passar, a seu bel prazer, de uma página a outra, de um livro a outro. É com o códice, igualmente, que se inventa a tipologia formal que associa formatos e gêneros, tipos de livros e categorias de discursos, e, portanto, instala-se o sistema de identificação e localização dos textos, do qual a imprensa será herdeira e que conservamos até hoje.

A segunda mudança marcante, conforme Chartier (1994), foi a invenção de Gutenberg em 1450. A partir da técnica baseada nos tipos móveis e na prensa, o custo do livro diminuiu e o tempo para sua produção também, todavia o seu formato permaneceu.

A terceira mudança relevante refere-se às bibliotecas modernas e à leitura na tela. A esse respeito, Chartier (1994, p.193) expõe que a partir do texto eletrônico voltamos a sonhar com a criação de “uma biblioteca universal que congregasse todos os livros já publicados, todos os textos já escritos [...]”. Mas seria isso algo possível? Na visão do historiador, apenas parcialmente, porque os acervos, “[...] por maiores que sejam, só podem fornecer uma imagem parcial, mutilada do saber universal”.

Sendo assim, Chartier (1994) apresenta algumas considerações sobre os textos eletrônicos, que não têm materialidade e localização, por isso podem ser acessados pelo leitor de qualquer lugar, desde que tenha os dispositivos e conexão com a rede de Internet disponíveis. O livro e o leitor não precisam estar no mesmo local, dado que a distância física é anulada com o virtual. Em “A aventura do livro: do leitor ao navegador”, Chartier (1999, p. 12) diz que “A inscrição do texto na tela cria uma distribuição, uma organização, uma estruturação do texto que não é de modo algum a mesma com a qual se defrontava o leitor do rolo, do manuscrito ou do impresso, pois há mudanças significativas”. Logo, isso indica que “a revolução do livro eletrônico é uma revolução nas estruturas do suporte material do escrito assim como nas maneiras de ler” (Chartier, 1999, p. 13).

Diante disso, faz-se relevante discorrer sobre as práticas sociais de leitura na contemporaneidade, que, assim como o livro, também passaram por mudanças importantes a partir da expansão dos suportes e da própria revolução digital.

Conforme argumenta Ribeiro (2009), as práticas de leitura evoluíram ao longo do tempo, de acordo com o avanço das tecnologias, pois há múltiplas possibilidades de acessar e interagir com os textos, considerando sua existência no formato impresso e/ou digital e os diferentes suportes elegíveis, cada qual com suas nuances distintas. Desse modo, para ela, assim como o leitor um dia já abriu o rolo, depois passou a folhear o códice, hoje ele navega pelos textos disponíveis na *web* e elege alguns para *download*, ou até mesmo para sua leitura. Logo, observamos um leitor contemporâneo cada vez mais múltiplo.

Ao discorrer sobre a leitura na tela, parte-se da ideia de que os jovens têm destreza, pois são comumente chamados de nativos digitais. Esse termo surgiu em 2001, cunhado pelo norte-americano Marc Prensky, para denominar que aqueles que cresceram em uma cultura digital têm mais facilidade e habilidades para usar as ferramentas tecnológicas.

Entretanto, essa realidade não representa o que observamos nas salas de aula brasileiras, nas quais os domínios das TDICs pelos alunos são bem específicos, de acordo com seus interesses pessoais e suas condições de produção. Nesse sentido, podemos citar a própria experiência da pesquisadora na coleta de dados para esta pesquisa no laboratório de informática, momento em que solicitou que os participantes, no computador, atualizassem a página do questionário utilizando o comando F5 e observou que os estudantes, tentando atender à solicitação, estavam apertando a tecla da letra F junto com a do número 5, sendo necessário orientá-los sobre a ferramenta.

Diante disso, vale ressaltar que algumas pesquisas sobre o tema já consideram que essa generalização sobre uma geração de indivíduos é um mito (Støle, 2020) e que rotular as gerações entre nativos e imigrantes digitais é uma forma muito simplista de lidar com a diversidade (Ribeiro, 2019, dentre outros). Para Hildegunn Støle (2020), não há um perfil único do nativo digital, mas muitos, dado que as pessoas fazem usos diversos das ferramentas digitais. Desse modo, a autora enfatiza que as crianças e adolescentes passam muito tempo em dispositivos eletrônicos, sendo utilizados para entreter, socializar e buscar informação, não para o uso criativo ou crítico.

Outro ponto importante das práticas de leitura, refere-se às diferenças entre ler na tela e no papel de acordo com as especificidades de cada suporte.

No tocante a isso, Chartier (2021, p. 123) argumenta que o universo digital expõe o leitor a tipos de textos diversos, ou seja, de “[...] formas, qualitativa e quantitativamente distintas daquelas com as quais estávamos mais familiarizados”. Como exemplo, o autor cita a exposição às redes sociais, nas quais circulam textos predominantemente curtos, como tuites, mensagens, comentários etc., marcando um aumento das práticas de leitura. Todavia, esse aumento não pode ser visto apenas como positivo, uma vez que, para o pesquisador, os textos que circulam nas redes sociais estimulam “uma forma de leitura relativamente mais indiferente à apropriação lenta, atenta, exclusiva e completa de um único texto, em especial daqueles que exigem essa forma de apropriação” (Chartier, 2021, p. 124).

Embora textos críticos e complexos também circulem nas redes sociais, é preciso considerar que essas plataformas normalmente estimulam a leitura rápida, seja de um texto, de um vídeo ou de uma imagem, afinal, há muitas coisas para ver e a atenção do usuário está sendo sempre disputada. Observamos que os limites impostos pelas plataformas digitais, como os 280 caracteres permitidos nas postagens

do *Twitter*, ou atualmente *X*, e a duração de 1 a 60 segundos dos vídeos no *Stories* do *Instagram* evidenciam que tais plataformas não são projetadas para fomentar uma leitura lenta e atenta.

A esse respeito, Chartier (2020) expõe que a leitura acelerada se constitui como uma das transformações relevantes das práticas sociais, afetando não só a leitura, mas a apreensão de todos os objetos culturais, como séries, filmes, músicas etc. Chartier (2020) argumenta que a vida na contemporaneidade é marcada pela aceleração. Diante disso, ele indica que muitos leitores têm feito “usos impacientes” dos textos, resultando em baixa preocupação ou comprometimento com a avaliação dos conteúdos consumidos, e se estes são verídicos, ou buscando chegar ao seu desenlace o mais rápido possível. A preocupação de Chartier (2020) é que esses usos impacientes levem a uma compreensão acrítica, pois a criticidade é desenvolvida a partir de questionamentos e de operações mais lentas.

Esse cenário parece ser resultante da sociedade em que vivemos, que, conforme a entrevista concedida por Hartmut Rosa ao pesquisador Tziminadis (2017), depende de sua permanente dinamização, que segue a lógica da aceleração. Em sua entrevista, o sociólogo argumenta que o tempo é socialmente estruturado, portanto, a sociedade influencia o senso de temporalidade. Ultimamente, nota-se que muitas pessoas vivem com a percepção de que seu tempo está escasso, mesmo com todas as tecnologias criadas justamente para economizá-lo. Segundo Hartmut Rosa (2017), muitos indivíduos têm a sensação de que o tempo é pouco para fazer o que precisam ou mesmo querem.

Hartmut Rosa (2017) considera que três ondas contribuíram para a aceleração, sendo a revolução digital e o advento da Internet uma delas. A esse respeito, podemos citar a ampla circulação de informações, que faz com que as pessoas tenham a sensação de que devem se manter informadas sobre o que acontece ao seu redor e no mundo a todo momento. Logo, isso também reflete nas práticas de leitura, dado que há inúmeros textos sendo lançados diariamente, fazendo com que muitos leitores, na tentativa de darem conta de todos, talvez, adotem procedimentos de leitura mais superficiais, ou mesmo se informem a partir de apenas uma fonte, seja esta uma pessoa, uma página, um jornal etc. a fim de ter uma síntese dos acontecimentos que não conseguem processar ou acessar por si mesmas.

Assim sendo, fazem-se relevantes as considerações de Wolf (2019), que afirma que habitamos um mundo de distração, onde mudamos nossa atenção de uma tarefa

ou fonte de estimulação para outra, bem como temos acesso a um excesso de informações. Nesse cenário, a teórica aponta que pode ser tentador ao leitor permanecer naquelas leituras mais digestivas, menos densas, intelectualmente menos exigentes. Isto é, pode ser que a sensação de estar informado dificulte uma análise crítica da realidade complexa. Logo, isso torna-se alarmante para o contexto de formação de leitores no Brasil, uma vez que vivemos em um país em que as informações falsas são amplamente divulgadas e têm grande influência na vida cotidiana, especialmente no cenário político. Desse modo, o leitor contemporâneo mais do que nunca precisará aprender a navegar pelas mídias digitais de maneira crítica e prezar pela leitura profunda e lenta.

Em vista disso, tornam-se pertinentes as considerações de Byung-Chul Han (2015), que assim como Hartmut Rosa, aborda alguns aspectos vivenciados pelos sujeitos da sociedade contemporânea, concordando que estes vivem sob pressão constante e estão hiperconectados.

Para Han (2015), vivemos na sociedade do desempenho, na qual acredita-se que se tem o poder ilimitado para fazer o que se deseja, portanto, as palavras motivação, projeto e iniciativa são pronunciadas a todo momento. Isto é, vivemos sob a imperativo da positividade, em que tudo é possível e só depende do próprio sujeito. Então, na medida em que tudo depende dos próprios sujeitos, estes entram em confronto consigo mesmos e tornam-se os seus próprios exploradores, sempre cobrando mais de si. Segundo Han (2015), esse contexto causa alguns sentimentos nos indivíduos, como inferioridade, insuficiência, angústia etc., levando-os a cansarem-se de ser eles mesmos.

Nesta perspectiva, incita-se que os sujeitos sejam multitarefas, o que prejudica sua atenção, uma vez que o espírito contemplativo, necessário para o ato criativo, se perde, sendo o tédio também algo intolerável. De acordo com Han (2015), a sociedade do desempenho gera sujeitos cansados e esgotados, levando-os muitas vezes a problemas psíquicos.

Ao refletir sobre essas teorias e relacioná-las ao contexto escolar, observamos que os alunos do terceiro ano do EM, conforme os próprios dados desta pesquisa, também se sentem cansados ou sem tempo, afinal têm que ter um excelente desempenho na escola, e/ou no trabalho, tendo em vista que muitos já atuam, e é o momento em que estão pensando no que farão ao se formarem na escola, seja procurar um trabalho ou prestar um vestibular para alguma universidade. Diante do

imperativo da produtividade e do ritmo de vida acelerado, por vezes, o texto literário, para ter espaço na vida dos indivíduos, precisa também ser útil para o sistema de produção, havendo pouco espaço para leitura para puro deleite. Todavia, ler textos complexos vai justamente na contramão da sociedade do desempenho de Han (2015), ou mesmo da aceleração, descrita por Hartmut Rosa (2017), pois para compreendê-los o leitor precisa desacelerar, dado que o processo de leitura requer atenção plena, o que é muito caro aos sujeitos multitarefas. Logo, ler literatura requer que o leitor atue na contramão dessa sociedade.

Outra mudança relevante nas práticas de leitura, refere-se à ordem dos discursos. Conforme Chartier (2002) destaca, na cultura impressa a materialidade dos textos auxilia os leitores na identificação da ordem dos discursos com base no tipo de objeto utilizado para sua inscrição. Os objetos impressos permitem que os leitores distingam rapidamente, por exemplo, entre um jornal e uma revista, ou entre um livro e um arquivo, e, por conseguinte, sua classe e finalidade. Por outro lado, no contexto digital, o autor ressalta que tal distinção pode não ser tão aparente, uma vez que todos os textos são apresentados ao leitor em um mesmo suporte (a tela de um dispositivo eletrônico) e sob as mesmas formas. Por isso, o pesquisador defende que o mundo eletrônico desencadeou três rupturas na ordem dos discursos: “propõe uma nova técnica de difusão da escrita, incita uma nova relação com os textos, impõe-lhes uma nova forma de inscrição” (Chartier, 2002, p. 23-24).

Nesse sentido, Chartier (2020, p. 106) defende que o texto digital, diferentemente do impresso, “[...] não se diferencia das outras produções da escrita pela evidência de sua forma material”. Sendo assim, o teórico argumenta que a leitura na tela não transmite ao leitor a mesma percepção de totalidade textual que o objeto impresso. Por isso, para Chartier (2020), muitas vezes, a leitura na tela acontece de forma descontínua e fragmentada. Isto é, mesmo que o leitor também possa descontinuar uma leitura no impresso, ou mesmo ler apenas fragmentos, para Chartier (2020), ele terá uma melhor percepção da totalidade do objeto escrito na obra física, pois nela há alguns elementos sempre visíveis, como edição, número de páginas, capítulos etc. Na tela, por vezes, esta oferece ao leitor a visualização de apenas um pedaço do todo, não o deixando ver imediatamente os limites e a coerência do texto. Embora essa questão não se aplique a todas as formas de acesso a textos — como os *e-books* disponíveis em bibliotecas virtuais, por exemplo, que geralmente costumam preservar elementos presentes em um livro impresso, como capa, edição,

sumário etc. — ela é relevante para o caso dos hipertextos, que permitem que o leitor navegue por meio de *links* de forma não-linear, muitas vezes, sem discernir claramente onde a obra começa ou termina. Dessa forma, a obra publicada em formato impresso, embora algumas ofereçam, como pontuamos, a possibilidade de o leitor traçar seu próprio caminho, confere uma totalidade e estabilidade que contrastam com a experiência no meio digital.

Ainda, o historiador francês destaca que a textualidade digital enfrenta dois desafios, “por um lado o caráter efêmero de seu acesso e existência; por outro lado, a opacidade da ordem dos discursos no mundo digital” (Chartier, 2020, p. 142). Para o teórico, isso reativa dois medos da cultura escrita: o do desaparecimento e o do excesso, pois o mundo digital ainda não conseguiu cumprir a necessidade de conservar e classificar os textos, como é normalmente feito na cultura impressa por meio de ferramentas e instituições (bibliotecas, livrarias, cânones, bibliografias, catálogos).

Mesmo que todas as instituições da cultura impressa tenham entrado em crise, por exemplo a crise dos jornais e revistas, que devem abandonar sua edição impressa, a crise das livrarias, que desaparecem, ou a crise das bibliotecas, que têm a forte tentação de abandonar suas coleções impressas, **os compradores de livros ainda preferem a materialidade do objeto, a ordem do impresso e a visibilidade do autor** (Chartier, 2020, p. 143, grifos nossos).

Ademais, temos também uma transformação significativa no próprio processo de leitura, pois, como observado por Ribeiro (2009, p. 76), “Cada objeto de ler é apropriado pelo leitor, que aprende uma espécie de 'protocolo', sequências mais ou menos rígidas de leitura de textos (em objetos)”. Nesse sentido, temos algumas pesquisas sobre essas diferenças, trazendo reflexões importantes sobre as práticas de leitura, mas que apresentam divergências significativas em seus resultados.

A pesquisa conduzida por Ribeiro (2009) buscou entender as diferenças entre ler jornais na tela e no papel, verificando que alguns leitores apresentavam habilidades de navegar, mas não de compreensão do texto, ou vice-versa. Isso indica “[...] que habilidades de navegar e de ler são camadas diferentes de letramento (seja no papel, seja na tela), importando muito que ambas se retroalimentem” (Ribeiro, 2009, p. 93). Essa pesquisa constatou que as habilidades de leitura para ler na tela e no papel não divergem muito, levando Ribeiro (2009) a defender que é possível que o leitor aprenda a ler na tela antes de ler no papel, ou chegar ao sentido do texto mesmo tendo dificuldades com o suporte. Para ela, o leitor, ao se deparar com o texto em um novo

suporte, utilizará as habilidades leitoras ao artefato semidesconhecido até conseguir bons resultados, portanto, Ribeiro (2009) argumenta que o comportamento do leitor é mutável e aperfeiçoado à medida que ele tem novas experiências. Sendo assim, a teórica acredita que o leitor letrado em textos impressos não apresentará dificuldades de ordem cognitiva ao ler no meio digital, pois reconfigurará seus gestos de acordo com o suporte.

Contrastando com os achados de Ribeiro (2009), Delgado *et al.* (2018) conduziram uma investigação que evidenciou a influência do suporte utilizado pelo leitor na compreensão textual. Para eles, os ambientes digitais nem sempre são os mais adequados para a promoção da compreensão e aprendizagem profunda, conseqüentemente os textos impressos continuam sendo eficazes para obter resultados melhores na compreensão. Diante disso, Delgado *et al.* (2018) defendem que não podemos esperar que a inferioridade da tela para a compreensão de leitura desapareça apenas com a exposição das crianças cada vez mais cedo aos dispositivos digitais, ou da aquisição de experiência dos adultos com o uso das tecnologias.

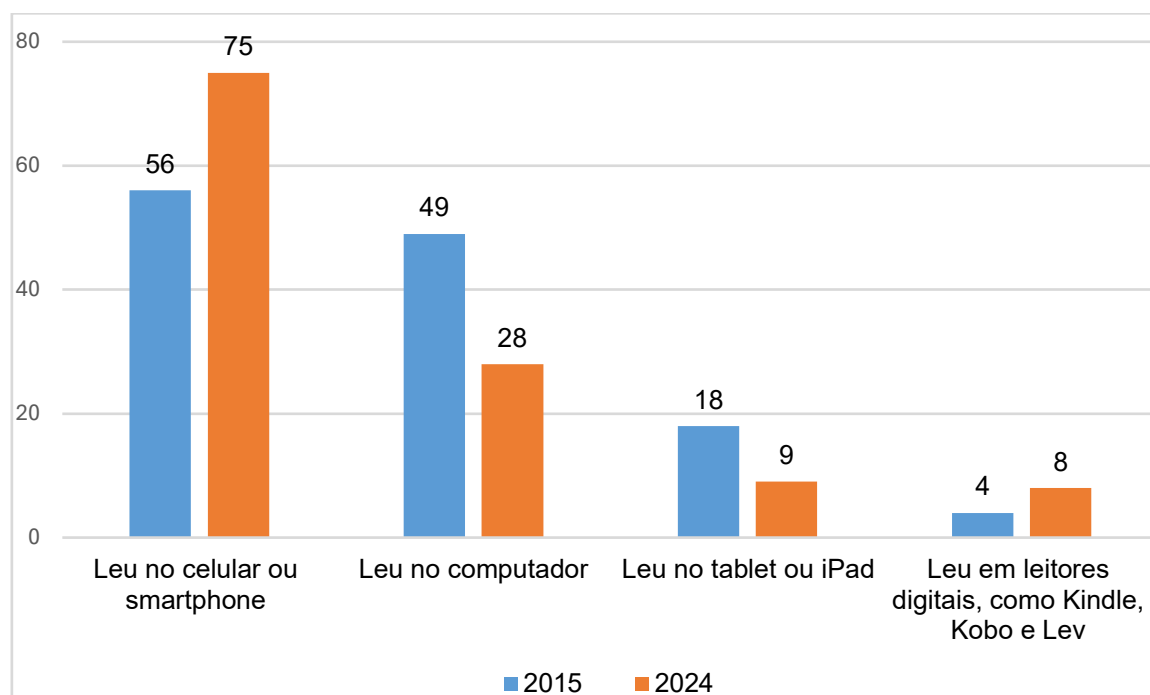
Embora haja divergência em seus resultados, tanto Ribeiro (2009) quanto Delgado *et al.* (2018) reconhecem a necessidade de formar leitores versáteis, o que implica ampliar os modos de ler e aumentar sua familiaridade com a leitura em diferentes suportes. Logo, um dos papéis da escola é o de orientar seus leitores sobre a leitura no meio digital, pois isso aumenta as suas possibilidades de acesso à informação e de participar de diferentes práticas de leitura e escrita. Portanto, essas discussões nos levam a compreender que independentemente do suporte ou da estrutura de acesso, a escola precisa ensinar o leitor a ler criticamente, posicionando-se, fazendo as conexões entre conhecimento de mundo e textos lidos.

Para além da questão da compreensão textual, conforme Mónica Márquez Hermosillo e Jaime Valenzuela González (2017), por ser um processo complexo, a leitura exige habilidades diversas, necessárias para a participação em determinadas práticas sociais da cultura letrada. Diante disso, Márquez Hermosillo e Valenzuela González (2017) realizaram uma pesquisa com leitores adultos e experientes, enfocando as habilidades empregadas nas práticas de leitura em dispositivos eletrônicos móveis. Ao discorrer sobre as habilidades de leitura, eles categorizam-nas em: técnicas, visuais, estratégicas, cognitivas, afetivas e sociais, sendo todas interrelacionadas. Dentre estas, chama-nos a atenção a habilidade técnica que se

refere ao domínio do leitor sob o suporte material, tal como a manipulação do livro impresso ou a compreensão das funções do dispositivo eletrônico. Embora possa parecer algo simples, que envolve letramento, é uma questão relevante para ambos os casos. No manuseio do livro impresso, é necessário ter alguns conhecimentos básicos, como a passagem das páginas, que, normalmente, são dispostas uma ao lado da outra, ou mesmo como encontrar algo específico utilizando o sumário. Já nos dispositivos digitais, a página é rolada de cima para baixo, sendo comum visualizar uma página por vez, ou escolher qual opção deseja, bem como alguns sumários possuem títulos clicáveis que levam diretamente ao conteúdo desejado. A esse respeito, Márquez Hermosillo e Valenzuela González (2017) perceberam que essa habilidade se desenvolve com a experiência com o suporte e com a interação com leitores mais experientes.

Nesse sentido, é importante destacar que cada suporte requer uma habilidade técnica do leitor, uma vez que, se considerarmos um leitor digital e um celular, mesmo ambos sendo dispositivos digitais, o seu manuseio acontece de forma diversa. Por exemplo, o leitor digital é o dispositivo que mais se assemelha ao livro físico devido às suas especificidades e formato, normalmente, maior do que a tela de um celular. Entretanto, os leitores digitais, como *Kindle*, *Kobo* e *Lev*, são dispositivos que poucos possuem no cenário brasileiro. Isso é evidente ao analisarmos os resultados apresentados em duas edições da pesquisa “Retratos da leitura no Brasil”, uma de 2015 e outra de 2024, em que se explicita os formatos e suportes utilizados pelos leitores de literatura. Constatou-se que os dispositivos usados para a leitura são respectivamente: celulares/*smartphones*, computadores e leitores digitais.

**Gráfico 1** – Dispositivos eletrônicos utilizados para a leitura na pesquisa “Retratos da leitura no Brasil” (2015-2024)



**Fonte:** a autora, com base nos dados da pesquisa de Failla (2024, p. 100).

Observamos, então, um aumento expressivo do uso do celular para a leitura e uma redução dos demais dispositivos ao comparar os resultados da pesquisa de 2015 e 2024. Todavia, esse dado não apresenta uma preferência dos leitores pela realização de leituras no celular ou *smartphone*, mas sim uma realidade em que, muitas vezes, esse é o único recurso tecnológico que possuem, considerando que este é adquirido para usos diversos e não exclusivamente para o ato de ler.

Destacamos ainda que, ao considerar a realização da leitura na tela, partimos do princípio de que para tal, exige-se que o leitor eleja um dispositivo eletrônico. Diante disso, neste trabalho, o termo tela é utilizado de forma genérica, uma vez que pode denominar várias telas, ou seja, a de computadores, *notebooks*, *tablets*, leitores digitais, *smartphones* etc., que têm características diferentes entre si, como peso, tamanho, funcionalidades etc.

Embora apresentemos os resultados de algumas pesquisas sobre as diferenças de ler na tela e no papel, nesta pesquisa, nosso foco não é determinar qual o melhor suporte para a compreensão ou interpretação, e sim que a mudança de suporte tem implicações para o leitor. Sendo assim, concordamos com Marcuschi (2003, p. 37) para quem “[...] não operamos do mesmo modo com os textos em

suportes diversos [...]. O suporte não muda o conteúdo, mas nossa relação com ele”. Nesse sentido, nossa proposta é entender a percepção dos leitores sobre a leitura em diferentes suportes, uma vez que oferece práticas sociais diversas. Isso nos permite pensar nos afetos provocados pelos diferentes suportes em cada leitor enquanto ser único, repleto de subjetividade e desejo.

Após abordar as transformações nas práticas sociais de leitura, faz-se necessário pensar em alguns conceitos que surgiram ou que ganharam novos contornos nesse contexto, tais como livro, *e-book*, livro digital ou texto eletrônico, livro digitalizado, literatura digital e hipertexto.

A começar pelo livro, ao consultar o dicionário, a primeira definição que costuma aparecer é: “Conjunto de folhas de papel, impressas ou manuscritas, coladas ou costuradas num dos lados, cobertas por uma capa” (Michaelis, 2015, n.p). Sendo assim, percebemos ser muito comum encontrar esse conceito ligado à impressão, o que já não cabe mais no nosso contexto, uma vez que, como já dissemos, o livro digital é uma realidade bastante difundida atualmente.

Conforme Ribeiro (2020a), essa definição foi amplamente utilizada até o século XX, momento em que o significado do livro coincidia com um objeto formado por páginas e protegido por capa. Entretanto, no século XXI, como pontuamos, o livro ganhou uma nova forma e configuração, que não se relaciona com a supremacia do códice impresso, passando a figurar nas telas das novas tecnologias, sem necessariamente um suporte exclusivo para si, pois o indivíduo pode acessar outros tipos de informação a partir deles e não apenas livros.

Nesse sentido, Marcuschi (2003) distingue ‘livro’ de ‘livro eletrônico’. Para ele, o livro é um suporte maleável, que tem formato definido, uma vez que apresenta capa, páginas, encadernação etc. O livro é considerado pelo autor como sendo sempre um suporte, independente do(s) gênero(s) que contém. Já o livro eletrônico é um suporte virtual que precisará de um aparelho eletrônico compatível para acessá-lo. Por exemplo, ao comprar um livro impresso, ao acessarmos o objeto, imediatamente podemos lê-lo. Entretanto, no caso do livro digital, para ser lido é preciso um dispositivo eletrônico que sirva como suporte, que precisa ter um *software* compatível com o formato do texto e ainda estar com a bateria carregada.

Em vista disso, destacamos que se enfoca, nesta pesquisa, o livro físico, também denominado como impresso ou de papel, e o livro digital, também nomeado como *e-book* ou livro eletrônico, portanto, como já argumentamos, termos utilizados

como sinônimos. Ademais, trataremos de ferramentas tecnológicas que podem servir de suporte para os textos literários e que permitem a leitura a partir da sua visualização na tela, como celulares ou *smartphones*, computadores de mesa, *notebooks*, *tablets* ou *lpads*, leitores digitais, sendo estes os dispositivos que aparecem na pesquisa “Retratos da leitura no Brasil”, de Failla em suas últimas edições (2020, 2024). Em vista disso, consideramos como suportes do tipo digital as ferramentas tecnológicas que permitem acessar textos em diferentes formatos, como: PDF, *softwares* editores de texto, hipertexto, *e-pub* etc. Já os suportes do tipo impresso são os textos que têm formato de livro ou que utilizam do papel para sua produção.

A respeito do *e-book*, livro digital ou texto eletrônico, Juliani Reis e Helen Rozados (2016, p. 2) propõem a seguinte definição: “é um livro que existe exclusivamente em formato digital, não periódico, que necessita de um aparelho leitor e de um *software* para decodificação que viabilize sua leitura”. Portanto, esses textos precisam de dispositivos eletrônicos para serem lidos, o que pode ser feito de duas formas: on-line, ou seja, do acesso via Internet, por meio de aplicativos, plataformas e sites; por meio do *download* do texto no dispositivo eletrônico, conseqüentemente seu armazenamento na memória deste, possibilitando a leitura sem necessidade de estar conectado à Internet.

Outras características do livro digital é que “Pode conter texto, imagem, áudio e vídeo, permite a inclusão de comentários pelo leitor, bem como o controle e ajuste de nuances de brilho, cor e tamanho da fonte” (Reis; Rozados, 2016, p. 2). Diferentemente do livro impresso em papel, que embora possa apresentar texto, imagem, e até mesmo áudio, como os livros infantis, dificilmente apresenta vídeos ou permite que o leitor faça ajustes em sua configuração, que é permanente.

Nessa esteira, Reis e Rozados (2016) apontam que o livro digital oferece alguns recursos únicos ao leitor. Por exemplo, o mecanismo de pesquisa por palavras que oferece resultados em segundos, o que difere daquela feita em suportes de papel, a qual ocorre de forma mais lenta. Ademais, por ser acessado via dispositivos digitais, possibilita a comodidade ao leitor de ter milhares de livros acessíveis, sem as variáveis de peso e tamanho. Isto é, independentemente da quantidade de páginas que o texto tenha, ou do número de exemplares armazenados, não se altera o peso ou tamanho, que continua sendo o mesmo do próprio aparelho leitor, portanto, não ocupa espaço físico. Ainda, o leitor pode passar de um ponto do texto a outro rapidamente, seja

rolando a tela, ou mesmo mudando de um texto para outro apenas com um clique em um dos *hiperlinks*.

Sendo assim, percebemos que muitos textos e gêneros circulam na esfera digital, sendo modificados, adaptados ou mesmo criados a partir das novas possibilidades que as ferramentas digitais trazem. Entretanto, nesta tese, optamos por focar nos textos literários em geral, independentemente de serem originalmente impressos, e migrados para o ambiente digital, tal como no caso da digitalização, ou de serem concebidos nesse contexto desde o princípio. Logo, consideramos que os gestos de leitura são modificados conforme o formato do texto e suporte eleito para a leitura. Dessa forma, abordamos algumas questões pertinentes relacionadas à transição do meio impresso para o digital, assim como àqueles que emergem nesse ambiente.

Além do livro digital, muitas vezes, criado especialmente para ser divulgado a partir de ferramentas tecnológicas, temos também os textos migrados para esse meio por meio da digitalização. Isto é, quando se utiliza de equipamentos ou *softwares* para capturar imagens do livro impresso, buscando reproduzi-lo e torná-lo acessível via suportes digitais. As TDICs aceleraram a digitalização de textos originalmente impressos, e que ainda existem neste suporte, mas apresentam-se também paralelamente sob a forma digital. A esse respeito, o historiador francês, Roger Chartier, em uma entrevista para Luzmara Curcino, argumenta que temos uma “[...] duplicação do impresso de modo a garantir sua existência também no mundo digital, ou seja, de plasmar no universo digital as formas, as práticas, as apropriações herdadas do universo impresso” (Chartier, 2021, p. 121). Para Chartier (2021), o livro digitalizado equivale a uma cópia ou reprodução do texto impresso para o meio digital. Contudo, mesmo sendo uma reprodução idêntica do impresso, a recepção de um texto no papel difere da do texto no digital, bem como nos gestos requeridos por ele.

No campo da literatura, é essencial salientar que as tecnologias digitais permitiram a produção de textos antes impensáveis. Conforme observado por Kirchof (2016), isso possibilitou o nascimento de textos híbridos e dinâmicos, que mesclam diferentes recursos e plataformas, culminando no advento da literatura digital, que se diferencia das obras digitalizadas, pois esta não existia previamente no formato impresso. A literatura digital, termo consolidado em nosso contexto, tem seu próprio campo de estudos, com pesquisadores que se dedicam a entender esse fenômeno, que abrange técnicas artísticas, estéticas e tecnológicas. Conforme Rejane Rocha

(2020), literatura digital não é apenas um novo gênero literário, tipo de texto ou estilo autoral, mas um sistema, pois

[...] reúne distintos fatores na sua constituição: o texto na sua materialidade inscricional e nos seus circuitos de circulação, mas também as relações entre produtores, consumidores, as instituições legitimadoras, o mercado e o repertório (ou repertórios) com os quais esse texto dialoga e no interior dos quais (bem ou mal) se acomoda. Todos esses fatores são atravessados pelas especificidades do contexto digital, que pressupõe outros modos de produção (de bens materiais e culturais) e outras subjetividades (Rocha, 2020, p. 84).

A literatura digital utiliza não só da linguagem literária, mas também da linguagem de programação. Logo, normalmente, apresenta diferentes códigos em sua construção, como imagens, vídeos, sons etc., para os quais recorre-se a diferentes plataformas, *softwares*, linguagens computacionais e, muitas vezes, só podem ser acessados por meio das ferramentas tecnológicas, não tendo existência no formato impresso.

No contexto da rápida evolução tecnológica, é crucial destacar iniciativas destinadas à preservação da literatura digital, especialmente diante da obsolescência de certos formatos e da dificuldade de acesso aos dispositivos necessários para sua reprodução. Por exemplo, o livro “Não”, do poeta Augusto de Campos, vem acompanhado de um CD-ROM com alguns clip-poemas. No entanto, atualmente, com a crescente predominância das plataformas de *streaming* para música e filmes, os dispositivos de leitura de CDs estão gradualmente caindo em desuso, tornando-se cada vez mais raros nas residências. Nos últimos anos temos observado que poucos *notebooks* encontrados no mercado oferecem leitores de CDs, ou mesmo entradas USB. Da mesma forma, os rádios nos carros novos, frequentemente são acompanhados de entradas USB, ou de conexão via *bluetooth*, em detrimento dos tradicionais tocadores de CD. Além disso, os DVDs, que também costumavam reproduzir CDs, estão perdendo espaço para as plataformas on-line, como YouTube, Netflix, HBO, Disney, entre outras.

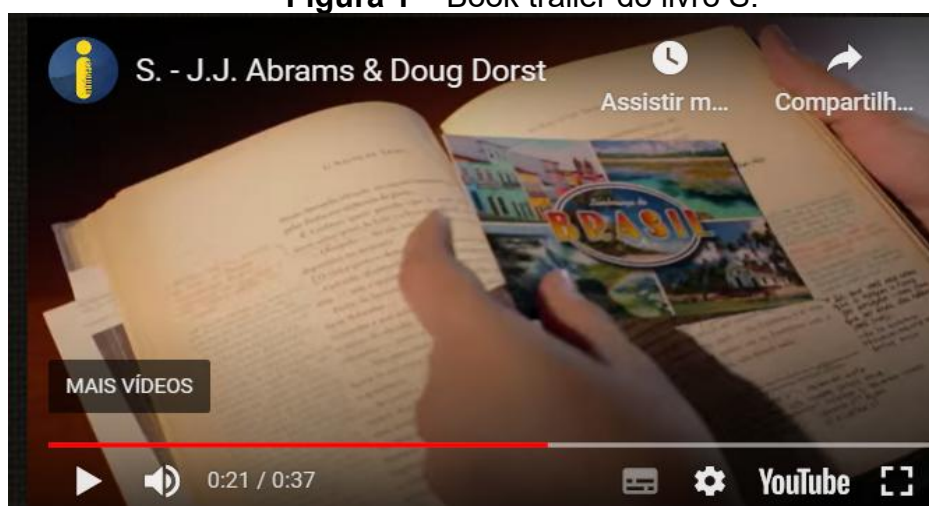
Diante desse cenário, podemos citar duas iniciativas que reúnem diversos exemplos de literatura digital, contribuindo para sua preservação. A primeira delas ocorre no âmbito brasileiro, realizada pelo Observatório da Literatura Digital Brasileira (*Ctrl+S*), na Universidade Federal de São Carlos, que criou uma plataforma digital visando mapear, documentar, disponibilizar e preservar a produção literária digital brasileira. Desde 2018 o Observatório mantém o “Atlas da Literatura Digital Brasileira”

atualizado. A segunda refere-se ao Electronic Literature Organization (ELO), fundado em 1999, que até o momento publicou três volumes com um compilado de obras produzidas na intersecção entre tecnologia e textualidade a fim de dar destaque a algumas obras notáveis. Desse modo, essa iniciativa enfoca as obras literárias que são produzidas a partir do entrelace entre linguagem e mídias digitais, com o intuito de também preservá-las, pois, com a evolução constante das tecnologias, algumas plataformas na qual são produzidas ficam obsoletas rapidamente.

Outro conceito que merece nossa atenção é o de hipertexto, que diz respeito à leitura não linear de um texto. Ao pensar nos textos digitais, além do conteúdo principal, há a presença de *links* que, ao serem clicados, conduzem o leitor a outros textos. Embora esteja atrelado ao meio digital e aos *links* na atualidade, conforme Ribeiro (2009), o hipertexto já existia bem antes dessas invenções, pois os leitores já traçavam seus percursos leitores a partir dos sumários e notas de rodapé presentes em textos impressos. A autora defende que navegar por um texto não se restringe apenas ao digital, mas ao percurso que o leitor faz em determinado objeto de leitura, de acordo com as suas escolhas e opções de caminhos.

Nessa esteira, vale destacar um exemplo de texto impresso, que é o livro “S.”, concebido por J. J. Abrams e escrito por Doug Dorst, lançado no Brasil pela editora Intrínseca, em 2015, que permite que o leitor escolha se quer ler o texto impresso ou o que parecem ser anotações feitas à mão e em diversas cores, mas que na verdade constituem o livro, ou mesmo os objetos manipuláveis que o acompanham, como cartas, folha de jornal, postais, fotos etc.

**Figura 1** – Book trailer do livro S.



**Fonte:** Intrínseca (2015). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LlyH96fCWGg>. Acesso em: 05 jun. 2023.

Embora percebamos que há livros que permitem que o leitor eleja quais caminhos seguir, tal como o mencionado acima, este permite uma determinada quantidade de caminhos disponíveis, diferente dos textos presentes em meios digitais, que em alguns casos, oferecem um grande volume de possibilidades de ação, a depender de seus propósitos.

Outro aspecto refere-se ao fato de que, enquanto Luiz Fernando Gomes (2013) considera que o leitor do hipertexto é mais autônomo, permitindo seguir um percurso não-linear, o que exige tomadas de decisões sobre o que ler constantemente, Valeria Levratto (2017) discorda, argumentando sobre a importância da competência crítica para ler na tela, para que não se pense que se está realizando um caminho de leitura autônomo, quando na verdade já foi determinado por alguém ou por uma corporação, com intenções mercadológicas, por exemplo.

Após apresentar algumas definições, faz-se pertinente retomar nossa discussão sobre as implicações da materialidade do texto para os processos de leitura. Chartier (1994) aponta que não há texto fora do suporte físico, ou seja, que a compreensão depende também da forma em que o texto chega ao leitor, conseqüentemente, a leitura está ligada à materialidade. Chartier (1994, p.193) argumenta que “[...] cada forma, cada suporte, cada estrutura da transmissão e da recepção do escrito afeta-lhe profundamente os possíveis usos, as possíveis interpretações”. Portanto, o aspecto material, ou seja, a inscrição física do texto na página impressa, ou na tela de um dispositivo são relevantes para a leitura e o leitor.

Considerando que, na acepção de Marcuschi (2003), o suporte tem uma forma, é importante destacar que um livro produzido na editora é diferente daquele impresso em casa em uma impressora, pois o livro da editora tem capa, normalmente com uma espessura específica, com páginas em um papel selecionado, encadernado de uma certa forma, em diferentes tamanhos. Já ao imprimir um livro em casa, não se tem isso, a começar que normalmente os sujeitos usam folhas sulfite A4, com a opção de colorido ou não e de deixar as folhas soltas ou colocar uns clips ou grampos etc.

Em consonância, Ribeiro (2017) enfatiza que o leitor, de acordo com especificidades no objeto que manipula, tem que reorientar suas práticas. Para ela, sejam impressos ou digitais, não se pode pensar os livros como existências autônomas, pois só ganham sentido na existência humana, sendo “objetos de mobilização, interação e jogos de poder”.

A materialidade dos livros traz implicações não apenas para sua própria forma de existir – em papel, tal ou qual, com lombada, orelhas, capas, ou digital, mostrado em um equipamento de dimensão X ou Y, tal ou qual capacidade de memória ou processamento, e assim... –, mas para nossa existência humana, profissional, social (Ribeiro, 2017, p. 122).

Com base nessas reflexões, tem-se a ideia de que o livro é um produto cultural, que, independentemente do seu formato, é produzido pelo autor, o qual muitas vezes, mas nem sempre conta com ajuda de profissionais do mercado editorial<sup>1</sup>, até chegar para a leitura do leitor. À vista disso, durante a sua produção, muitas escolhas, além do conteúdo, são feitas pelos envolvidos nesse processo, que vão desde a seleção da capa, título, dimensões da página, gramatura do papel, formatos de distribuição, até as estratégias de divulgação, entre outras.

Nesta esteira, consideramos que diferentes aspectos interferem na leitura do leitor, que vão desde a seleção do objeto e seu formato, nos gestos requeridos por qualquer um deles e até mesmo em sua interpretação. Karin Littau (2008) defende que a comunicação literária envolve três aspectos: o fisiológico, o material e o tecnológico. Isto é, “não só os leitores têm corpos, mas os livros também têm corpos, ou seja, são algo físico, que estabelecem relações fisiológicas com outros corpos, e que são entidades tecnológicas (Littau, 2008, p. 241, tradução nossa)<sup>2</sup>.

Quanto à seleção dos objetos, para além do conteúdo da obra, o leitor costuma analisar alguns aspectos visuais, olfativos e táteis. No formato impresso, se o leitor estiver em uma livraria ou em uma biblioteca, pode optar por tocar o livro, analisando-o em sua totalidade, o que inclui seu tamanho e peso, folhear suas páginas com os dedos, sentir seu cheiro, ler algumas frases, e só depois eleger algum para leitura. Já no formato digital, como alguns desses gestos não são possíveis, outros elementos são significativos para a escolha do leitor e explorados pelo mercado editorial. Por exemplo, investe-se na divulgação do texto em diferentes meios digitais, oferece-se uma amostragem digital do conteúdo, ou seja, acesso a uma parte do conteúdo visando incentivar a compra, e apresenta-se normalmente um preço mais baixo em

---

<sup>1</sup> Como exemplo, podemos citar o caso de escritores que optam pela autopublicação e realizam todo o processo editorial sozinhos, ou seja, sem contar com ajuda de outros profissionais para o processo de revisão, edição, diagramação, publicação etc. Nesse contexto, o Kindle Direct Publishing (KDP) merece destaque, pois é uma plataforma da Amazon que publica textos de autores independentes, de forma gratuita, possibilitando a escolha de pagamento.

<sup>2</sup> Original: “no sólo que los lectores tienen cuerpo, sino que también los libros lo tienen, es decir, que son algo físico, que entablan relaciones fisiológicas con otros cuerpos y que son entidades tecnológicas” (Littau, 2008, p. 241).

comparação ao texto impresso. Além disso, investe-se na divulgação nas redes sociais e plataformas digitais, que vão desde resenhas até depoimentos de leitores sobre a obra, conforme aprofundaremos adiante.

Assim sendo, a estética do material, independentemente de seu formato, é um elemento analisado pelos leitores, bem como explorado pelas editoras. Isso explica o fato de as editoras lançarem diferentes edições de um mesmo texto, nas quais permanece o mesmo conteúdo, mas muda-se a capa, diagramação do texto, ilustrações, tipo de papel, lombadas, folhas de rosto etc. Isto é, a fim de despertar o desejo do leitor de consumir a obra não apenas pelo texto em si, mas também por seus aspectos materiais, muitas vezes tratando-o como um objeto colecionável.

No tocante aos gestos realizados na leitura de um texto em formatos diferentes, enfatizamos que o manuseio de um texto impresso é diferente do digital, pois como já pontuamos, apresentam recursos e possibilidades diversas. Enquanto o leitor poderá utilizar as mãos para fazer anotações nas margens do livro e grifar suas partes favoritas, no texto digital o leitor pode digitar suas ideias, grifar ou mesmo pode copiar seus trechos favoritos e criam um outro texto com esses recortes. Ao ler em um suporte digital, muitas vezes, tem-se a possibilidade de ajustar o tamanho das letras, a luminosidade, ou mesmo pesquisar o significado de uma palavra desconhecida de forma rápida. Isso difere no texto impresso que não tem essas funções inclusas, levando os leitores a recorrerem a objetos secundários, seja uma lupa para aumentar a letra, uma luminária para clarear a página ou mesmo um dicionário para buscar o significado de uma palavra.

No que concerne à interpretação, Littau (2008) pontua que o livro é um objeto material fabricado e um transmissor de significado, portanto, a materialidade do texto e sua organização física pode interferir na produção de significados durante a leitura. Para exemplificar a importância da materialidade da leitura, Littau (2008) cita a obra “Vida y opiniones del caballero”, de Tristram Shandy, que tem edições contemporâneas, por exemplo, a da Penguin. Primeiramente, a autora enfatiza que a publicação original dessa obra ocorreu por entregas e com páginas com aspecto marmorizado devido à produção manual, fazendo com que cada edição fosse diferente, portanto, singular. Nas edições atuais há uma produção em massa que faz com que todas sejam iguais, bem como apresenta o texto em um único volume. Desse modo, Littau (2008) defende que cada edição provoca reações diferentes no leitor, o

que entendemos também para o acesso a um texto em formato impresso e outro no formato digital.

Com base em McGann, Littau (2008) apresenta que antes de realizar a leitura, os leitores a condicionam de acordo com a forma que o livro tem enquanto artefato. Desse modo, ela expõe que a forma do texto determina a leitura. Por exemplo, quando textos publicados originalmente em jornais, em forma de carta, diário etc., passam a compor um livro, a condição material do texto mudou. Portanto, observamos que os suportes textuais foram sendo modificados ao longo dos anos e o leitor acompanha essas mudanças. Logo, talvez no futuro tenhamos um novo suporte, que neste momento não conseguimos nem imaginar seu formato. Nessa perspectiva, pesquisas têm sido realizadas em diferentes campos, como Educação, Letras, Neurociência, Psicologia, dentre outros, para entender os efeitos do suporte de leitura para compreensão e interpretação dos textos.

Nesta subseção, verificamos mudanças importantes na história do livro e como isso implicou em novos conceitos no campo da leitura, bem como em novas práticas sociais, dado que as evoluções tecnológicas ampliaram os suportes textuais. Percebemos ainda que não só o conteúdo textual é importante para o leitor, mas também a materialidade assumida por ele. Diante dessas considerações, que envolvem também a materialidade do texto, ou seja, se sua existência depende da impressão ou da tela, faz-se relevante compreender as implicações disso para o ato de ler, tema a ser abordado a seguir.

## 2.2 LEITURA: UM ATO CORPÓREO E SUBJETIVO

*“O leitor, ao entrar em contato com o livro [físico], estabelece uma relação íntima, física, da qual todos os sentidos participam: os olhos colhendo as palavras na página, os ouvidos ecoando os sons que estão sendo lidos, o nariz inalando o cheiro familiar de papel, cola, tinta, papelão ou couro, o tato acariciando a página áspera ou suave, a encadernação macia ou dura, às vezes até mesmo o paladar, quando os dedos do leitor são umedecidos na língua”  
(Manguel, 2021, p. 277).*

O texto, independente do suporte eleito para efetivação da leitura, exige a presença de um leitor de carne e osso. Diante disso, nesta subseção, abordamos a perspectiva de leitura adotada nesta pesquisa, fenômeno muito estudado em nossa

sociedade, podendo ser analisado de diferentes ângulos<sup>3</sup>. Explicitamos, portanto, que nos amparamos em teorias de base psicanalítica, permitindo-nos discutir conceitos importantes para pensar o sujeito, seu corpo, seus desejos, sua subjetividade e afetos, todos elementos que implicam o leitor, portanto, emergem no processo da leitura.

Iniciamos enfatizando que, assim como Vicent Jouve (2002), compreendemos que o ato de ler é complexo, envolvendo diferentes instâncias do corpo e da mente, atividade na qual emergem subjetividade e afetividade do leitor. Com base em Picard, Jouve (2002, p. 15) argumenta que o leitor “[...] apreende o texto com sua inteligência, seus desejos, sua cultura, suas determinações sócio-históricas e seu inconsciente”. Sendo assim, neste trabalho, não separamos o sujeito entre mente e corpo, mas consideramos que são um continuum.

Nessa esteira, enfatizamos que o corpo na psicanálise é “marcado pelo desejo inconsciente, sexual, e atravessado pela linguagem [...]” (Lazzarini; Viana, 2006, p. 243). Portanto, entendemos que o sujeito não tem um corpo, mas “[...] é um corpo, pois se está falando de algo que é uno na subjetividade e na corporeidade, uma articulação singular” (Lazzarini; Viana, 2006, p. 243). Fica claro, então, que no campo da psicanálise o corpo não é apenas biológico, uma vez que envolve também outros aspectos, dentre eles a linguagem e a ordem simbólica.

A esse respeito, Bruce Fink (1998, p.12) defende que “O corpo é reescrito, de certa maneira, a fisiologia dá lugar ao significante, e todos os nossos prazeres corporais acabam por implicar/envolver uma relação com o Outro”. Vale destacar que a categoria “Outro” (com 'O' maiúsculo), conforme Luciano Elia (2010), foi instaurada por Lacan para representar a ordem simbólica do mundo, que inclui a linguagem, as leis, as normas e outros aspectos estabelecidos cultural e socialmente.

Quanto ao corpo, no campo psicanalítico, compreende-se que é reinterpretado por meio da linguagem e da cultura, uma vez que como o corpo é experienciado pelo sujeito também passa pela linguagem. Portanto, neste trabalho, compreendemos que o sujeito é essencialmente corporal e afetado pelos estímulos e excitações internas e externas. Nessa perspectiva, pensar o leitor, também é considerar o seu corpo como um todo, e não apenas nos processos cognitivos implicados nessa atividade.

---

<sup>3</sup> O ato de ler, em suas diferentes perspectivas, foi abordado pela pesquisadora em sua dissertação de mestrado, intitulada “Formação de leitores literários no Ensino Médio: tecendo histórias”. Portanto, sugerimos a leitura para aqueles que desejam se aprofundar na temática, uma vez que aqui optamos por nos atermos apenas à concepção adotada.

Diante dessas considerações sobre o corpo, nos questionamos sobre como este comparece durante o ato de ler quando realizado em diferentes suportes.

Partimos do princípio de que o corpo comparece de forma diferente a depender do suporte. No caso dos livros impressos, Mangen e Weel (2016) enfatizam que o papel confere fisicalidade aos textos, possibilitando serem tocados, segurados e transportados. Por sua vez, Chartier (1999) expõe que a tela propicia uma relação com o texto mais distanciada, não-corporal. Nesse sentido, o livro físico ainda propicia ao leitor alguns aspectos únicos, relacionados ao seu corpo.

A esse respeito, Spence (2020) argumenta que a leitura de livros físicos propicia uma experiência multissensorial, envolvendo: olfato, visão, tato, audição e paladar. Para ele, os livros físicos despertam o olfato do leitor devido ao seu odor derivado de uma mistura de papel, cola e tinta, o que têm relevância para a sua resposta emocional. Isso remete aos cheiros característicos de livros novos, sentidos ao entrar em uma livraria, ou mesmo de livros velhos, que são lembrados pelo leitor ao pensar no cheiro de uma biblioteca, por exemplo.

No caso da visão, Spence (2020) enfatiza que o livro físico tem uma aparência visual elaborada especialmente para causar sensações no leitor ao vê-lo. Logo, o autor enfatiza que a capa do livro é criada para passar uma primeira impressão visual ao leitor e comunicar o seu conteúdo. A esse respeito, podemos mencionar as edições em capa dura que, além da sua maior durabilidade no manuseio, chamam a atenção dos leitores e muitos deles querem colecionar. Afonso Cruz (2024), em sua obra “O vício dos livros”, descreve a experiência de um amigo que optou por vender sua coleção de HQs para adquirir uma versão em capa dura. No entanto, devido ao custo mais elevado dessa edição, o montante arrecadado permitiu-lhe adquirir menos volumes. Posteriormente, ao constatar que a edição portuguesa apresentava variações na altura dos livros, o amigo decidiu novamente vender a coleção para, com o valor obtido, adquirir uma edição francesa. Como resultado, “a coleção de HQs, naturalmente, foi consideravelmente reduzida. Contudo, as lombadas estavam perfeitamente alinhadas em uma retidão comovente” (Cruz, 2024, p. 79). Esse relato deixa claro que para alguns leitores, no caso dos livros físicos, a aparência do volume, ou o próprio volume, estão intrinsecamente ligados, pois também se constitui como conteúdo, aspecto considerado para a sua exibição nas estantes.

Já o tato é despertado pelo toque e manuseio do livro, uma vez que Spence (2020) expõe que este objeto tem peso próprio e espessuras de papel diferentes.

Desse modo, ele argumenta que o leitor pode sentir o peso do livro físico e que isso pode auxiliar na sua escolha, pois esta dependerá de seus propósitos. Assim, caso o leitor deseje esconder o livro em seu bolso ou levar para uma viagem, provavelmente escolherá um de formato pequeno, pois pode ser o mais adequado para carregar consigo. Já a espessura do papel está ligada à sua qualidade e sensações provocadas pela superfície e mudanças no material utilizado. Trata-se de pontos afetivos e táteis sutis, mas que podem influenciar na escolha do leitor.

Outro ponto abordado por Spence (2020) é o som emitido pelo livro físico quando se viram as páginas, o que alguns leitores digitais tentam reproduzir com um ícone auditivo, na tentativa de tornar a experiência de leitura mais semelhante à obtida com o livro físico.

Por último, Spence (2020) afirma que o livro físico tem um sabor, muitas vezes, sentido indiretamente, quando o leitor umedece as pontas dos dedos para facilitar o virar das páginas. Ademais, o pesquisador ressalta que esse ato de virar as páginas pode contribuir para que o leitor tenha mais consciência sobre o quanto já leu, pois observa as pilhas de páginas aumentando à esquerda, conseqüentemente diminuindo à direita.

Em consonância, Robert Darnton (2010) expõe que o livro tem aspectos físicos que impactam na experiência de leitura, tal como o seu tamanho, uma vez que é diferente ler um livro pequeno e um livro grande, que o leitor precisa de um leitoril. Mas não podemos desconsiderar que também existem leitores, a maioria, que se importa com o texto, e não com a mídia física. Enfim, são muitos aspectos a que o leitor comum terá que se adaptar, e “Algum dia, talvez, um texto numa tela portátil será tão agradável aos olhos quanto a página de um códice produzido há 2 mil anos” (Darnton, 2010, p. 59). Todavia, por enquanto, Darnton (2010, p. 73) não consegue imaginar que “uma imagem digitalizada de um livro antigo seja capaz de proporcionar algo comparável ao entusiasmo do contato com o original”.

Além do corpo, outro conceito apresenta-se como relevante para pensar o leitor, ou seja, o sujeito. No campo da psicanálise, considera-se que o sujeito se constitui, sendo o campo da linguagem um dos pontos da sua concepção, conforme Elia (2010). Na constituição do sujeito, Elia (2010) expõe que a família (ou substitutos sociais e jurídicos) tem papel essencial, pois são responsáveis por inserir a criança na cultura e zelar pela sua sobrevivência. Então, defende-se que o ser humano precisa da intervenção do outro. Nesta esteira, a mãe (genitora ou não) frequentemente

desempenha o papel de outro, pois é ela quem inicialmente cuida do bebê e representa para ele a entrada no mundo social e cultural. Isto é, marca seu encontro com “[...] um conjunto de marcas materiais e simbólicas — significantes — introduzidas pelo Outro materno, que suscitarão, no corpo do bebê, um ato de resposta que se chama de sujeito” (Elia, 2010, p. 36).

Nessa dinâmica, um momento importante para a instauração do sujeito, é a separação entre o eu e a mãe. No início da vida, o bebê se percebe como uma extensão de sua mãe, ou seja, como um mesmo ser/corpo. Mas, aos poucos, nas situações cotidianas de separação, nas quais é obrigado a esperar pela sua mãe, seja porque ela precisa atender a outras demandas, como trabalhar, ou mesmo porque tem outras prioridades, essa diferenciação vai sendo percebida. Segundo Fink (1998), é a partir da alienação, ligada à separação e à falta que esta causa, que o sujeito se instaura, ou seja, ele emerge ao perceber que algo está faltando. Portanto, na psicanálise entende-se que o ser se estabelece a partir da separação da mãe.

A alienação dá origem a uma possibilidade pura de ser, um lugar onde espera-se encontrar um sujeito, mas que, no entanto, permanece vazio. A alienação engendra, de certa maneira, um lugar no qual está claro que não há, por enquanto, nenhum sujeito: um lugar em que algo está visivelmente faltando. O primeiro vislumbre do sujeito é justamente essa falta (Fink, 1998, p. 74).

Com a separação, o sujeito perde a segurança e a sensação de completude, fazendo com que se instaure o vazio. Esse vazio o acompanhará por toda a sua vida, levando-o a buscar formas de preenchê-lo, mesmo que isso nunca seja possível, ou nomeável.

Dentre as atividades a que se pode recorrer para preencher esse lugar está a leitura literária, uma vez que as obras de arte “são ilusões face à realidade, nem por isso menos eficazes psiquicamente, graças ao papel que tem a fantasia na vida mental” (Freud, 2011, p. 19). Sendo assim, além de ser uma atividade por meio da qual o sujeito pode encontrar alguma satisfação devido à necessidade do ser humano pela ficção, a leitura também se constitui como uma forma de ampliar o repertório linguístico e cultural a fim de nomear nossas experiências, conseqüentemente o vazio que nos acompanha. Fink (1998) defende que a ordem simbólica, para a qual a linguagem tem papel essencial, é importante para o sujeito encontrar o seu lugar, que se dá por meio da nomeação desse vazio. Desse modo, concordamos com Petit

(2009, p.39), para quem:

[...] ler permite ao leitor, às vezes, decifrar sua própria experiência. É o texto que "lê" o leitor, de certo modo é ele que o revela; é o texto que sabe muito sobre o leitor, de regiões dele que ele mesmo não saberia nomear. As palavras do texto constituem o leitor, lhe dão um lugar.

Nesse contexto, Petit (2009) argumenta que a leitura de obras literárias auxilia os seres humanos a encontrarem palavras para nomearem seus sentimentos, diferenciá-los e a conhecê-los melhor. Assim como Michèle Petit (2009), Tzvetan Todorov (2010) destaca que o fato de a literatura recorrer a uma linguagem marcadamente simbólica pode propiciar o encontro do leitor com experiências alheias, bem como levá-lo a ressignificar as suas próprias vivências. Isso é relevante na medida em que enfatizamos a necessidade de o sujeito nomear o vazio que o acompanha. Segundo Todorov (2010, p. 78), "Ao dar forma ao objeto, um acontecimento ou um caráter, o escritor não faz a imposição de uma tese, mas incita o leitor a formulá-la: em vez de impor, ele propõe, deixando, portanto, seu leitor livre ao mesmo tempo em que o incita a se tornar mais ativo."

Nesse viés, considera-se que a leitura é essencial para o sujeito conhecer outras formas de viver, de pensar, de ser etc., o que pode também contribuir para uma mudança em seu destino, conforme Petit (2009), especialmente para aqueles que vivem em meios desfavorecidos, afinal, possibilita que este imagine outras possibilidades, diferentes daquelas que lhe são dadas no seu contexto, ou seja, encontrar o seu lugar no mundo. Para ela, a leitura apresenta-se como uma possibilidade de reconstruir a subjetividade. "Os lugares do texto animam o corpo, e os seus deslocamentos, o seu movimento, estabelecem a construção do psiquismo, ou a sua reconstrução" (Petit, 2009, p. 95). Se opondo a uma ideia de leitura utilitarista, a pesquisadora francesa lança o seguinte questionamento: "Quando encontro palavras que me perturbam porque permitem expressar o que tenho de mais íntimo, assumo que isso é algo "útil" ou é um "prazer"? Como disse Freud, talvez seja algo que está "além" do prazer..." (Petit, 2009, p. 41). Portanto, a partir dessas ideias, fica claro que a leitura literária tem importância para o sujeito, numa concepção psicanalítica, atuando em seu espaço íntimo.

Ao pensar na questão do sujeito, é relevante também pontuar que este é desejante. Para Fink (1998, p. 60), "o desejo é uma busca constante por algo mais, e

não há objeto passível de ser especificado que seja capaz de satisfazê-lo, em outras palavras, extingui-lo”. Diante disso, nos perguntamos: o que é esse algo mais? Isso não é possível de nomear, afinal, o desejo não pode ser formulado em palavras. De acordo com Elia (2010, p. 51), “O desejo, diz Lacan, é articulado no inconsciente, mas não é articulável”. Isto é, embora esteja articulado no inconsciente, não pode ser posto em palavras pelo sujeito.

Nessa esteira, Torezan e Aguiar (2011) argumentam que o desejo na perspectiva freudiana é caracterizado por um impulso do sujeito em encontrar satisfação e preencher o vazio que se abre quando ocorre a separação da mãe, vista como objeto de sua completude num primeiro momento. Todavia, o sujeito sempre encontrará satisfações parciais, uma vez que o vazio nunca será preenchido. Logo, os autores enfatizam que o desejo é caracterizado pela ausência e pela falta, e é inconsciente para o sujeito. A esse respeito, os autores afirmam que:

Assim, o desejo pode se realizar sem nunca se satisfazer [...], e sempre de forma parcial, na medida em que o encontro com o objeto, tomado pelo desejo circunstancialmente, também produz remissão ao mítico objeto perdido para sempre, reabrindo a insatisfação e relançando o desejo em sua incansável circularidade. Então, no cerne do desejo, está a falta, pois ela é o que continua presente em referência ao objeto perdido e, decididamente, dá ao desejo o estatuto de inconsciente e, portanto, estrangeiro ao eu (Torezan; Aguiar, 2011, p. 539).

Nessa busca por satisfação e realização do desejo, podemos indicar que a leitura literária é uma das formas do sujeito obtê-la, ao menos parcialmente. Sobre isso, podemos citar Barthes (2004), que aponta três modos possíveis de obter prazer por meio do ato de ler. O primeiro deles advém da relação de fetichismo do leitor com o texto e as palavras que nele estão contidas. O segundo modo é o suspense que prende o leitor e que proporciona o gozo pela observação do desenrolar da narrativa, fazendo com que continue sua leitura para desvendar o mistério. O terceiro é o da Escritura, pois a leitura pode despertar o Desejo de escrever, ou melhor, “desejamos o desejo que o autor teve do leitor enquanto escrevia, desejamos o ame-me que está em toda escritura” (Barthes, 2004, p. 50).

Nessa perspectiva a leitura é verdadeiramente uma produção: não mais de imagens interiores, de projeções, de fantasias, mas literalmente, de trabalho: o produto (consumido) é devolvido em produção, em promessa, em desejo de produção, e a cadeia de desejos começa a desenrolar-se, cada leitura valendo pela escritura que ela gera, até o infinito (Barthes, 2004, p. 40).

Ademais, a leitura literária pode ser vista como as formas do sujeito encontrar satisfação por meio de atividades culturalmente aceitas, ao menos parcialmente, desviando-se das pulsões sexuais. Isto é, a forma que a sociedade se organiza exige que o sujeito faça renúncias à satisfação pulsional. Então, a sublimação constitui-se como uma das formas de chegar à satisfação.

Segundo Luiz Alfredo Garcia-Roza (2004), a sublimação está dentre as satisfações parciais, pois tem seu “alvo-inibido” e está inscrita no campo pulsional denominado pulsão de vida. Nesse viés, o alvo deixa de ser a atividade sexual e passa a ser um objeto que tenha valorização social, e que pode proporcionar uma satisfação ao menos parcial. Sendo assim, a sublimação refere-se a um desvio do objeto pulsional para outro, tendo em vista a manutenção da vida em sociedade. Portanto, o impulso é sublimado quando deixa de ser sexual e passa ser direcionado a objetos socialmente e culturalmente aceitos, ou seja, quando a pulsão encontra novos objetos de desejo.

Nesse caso, exemplos citados por Sigmund Freud (2011) são atividades artísticas, a partir do que podemos considerar também a leitura literária, e o desenvolvimento intelectual, como a realização de pesquisas científicas ou estudos. Para o autor, “a satisfação desse gênero, como a alegria do artista no criar, ao dar corpo a suas fantasias, a alegria do pesquisador na solução de problemas e na apreensão da verdade [...]” (Freud, 2011, p. 23). Entretanto, nem todas as pessoas conseguem sublimar suas pulsões primitivas por essas vias, e mesmo aquelas que conseguem, não estão salvas de qualquer tipo de sofrimento.

Desse modo, neste trabalho, nos interessam as obras de arte, que se constituem uma possibilidade de obter satisfação, ao menos parcial, de uma forma socialmente valorizada. Sendo assim, Patrícia Cardoso Batista (2019) expõe que a arte serve como uma fonte de prazer ou mesmo consolo para a vida. A obra literária apresenta-se como uma produção artística que recorre à linguagem, o que pode propiciar ao ser humano um meio para fugir da realidade ou mesmo saciar a necessidade de fantasia, às vezes, necessária, ou mesmo vitais para lidar com essa realidade frustrante. A respeito da sublimação por meio da literatura, Sheila Oliveira Lima e Maria Carolina de Godoy (2021, p. 1604) argumentam que,

[...] toda sublimação, sendo a fluência de uma pulsão que busca satisfação, é ela também transitória. Não cura, não substitui, não resolve. O que se impõe

nesses processos, entretanto, é o reconhecimento de que a leitura literária, enquanto processo criativo, de demarcação de si por meio da linguagem, pode ser reconhecida como uma prática com potencial apaziguador do que se constitui para o sujeito enquanto instância de sofrimento. Ofertando, no entanto, satisfação transitória, logo substituída pela frustração do desencontro da satisfação plena, empuxa para novos processos criativos, cuja sucessão deles constitui um corpo psíquico, provavelmente, saudável.

Em consonância a essas ideias, citando Freud, Petit (2019) defende que o imaginário é um meio de satisfazer os desejos frustrados pela realidade. “As artes e as letras são brincadeiras que os adultos inventaram, entre outros motivos, para compensar um pouco suas renúncias, seus lutos, seus fracassos, suas humilhações” (Petit, 2019, p. 128). Ainda, a teórica francesa, expõe que a leitura é uma forma de acessar outro lugar e outro tempo, pois o aqui e agora não nos bastam. É uma oportunidade de imaginar aquilo que nunca foi e nunca será, ou que poderia ter sido: amores, loucuras, viagens etc.

Diante dessas considerações sobre o sujeito leitor, composto por seu corpo e seus desejos, faz-se relevante focar outros elementos que o constituem, ou seja, sua subjetividade e afetividade. A subjetividade emerge durante o ato de leitura, uma vez que se refere àquilo que os leitores trazem de íntimo e único para sua realização. Os sujeitos são seres singulares e distintos, portanto, uma mesma experiência, seja com a leitura, ou mesmo com um suporte, pode impactar e despertar sensações diferentes:

A leitura, enquanto fenômeno orientado pelas relações simbólicas – seja lá qual for o objeto que se dê a ler –, existe e insiste tão somente porque se trata de um fenômeno em que o sujeito comparece. Não há leitura sem leitor. E, muito embora algumas correntes de estudo insistam em conceber o leitor como entidade abstrata e genérica, cada evento de leitura é único tanto quanto seu leitor, ainda que se trate de um mesmo texto enunciado num mesmo tempo (Lima, 2019, p.177).

Lima (2019) deixa clara a importância de considerar o leitor por completo no processo de leitura, não podendo ser compartimentalizado entre corpo e mente, conforme defendemos nesta tese. Nessa perspectiva, entende-se que o sujeito é reconhecido pelas suas trajetórias singulares, um ser complexo e em permanente desdobramento. Para Álvaro Díaz Gómez e Fernando González Rey (2005), não construímos nossa subjetividade, mas ela é constituída no campo das nossas ações. Isto é, a partir de nossas histórias de vida, em que surgem muitos protagonistas dentro de um conjunto de campos. Então, a subjetividade é complexa e envolve uma

multiplicidade de fatores na sua constituição.

Sendo assim, durante a leitura de obras literárias, “[...] cada um projeta um pouco de si [...], por isso a relação com a obra não significa somente sair de si, mas também retornar a si. A leitura de um texto também é sempre leitura do sujeito por ele mesmo” (Jouve, 2013, p. 53). Diante disso, entende-se que durante o processo de leitura o leitor atribui sentidos aos textos, pois ao interpretá-lo, as experiências singulares de cada um vêm à tona. Por exemplo, é comum que os leitores imaginem as personagens de uma obra de formas diferentes, a partir de uma mesma descrição, pois o fazem a partir de suas vivências e daquilo que conhecem. Pensando na obra “Dom Casmurro”, de Machado de Assis, temos a famosa descrição de Capitu: “[...] Capitu, apesar daqueles olhos que o diabo lhe deu... Você já reparou nos olhos dela? São assim de cigana oblíqua e dissimulada. Pois, apesar deles, poderia passar, se não fosse a vaidade e a adulação. Oh! a adulação!” (Assis, 1994, p.24). Mas como seriam esses olhos? Cada leitor pode imaginá-los de uma maneira, pois o texto recorre à linguagem poética, e não a uma descrição objetiva do olhar da personagem.

Nesse viés, concebemos que é na interação entre texto e leitor que os sentidos são construídos. Nessa construção, embora o leitor compartilhe interpretações próximas a de outros leitores, considerando os limites da obra, ele estabelece uma relação particular com ela, que segundo Sheila Oliveira Lima e Henrique Melo (2013, p. 316), é “gerada a partir de elementos de sua subjetividade, sejam eles cognitivos, psíquicos, memorialísticos, etc.”

Desse modo, concordamos com Barthes (2004, p. 41), para quem o leitor é múltiplo e paragramático, dado que mais do que decodificar o texto, “ele o sobredecodifica; não decifra, produz, amontoa linguagem, deixa-se infinita e incansavelmente atravessar por elas: ele é essa travessia”. O teórico defende, portanto, que o campo da leitura é a subjetividade absoluta, no qual o papel do leitor merece destaque, pois todo o seu corpo trabalha durante essa produção de sentidos. Para ele, “ler é fazer o nosso corpo trabalhar [...] ao apelo dos signos do texto, de todas as linguagens que o atravessam e que formam como que a profundidade achamalhada das frases” (Barthes, 2004, p. 29).

Há ainda o fato de que um mesmo texto se apresenta diferente para o mesmo leitor se lido em períodos diferentes, pois, embora o livro seja o mesmo, o leitor já não o é. Diante disso, reconhece-se que o texto é aberto a interpretações:

[...] nem o texto se oferece como papel em branco passível de qualquer projeção de fantasias, nem tampouco se apresenta fechado às associações feitas durante a leitura. O caráter interpretativo, a dimensão disruptiva envolvida na leitura de qualquer texto literário, considerando que a abertura para a participação do leitor é iminente e inevitável, aponta para o fato de que o texto literário convoca o leitor para uma produção criativa (Moraes, 2019, p. 80).

Todavia, a subjetividade não se expressa apenas durante a leitura nos processos interpretativos, mas também antes, quando o texto ainda está sendo eleito. Segundo Lima (2019), as escolhas, recusas ou ausências de determinados livros são indícios da subjetividade, absolutamente demarcadas pelo afeto, qualquer que seja ele. Isso nos leva a refletir também sobre o depois da leitura, uma vez que há livros cujos leitores se contentam apenas em acessar seu conteúdo por meio de um empréstimo ou página on-line, mas há outros que, além de lidos, precisam ser armazenados perto de si, o que envolve adquirir uma versão física, ou mesmo uma versão digital armazenada na memória do celular, aspectos estes que “indicam uma forte relação entre o ato de ler e as formações subjetivas, inconscientes por excelência” (Lima, 2019, p. 179). A esse respeito, a pesquisadora enfatiza que:

Ler instaura processos inconscientes que nos permitem vinculações diversas com o que lemos e do que lemos com nossas vidas. A expressão desses processos se opera de diversas maneiras: na leitura absorta, no cuidado com certos volumes (às vezes nos recusamos a emprestar determinados livros), na memorização de trechos inteiros de textos, na busca incansável pela leitura de um mesmo autor, um mesmo estilo, um mesmo gênero, um mesmo conteúdo, enfim (Lima, 2019, p. 179).

Portanto, ao entender que a subjetividade faz parte da própria constituição do sujeito enquanto tal, é importante destacar que ela se manifesta em toda a trajetória leitora, antes, durante e após a leitura. Diante disso, defendemos nesta tese que os trabalhos voltados para a investigação da leitura, especialmente aqueles que se propõem a dialogar com o ensino, precisam considerar aspectos, como corpo, desejo, subjetividade e afetividade, todos implicados na referida atividade. Isso corrobora os estudos desenvolvidos nos últimos anos por Lima (2019) sobre a formação de leitores, nos quais constatou haver pouco espaço na escola para as vinculações entre leitura, subjetividade e desejo, mesmo sendo elementos fundamentais. Para Lima (2019, p. 185),

[...] as leituras, a literatura, são insistentes tentativas de inscrever-se, nomeando o inominável, reinventando aquela porção perturbadora de nós

mesmos, aquela que nos escapa e nos denuncia a todo momento, e que tentamos conter, contornar, dar formatos mais belos ou aceitáveis pela linguagem. A leitura pode ser esse apaziguamento momentâneo, intervalo de satisfação do desejo incontido de nossos transbordamentos; a leitura que, segundo Barthes (2010), é hemorragia, é atividade criativa de sentidos e de sujeitos.

Assim como Lima (2019), sustentamos que as ações voltadas à promoção da leitura, seja no âmbito público ou privado, devem dar espaço para a expressão das subjetividades e dos afetos, ligados ao campo do desejo. Isso inclui considerar que cada leitor tem uma trajetória única com um texto e com a leitura no geral. Nesse sentido, também implica pensar nos suportes, que assim como os textos literários, devem ser diversos a fim de garantir a um maior número de sujeitos um bem essencial à vida humana, conforme defende Candido (2004).

Diante dessas considerações, na próxima subseção abordaremos questões relacionadas ao universo literário na era digital, o que envolve mudanças nas práticas de compra, acesso e posse aos livros literários, bem como nas formas de ler e de mediar a leitura.

### 2.3 CULTURA DIGITAL E O UNIVERSO LITERÁRIO

A história da humanidade é marcada pela invenção de tecnologias que mudaram as práticas sociais e as relações, sendo a revolução digital uma delas. Para Rui Fava (2016), houve quatro revoluções da informação que merecem destaque, sendo: invenção da escrita; invenção do livro escrito; impressão de documentos e a revolução da informação, ou digital. Ele argumenta que o surgimento da Internet possibilitou a criação de um novo meio de interação e comunicação, bem como aumentou o volume de informações e conteúdos disponíveis e acessíveis de forma gratuita, independente do tempo e do espaço em que o indivíduo se encontra.

Nesse contexto, faz-se importante discutir sobre a cultura digital, que, segundo Antônio Zuin (2014), surge da convergência entre acessibilidade e portabilidade, produto da revolução microeletrônica da década de 1980. Isso posto, podemos dizer que a invenção do computador permitiu o advento da cultura digital, o qual, segundo Pierre Lévy (2009), impactou as dinâmicas entre os homens, como interações sociais e produção de conhecimentos, tanto no mundo pessoal quanto no trabalho.

Sobre isso, André Lemos (2008) argumenta que o digital possibilitou mudanças na forma de distribuição e armazenamento, pois são independentes e multimodais. Isto é, o indivíduo pode escolher se quer obter uma informação por escrito, por imagem ou mesmo por vídeo. De acordo com Lévy (2009, p. 50), “Digitalizar uma informação consiste em traduzi-la em números. Quase todas as informações podem ser codificadas desta forma”. O autor exemplifica que textos, imagens, sons, podem ser traduzidos e habitar o digital, tendo em vista que há diversos dispositivos capazes de fazer essa codificação conforme a linguagem binária.

Essas transformações impactam também nas práticas sociais de leitura, uma vez que o signo

[...] pode ser armazenado e processado em uma velocidade jamais antes imaginada, com recursos igualmente surpreendentes de manipulação, e consumido quase instantaneamente em qualquer parte do mundo onde haja algum aparelho de computação conectado à rede mundial de computadores (Kirchof, 2016, p. 204).

A partir da possibilidade de que qualquer informação digitalizada pode ser transmitida em larga escala e de forma muito rápida, um mangá lançado neste mês no Japão pode ser traduzido para diferentes línguas de forma autônoma pelos próprios leitores que possuem essa habilidade e compartilhado com os leitores de todo o mundo por meio das redes em um curto período. O mesmo ocorre na pesquisa por um texto na Internet, especialmente aqueles que se encontram em domínio público, ou seja, a proteção de direitos autorais expirou, pois, ao utilizar os recursos de busca, é possível encontrá-los em questão de segundos. Ademais, observamos um impacto da cultura digital também nas relações, uma vez que houve um aumento de grupos fechados criados por leitores em diferentes plataformas e redes sociais, objetivando o compartilhamento de textos com pessoas do mundo todo e com uma rapidez antes inimaginável. Além de comunidades virtuais de leitores que se reúnem para dialogar sobre suas leituras, seja de forma síncrona em plataformas como o *Google Meet* e *Zoom*, como assíncronas, como por meio de mensagens por *WhatsApp* e *Telegram*.

Em contrapartida, atualmente, não apenas trocamos ou acessamos informações, mas também geramos dados. Ao navegar pela Internet, inclusive na busca por uma obra literária, produzimos um grande volume de informações sobre nosso comportamento, interesses e desejos, contribuindo para a criação de um vasto

repositório de dados que pode ser analisado para diversas finalidades. Conforme Lemos (2021), a cultura digital é regida pelas tecnologias do “Big Data”, composta por cinco “V”: volume, variedade, velocidade, veracidade e valor. Isto é, trata-se de uma área que produz conhecimento a partir de um grande volume de dados e fontes variadas, resultando em informações valiosas sobre o nosso comportamento, portanto, que são utilizadas para diversos fins, um deles para a venda dos mais variados produtos, inclusive livros.

Sendo assim, Lemos (2021) argumenta que a cultura digital do século XXI é marcada pela plataformização, dataficação e performatividade algorítmica, resumidos na sigla (PDPA) e que são regidas pelos Big Five (*Google, Amazon, Facebook* (ou *Meta* atualmente)<sup>4</sup>, *Apple* e *Microsoft*) que dominam grande parte da Internet. Para o autor, atualmente há uma atuação de forma integrada entre *softwares*, plataformas e algoritmos que, a partir da coleta de dados, tem induzido os indivíduos “[...] sobre o que se deve conhecer, fazer, comprar, com que se relacionar, ou quais lugares e comidas conhecer” (Lemos, 2021, n.p.).

Nesse sentido, o autor aponta que as ações realizadas pelos indivíduos por meio das tecnologias digitais são captadas, analisadas e transformadas em *inputs*, identificando padrões a fim de serem utilizados para induzir novas ações para diversos fins, sejam estes comerciais, políticos ou governamentais. Portanto, para o teórico, “a cultura dos algoritmos é hoje a base da cultura digital” (Lemos (2021, n.p.). Conforme Lemos (2021, n.p.) “os algoritmos das plataformas não são apenas intermediários entre nosso desejo e produto, mas mediadores que influenciam praticamente todas as nossas ações”. Logo, ele expõe que muitos desses aspectos atuam de forma velada e produzem afetações específicas, que interferem na forma na qual vemos o mundo, tal como nossas opiniões e desejos.

Nesta esteira, Pozzer e Cunha (2020) expõem que os sites de vendas, ao armazenar os dados dos usuários, permitem direcionar as pesquisas de acordo com o “perfil de consumidor”, ou seja, sempre oferecendo produtos semelhantes para atender o seu gosto. É claro que algo semelhante pode acontecer nas livrarias físicas, pois são os comerciantes que escolhem o que expor em suas prateleiras e vitrines, entretanto, para Pozzer e Cunha (2020, p. 54),

---

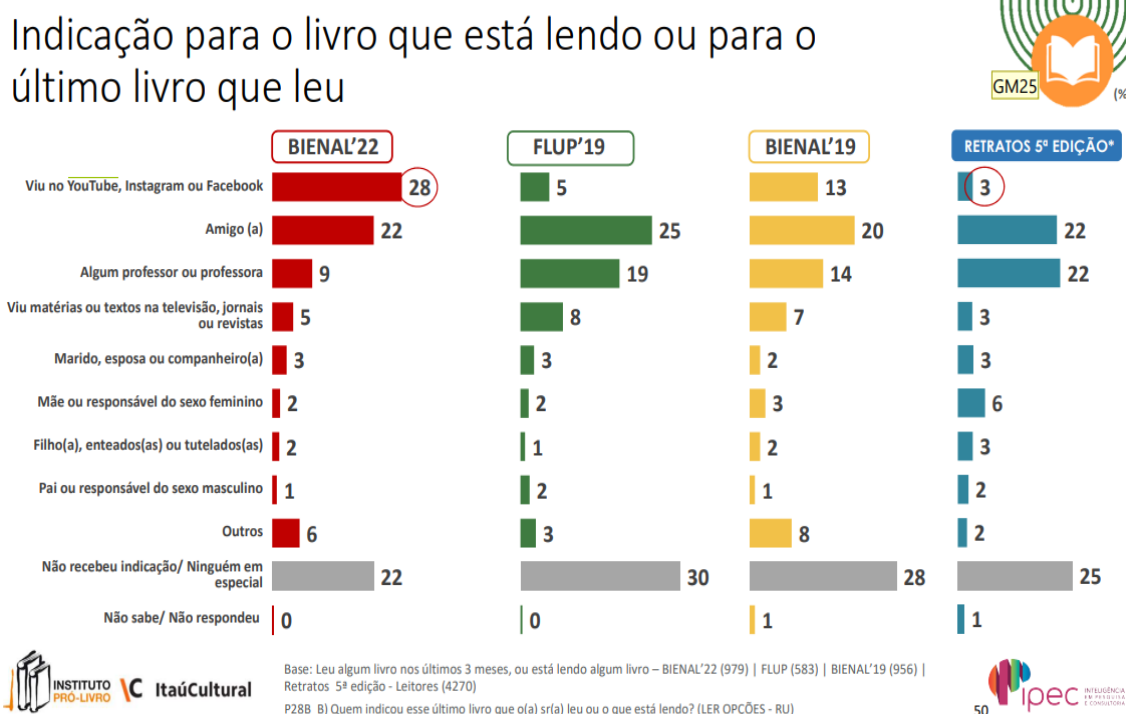
<sup>4</sup> Vale destacar que, no ano de 2024, houve uma mudança do nome da empresa Facebook para Meta, englobando diferentes plataformas, como *Facebook, Messenger, Instagram, WhatsApp, Meta Horizon, Threads* etc.

[...] com a tendência monopolista se acentuando no capitalismo contemporâneo, sobretudo com as gigantes da internet – Google, Apple, Facebook e Amazon (GAFA) –, os filtros impostos por elas não respeitam mais fronteiras físicas e chegam a passar despercebidos, ficando “escondidos” atrás de uma suposta liberdade que a internet promete fornecer a seus usuários, mas é falsa, uma vez que as “bolhas” têm se fechado cada vez mais por ação desses algoritmos “inteligentes”, que acabam restringindo novas experiências e novas oportunidades aos usuários da internet.

Diante dessas considerações, fica evidente que é essencial entender como os jovens realizam buscas de livros na Internet e como os algoritmos podem estar influenciando suas escolhas de leituras, inclusive limitando-os a sempre lerem textos parecidos com aquilo que já conhecem. Nesse contexto, fortalece-se o papel da escola e de seus mediadores na expansão dos gêneros, temas, linguagem utilizada, autores e estilos que devem apresentar aos estudantes.

Antes da cultura digital, poderíamos nem saber da existência de determinados livros estrangeiros ou mesmo de autores fora do circuito comercial. Hoje, no entanto, com a conectividade e a globalização, um livro lançado em outro país, conforme pontuamos, rapidamente se torna acessível para nós, seja de forma autorizada pelo autor ou não. O mesmo ocorre pelo desejo por determinados livros, fomentado pelas redes sociais. Por exemplo, no ano de 2022 observamos o fenômeno da escritora Colleen Hoover, com três obras de sucesso no Brasil. Uma das justificativas para esse cenário foi o seu sucesso na rede social *TikTok*, onde há uma categoria denominada *BookTok*, que visa à divulgação de livros e tem uma comunidade de leitores, o que tem impactado o mercado editorial, bem como o que os leitores brasileiros desejam ler.

Portanto, o *marketing* digital e os algoritmos já são uma realidade significativa no universo literário e na formação de leitores, uma vez que as redes sociais são regidas pelos algoritmos, direcionando a atenção dos indivíduos para determinadas informações, inclusive relacionadas aos conteúdos sobre livros. Diante disso, é notório que as redes sociais e plataformas digitais têm influenciado o que os leitores leem no Brasil, algo evidenciado pela pesquisa do Instituto Pró-livro realizada no ano de 2022:

**Gráfico 2 – Indicação para o último livro que leu ou está lendo**

**Fonte:** Instituto Pró-livro (2022).

No gráfico, notamos uma significativa e crescente influência digital nas escolhas de leitura dos entrevistados em quatro contextos, sendo três realizadas em eventos literários, como a *26ª Bienal Internacional do livro de São Paulo*, que ocorreu em 2022 (BIENAL'22); *XIX Bienal Internacional do livro* (BIENAL'2019) e *8ª Festa Literária das Periferias* (FLUP'19), ambas realizadas em 2019 no Rio de Janeiro; e os resultados da pesquisa da 5ª edição da *Retratos da leitura no Brasil* (RETRATOS 5ª), publicada em 2020. Embora outros agentes tenham mais destaque, ao observar o panorama geral, como é o caso de amigos e professores, a divulgação das obras em meio digital parece vir conquistando cada vez mais espaço, especialmente se observamos o dado mais atual, que é o da BIENAL'22, na qual 28% dos entrevistados indicaram que a escolha de um livro ocorreu a partir da indicação de *booktubers*, *bookgramers* e *booktokers*.

Diante dessas considerações, fica evidente que, na busca por um determinado livro, seja para a leitura on-line ou mesmo para a compra, temos a atuação dos algoritmos, que identificam os padrões de consumo do leitor e lhe sugerem livros semelhantes, influenciando suas escolhas. Logo, o seu desafio na cultura digital é refletir sobre esse contexto com criticidade, compreendendo que nem sempre as

indicações de textos realizadas pelos algoritmos serão benéficas para a formação leitora. Embora a Internet dê a sensação de que o indivíduo acessa tudo o que deseja, na verdade este está sendo levado pelo que os algoritmos entenderam que ele quer ver. Um deles refere-se ao incentivo ao consumo, que afeta também o mercado literário de forma positiva, uma vez que verificamos um aumento nas vendas de livros, mas também negativa, ao perceber que os títulos mais vendidos, muitas vezes, são obras repetitivas.

Outro ponto importante da cultura digital e que impacta também o universo literário, refere-se à cultura do cancelamento. Isto é, a prática de julgar uma pessoa por alguma atitude, levando muitos usuários a deixarem de segui-la nas redes sociais ou, no caso de escritores literários, deixando de lê-los. Observamos, a exemplo, que isso aconteceu com o autor Monteiro Lobato, taxado de racista em 2021 em um texto publicado na *Folha de São Paulo* pelo crítico literário Marcelo Coelho. Embora essas discussões sejam relevantes socialmente, a fim de banir práticas preconceituosas, a maneira que elas têm acontecido é preocupante. No caso das obras literárias, verificamos um apagamento da obra ou do autor, sem a devida contextualização e sem que de fato as pessoas a leiam a fim de tirar suas conclusões. Embora os questionamentos sobre textos literários sejam benéficos, muitas vezes notamos argumentos artificiais que se propagam rapidamente pelas redes sociais.

Desse modo, para além das alterações nas práticas de leitura, é importante explicitar que a cultura digital impactou também os processos de produção, publicação e circulação de livros.

Segundo André Belo (2013), a produção de livros experimentou significativas transformações com o advento do computador e da Internet. O processo de produção, tradicionalmente artesanal desde a época de Gutenberg, foi modernizado com a adoção de tecnologias automatizadas, o que diminuiu o número de pessoas envolvidas no processo e aumentou a velocidade de produção e distribuição.

Nesse contexto, o ciberespaço merece destaque, pois, conforme Kirchof (2016), com ele há mais liberdade para produção e divulgação de textos literários, pois qualquer sujeito pode publicar seus textos nas mais diversas plataformas, sites e redes sociais, sem ter que necessariamente passar pelo crivo editorial, resultando em uma maior aproximação daquele que escreve com seus leitores. Portanto, trata-se de uma das contribuições da revolução digital para o universo literário, segundo Thompson (2021), marcada pela criação de canais de comunicação inteiramente

novos entre eles, o que pode dispensar alguns intermediadores (editoras, gráficas, etc.). Diante disso, é evidente que o leitor se vê frente a uma quantidade enorme de textos literários disponíveis para leitura na Internet, muitos deles, de acessíveis de forma gratuita.

Diante dessas breves considerações sobre o universo literário e a cultura digital, concordamos com Giselly Lima (2018, p.138), ao defender que “o que caracteriza a cultura digital não é sua dimensão técnica apenas, mas, sobretudo, sua dimensão social, representada pela atividade humana que se dá em torno dos dispositivos e plataformas digitais e também das redes sociais”. Logo, conforme a autora, essa realidade impacta também na formação de leitores, pois os objetivos educacionais passam a incluir a cultura digital nas práticas de linguagem, tendo em vista a possibilidade de ler textos utilizando diferentes ferramentas tecnológicas. Portanto, é um tema que merece ser mais focado nos estudos da área.

Sendo assim, nesta subseção, evidenciaram-se alguns impactos da cultura digital para o universo literário, dentre eles a circulação dos textos, o que nos leva ao próximo tópico, os procedimentos de busca adotados pelo leitor na contemporaneidade.

### 2.3.1 Compra, acesso e posse no contexto digital e no físico

*“Oh! Bendito o que semeia  
Livros... livros à mão cheia...  
E manda o povo pensar!  
O livro caindo n'alma  
É germe — que faz a palma,  
É chuva — que faz o mar”  
(Castro Alves)*

Com o advento das tecnologias digitais, o leitor ampliou o seu poder de busca de textos para a leitura, de acordo com o seu objetivo. Pode escolher se informar a partir de jornais e revistas digitais - sendo que alguns deixaram de existir nos suportes impressos -, ler textos humorísticos amplamente compartilhados nas redes sociais, como charges, tirinhas, memes etc., ou mesmo textos literários, como contos, crônicas, romances, poemas etc., que muitas vezes são também divulgados nas redes sociais, bem como encontrados em sites, *blogs*, aplicativos, bibliotecas virtuais etc. Enfim, essas são apenas algumas das alternativas que o leitor tem para participar das práticas sociais de leitura no seu dia a dia. Diante desse cenário, o leitor ganha mais

opções, pois os textos digitais oferecem a possibilidade de encontrar de forma gratuita algo que talvez não esteja disponível na biblioteca escolar ou pública mais próxima. Além disso, mesmo que o material esteja disponível na biblioteca, o leitor não precisa se deslocar no espaço para obtê-lo.

Em vista disso, esta pesquisa, explana sobre a contribuição da cultura digital para uma expansão das oportunidades de os jovens terem o seu acesso aos textos, tendo em vista que os dispositivos digitais conectados à Internet ofertam uma enorme quantidade de textos, de forma gratuita ou paga, nos mais diversos formatos de arquivo, como PDF, ePub, HTML, DOCX, via diferentes meios de acesso, como *blogs*, redes sociais, *websites* etc. Contudo, ao pensarmos em um leitor que pode encontrar tudo aquilo que procura, ou não, por meio dessas ferramentas, é provável que essas supostas escolhas de leitura não tenham passado pelo crivo prévio de um professor ou bibliotecário, por exemplo, o que pode sugerir que o jovem leitor possui uma liberdade significativamente maior na contemporaneidade.

A esse respeito, consideramos que ao mesmo tempo em que o leitor se torna livre para atender suas demandas subjetivas e corpóreas, indo além do que está disponível nas bibliotecas escolares ou públicas, ao utilizar os mecanismos de busca, acaba sendo orientado pelo *marketing* digital e guiado pelos algoritmos, característica importante da cultura digital, conforme Lemos (2021). Portanto, essa é uma questão importante a se discutir, uma vez que reflete na formação de leitores para “navegar” nesse “mar” de possibilidades, no qual os indivíduos são supostamente “livres”.

Segundo Ribeiro (2019), nas redes a literatura circula em forma de textos verbais e não-verbais, sendo publicados em formatos diversos, como PDF, livros digitais, gravações caseiras de leitura etc. A esse respeito, a autora argumenta que nesse meio circulam literaturas diversas, permeadas por autores canônicos, periféricos, marginalizados, incômodos etc., ou seja, são ofertadas “possibilidades de leitura incontáveis” para o leitor. Com isso, percebemos a importância do leitor na seleção dos textos que lerá, comprará ou até mesmo possuirá, uma vez que há muitas opções, o que muitas vezes traz a sensação de que temos disponíveis na “palma da mão” todo o conhecimento do mundo e que este pode ser acessado a qualquer tempo e espaço.

Evidencia-se, portanto, que nas últimas décadas os leitores têm se deparado com “novos modos de ler, de escrever, de publicar, de consumir textos, de fazer circular informação e conhecimento ou, simplesmente, de fazer circular textos”

(Ribeiro, 2017, p. 121). Houve mudanças significativas nas práticas de leitura, como discorremos anteriormente, mas também nas formas de obter acesso aos livros, dado que pode ser feito por meio da compra em livrarias físicas e virtuais, lojas de departamento, via empréstimo em bibliotecas físicas e virtuais, bem como a partir da leitura on-line ou *download* nos dispositivos digitais. Entre as diversas opções de acesso, o leitor seleciona aquela que melhor atende às suas necessidades com base em critérios variados, considerando que alguns textos serão lidos, enquanto outros serão adquiridos e possuídos.

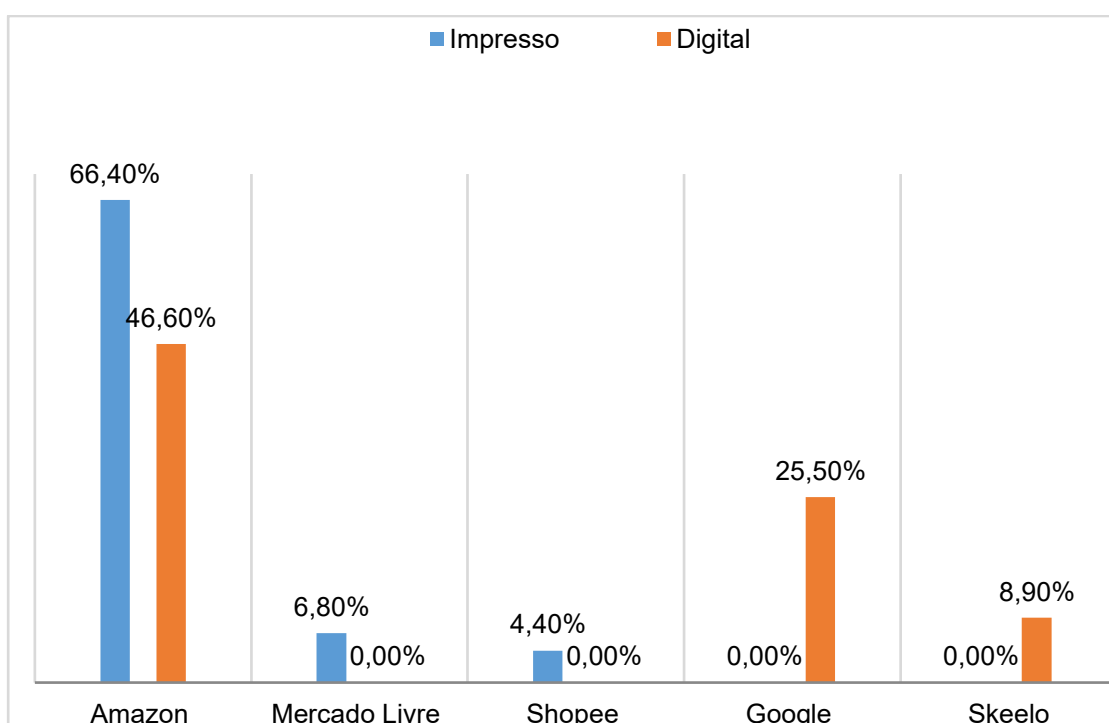
Em vista disso, iniciamos abordando a questão da compra de livros na era digital, que se refere tanto a livros digitais quanto a impressos. Chartier (2020) enfatiza que as livrarias vêm enfrentando desafios para manterem-se abertas devido ao aumento das compras on-line e mudanças nas práticas leitoras. Esse cenário, conforme o historiador, nos leva ao enfrentamento de dois temores: “por um lado, o medo ante a proliferação indomável dos escritos, a multiplicação infinita dos textos, a desordem do discurso e, por outro, a ansiedade perante a perda, o apagamento, o esquecimento” (Chartier, 2020, p. 94). Isto é, historicamente as livrarias exerciam o papel de organizar a circulação dos textos, bem como assegurar a presença do patrimônio escrito, mas com essas mudanças, indaga-se sobre quem ocupará esse lugar, uma vez que os sites de vendas visam apenas a promoção do consumo de livros.

A respeito das compras on-line, Chartier (2020) cita o manifesto de Jorge Carrión, *Contra amazon: siete razones*, que atribui o desaparecimento das livrarias e editoras à expansão da *Amazon*, e a acusa de “apropriação ilegítima do prestígio literário”, pois ela “[...] não é uma livraria nem uma biblioteca, mas um hipermercado que vende muitas mercadorias que não são livros [...]” (Chartier, 2020, p. 102). Em anuência, Thompson (2023) enfatiza que a revolução digital impactou em três aspectos relevantes o mundo editorial, sendo um deles a ascensão da *Amazon*, responsável por grande parte da venda de livros impressos e digitais.

A *Amazon* chegou ao Brasil em 2012 e vem conquistando o seu espaço no setor da venda de livros desde então. Ao analisar os dados de duas edições da pesquisa “Panorama do consumo de livros”, realizada pela Nielsen BookData em 2023 e em 2024, fica claro que a venda de livros em sites *e-commerce* ganhou espaço entre os consumidores de livros, pois, tanto na primeira edição quanto na segunda, verificamos que 55% deles apontaram comprar livros por sites on-line, justificando

essa ação devido aos preços baixos. Entretanto, caso os preços dos livros em livrarias físicas fossem equivalentes aos sites on-line, 49% comprariam em lojas físicas. Portanto, mais do que uma preferência pelos sites, observamos uma escolha baseada nos valores. É relevante citar ainda que dentre os entrevistados, mais de 70% deles confirmaram que realizaram a sua última compra de livros impressos em sites de *e-commerce*, sendo a *Amazon* a líder na venda de livros impressos e digitais tanto em 2023 quanto em 2024. Logo, elaboramos um gráfico com os três primeiros colocados de cada categoria para ilustrar essa situação:

**Gráfico 3 – Os primeiros colocados na venda de livros no Brasil**



**Fonte:** a autora, com base na pesquisa da Nielsen BookData (2023).

Esses dados deixam claro que as livrarias e editoras perderam espaço para lojas de departamento dentro do mercado do livro, o que impacta tanto escritores quanto leitores. Segundo Thompson (2021), o poder da *Amazon* não se dá apenas devido a sua grande participação na venda dos livros, mas sim pelo fato de ter um amplo número de dados sobre os usuários que utiliza para gerar novas vendas. Para o autor, a empresa tem algo muito importante na era digital, que é capital informacional, ou seja, informações reunidas, armazenadas, processadas e combinadas a fim de alcançar diferentes objetivos. Então, a cada vez que o leitor busca, compra ou avalia um livro no ambiente digital, os algoritmos estão sendo

alimentados, ou seja, o comportamento de consumo do leitor é captado pelos algoritmos, que, conforme já pontuamos, segundo Lemos (2021), caracteriza a cultura digital.

Sendo assim, esses dados serão utilizados para direcionar o leitor a determinados títulos da próxima vez, recurso amplamente explorado pela *Amazon* ao realizar uma recomendação ao cliente. Nesse cenário, a empresa oferece para cada leitor uma recomendação personalizada e refinada, que à primeira vista pode dar a impressão de ser algo benéfico ao permitir encontrar itens que representam os seus gostos, mas que não passa de uma das estratégias de *marketing* amplamente utilizadas na atualidade a fim de induzir a compra.

Essa realidade difere do que ocorre com as livrarias físicas, dado que para Thompson (2021), ao serem comparadas com empresas como a *Amazon*, fica claro que estas têm menos informações a respeito dos seus clientes e seu comportamento. No caso das livrarias é importante relatar que a visibilidade de um livro não é personalizada para cada leitor, afinal, a disposição deles nas vitrines, mesas ou prateleiras é a mesma para todos. Isto é, as estratégias de *marketing* de uma livraria física são diferentes das lojas on-line, até mesmo pelos recursos que cada uma possui. Na livraria física, seleciona-se qual livro ocupará a vitrine, atraindo o leitor para o espaço, ou dispõem-se os livros em mesas que convidam o leitor a pegar e folhear suas páginas. Conforme Thompson (2021), a experiência de encontrar um livro em uma livraria física e on-line são bem diferentes, justamente pelo fato de que no espaço físico, os títulos não são recomendados por um algoritmo com base na navegação e compras anteriores, por isso torna-se uma experiência variada, aberta e surpreendente, muitas vezes, levando esse leitor a algo inesperado.

Diante disso, Chartier (2020) aconselha os leitores a resistirem minimamente a essa prática e comprarem livros em livrarias físicas e independentes, bem como aponta a necessidade de convencer poderes públicos sobre a importância das livrarias, o que não pode ser assumido pela comunicação digital, por exemplo. Nesse sentido, o autor enfatiza a relevância das ações coletivas e individuais para evitar um mundo sem livrarias. Para ele, “[...] as coleções digitalizadas não são equivalentes aos livros impressos das bibliotecas, os periódicos eletrônicos também não se equiparam à sua edição sob papel, ou compra de livros “*on-line*” não pode substituir as livrarias” (Chartier, 2020, p. 114).

Sendo assim, Chartier (2020) defende a pertinência das livrarias e das bibliotecas, pois são lugares de passagens e encontros. O autor expõe que esses espaços permitem que o leitor caminhe por entre suas estantes, pelas páginas dos livros e encontre algo que, muitas vezes, nem era buscado, sendo uma prática que foge a lógica do mundo digital. Nesse percurso exploratório, consideramos que o leitor é mais livre para expressar sua subjetividade, aspecto que não é contemplado pelos algoritmos.

Chartier (2020) aponta que para encontrar algo na Internet, o leitor tem que pesquisar usando palavras-chave, o que funciona conforme os mecanismos de busca definidos pelos algoritmos, que normalmente mostram informações do mesmo tema a partir de uma hierarquia de campos. Em anuência, Darnton (2010) questiona os mecanismos de buscas que nos mostram um resultado e não outro. Até mesmo quando formos procurar um livro com diversas edições, o *Google* pode nos levar a um ou outro, ou seja, de certa forma ele é o “porteiro” da informação com seus algoritmos de busca.

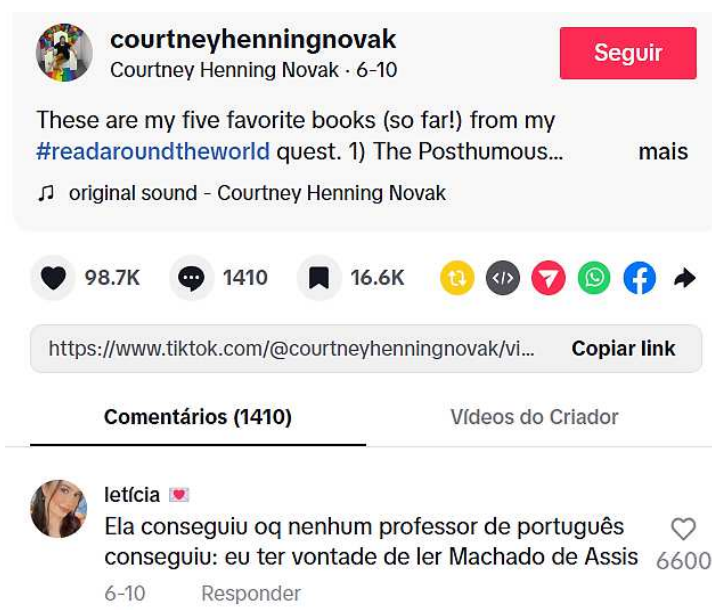
Ademais, livrarias e bibliotecas permitem o encontro entre leitores, pois instigam a sociabilidade, que, apesar de poder ser feita também pela Internet, não conta com a presença física.

Ainda sobre a compra de livros, é importante pontuar outra mudança causada pela revolução digital. Conforme Thompson (2023), houve uma facilitação da comunicação direta entre leitores e editoras. Isto é, as editoras não precisam de intermediários para que os livros cheguem aos leitores. Diante dessa mudança, as editoras começaram a explorar diferentes canais de comunicação, incluindo as redes sociais, que, como mencionado, têm exercido um impacto significativo no mercado editorial. Nesse contexto, destacamos um fenômeno típico das redes sociais que tem contribuído para isso: a 'viralização'. Esse termo se refere ao processo pelo qual um conteúdo se espalha rapidamente pela Internet, alcançando muitos usuários em pouco tempo.

No ano de 2024, acompanhamos um aumento da visibilidade do livro “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, de Machado de Assis, devido a um vídeo divulgado no *TikTok* pela americana Courtney Henning Novak. O resultado foi um aumento expressivo pela busca desse livro no site da *Amazon* e amplo interesse pela obra devido a uma opinião compartilhada nas redes sociais. Mesmo sendo um clássico da literatura brasileira, consolidado pela crítica literária e com lugar cativo

entre os livros indicados durante o período de escolarização, parece-nos que tais fatores não foram suficientes para cativar determinados leitores. Logo, chama a atenção o fato de que um vídeo curto consegue despertar o interesse do usuário por uma obra mais do que a própria escola, algo expresso em um comentário apresentado abaixo:

**Figura 2** – Comentário em um dos vídeos de Courtney Henning Novak



**Fonte:** Novak (2024).

Esse comentário, amplamente curtido por outros usuários, talvez, porque concorde com a afirmativa, demonstra o poder das redes sociais no consumo de livros, capazes de acender o interesse por uma obra pouco apreciada pelos jovens leitores até o momento. Esse é apenas um exemplo, entre diversos comentários presentes na plataforma, de brasileiros que enfatizam que conheceram o livro por intermédio da escola, mas que não se sentiram incitados a lê-lo até assistirem ao vídeo da influenciadora digital. Uma possível justificativa para isso está relacionada ao sentimento impulsionado pelas redes sociais de que é imprescindível acompanhar e participar das tendências. Esse fenômeno parece se aplicar também à obra de Machado de Assis: se a obra é realmente tão boa quanto dizem, surge a necessidade de lê-la para sentir-se parte do grupo e manter-se atualizado.

Observamos, então, a capacidade de os vídeos que viralizam na Internet mudarem a percepção do público sobre um determinado objeto, inclusive uma obra literária. Fica evidente, portanto, a necessidade de mais pesquisas sobre o impacto

das redes sociais sobre o consumo de livros e como fonte de seleção de textos entre os leitores brasileiros, tendo em vista que conforme a pesquisa Digital 2024 (We Are Social; Melty, 2024), o Brasil é o segundo país em que os usuários passam mais tempo on-line, em média 9 horas e 13 minutos por dia.

Esse caso também indica o impacto dos influenciadores digitais no mercado editorial, capazes de dar visibilidade a livros clássicos e não apenas de lançamentos. Logo, as editoras têm aproveitado esse cenário para contratar influenciadores digitais para divulgar seus livros e alavancar suas vendas. Portanto, o *marketing* digital é algo com o qual os jovens leitores devem lidar constantemente, bem como algoritmos que identificam seus interesses e lhes dão opções semelhantes, mantendo-os consumidores ativos e dentro do seu perfil de compra.

Outro meio de acesso aos textos literários se dá pelo empréstimo do livro, seja de um amigo, professor ou familiar, ou de instituições públicas, como as bibliotecas escolares e públicas. Para Chartier (2020), a biblioteca é um lugar para a aprendizagem da cultura escrita e impressa, onde circula a palavra em sua forma escrita. Ela é “[...] um elemento central da vida pública em uma sociedade democrática, e a biblioteca é um dos espaços públicos onde se pode exercer essa liberdade cidadã” (Chartier, 2020, p. 132). E mais do que lugar que permite o acesso a livros predominantemente impressos, para o teórico a biblioteca é um lugar de convivência pública que permite a troca de experiências coletivas de leitura, ou seja, trata-se de um espaço criado para as sociabilidades. Isso é relevante na medida que:

[...] ler não é somente uma experiência intelectual, é também uma experiência emocional, uma experiência que implica afetos, que implica uma relação com os outros, e isso se experimenta quando existe um lugar de convivência ou de trocas, o que não necessariamente é experimentado da mesma maneira quando estamos isolados diante das telas (Chartier, 2020, p. 132).

A esse respeito, Chartier (2020) cita o cenário da pandemia causada pela Covid-19 e como o distanciamento social forçado trouxe a grande parte dos indivíduos uma sensação de falta, o que está relacionado à necessidade humana e ao desejo de encontrar-se com outras pessoas, de estar no mesmo lugar, ao mesmo tempo com os outros e compartilhar o mesmo espaço. Diante disso, fica claro que a biblioteca não é apenas um lugar para emprestar e acessar os livros, mas também para o encontro com os outros indivíduos, especialmente leitores.

Em anuência, Petit (2019) expõe que os laços são essenciais quando se trata do livro, especialmente aqueles feitos de folhas costuradas e reunidas por uma capa. Sendo assim, a biblioteca, por abrigar esses objetos, torna-se um lugar dos laços. Para Petit (2019), ela é o lugar do público, antes de ser o lugar das coleções. Desse modo, a biblioteca poderia estar no cerne da transmissão cultural, onde há lugar tanto para as experiências mais íntimas, como para as vivências compartilhadas.

Encontrar-se em uma midiateca em que bens culturais estão presentes não é a mesma experiência que se encontrar em um centro comercial, em uma praça ou na casa de alguém. Pela simples presença daqueles objetos, cada pessoa está ligada a outros homens, outras mulheres, outros lugares, outras épocas, às vezes àquilo que eles conceberam de mais belo, de mais inteligente, de mais audacioso para dizer a experiência humana e a exploração do mundo (Petit, 2019, p. 198).

Para Petit (2019), a biblioteca é um dos raros locais em que a lógica do lucro escapa. “A biblioteca ou uma midiateca é um lugar, uma arquitetura, bens culturais e profissionais disponíveis [...]” (Petit, 2019, p. 198) que são elementos indissociáveis, mas que se fosse para hierarquizar, provavelmente aqueles que recebem as pessoas são os mais importantes, pois são elas que animam e dão vida ao espaço.

Portanto, consideramos a biblioteca como espaço relevante para a formação leitora, mas ao mesmo tempo, conforme Barthes (2004), sempre inadequada ao desejo. Ao discorrer sobre o recalque da leitura, Barthes (2004) argumenta que este pode ser despertado pelas bibliotecas, afinal, nunca possuem todos os livros que o leitor deseja ler. Para Barthes (2004, p. 35), “A Biblioteca é o espaço dos substitutos do desejo; em face da aventura do ler, ela é real, naquilo em que este chama à ordem o Desejo: sempre grande demais e pequena demais, ela é fundamentalmente inadequada ao Desejo”. Então, o leitor que chega a uma biblioteca em busca de um livro específico, mas não o encontra, deve se contentar com os que estão disponíveis, portanto, substituir o desejo por outro, ou mesmo abandoná-lo.

Ainda, Barthes (2004) relata que o livro pego na biblioteca é diferente do que se possui em casa. A diferença reside que o ‘livro-em-casa’ foi agarrado em uma livraria como se fosse um fetiche, já o livro obtido na biblioteca passa pela parte burocrática, ou seja, é uma dívida obtida, já que é preciso devolvê-lo, dentro de um prazo específico, não podendo possuí-lo.

Isso é relevante na medida em que, segundo Ilsa Goulart e Norma Ferreira (2015), o livro representa a concretização da leitura, pois é um objeto real da

experiência vivenciada durante sua efetivação, podendo ser armazenado não só na memória, mas em algum lugar do seu lar, quando este foi adquirido e não emprestado, por exemplo. Então, a posse do livro pode ajudar o leitor a rememorar uma sensação, sentimento, pessoa etc., ligados àquela leitura. Ter o livro físico em algum lugar da casa torna provável que, em algum momento, o leitor olhe para ele e seja lembrado não apenas da história, mas da experiência completa da leitura — incluindo quando, onde e como a vivenciou. Já quando o texto está em PDF, as chances do arquivo se perder entre milhares de outros e não ser mais acessado é bem maior. Até mesmo as anotações realizadas nas bordas de um livro são facilmente acessadas num simples ato corpóreo de folhear as páginas, diferente do PDF que o leitor terá que rolar a página até encontrar uma anotação feita digitalmente.

Goulart e Ferreira (2015, p.13) expõem que a leitura sofre com os esquecimentos proporcionados pela passagem do tempo, uma vez que o leitor não consegue garantir a estabilidade ou integridade dos sentidos atribuídos durante o ato de ler, “ao contrário, o livro, como objeto, está ali, sempre, acessível, possível de ser visto, tocado, manuseado e lido novamente”. Sendo assim, o objeto físico é um suporte para a memória do leitor. Diante disso, os autores argumentam que:

A relação entre o leitor e a leitura aparece cerceada pelo objeto-livro, num relacionamento, comparado a afinidades humanas, construído de sentimentos de afetividade, de cumplicidade, de companheirismo, de intimidade e de proximidade. E na relação leitor-leitura, intermediada pelo livro, surge sentimentos de pertencimento, de propriedade, de desejo de posse, de (in)satisfação, ansiedade ou (in)completude (Goulart; Ferreira, 2015, p.13).

Fica claro que o livro, enquanto objeto físico, é um elemento importante na relação entre leitor e leitura, afetando-o de formas diversas. O desejo pelo objeto, por exemplo, é um tema retratado na literatura de Clarice Lispector. O conto “Felicidade Clandestina” apresenta a trajetória de uma leitora que busca emprestar o livro “Reinações de Narizinho”, de Monteiro Lobato de uma colega. Logo, quando ela finalmente o consegue, sua primeira reação é sentir o livro em seu corpo:

Eu estava estonteada, e assim recebi o livro na mão. Acho que não disse nada. Peguei o livro. Não, não saí pulando como sempre. Saí andando bem devagar. Sei que segurava o livro grosso com as duas mãos, comprimindo-o contra o peito. Quanto tempo levei até chegar em casa, também pouco importa. Meu peito estava quente, meu coração pensativo (Lispector, 1998, p. 12).

Nessa narrativa, Clarice consegue retratar o desejo do leitor em possuir o livro, tocá-lo e senti-lo em suas mãos, sentimentos esses que vão além da vontade de acessar o seu conteúdo. Todavia, possuir o livro enquanto objeto, nem sempre é possível por diferentes motivos, como mencionamos. A partir dos recursos das tecnologias digitais, que contribuíram para o surgimento de textos digitais ou mesmo digitalizados, têm-se diferentes iniciativas que facilitaram o compartilhamento e acesso a diversos textos pelos indivíduos. Essas iniciativas, provenientes tanto do setor público quanto do privado, são implementadas através de várias plataformas e sites.

No contexto brasileiro, temos o site *Domínio Público* (<http://www.dominiopublico.gov.br>), uma biblioteca digital desenvolvida em *software* livre, criada em 2004, visando ao compartilhamento de conhecimento por meio das tecnologias digitais e Internet, o qual abrange apenas textos de domínio público, ou que tenham a divulgação devidamente autorizada, ou seja, prezando pelos direitos autorais. No site, dá-se acesso livre a arquivos com diferentes tipos de mídia, como som, imagem, texto e vídeo, tendo um acervo com mais de 170 mil textos. No âmbito literário, o site apresenta em sua página inicial autores e obras na coluna “Destaques” visando chamar a atenção dos usuários, como a obra completa de Machado de Assis, poesias de Fernando Pessoa, obras de Joaquim Nabuco e *A Divina Comédia* traduzida para o português.

No âmbito educacional, podemos mencionar a plataforma intitulada *Minha biblioteca* (<https://minhabiblioteca.com.br/>), que conta com um acervo de mais de 12 mil livros digitais, técnicos e acadêmicos, adotada em 2022, pelas universidades paranaenses. Outro caso refere-se à plataforma *Leia Paraná* (<https://leiaparana.odilo.us/>)<sup>5</sup> adotada em 2023 nas escolas públicas paranaenses e que tem o uso compulsório.

Embora as iniciativas citadas, aparentemente, visem beneficiar os indivíduos, alguns pontos merecem reflexão, pois o processo de leitura não implica apenas acesso e sim o comparecimento de um leitor, com seu corpo e desejo.

---

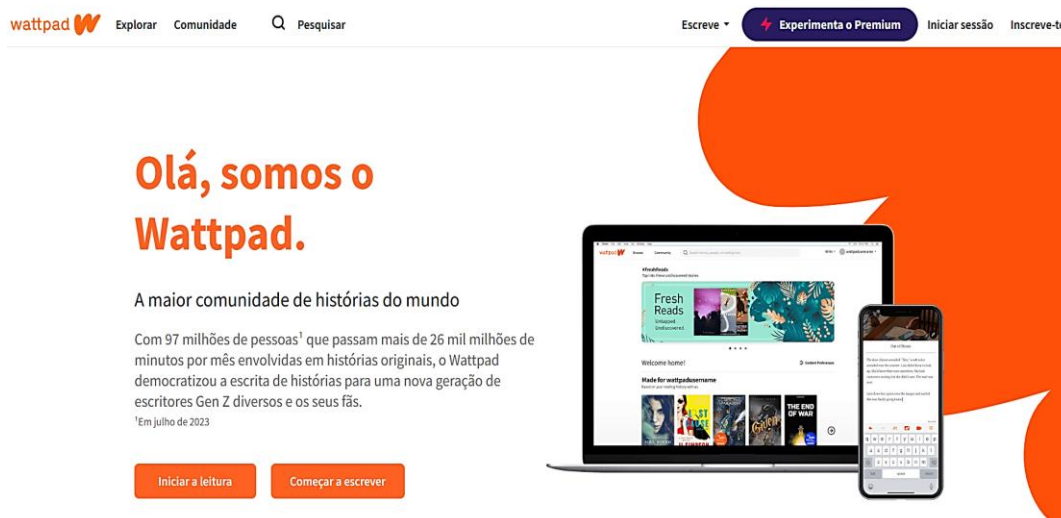
<sup>5</sup> Trata-se de uma das iniciativas do atual governo, que tem investido em diferentes plataformas educacionais e obrigado os professores, por meio de algumas medidas punitivas aos diretores, conforme o decreto nº 7943/2021, as utilizarem. Isto é, os professores devem garantir que os estudantes utilizem a ferramenta, sob cobranças direcionada as escolas, uma vez que o uso é monitorado por meio do número de acessos e dos dados que cada aluno gera ao utilizar a plataforma, algo que marca a cultura digital, conforme já mencionamos.

No caso da plataforma *Leia Paraná*, informa-se que são disponibilizadas 60 obras, divididas por faixa etária e com apresentação de diversos exercícios para verificar a compreensão de leitura do estudante. Ao compará-la com o site *Domínio Público*, verificamos que a plataforma *Leia Paraná* oferece poucas opções de leitura, o que torna criticável a obrigatoriedade nas escolas paranaenses, especialmente considerando que o professor pode preferir trabalhar com outras obras, não disponíveis naquela plataforma, ou mesmo que muitos leitores não apreciem ler na tela, preferindo a leitura em livros físicos. Logo, fica claro que essa ferramenta é muito limitada, tanto em relação ao acervo, quanto considerando o próprio leitor, que pode preferir outros meios de acessar os textos literários.

Além disso, as bibliotecas digitais, ao serem implementadas no âmbito escolar, geram preocupações sobre o futuro das práticas de leitura. Isto é, se a expansão das bibliotecas digitais contribuirá para a diminuição ou maior sucateamento das bibliotecas escolares físicas, ou que haja uma diminuição na aquisição de livros físicos, desconsiderando as preferências de suporte, por exemplo. Ao disponibilizar um livro em formato digital, pode-se entender que não é necessário mantê-lo também na versão física na biblioteca escolar. Nossa preocupação é a de que o acesso não seja priorizado em detrimento da experiência de leitura, pois, mesmo que uma obra esteja disponível digitalmente, nem todos os leitores desejam lê-la na tela.

Já no cenário mundial, torna-se importante abordar uma plataforma muito utilizada pelos leitores, que é a *Wattpad* (<https://www.wattpad.com/>), criada em 2006, com o objetivo de propiciar a leitura pela tela dos celulares. Além da leitura, a plataforma também é utilizada para a autopublicação, dado que permite que escritores amadores publiquem seus textos. Atualmente, conforme os dados divulgados pela própria plataforma, ela possui mais de 97 milhões de usuários.

**Figura 3** – Página inicial da *Wattpad*



Fonte: *Wattpad* (2024).

Para Mar Guerrero-Pico, María-José Estables e Carmen Costa-Sánchez (2022), essa plataforma oferece um espaço on-line em que pessoas com afinidades se encontram, com base em seus interesses, trazendo uma sensação de pertencimento. Segundo Reborá *et al.* (2021), é a plataforma mais popular para ler e comentar sobre diferentes textos, como clássicos da literatura, *fanfics* ou histórias escritas pelos próprios usuários da plataforma.

Ao focar em como os adolescentes leem diferentes textos que circulam nesse site, Simone Reborá *et al.* (2021) analisaram alguns comentários de usuários constatando que, conforme a complexidade cultural e linguística do texto aumenta, os leitores tendem a interagir mais com outros leitores visando à compreensão da escrita e do contexto histórico. Todavia, a principal demanda de leitura da plataforma é de histórias originais escritas por adolescentes, as quais os pesquisadores observaram que há uma interação mais prolongada. Portanto, eles consideram o *Wattpad* como uma comunidade de aprendizes e uma ferramenta de vínculo social, que podem ser aproveitados para a promoção da leitura. Isso é relevante na medida em que veremos nesta pesquisa haver interesse dos jovens leitores pelas histórias que circulam na referida plataforma.

Sendo assim, observamos uma ampla gama de opções para acessar os textos na contemporaneidade via ambientes digitais, pois podem ser acessados via bibliotecas digitais, baixados gratuitamente em alguns sites da Internet, tendo opções legais que respeitam os direitos autorais, como no caso do site *Domínio Público*,

comprados em sites que comercializam livros na versão digital ou mesmo fazer a leitura on-line, sem precisar fazer *download* nos dispositivos digitais, tal como a *Wattpad*. As bibliotecas sem muro e lugar, como previa Chartier (1994) no século XX, são uma realidade cada vez mais explorada na atualidade.

Entretanto, com a expansão do compartilhamento de textos no espaço digital, uma questão importante surge: a pirataria. Trata-se de uma prática antiga de violação do direito autoral, mas que foi ressignificada com o avanço da Internet. Isso refere-se à falsificação, à cópia e ao uso não autorizado de obras intelectuais e de produtos. A pirataria é repreendida pela lei brasileira, que considera uma violação dos direitos autorais, portanto, deve ser combatida. Logo, apresenta-se como mais um tópico a ser debatido na formação de leitores atualmente, uma vez que, enquanto professores, não podemos fomentar essa prática entre os estudantes, mas ao mesmo tempo também não podemos desconsiderar que o acesso aos livros ainda seja privilégio de poucos no Brasil.

É fato que há poucas bibliotecas públicas disponíveis, uma vez que, segundo os dados do Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas (2023), há 4.639 bibliotecas públicas no Brasil. Ao invés de maior investimento nessas instituições de democratização da leitura, na direção contrária, houve uma perda de quase 800 bibliotecas públicas entre 2015 e 2020. Sendo assim, diante das dificuldades de acesso, agravadas pela situação econômica e diminuição do número de bibliotecas, muitos leitores recorrem a sites que disponibilizam essas obras sem autorização do autor.

Além disso, como argumentamos, a biblioteca é sempre inadequada ao desejo conforme Barthes (2004), e nunca poderá disponibilizar todos os livros buscados, fazendo com que os leitores recorram à pirataria. Logo, há um paradoxo, em que o autor fica mais conhecido quando as pessoas pirateiam os seus livros para ler, mas ao mesmo tempo, acaba prejudicado por ter seus direitos autorais violados. Todavia, não podemos culpabilizar os leitores, que, devido às dificuldades de acesso à leitura, acabam recorrendo a essa solução, no mínimo antiética, sendo um problema que precisa ser pensado coletivamente a fim de que a leitura seja priorizada diante disso tudo.

Outra questão relevante quanto ao acesso aos textos no meio digital, refere-se aos instrumentos necessários, pois o leitor também precisará de condições financeiras favoráveis, afinal, não são todos os leitores que têm um computador, *notebook*, celular

e Internet, que permitam navegar por textos literários de forma rápida, ou mesmo fazer o *download* devido à memória limitada para armazenamento. Nesta esteira, dentre os suportes de livros digitais, há também um exclusivo para a leitura de textos, que é o leitor digital. Esse termo é utilizado para definir os dispositivos criados especialmente para portar textos e permitir a leitura. Há muitos leitores digitais disponíveis atualmente, e estes evoluíram conforme os avanços das tecnologias. Como exemplo, podemos citar o leitor digital denominado *Kindle*, que teve sua primeira versão lançada em 2007 pela *Amazon*, nos Estados Unidos. Naquele momento o dispositivo conseguia armazenar 200 livros, por isso se destacou entre os leitores digitais. Posteriormente, o dispositivo foi sendo aperfeiçoado e teve novas versões lançadas. Em 2023, o *Kindle* encontra-se na sua terceira versão e apresenta muitas funcionalidades.

Sendo assim, verificamos que há diversas formas de acessar os livros e que os leitores escolherão aquela que melhor atende às suas necessidades, considerando aspectos financeiros e afetivos. Isso nos leva a pensar sobre a composição da biblioteca pessoal do leitor, seja ela em formato físico ou mesmo virtual, afinal, os livros que compramos, ganhamos, achamos, costumamos guardar em algum lugar, normalmente em uma prateleira à mostra. De acordo com Chartier (2001, p. 90-91), “Na tradição, o livro é decoração; e a biblioteca, sinal de um saber ou de poder [...]”.

No caso do digital, fica a dúvida se o armazenamento de um texto na memória de um aparato tecnológico tem o mesmo valor simbólico que um livro físico para os leitores. Ao considerar os leitores autênticos desta pesquisa, observamos que o fato de exibir um livro físico, seja numa prateleira, ou mesmo numa bancada, serve como um lembrete da leitura que deve ser realizada, o que não acontece com o texto no dispositivo digital, que, se for fechado, só será visualizado novamente se for buscado.

Há ainda casos em que o livro físico é exibido como símbolo de *status* e conhecimento. Como exemplo podemos mencionar o caso, destacado pelo G1 (2022), de um desembargador que no ano de 2022 usou um fundo falso real com a imagem de uma estante repleta de livros, mas que caiu durante uma reunião remota aberta ao público, tornando-se viral nas redes sociais. Embora o desembargador tenha apresentado os seus motivos para fazê-lo, tal como preservar a sua privacidade ou mesmo a impossibilidade de apresentar sua biblioteca real atrás do seu local de trabalho, não há como negar que a escolha justamente por uma imagem de livros foi realizada conscientemente, tendo em vista que esta reflete o prestígio que os exibir

traz ao sujeito. Outro caso, divulgado pelo G1 (2022), é o de uma atriz que comprou 400 livros apenas para decorar sua casa, o que demonstra que possuir livros faz parte de um imaginário que os associa com alguém culto e com credibilidade. Mas, nesses casos, os livros são tratados como meros objetos, como outro qualquer, que não têm o mesmo significado afetivo, tal como os livros que são lidos e posicionados pelos leitores de acordo com a sua importância.

Diante disso, fica evidente que muitas pessoas apreciam exibir livros, o que é um sinal muitas vezes também de *status* em nossa sociedade letrada. No caso dos livros físicos, isso é feito no seu lar, onde alguns leitores - desconsiderando que algumas pessoas os usam apenas como objetos decorativos - montam uma prateleira para os seus livros, organizando-a de acordo com critérios pessoais. Mas, quando as leituras são feitas no meio digital, muitas vezes, se perdem entre tantos arquivos que são baixados, lidos on-line ou esquecidos em uma pasta qualquer.

Nesse sentido, podemos mencionar que já há uma plataforma para exibir as leituras no meio digital, que é o *Skoob*, onde indica-se que “Somos a maior rede social do Brasil criada especialmente para quem ama ler. Junte-se aos mais de 9 milhões de leitores e compartilhe experiências literárias”. Segue um exemplo do perfil de uma usuária:

**Figura 4 – Perfil de um usuário do Skoob**

**skoob** Busque por título, autor, editora, ISBN... Explorar

São Paulo - SP

LIDOS **398** LENDO **2** QUERO LER **203** RELENDO **0** ABANDONEI **0** RESENHAS **67** **89.644** paginômetro

Favoritos 56 Tenho 323 Desejados 64 Emprestados 0 Troco 0 Meta 32

"Vivia nos livros mais que em qualquer outro lugar." (O Oceano no Fim do Caminho, Neil Gaiman)

Falo sobre minhas leituras lá no IG: [REDACTED]

Minhas Leituras 2023

PUBLICIDADE

Meta de Leitura 2024 Lidos 3 de 32 (9%) 1.57 de 9.99 páginas (ritmo: 65 por dia)

O homem da areia Benjamin Sabatini MANNAC ANNE FRANK

estou lendo O Homem de Areia 10 horas atrás

O homem da areia me parece o conto mais representativo do maior autor fantástico do século XIX, o mais rico de sugestões e o mais forte em valor narrativo. A descoberta do inconsciente ocorre precisamente aqui, na literatura romântica fantástica, quase cem anos antes q

Fonte: Skoob (2024).

Ao criar o seu perfil na plataforma *Skoob*, o leitor a preenche com vários dados pessoais e de suas leituras. Dentre eles há a aba “Estante”, na qual se destacam todos os livros lidos, sua leitura atual, o que almeja ler, quais livros foram relidos ou abandonados. Até mesmo o progresso de uma leitura atual pode ser exibido, o que gera um cálculo de quantas páginas são lidas em média por dia ou que foram lidas no total, exposto na aba “Paginômetro”. O leitor ainda pode estabelecer uma meta de leitura anual, indicando quais e quantos livros pretende ler e em quanto tempo. Outra função oferecida é a avaliação do livro, seja esta por meio de uma simples categorização de zero a cinco estrelas ou mesmo deixando um comentário sobre ele, ou uma resenha.

De forma geral, parece-nos que os dados são em sua maioria numéricos, quantificando o leitor pelo tanto de títulos ou páginas que leu, bem como o próprio livro é quantificado, ao ser avaliado com base em cinco estrelas. A avaliação qualitativa do conteúdo de uma leitura fica restrita ao espaço destinado às resenhas, nas quais os leitores costumam emitir suas opiniões e compartilhar com outros usuários. Essas funções parecem indicar uma forma de o leitor controlar sua trajetória,

sistematizando-a em números, ou, talvez, para alguns até como um diário de leitura, no qual conseguem reunir dados dos livros lidos ou almeçados, e até mesmo escrever resenhas com suas impressões sobre ele.

Entretanto, ao transformar suas leituras em números, consideramos que isso instiga o indivíduo a ler em quantidade a fim de sustentar um certo *status* na cultura letrada, sob uma lógica de mercado, bem como comparar-se com outros usuários, uma vez que por ser uma rede social, há opção de encontrar e adicionar pessoas, bem como ser seguido. Além disso, o leitor deixa dados relevantes públicos sobre seus hábitos e gostos de leitura, deixando-o vulnerável à atuação dos algoritmos, que utiliza esses dados para fornecer indicações personalizadas de obras que podem lhe interessar visando muitas vezes ao consumo de livros, e não de fato a sua leitura. Isso é algo que a própria plataforma faz, uma vez que destaca para os seus usuários os livros mais comentados.

Por outro lado, a plataforma também pode ser utilizada não só para a exibição pública de suas leituras, mas também como uma forma de criar uma memória leitora com o auxílio das ferramentas virtuais. Isso é relevante especialmente para os livros lidos na tela, pois diferentemente dos livros físicos expostos na prateleira, vistos sempre que o indivíduo passa por ela, os livros digitais, muitas vezes, são armazenados em pastas que podem nunca mais serem abertas, caindo no esquecimento desse leitor, ou perdendo-se entre os milhares de arquivos que possui. O livro físico, por sua vez, por ocupar um espaço real no ambiente, mesmo que esquecido no fundo de um baú, um dia, talvez em uma mudança de casa, será visto novamente. A esse respeito, Alberto Manguel (2018) conta sobre o ato de desempacotar seus livros ao se mudar para a França:

Enquanto descaixotava os livros na remota tarde que me devolveu a passagem de Kingsley, a biblioteca vazia começou a se encher com palavras desencarnadas e os fantasmas de pessoas que conheci e me guiaram por bibliotecas mais vastas que a de Alexandria. [...] Ali estava um livro de bolso com trechos selecionados de Tennyson em que, aos doze anos, li pela primeira vez “Tithonus”, sublinhando as palavras que não entendia antes de decorar o poema. Lá estava, de Lucrecio, *De rerum natura* coberto de anotações a lápis feitas nas aulas de latim. Lá estava uma tradução em espanhol do livro *Da Guerra*, de Clausewitz, que pertencera a meu pai, encadernado em couro verde e sem as primeiras linhas das páginas cortadas. [...] Tais encontros ocorreram muitas vezes durante os meses felizes que passei em meio às pilhas de volumes desenterrados (Manguel, 2018, p. 31-32).

O relato de Manguel (2018) expressa um pouco das memórias que os livros físicos evocam no leitor, pois guardam marcas das leituras realizadas por nós ou por outros, como no caso das anotações que são retomadas ao abrir um mesmo livro novamente, ou o marcador de páginas esquecido por outros dentro dele. Ademais, evocam memórias das pessoas que nos presentearam com a obra, ou de seus antigos donos, especialmente quando adquiridos em sebos. Enfim, os livros físicos, ao poderem ser manipulados, simbolizam bem mais do que as histórias que contêm, mas também representam uma história de aquisição, posse e leitura da obra, que muitas vezes ficam esquecidas e precisam de algo que nos leve a recordá-las, como no caso de uma mudança para outro local.

Todavia, é inegável que na era do digital observamos que a biblioteca pessoal do leitor é cada vez mais mental do que espacial ou geográfica. A esse respeito, temos as considerações de Ribeiro (2017), para quem:

O bibliógrafo digital tem seu acervo mais velado do que revelado; precisa de sua própria memória para conseguir encontrar os fios que o levam aos textos ou aos livros que deseja ler. Tratará de guardar o que lhe importa em um equipamento que se desliga, tornando sua biblioteca em um ícone fora do campo de visão. Uma biblioteca apagada, mas em potência, ao menos até a próxima incompatibilidade operacional (Ribeiro, 2017, p. 125).

Para Ribeiro (2017), o bibliógrafo digital é alguém que agora organiza o seu acervo usando ferramentas digitais, por isso não consegue vê-lo por completo, bem como não tem a certeza de que estará onde estava hoje, uma vez que pode se perder se o seu dispositivo de armazenado estragar, por exemplo.

Consideramos que eleger o formato do livro também tem implicações afetivas. Para compor a nossa biblioteca pessoal, seja aquela física que temos em casa, ou aquela virtual em uma pasta criada em um dispositivo móvel, criamos critérios próprios, que implicam até mesmo o formato que essa obra terá. Se for um livro querido e marcante, é possível que o leitor queira mantê-lo perto de si em uma obra física, talvez, até em uma edição chamativa e bonita, dispensando o seu árduo dinheiro nisso. Mas, se for uma obra que será lida para atender a uma demanda externa, para um fim meramente escolar, talvez tê-la apenas no seu dispositivo móvel seja suficiente. Há também aqueles livros que se empresta de alguém ou da biblioteca, mas que o leitor gosta tanto que opta por guardá-la consigo, para além da sua mente, fisicamente ou por meio de um *download* em seu celular, trazendo a

sensação de que a experiência de leitura poderá ser acessada novamente quando quiser, quase como o jogo do ‘fort-da’, descrito por Freud (2020).

Vale destacar que o jogo do ‘fort-da’ é uma brincadeira de desaparecimento e surgimento de um objeto que Freud (2020) observou seu neto realizando. O menino, ao brincar com um carretel, segurava o cordão e o atirava, fazendo com que desaparecesse (correspondente ao *fort-da*, do alemão ir embora). Em seguida, puxava o objeto pelo cordão, fazendo com que aparecesse (da, ali). Para Freud (2020), essa cena representa uma encenação das partidas e retornos da mãe, com as quais a criança estaria tentando aprender a lidar, uma vez que nessa brincadeira, assume-se um papel ativo, simbolizando a presença e a ausência.

Fica claro que o livro é um lembrete simbólico de como aquela leitura aconteceu, repleta de afeto, então, mantê-lo é significativo para o leitor. A esse respeito, podemos citar o relato de Lydia Bojunga (2004) sobre sua relação com o livro do escritor Rilke: “A essas alturas, ele [o livro] já estava anotado e conversado em tudo que é margem [...] mesmo com o livro todo despencado, não tem sociedade de consumo que convença a gente de jogar ele fora e comprar um outro novo. Não! A gente quer é aquele. Vivido com a gente” (Bojunga, 2004, p. 39). Logo, ela cita outro episódio com o seu livro do Rilke, que ao levá-lo para ler na praia com o seu namorado, acabou acontecendo um acidente e o livro caiu no mar, e naquele momento o seu parceiro disse: –“Calma, calma, a gente compra outro Rilke. – Eu não quero outro Rilke, eu quero aquele que tá lá!”. (Bojunga, 2004, p. 41). Sua fala deixa claro que não é apenas o conteúdo do livro que importa, mas o seu formato e sua posse também, pois simboliza a leitura realizada e se torna objeto de afeto para o leitor.

Thompson (2021) também apresenta considerações interessantes sobre a diferença entre os livros que o leitor deseja possuir apenas para consumir seu conteúdo, e aqueles que o leitor quer conservá-lo consigo. Nos casos descritos por Bojunga (2004), observamos que, para ela, ler os livros de Rilke não era suficiente; era necessário mantê-los próximos. Aquela edição específica continha suas anotações e marcas de leitura, elementos que funcionam como uma memória daquela experiência, que provavelmente seria diferente em uma eventual releitura. Thompson (2021, p. 57) defende que:

[...] existem alguns livros que os leitores querem possuir, guardar, manter na estante, retornar a eles no futuro, talvez até expô-los na sala de estar como um signifiante, uma marca simbólica de quem eles são e do tipo de livro que eles gostam e valorizam (ou gostariam que os outros pensassem que eles gostam e valorizam). Para o leitor, esses livros têm um valor de posse muito maior. Para livros de baixo valor de posse, o livro digital é ideal: uma vez consumido o conteúdo, o livro digital pode ser deletado – ou simplesmente mantido numa coleção digital em que ele não ocupa espaço físico, apenas uma pequena quantidade de memória.

Então, o leitor, enquanto ser subjetivo, elege os livros que farão parte da sua biblioteca, seja esta com existência digital ou física, pois a escolha por um formato do livro depende de inúmeros fatores, como a sua relação com o texto ou mesmo as possibilidades de adquiri-lo e de espaço para armazená-lo. Para Thompson (2021), os livros físicos passam uma sensação de permanência que falta aos livros digitais.

Por exemplo, como citamos, os dispositivos digitais sofrem alterações, com isso alguns formatos de texto podem deixar de ser reproduzidos em dispositivos novos, arriscando perder-se o acesso ao texto. Isso não acontece com o livro impresso, pois mesmo se a tecnologia mudar, ainda é possível ser lido, emprestado, compartilhado ou presenteado sem nenhuma restrição, diferentemente de um livro digital. No caso de livros digitais comprados na Loja *Kindle*, da *Amazon*, mesmo o leitor pagando pelo texto, não consegue emprestá-lo para outra pessoa, tendo que se submeter às políticas da empresa. Portanto, isso difere da aquisição de livros impressos, dado que o próprio leitor define suas regras de uso.

Nesta subseção discorreremos sobre as diferentes nuances da era digital nos procedimentos de compra, acesso e posse do livro, em seus mais diversos formatos, considerando as implicações para o leitor enquanto ser subjetivo e desejante. Desse modo, a seguir abordaremos outra temática importante para pensar a formação de leitores na contemporaneidade, que é a mediação de leitura diante desse cenário.

### 2.3.2 Mediação de leitura na era digital

*“[...] é sempre na intersubjetividade que os seres humanos se constituem, e suas trajetórias podem mudar de rumo depois de algum encontro”*  
(Petit, 2009, p. 53).

O encontro com mediadores e contato com práticas de mediação de leitura são aspectos significativos para a formação de leitores. Petit (2019), referência no

assunto, expõe que o papel de mediador pode ser assumido por diferentes indivíduos que se dispõem a apresentar o mundo a partir da leitura, deixando-o mais habitável e representável. Esse papel pode ser ocupado por familiares, professores, escritores, artistas, cientistas, bibliotecários, promotores de leitura etc., ou seja, pessoas que entendem que “[...] os humanos têm sede de beleza, de sentido, de pensamento, de pertencimento. Eles precisam de figurações simbólicas para sair do caos” (Petit, 2019, p. 36).

Desse modo, a teórica francesa defende a importância da literatura, seja ela oral ou escrita, para compreensão do mundo que nos cerca, conhecer o outro, encontrar um lugar para si, bem como para “[...] descobrir, não por meio do raciocínio, mas de uma decifração inconsciente, que aquilo que nos assombra, nos intimida, pertence a todos” (Petit, 2019, p. 54). Isto é, a leitura atua no conhecimento de nós mesmos e do outro, tendo em vista que permite “se colocar em sua pele, em seus pensamentos, sem temer seu caos, sem medo de ser invadido, sem se assustar demais com a projeção de sua interioridade em nós” (Petit, 2019, p. 55).

Petit (2019) argumenta que para alguns o contato com a leitura literária e as práticas de mediação inicia-se na infância, quando se tem o privilégio de conviver com familiares que compartilham histórias, recitam cantigas, parlendas ou leem livros em voz alta, ambiente este permeado não apenas por uma relação cognitiva com a leitura, mas afetiva e emocional. Para outros, a atividade leitora ganha vida especialmente a partir da entrada na escola, onde aumentam as chances de encontrar-se com mediadores de leitura, tendo em vista o peso dessa atividade em uma cultura letrada e o papel do ambiente escolar como agenciador de práticas de letramento. Logo, por vezes, é na escola ou na biblioteca escolar onde muitos indivíduos se deparam com mediadores dispostos a dar vida aos livros, bem como estabelecer essa relação afetiva e sensível com eles, aproximando-se do clima familiar.

Independentemente de onde ou quando tenha começado, a mediação de leitura é algo importante ao longo da vida toda, pois, segundo Petit (2019), a transmissão cultural, literária e artística necessita de diversos lugares e agentes, sejam eles familiares, amigos ou profissionais. Para ela, “Da primeira infância à velhice, nossas vidas são inteiramente tecidas com narrativas que ligam elementos descontínuos entre si. Não deixemos nunca de narrar, seja àqueles que nos rodeiam, seja no segredo de nossa vida interior” (Petit, 2019, p. 92).

Enquanto seres sociais, que se formam a partir do encontro com outras subjetividades, mais do que ter acesso ao material escrito, é essencial ter pessoas para dar vida a eles. Logo, a autora defende a relevância de a escola ter mediadores de leitura, uma vez que:

Quando um jovem vem de um meio em que predomina o medo do livro, um mediador pode autorizar, legitimar, um desejo inseguro de ler ou aprender, ou até mesmo revelar esse desejo. E outros mediadores poderão em seguida acompanhar o leitor, em diferentes momentos de seu percurso (Petit, 2009, p. 148).

Para María Teresa Andruetto (2017), os mediadores também se fazem importantes para a leitura de “textos difíceis”, ou seja, daquelas obras literárias que, por vezes, demandam esforços de seus leitores para continuá-las. Isso acontece com leitores experientes, mas, principalmente, com iniciantes, que, ao acharem a leitura muito difícil, sentem que não têm capacidade para fazê-la, ou que seria muito árdua. Nesse contexto, a autora defende o papel da escola no trato com essas leituras, pois pode ajudar os leitores a enfrentarem-nas. Portanto, ela defende que “Tudo que nos leva a lugares novos implica esforço e é pouco provável que uma criança [ou um adolescente] faça isso por si mesma, sem a ajuda de um adulto” (Andruetto, 2017, p. 94).

Nesse sentido, faz-se relevante pontuar que a mediação de leitura também sofreu os efeitos da revolução digital, dos quais apresentaremos alguns nesta subseção.

Iniciamos pelo contexto escolar, espaço onde os professores têm aproveitado as ferramentas digitais para oportunizar a leitura de textos indisponíveis nas bibliotecas escolares, mas acessíveis pela Internet de forma gratuita. Durante a pandemia da Covid-19, vivenciada nos anos de 2020 e 2021, os textos digitais foram essenciais para os docentes continuarem mediando a leitura literária sob o regime do Ensino Remoto Emergencial (ERE). A esse respeito, Batista e Lima (2022) realizaram uma pesquisa com professores de Língua Portuguesa (LP) e bibliotecários sobre o seu trabalho com a leitura literária durante esse período, indicando que houve tentativas de continuá-lo, implicando em mudanças significativas, afinal:

As atividades de incentivo e exercício da leitura baseadas em um espaço-tempo da escola, cujos vínculos se davam por um contato físico do corpo do indivíduo com o corpo do livro impresso, entre a voz e os ouvidos do professor

e dos estudantes, agora se desfazem em fios e redes que sintetizam tudo em emissões emolduradas pela bidimensionalidade das telas de celulares, tablets e/ou computadores. A roda de leitura parece não mais fazer sentido, já que não é possível alterar as configurações do espaço, como antes fazíamos nas salas de aula, para que nos ponhamos em círculo – figura impossível nos enquadramentos das telas. As barulhentas idas à biblioteca, pequenos passeios pelos corredores da escola, agora se operam solitárias e a partir de um ou dois cliques sobre um ícone qualquer na tela. Até fingir a leitura, postando-se com o livro diante dos olhos para “fazer tipo” ao controle da bibliotecária, torna-se, então, prática inoperante. Perdem-se o tempo, o espaço e o imaginário da leitura e de suas práticas na escola (Batista; Lima, 2022, p. 146).

Diante disso, os profissionais (re)pensaram suas práticas de mediação e as adaptaram para o meio digital, enfrentando diferentes obstáculos não só técnicos, mas também materiais, uma vez que naquele período as bibliotecas digitais não eram ainda tão populares entre as instituições de ensino, especialmente as públicas. Logo, os docentes foram os principais responsáveis por possibilitarem acesso aos textos de forma gratuita, seja por meio do compartilhamento de textos digitais ou digitalizados, muitas vezes, obtidos de forma ilegal, ou indicação de sites legalizados, como o *Domínio Público*. Desse modo, Batista e Lima (2022, p.154) argumentam que “além de aprender a utilizar novos recursos e pensar em novas estratégias de como atuar, os profissionais precisaram, primeiramente, resolver a questão do material [...]”, para só depois pensar na mediação efetiva.

A chegada das TDICs alterou as práticas sociais, o que reflete também nas práticas de leitura. Chartier (2020) afirma que a pandemia acentuou ainda mais a nossa vivência com as telas, pois nesse período passamos a utilizá-las para diferentes fins, como trabalhar, comunicar-se, comprar, ler textos etc. Portanto, é evidente que as ferramentas tecnológicas e a navegação pela Internet fazem parte de várias atividades cotidianas dos indivíduos, sejam aquelas destinadas ao lazer, como conferir as novidades nas redes sociais, ou mesmo ao mundo do trabalho, como enviar e-mails ou realizar reuniões remotas.

Outra mudança significativa ligada ao contexto digital refere-se ao fato de que o papel de mediador não é mais ocupado apenas por profissionais da educação, como professores e bibliotecários, pois com o avanço das tecnologias surge um novo promotor de livros, os influenciadores digitais. Trata-se de indivíduos que divulgam a leitura em diferentes espaços virtuais, como blogs, canais no YouTube e redes sociais, como *Instagram*, *TikTok*, *Twitter* (ou X), *Facebook* (ou Meta) etc., ganhando diferentes denominações, a depender da comunidade virtual de que fazem parte.

Nesse sentido, denominam-se *bookstagramers* aqueles que utilizam a rede social *Instagram* para falar sobre livros e leitura, na qual predomina o uso de imagens e vídeos; *Booktubers*, aqueles que têm canais no YouTube, plataforma utilizada para o compartilhamento de vídeos; *Booktokers*, aqueles que recorrem à rede social *TikTok*, na qual predomina o compartilhamento de vídeos curtos.

Para Lluch (2017), os *booktubers*<sup>6</sup> comentam e indicam livros na Internet e criam comunidades de leitores, nas quais há espaço para comunicação, conversa social, sendo, ao mesmo tempo, um espaço de relações, de jogo e de diversão. Trata-se de uma prática que faz com que a leitura deixe de ser um ato privado, silencioso e individual, e passe a ocupar um ambiente que une livros e amigos, histórias e conversas, leitura e diversão, que coloca a leitura novamente como um ato público e compartilhado. Para a pesquisadora, isso é algo relevante para os adolescentes, pois têm a possibilidade de encontrar na Internet aquilo que muitas vezes não há na sua escola ou na vizinhança, que são outros jovens que também gostam de ler. Isso é importante na medida em que é comum que a juventude busque encaixar-se no mundo, o que implica pertencer a um grupo (Petit, 2009). Portanto, as práticas de compartilhamento, mesmo que em meios virtuais, têm o seu valor para os jovens. A esse respeito, João Luís Ceccantini (2009, p. 224) expõe que:

No âmbito da leitura, em oposição à atitude do leitor isolado e contemplativo, fruindo sua obra serenamente numa doce solidão, podem ser tomados como exemplos significativos de práticas de leitura vinculadas à ideia de sociabilidade, fenômenos contemporâneos como os fanfictions, as séries ou mesmo determinados blogs, que têm na Internet seu suporte básico, ainda que presumem a leitura prévia de obras por vezes calhamaçudas (como Harry Potter ou o Senhor dos Anéis). São demonstrações concretas dessa necessidade que os jovens têm hoje de explorar até mesmo o universo da literatura de uma forma que implique interação permanente entre pares (Ceccantini, 2009, p. 224).

Sendo assim, a cultura digital propiciou que muitos leitores encontrassem na Internet um espaço para compartilhar, escrever, falar dos livros, encontrar-se com autores, formando uma comunidade de leitores autêntica, tornando a leitura uma atividade social. Isso é relevante na medida em que supre a necessidade que muitos leitores têm em compartilhar suas leituras com os outros e recomendá-las, conforme

---

<sup>6</sup> O *BookTube* é um segmento de vídeos publicados na plataforma YouTube, que surgiu em 2011, nos quais os criadores de conteúdo abordam temas sobre livros e literatura. Desse modo, por centrarem-se na produção de conteúdos sobre o meio literário, esses, até então Youtubers, passaram a receber o nome de *booktubers*.

Annie Rouxel (2013) e Teresa Colomer (2007). Para Rouxel (2013, p. 73), a vontade de recomendar “[...] um livro é mais conscientemente o prazer altruísta do compartilhamento, de não deter sozinho o segredo, do que o ato de reconhecimento de uma obra”.

Nessa perspectiva, Colomer (2007) afirma que a leitura compartilhada é a base da formação de leitores. Citando o modelo do teórico Chambers, a pesquisadora expõe que a prática da leitura compartilhada consiste em compartilhar o entusiasmo, a construção de significado e as conexões que os livros estabelecem entre eles. Para ela, essa prática favorece a formação do gosto e o julgamento da leitura, pois as discussões atingem os alunos, além de ser um espaço privilegiado para construir os sentidos da obra e viabilizar o seu entendimento. Dialogando com essa ideia, Petit (2009, p. 43) afirma que:

Ao compartilhar a leitura, [...] cada pessoa pode experimentar um sentimento de pertencer a alguma coisa, a esta humanidade, de nosso tempo ou de tempos passados, daqui ou de outro lugar, da qual pode sentir-se próxima. Se o fato de ler possibilita abrir-se para o outro, não é somente pelas formas de sociabilidade e pelas conversas que se tecem em torno dos livros. É também pelo fato de que ao experimentar, em um texto, tanto sua verdade mais íntima como a humanidade compartilhada, a relação com o próximo se transforma. Ler não isola do mundo. Ler introduz no mundo de forma diferente. O mais íntimo pode alcançar neste ato o mais universal.

Sendo assim, percebemos que alguns desses aspectos da leitura estão sendo amplamente acessados não apenas para a formação de leitores na escola, mas também pelos agentes virtuais. Assim como as diferentes plataformas e redes sociais podem gerar distrações aos jovens, bem como ocupar a maior parte do tempo destinado ao lazer e entretenimento, estas também podem propiciar que leitores de diferentes lugares se encontrem e compartilhem suas experiências leitoras. Então ao mesmo tempo que temos uma preocupação com a queda no número de jovens leitores, temos novas práticas leitoras surgindo, o que os leva a encontrar um círculo de pertencimento e cultivar a leitura fora das telas, o que também é uma das possibilidades das plataformas citadas na subseção anterior, como *Skoob* e *Wattpad*.

Entretanto, apesar de os influenciadores digitais serem benéficos para o engajamento de alguns jovens com a leitura, sendo uma opção a mais, a mediação no contexto escolar continua sendo o elemento mais importante. Primeiramente, muitos influenciadores digitais não têm formação na área, atuando apenas pelo seu gosto pela atividade. Apesar de este ser um ponto crucial, para qualquer pessoa que

se coloca como mediadora, isso não basta para formar um leitor, afinal, é preciso conhecer também procedimentos metodológicos e analíticos para trabalhar com a literatura.

Ademais, muitos influenciadores, que escolhem o nicho do livro, o fazem pela possibilidade de sustentar-se com essa atividade, o que inclui, por vezes, submeter-se a alguns processos, sendo um deles promover o consumo, inclusive de livro, a partir de publicidades patrocinadas, sejam por editoras, livrarias, autores, lojas de departamento etc. Nesse sentido, é possível que o influenciador divulgue determinados livros apenas pelo que lucrará com eles, e não pensando na formação literária do seu público, ou mesmo no incentivo à leitura.

No caso dos *Booktubers*, especialmente aqueles que já se consolidaram no meio, além de ganharem dinheiro com as visualizações na plataforma YouTube, também firmam parcerias com clubes de livros, editoras, autores independentes, filiações com sites que vendem livros, permuta (o editor manda o livro de forma gratuita para os *Booktubers*, que o divulgam sem cobrar), vendem a sua influência ou espaço publicitário do seu canal etc. Logo, assim como os influenciadores digitais, muitos divulgadores da literatura também fazem publicidade para monetizar, o que, muitas vezes, é necessário para continuar produzindo conteúdo, dado que é uma profissão para muitos, e não apenas um hobby ou uma ação cultural.

Outro ponto que merece atenção refere-se ao fato de que as “parcerias” estabelecidas com editoras estão impactando o trabalho de jornalistas e profissionais da área de Letras, conforme Thaís Silva, Maria Almeida e Lilian Gomes (2020). Antes esses profissionais qualificados eram contratados para discorrer sobre as obras, indicando suas características e qualidade, mas ao passar esse papel para os *Booktubers*, pode nos levar ao questionamento sobre sua formação para tal, ou se emitem uma opinião sincera, para além da motivação monetária, respeitando princípios éticos, talvez.

Portanto, não há como negar que os *Booktubers* “São figuras importantes no cenário literário, que interferem nos processos do mercado, especialmente nos livros voltados para jovens, para quem esses produtores voltam seu conteúdo (Silva; Almeida; Gomes, 2020, p. 416). Desse modo, o jovem não tem mais como referência de leitura a escola, seu círculo de amigos ou familiares, mas também os influenciadores digitais presentes em diferentes plataformas, o que nos leva a considerar que a formação de leitores na contemporaneidade tem que

instrumentalizá-los também sobre os vieses que estão por trás de quem divulga livros pelas redes sociais.

Diferentemente dessa lógica de consumo, os mediadores que habitam a escola e outros espaços institucionais, muitas vezes, estão preocupados com a qualidade dessas leituras, indo dos textos mais digeríveis até os mais complexos. Isto é, a leitura literária, normalmente, nesses espaços não é tratada apenas como entretenimento ou o livro como uma mercadoria a ser consumida, mas como obras de artes enriquecedoras em diferentes aspectos, dentre eles compreender melhor a si mesmo, o outro, o mundo ao seu redor, enfim, ampliar seu universo, imaginar outros modos de viver (Candido, 2004). Dessa forma, enquanto os influenciadores digitais podem fornecer recomendações de leitura, muitas vezes, questionáveis, a mediação no contexto escolar, com finalidade formativa, continua sendo fundamental para garantir que os alunos tenham acesso a uma variedade de textos, e que sejam de qualidade, a partir de procedimentos metodológicos e analíticos.

Sendo assim, a mediação de leitura na escola, enquanto agência de letramento, precisa considerar as mudanças dos últimos anos e instrumentalizar os sujeitos para lidar com elas, tal como as implicações de selecionar um texto para leitura a partir da recomendação de um influenciador digital, por exemplo.

O ensino de literatura acontece, não exclusivamente, mas principalmente na escola. Como a escola não está separada da sociedade, mas é influenciada por ela, pensar o trabalho com a literatura atualmente envolve refletir também sobre as tecnologias que envolvem sua produção, circulação e acesso. Logo, consideramos que as transformações sociais interferem na formação de leitores.

Diante de um contexto digital, cabe à escola formar um leitor hábil, capaz de ler diferentes textos, em suportes diversos, bem como com a capacidade de selecioná-los e buscá-los de acordo com suas demandas, desejo e subjetividade. Aprender a ler em suportes diversos auxilia o aluno a encontrar meios de acessar um texto que quer, seja por meio de uma biblioteca ou um PDF digital. Em um país tão desigual quanto o nosso, quanto mais possibilidades o leitor tiver, melhor para a democratização da leitura.

Mas não podemos esquecer de formar leitor para navegar no “labirinto” que pode ser a *web*, para que consiga traçar seus próprios caminhos visando alcançar seus objetivos. Isso mostra o papel do professor enquanto um “guia” desse alunado, até que possa fazer o percurso sozinho e com autonomia. Assim como para encontrar

livros recorremos à indicação de alguém, também nos deparamos com textos digitais, sites, vídeos etc., que nos colocam na posição de leitores críticos, muitas vezes, por indicação de alguém, talvez por outros meios também digitais, uma publicação em redes sociais, uma indicação de um *booktuber*, bem como uma indicação de um professor querido em sala de aula presencial ou virtual.

Diante disso, nesta pesquisa, consideramos que mesmo que hoje o acesso à leitura literária tenha sido facilitado, a mediação continua em voga como elemento importante na formação de leitores. Sendo assim, a escola como um espaço em que os alunos podem encontrar mediadores, como bibliotecários e professores, continua essencial, pois esses profissionais podem auxiliar na seleção dos textos para a sala de aula, ou mesmo aqueles que ocupam as prateleiras da biblioteca. E no universo digital, novas tarefas surgem para esses mediadores, tais como apresentar sites que dão acesso gratuito a livros, ou aplicativos, *softwares*, tecnologias que ajudam a dar conta da complexidade inerente ao ato de ler. Até mesmo oportunizar conversas sobre os livros, que pode ser em sala de aula ou em espaços virtuais criados para tais fins. Ou ainda auxiliar os estudantes a identificar as mensagens implícitas na divulgação de livros, realizadas por diferentes agentes, especialmente nas redes sociais, ou da atuação nos algoritmos em suas escolhas de leitura. Isto é, a escola precisará formar leitores para circular nos ambientes virtuais criticamente.

Entretanto, é notório que muitos profissionais não têm preparação para tal, o que deixa clara a necessidade de pesquisas como esta mostrarem pontos importantes a serem inseridos nos cursos de formação docente, tanto inicial quanto continuada. Afinal, esses profissionais precisarão ensinar a ler em diferentes suportes na era digital, contribuindo para a formação de um leitor cada vez mais versátil e autônomo. Assim como os leitores, identificamos que os mediadores também precisarão desenvolver habilidades técnicas (Márquez Hermosillo; Valenzuela González, 2017) para lidar com a leitura em diferentes suportes, a fim de se colocarem como leitores mais experientes e auxiliarem os estudantes, sendo que isso deve ser pauta em sua formação.

### 3 METODOLOGIA

A pesquisa apresentada nesta tese é de natureza exploratória, que, segundo Antonio Carlos Gil (2024, p. 26), busca “[...] desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses a serem testadas em estudos posteriores.” Logo, propicia ter uma visão geral a partir do levantamento bibliográfico e da coleta de dados.

Nessa perspectiva, como fontes de informação, optamos por realizar uma pesquisa de campo. Por isso, o projeto de pesquisa foi submetido à Plataforma Brasil e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), sob o número CAAE 54533721.2.0000.5231 (ANEXO A), tendo sido também submetido e aprovado pela Secretaria Estadual de Educação do Paraná, no Núcleo Regional de Londrina. Além disso, conta com a anuência da direção de todos os colégios participantes (ANEXO B).

Diante disso, escolhemos como técnica para coleta de dados a análise instrumental, uma vez que recorreremos à aplicação de questionário e entrevista, pois enquanto o primeiro instrumento nos permite alcançar um número maior de participantes, o segundo é propício para tratar de temas pontuais e aprofundar algumas questões.

O questionário (APÊNDICE A), composto por perguntas abertas e fechadas, visou entender brevemente o perfil dos participantes desta pesquisa, bem como suas relações com a leitura literária em diferentes suportes. Para isso, elaboramos questões que nos permitem identificar o que os jovens leem e em quais suportes, considerando suas preferências, motivações e mediadores.

No segundo momento, recorreremos à entrevista com alguns leitores, selecionados com base nas respostas obtidas no questionário. Para Gil (2021), a entrevista é uma das técnicas de coleta de dados mais importantes na pesquisa qualitativa, pois é um instrumento muito flexível e permite obter dados com maior profundidade, já que os participantes revelam suas crenças, sentimentos e valores, bem como “[...] penetra diretamente na fonte de informação, possibilitando a compreensão do fenômeno sob a perspectiva dos participantes.” Portanto, consideramos que a entrevista é uma técnica rica para compreender o fenômeno da leitura literária nos diferentes suportes.

Dentre as modalidades de entrevista, elegemos a entrevista semiestruturada

(APÊNDICE B), para a qual elaboramos previamente algumas questões apresentadas aos participantes, sem oferecer alternativas de resposta. Logo, deixamos os entrevistados falarem livremente, intervindo minimamente. A respeito da condução da entrevista, esta foi realizada de forma tradicional, ou seja, face a face com cada entrevistado de forma individual, sendo gravada em áudio e transcrita posteriormente pela pesquisadora.

Em relação ao tratamento e análise de dados, realizamos uma pesquisa com abordagem qualitativa, em que faremos a interpretação dos dados coletados. A esse respeito, Gil (2024) expõe que as pesquisas qualitativas se referem àquelas que produzem resultados que não são obtidos por outros meios, tal como apenas pela quantificação. O pesquisador busca interpretar os dados e organizá-los de modo explicativo, a fim de entender como as pessoas atribuem significados às suas experiências, ou seja, não é apenas o pesquisador que o faz.

Nesse sentido, o procedimento foi conduzido pela análise documental, ou, segundo denominação de Augusto Triviños (1987, p. 159-160), “método de análise de conteúdo”, que se define em “um meio para estudar as ‘comunicações’ entre os homens, colocando ênfase no conteúdo “das mensagens”, estas, no que lhe concerne, são privilegiadas em sua forma escrita por se constituírem de uma estabilidade que oportuniza ao pesquisador voltar a elas todas as vezes que desejar ou precisar. Exatamente como se configuram as respostas dadas ao referido questionário on-line e as entrevistas gravadas em áudio e transcritas.

Ademais, para melhor organização dos dados, decidimos recorrer à Análise Textual Discursiva (ATD) (Moraes; Galiuzzi, 2011), que possibilita elencar categorias a partir dos dados apresentados. A categorização é uma etapa da ATD, na qual categorias são criadas para reunir dados que apresentam semelhanças. As categorias surgem a partir da interpretação dos dados e significados atribuídos pela pesquisadora. Esse movimento auxilia no estabelecimento de uma ordem para a apresentação e discussão de resultados. Para Roque Moraes e Maria do Carmo Galiuzzi (2011, p. 23), “as categorias constituem os elementos de organização do metatexto que se pretende escrever. É a partir delas que se produzirão as descrições e interpretações que comporão o exercício de expressar as novas compreensões possibilitadas pela análise”.

Assim sendo, destacamos alguns recursos utilizados para as análises. Para identificar no corpo do texto as falas dos participantes, utilizamos aspas e fonte em

itálico e para trechos mais extensos, além disso, adicionamos um recuo de 4 cm. E o sinal [...] para indicar que houve um recorte em suas falas, bem como [ ] para marcar as inserções realizadas pela pesquisadora a fim de complementar o trecho selecionado, deixando-o mais claro para os leitores desta pesquisa. Empregamos, ainda, o negrito nesses registros para dar destaques em partes relevantes.

Vale destacar que nas questões abertas presentes no questionário on-line, observamos haver muitos erros ortográficos, ausência de pontuação, abreviação de palavras e desconsideração do uso de maiúsculas no início das frases, talvez, isso se justifique pelo próprio suporte utilizado para respondê-lo, majoritariamente seus próprios celulares, em que é difícil digitar ou identificar esses desvios. Mas, como não é o foco desta pesquisa a produção escrita dos estudantes, e sim o conteúdo delas, a fim de não atrapalhar a fluidez do texto, fizemos pequenas correções para torná-las legíveis, sem alterar o significado.

Diante disso, a seguir detalhamos todas as etapas desta pesquisa, considerando as instituições escolares selecionadas e público-alvo.

### 3.1 PESQUISA DE CAMPO

A pesquisa de campo ocorreu em cinco escolas da região central da cidade de Londrina-PR<sup>7</sup>, no ano de 2022, contando com a participação de estudantes dos terceiros anos do Ensino Médio Regular<sup>8</sup>.

A escolha pelas escolas centrais se deve ao público que elas recebem, sendo normalmente composto por estudantes que moram próximos da instituição, o que indica terem um melhor poder aquisitivo, conseqüentemente recursos para comprar dispositivos digitais, por exemplo. Além disso, é comum que indivíduos de outras localidades busquem pelas instituições de ensino localizadas no centro da cidade por serem consideradas “melhores”, fazendo com que obtenhamos um conhecimento

---

<sup>7</sup> Nesta cidade, enfatizamos haver quatro sebos amplamente conhecidos e mais de 15 livrarias, dentre elas algumas dedicadas a setores específicos, como livros acadêmicos e/ou religiosos. A grande maioria desses estabelecimentos está localizada na região central da cidade e nos shoppings. Portanto, diferente de outras localidades, caso o leitor deseje, tem algumas opções para realizar suas compras em livrarias físicas ou sebos.

<sup>8</sup> É importante destacar que os participantes desta pesquisa cursaram todo o Ensino Médio na modalidade regular, uma vez que a implementação do Novo Ensino Médio começou de forma gradativa no ano de 2022, iniciando com as turmas dos 1º anos.

razoável do grupo focado. Isso ocorre por diferentes motivos, como a percepção de que as escolas centrais oferecem uma melhor infraestrutura, recebem mais recursos governamentais, têm atividades extracurriculares mais diversificadas etc.

Sendo assim, evidenciamos que todos os cinco colégios são antigos na cidade de Londrina-PR, fundados entre os anos 1937 e 1967. Trata-se de instituições de grande porte, que atendem principalmente às etapas do Ensino Fundamental II e Ensino Médio. Todos têm muitos alunos matriculados, com mais de 1.000 cada um, distribuídos nos três períodos, matutino, vespertino e noturno. Contudo, o Ensino Médio, etapa enfocada nesta pesquisa, é ofertado normalmente pela manhã e à noite nas instituições. A respeito das infraestruturas, além de salas de aulas amplas, todos contam com uma biblioteca escolar na unidade.

Dentre essas instituições, destacamos algumas particularidades. Por exemplo, por estar localizado próximo ao terminal rodoviário central, o Colégio 2, apresenta-se de fácil acesso, fazendo com que receba estudantes de diferentes localidades, inclusive de cidades vizinhas. O Colégio 3, é conhecido por sua ampla oferta de cursos técnicos e profissionalizantes, atraindo estudantes por isso. Já o Colégio 4, diferente dos demais, é o único que abrange todas as etapas de ensino, desde a Educação Infantil até o Ensino Médio. Diante disso, está localizado em três endereços, sendo o Ensino Médio atendido apenas no período matutino na unidade da região central. Trata-se de uma instituição com convênio entre uma universidade pública e o governo de estado, mediado pela SEED, o que configura a cessão de funcionários.

A opção pelos alunos especificamente do terceiro ano do EM se deu a partir da nossa consideração de que, nessa série, os jovens estão em contato constante com textos literários devido a diversos aspectos. Primeiramente, no EM foca-se muito na literatura brasileira, composta por obras amplamente divulgadas, que estão disponíveis em meios digitais para leitura on-line ou *download*. Além disso, o último ano do EM é um momento em que os estudantes estão decidindo o seu futuro acadêmico e profissional, o que envolve continuar os estudos em uma universidade, ou entrar para o mercado de trabalho. No caso da primeira opção, os discentes prestam os vestibulares, que exigem a leitura de algumas obras literárias, dentre estas, percebemos que muitas são conhecidas e que já se tornaram de domínio público, pois a proteção de direitos autorais expirou, por isso facilmente encontradas na Internet.

Após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), Secretaria Estadual

de Educação do Paraná, no Núcleo Regional de Londrina e direção das cinco instituições, comparecemos às cinco instituições para planejar a coleta de dados nas escolas selecionadas. Nesse momento, a pesquisadora se apresentou à equipe gestora, explanando sobre sua pesquisa, que a direcionou aos pedagogos responsáveis pelas turmas dos terceiros anos do EM. A partir disso, os pedagogos nos encaminharam para a conversa individual com algum professor das turmas eleitas, sendo a maioria deles responsáveis pela disciplina de Língua Portuguesa tendo em vista a área da pesquisa. Logo, todos concordaram em participar e contribuir para a realização da pesquisa. Tivemos apenas um imprevisto com uma professora que ficou doente no período, afastando-se de suas atividades, mas ao explicar a situação para o seu substituto, foi possível dar continuidade na referida turma. Os detalhes da apresentação e aplicação da pesquisa, foram tratados diretamente com os docentes, respeitando as atividades escolares.

Para tanto, no dia e horário combinados com o professor de cada sala, comparecemos à escola para convidar os estudantes a participarem da pesquisa, explicar do que se tratava e como seria realizada. Entregamos os termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (APÊNDICE C) e de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) (APÊNDICE D) para os possíveis participantes. Em outro momento, também preestabelecido, voltamos para recolher os termos assinados e assim aplicar o questionário on-line. Nessa etapa, utilizamos uma aula inteira ou parte dela, dependendo da disponibilidade do docente. Vale destacar que todos os professores se mostraram bem solícitos durante todas as etapas da pesquisa, mantendo uma comunicação ativa com a pesquisadora via *WhatsApp*, avisando sobre alguma mudança em seus horários, bem como incentivando os estudantes a participarem, inclusive destacando a importância da pesquisa.

### 3.2 QUESTIONÁRIO: ELABORAÇÃO, APLICAÇÃO E PARTICIPANTES

Para a elaboração do questionário, optamos por utilizar a plataforma *Google Forms*. Trata-se de uma ferramenta gratuita que permite a criação de formulários on-line, que podem ser facilmente acessados e respondidos por meio dos dispositivos digitais com acesso à Internet. A escolha por esse aplicativo se deve às facilidades que oferece para coleta e análise de resultados. Primeiramente, propicia economizar recursos financeiros, visto que dispensa a impressão dos questionários. Ademais,

facilita o armazenamento e acesso aos resultados, dado que ficam salvos na nuvem de forma gratuita, podendo ser consultados a qualquer momento e de qualquer lugar. Por fim, oferece a vantagem de gerar gráficos e planilhas com todas as respostas, facilitando a análise dos dados.

Sendo assim, o questionário, que pode ser visto no Apêndice A, foi dividido em quatro seções no *Google Forms*. Na primeira seção, o estudante deveria informar seu e-mail e consentimento da pesquisa, ou seja, que havia entregue à pesquisadora o termo impresso, previamente distribuído, e assinado por seus responsáveis. A segunda focava em perguntas básicas relacionadas a informações pessoais, como: nome, escola, turma, idade, gênero, dispositivos tecnológicos que possuem, acesso à Internet e atividades realizadas no tempo livre. Na terceira seção, fixamo-nos nas práticas leitoras efetuadas durante o EM que incluem questões ligadas à sua visão enquanto leitores e sua definição, frequência de leitura, quantidade de textos lidos nos últimos 12 meses e como chegaram a eles. Na última seção, enfatizamos as diferenças entre a leitura literária no papel e na tela. Nesse momento, considerando que o questionário deveria ser autoexplicativo para os estudantes, inserindo a seguinte nota: “Espero que você fale sobre as obras que leu durante o período em que esteve no Ensino Médio (do 1 ao 3 ano), sejam livros exigidos pela escola ou livros escolhidos por você para ler fora da escola.” Aqui ressaltamos aos participantes que estavam livres para apresentarem seu próprio entendimento de literatura, que vai além daquilo estabelecido pela instituição escolar, e que poderiam citar obras lidas durante todo o período em que estiveram no EM, e não apenas dos últimos 12 meses.

Tendo em vista que o questionário seria respondido on-line pelos participantes, no primeiro contato com a comunidade escolar, investigamos a possibilidade de reservar os laboratórios de informática, pois tínhamos ciência de que, para os estudantes participarem, precisavam de dispositivos tecnológicos com acesso à Internet. Logo, essa foi uma etapa difícil, pois a maioria dos horários do laboratório de informática já estavam preenchidos pelos professores das referidas instituições, tendo em vista que eles deviam atender às novas demandas apresentadas pela Secretaria de Educação e Esportes do Paraná (SEED-PR), isto é, utilizar as plataformas *Redação Paraná* e *Inglês Paraná*<sup>9</sup>. Diante disso, na maioria das turmas os alunos

---

<sup>9</sup> No ano de 2021, o governo do estado investiu em diferentes programas tecnológicos para o uso em sala de aula. Nesse sentido, houve um investimento de quase 13 milhões de reais na Plataforma Inglês

responderam pelo seu próprio *smartphone* com acesso à Internet pelos dados móveis, e até mesmo compartilharam sua Internet com aqueles que não dispunham de acesso no momento. Outros emprestaram o próprio celular para aqueles que não levaram ou não o portavam no dia da pesquisa.

Sendo assim, consideramos que o empenho de professores e alunos em participar da pesquisa fez com que fosse possível coletar os dados em condições adversas, uma vez que as escolas pesquisadas tinham *wi-fi*, mas não forneciam a senha aos estudantes, ou mesmo tinham laboratórios de informática, todavia com poucos horários livres para o uso. Consideramos que a não disponibilização do laboratório se deveu às próprias condições de trabalho impostas aos professores, obrigados a instruir os discentes a acessarem as plataformas institucionais impostas pelo governo vigente, restringindo os momentos destinados a outras atividades que necessitavam desses recursos para ação.

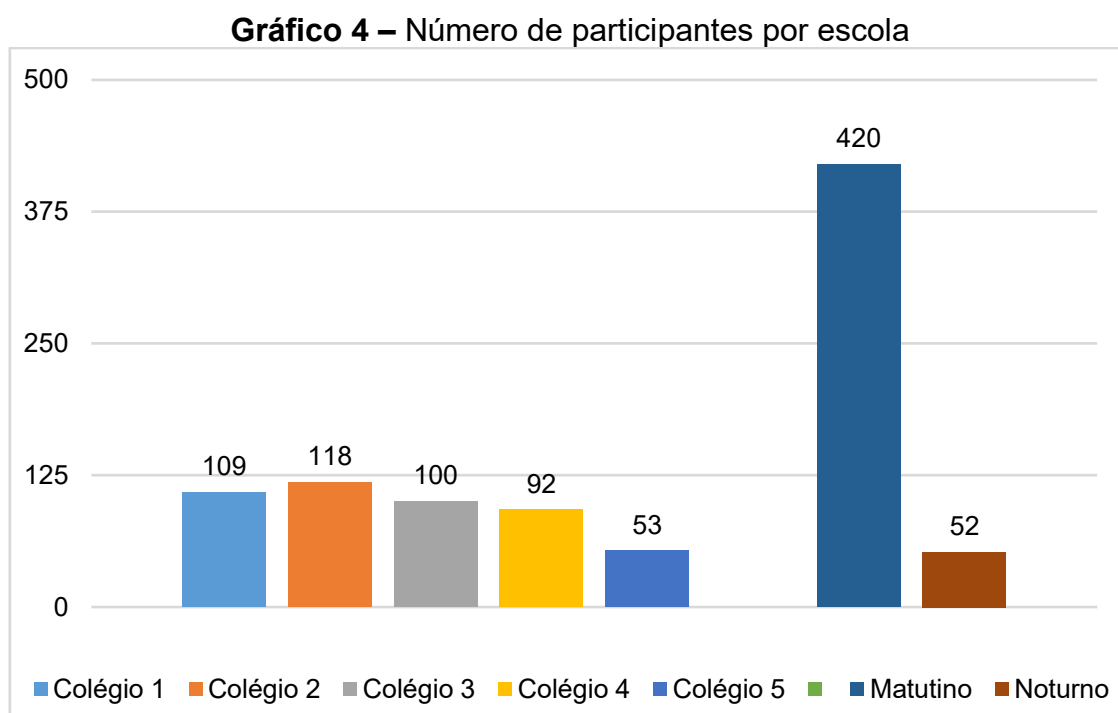
Outro ponto com que tivemos dificuldades foi a aplicação dos questionários aos alunos menores de 18 anos e que necessitam da assinatura dos responsáveis para autorizarem a sua participação, uma vez que muitos deles se esqueciam de solicitar a assinatura dos responsáveis ou perdiam as folhas assinadas. Nesse sentido, essa é uma etapa que teve que ser acompanhada de perto pela pesquisadora a fim de enfatizar a importância da entrega do TALE e do TCLE, sendo que sem esses documentos não poderiam participar da pesquisa. Para tanto, contamos com a colaboração dos pedagogos que auxiliaram no recolhimento dos termos assinados e dos representantes de cada turma. Logo, a pesquisadora anotou o número de todos os representantes de turma e enviou, sistematicamente, mensagens via celular, para o compartilhamento no grupo de *WhatsApp*, com lembretes sobre o dia em que os termos seriam recolhidos e o questionário aplicado. Entretanto, mesmo assim, no dia da aplicação, alguns estudantes pediram para responder a pesquisa, comprometendo-se em entregar o termo posteriormente. Diante disso, tendo em vista os princípios éticos, a cada aplicação do questionário, a pesquisadora fez uma tabela com os nomes de todos dos respondentes, anotando quais entregaram de fato o TCLE ou TALE e excluindo as respostas daqueles que não o fizeram.

A aplicação dos questionários aconteceu entre os dias 30 de março e 27 de

---

Paraná com o objetivo de “corrigir a pronúncia dos alunos, estimular a escrita e desenvolver a conversa, buscando a fluência na língua inglesa”. Disponível em: <https://www.educacao.pr.gov.br/Outra-Historia/Pagina/Ingles-Parana>. Acesso em: 02 set. 2022.

maio de 2022, e contou com a participação de 24 turmas dos cinco colégios estaduais da região central, nas quais havia em média 40 alunos matriculados por turma. Então, contamos com 472 respondentes que entregaram o TCLE ou TALE assinados. Algumas instituições tiveram mais participantes porque possuem mais turmas da referida série, conforme o gráfico a seguir:



**Fonte:** a autora.

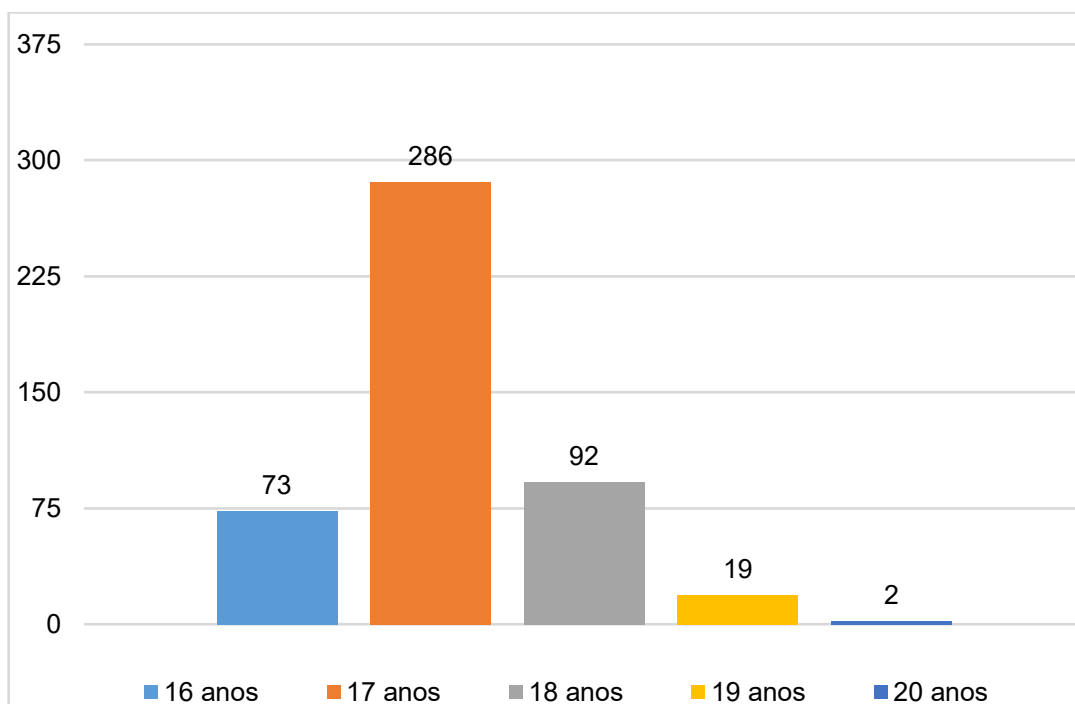
No Colégio 1, visitamos sete turmas dos terceiros anos no período matutino, sendo a escola com maior número de salas dessa série. No Colégio 2, fomos a seis turmas, quatro delas ofertadas no período matutino e duas no noturno. Apesar de possuir uma turma a menos do que o Colégio 1, no Colégio 2 tivemos uma maior participação devido ao maior número de estudantes maiores de 18 anos, que puderam assinar o TCLE, sem necessidade de levarem para a casa para solicitação da assinatura de um responsável. Isso é relevante na medida que muitos alunos faltaram no dia do convite para participação da pesquisa, momento em que foram entregues TALE e TCLE, ou mesmo levaram o termo para casa e esqueceram de solicitar a assinatura aos responsáveis ou mesmo de levá-lo no dia acertado. Logo, no caso dos estudantes maiores de 18 anos, mesmo aqueles que não estavam na sala de aula no dia da sua distribuição do TCLE, mas que desejavam participar, puderam assiná-lo momentos antes da aplicação do questionário. Na sequência, a respeito do Colégio

3, participaram todas as quatro turmas ofertadas pela manhã. Já no Colégio 4, participaram as três turmas matutinas. No Colégio 5, participaram as três classes do período matutino e uma do período noturno. Nesse sentido, o questionário on-line foi aplicado a todas as salas de terceiros anos das escolas-alvo.

A partir das respostas aos questionários, pudemos delimitar o perfil dos jovens participantes desta pesquisa, que será apresentado na sequência.

Com relação à idade dos participantes, esta varia entre 16 e 20 anos, sendo que a maioria tem entre 16 e 17 anos, representando 76,1% dos respondentes. Inferimos, então, que a maioria dos estudantes estava na idade adequada para a série em que se encontravam.

**Gráfico 5 – Idade dos jovens participantes**



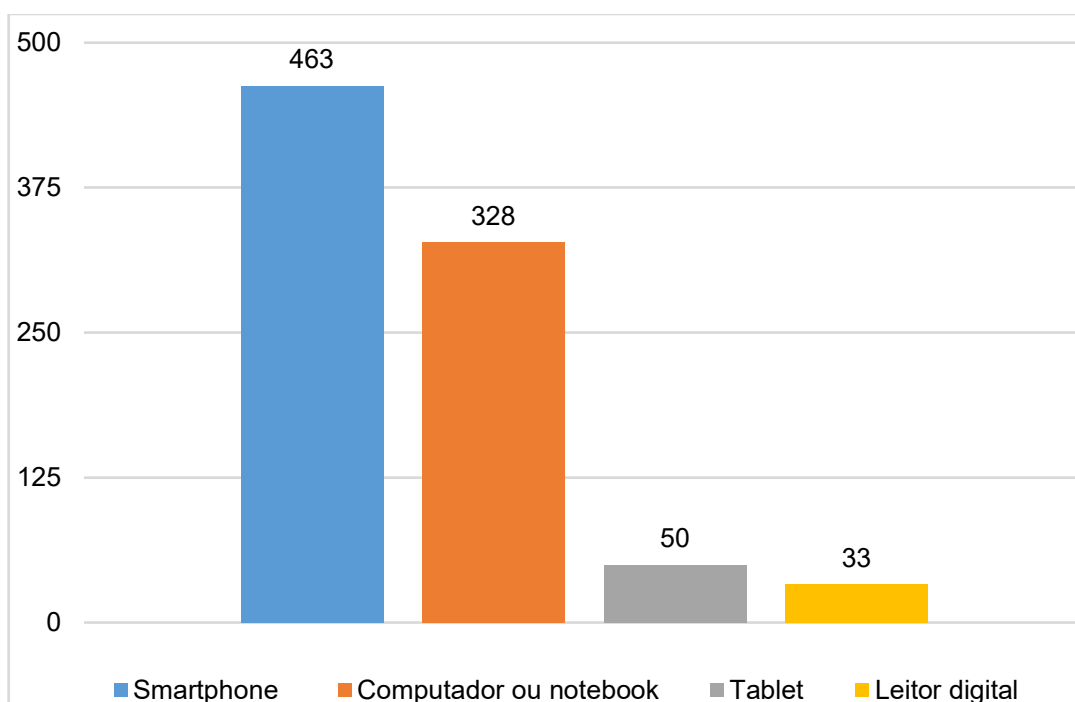
**Fonte:** a autora.

Quanto ao gênero dos estudantes, temos 272 que se consideram do gênero feminino, 197 do gênero masculino, um bigênero, um não binário e um transgênero. Sendo assim, observamos haver mais participantes do gênero feminino, o que é relevante considerar em uma pesquisa sobre leitura, na medida em que é comum em alguns lugares, conforme a pesquisa de Petit (2019), que essa atividade seja ligada às mulheres.

Tendo em vista o foco desta pesquisa na leitura em diferentes suportes, faz-se

relevante entender quais ferramentas tecnológicas os jovens participantes possuem, portanto, elegem para realizar a leitura na tela. Nessa esteira, os dados estão expressos no gráfico a seguir:

**Gráfico 6** – Ferramentas tecnológicas que os jovens participantes possuem



Fonte: a autora.

Observamos que 98,1% dos participantes marcaram ter *smartphone*, explicitando a ampliação do uso de dispositivos móveis entre os jovens. Já 69,5% disseram ter computador ou *notebook*, o que apresentamos na mesma opção devido às características da tela, que normalmente são maiores que os demais dispositivos, desconsiderando ser móvel ou não. Outros 10,6% apontam ter *tablet*. Por fim, uma parcela pequena, de 7%, explicitou possuir um leitor digital. Logo, a maioria dos participantes possui acesso a mais de um dispositivo tecnológico, sendo que 100% dos alunos têm acesso à Internet.

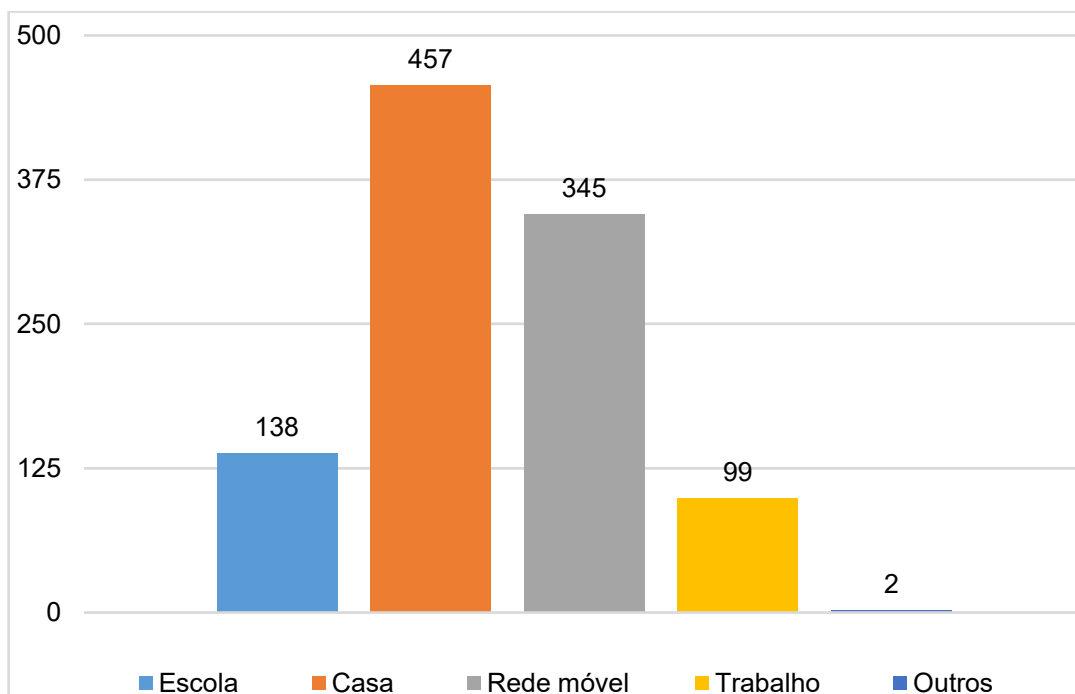
Diante disso, identificamos que os estudantes possuem os requisitos mínimos para acessar e realizar uma leitura na tela, caso desejem. Entretanto, há que se considerar que essas telas diferem nas dimensões, duração da bateria, resolução, luminosidade, memória, preço etc. Portanto, se consideramos o melhor dispositivo para a leitura até o momento, os quais são os leitores digitais devido aos recursos que possuem, por

exemplo, a baixa luminosidade, para citar uma, ainda é pequeno o número de estudantes que tem acesso a esse recurso, restando-lhes utilizar as telas que já possuem e que utilizam para outras finalidades também. É fato que os leitores digitais ainda não alcançaram o público jovem, que tem acesso a celulares e computadores, especialmente porque estes têm outros usos que não apenas a leitura, como: comunicação com as pessoas, trabalho, entre outros.

No que se refere ao acesso à Internet, observamos que o índice entre os respondentes do questionário está acima dos dados nacionais, pois a pesquisa TIC Domicílios (CGI.br, 2023) destacou que 84% da população brasileira utilizou a Internet em 2023. Isso está relacionado também à idade do público-alvo, na medida em que quem usa menos Internet, conforme a supracitada pesquisa, são as pessoas acima de 60 anos.

Considerando que todos os participantes têm acesso à Internet, tivemos em vista entender de quais formas isso ocorre, sendo que alguns alunos marcaram mais de uma, conforme o gráfico 7:

**Gráfico 7 – Disponibilidade de Internet**



**Fonte:** a autora.

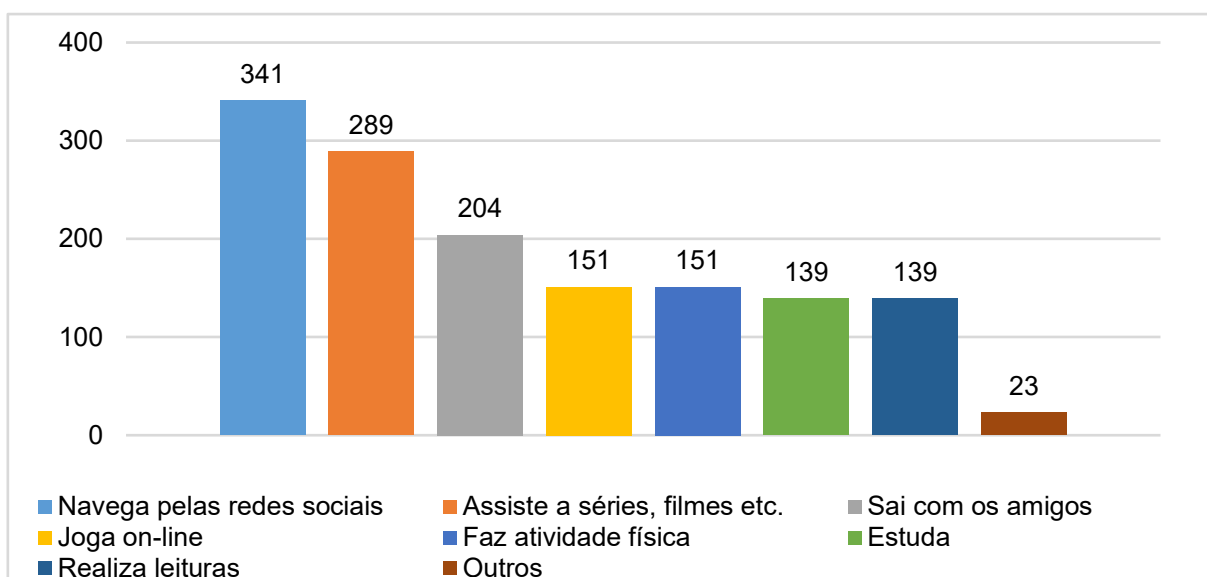
Constatamos que a maioria dos participantes tem acesso à Internet, sendo 97,2% deles em suas casas, e 73,4% pela operadora do celular também. Logo, uma

parcela representativa dos estudantes tem acesso às redes em tempo integral, ou seja, no seu lar ou fora dele. Isso nos leva a inferir que eles têm recursos para ficarem conectados boa parte do seu tempo, incluindo também para fazer leitura on-line, ou para outras atividades, como navegar pelas redes e se comunicar por meio delas. Todavia, normalmente a Internet desses planos de telefonia limita o tanto de dados a que o usuário tem direito, ou nem sempre é uma Internet rápida e com boa conexão. Ademais, alguns planos disponibilizam dados ilimitados apenas para algumas redes sociais. Além disso, 29,4% dos alunos alegaram ter acesso à Internet da escola, ou porque têm a senha do *wi-fi* ou porque acessam os computadores dos laboratórios de informática com frequência, dado que ao menos uma vez por semana são levados até o local para realizar as atividades impostas pela SEED-PR<sup>10</sup>. Entretanto, um dado relevante é que essa prática, de acordo com os estudantes entrevistados, não acontece em relação às bibliotecas, onde raramente os professores os levam para o empréstimo de livros toda semana. Outro ponto é que pelas respostas dadas a esse item foi possível perceber que uma parcela dos alunos já está no mercado de trabalho, pois 21% alegaram que têm acesso à Internet nesse espaço. Por fim, 0,4% dos estudantes têm acesso em outros locais, como estabelecimentos comerciais e outras instituições de ensino que frequentam, como cursinhos pré-vestibular.

Outra informação pertinente para entender o perfil dos participantes desta pesquisa são as atividades que realizam nas horas vagas. Assim sendo, demos a opção para marcarem mais de uma alternativa, o que gerou os seguintes dados:

---

<sup>10</sup> Os professores paranaenses vêm sendo pressionados a utilizar diferentes plataformas digitais desde o ERE ocasionado pela pandemia da Covid-19. No caso dos docentes de Língua Portuguesa há duas que merecem destaque, sendo o Redação Paraná implementado em 2020 e o Leia Paraná em 2023, plataformas que contabilizam os acessos dos estudantes a fim de controlar o seu uso pelos professores.

**Gráfico 8 – Atividades realizadas no tempo livre**

**Fonte:** a autora.

Nesse gráfico, percebemos que a grande maioria dos participantes, ou seja, 72,2% deles, navega pelas redes sociais. Desse modo, fica evidente que os alunos estão inseridos na cultura digital e nas práticas sociais que nela circulam, uma vez que na navegação por redes sociais, é possível encontrar-se com práticas de leitura e escrita, como: ler e escrever textos curtos, acessar notícias pelos *links* compartilhados, ver e gravar vídeos, ver e criar anúncios publicitários etc, bem como ter acesso a sugestões de obras, fato que será aprofundado posteriormente.

Entre as demais atividades citadas, em segundo lugar, temos 61,2% dos participantes que assistem a séries, filmes etc., o que revela seu gosto pela cultura visual. Em terceiro lugar, 43,2% marcaram que saem com os amigos, evidenciando que prezam pela sociabilidade. Em quarto lugar, aparecem com o mesmo tanto de respostas, ou seja, 32%, aqueles que jogam on-line e fazem atividades físicas no tempo livre. Em quinto, com o mesmo percentual para as duas atividades, isto é, 29,4%, estão os estudos e a realização de leitura. Por último, estão outras atividades inseridas pelos próprios participantes, ou seja, não previstas como uma alternativa no questionário, como: realização de trabalhos domésticos, dormir, desenhar ou escrever, tocar instrumentos musicais etc.

Esses dados são interessantes na medida em que coincidem também com outra pesquisa com foco na leitura, que é “Retratos da leitura no Brasil” (Failla, 2024), pois nela a maioria dos entrevistados utiliza o seu tempo livre para atividades

semelhantes aos jovens participantes desta pesquisa. Desse modo, usar a Internet aparece em primeiro lugar, seguido de usar o *WhatsApp* ou *Telegram*. Em terceiro temos a opção assistir televisão, em quarto escutar música ou rádio, em quinto assistir a vídeos ou filmes em casa e usar as redes sociais, em sexto lugar. Portanto, fica evidente que a navegação na Internet, independente do objetivo, já é uma realidade na vida dos indivíduos.

Resumindo os dados aqui apresentados sobre o perfil dos participantes, constatamos que a maioria dos respondentes do questionário tem entre 16 e 17 anos e é do gênero feminino. Verificamos também que mais da metade deles possui duas ferramentas tecnológicas, como celular e computador/*notebook*, com acesso à Internet em casa e pela operadora de celular, o que indica possuírem os aparatos necessários para acessar textos literários disponíveis na Internet. Por fim, a leitura é uma atividade apontada como presente no tempo livre de apenas 29,4% da amostra.

### 3.3 ENTREVISTA: SELEÇÃO E CONDUÇÃO

A entrevista, segunda etapa desta pesquisa, foi planejada pela pesquisadora para aprofundar experiências de leitura dos jovens nos diferentes suportes. Para tanto, contou com o auxílio de um roteiro com 21 questões, que pode ser visto no Apêndice B.

Para selecionar os participantes da entrevista, analisamos as respostas dadas pelos estudantes ao questionário on-line. A partir disso, estabelecemos cinco critérios de seleção para a participação da próxima etapa da pesquisa, sendo aplicados com o auxílio do recurso denominado “filtro” da planilha Excel.

O primeiro critério elegeu os estudantes que responderam “sim” ou “talvez” à seguinte pergunta: **você se considera um(a) leitor(a)?** Portanto, o conceito de leitor não foi definido pela pesquisadora a fim de considerar o imaginário dos próprios alunos sobre o que é ser um leitor ou não. Desse modo, 298 participantes atenderam a esse critério.

O segundo critério baseou-se na questão: **você lê obras literárias com frequência?** Filtramos os alunos que responderam “sim” ou “às vezes”, objetivando identificar aqueles que estavam em constante contato com a leitura literária. Isso é profícuo para entender a relevância da escolarização para os jovens do EM manterem a assiduidade com a leitura. Assim, limitamos o número de possíveis entrevistados

a 216.

O terceiro critério analisou as respostas da questão: **quantas obras literárias você leu nos últimos 12 meses?** Por conseguinte, visamos identificar os estudantes que marcaram a opção 6 livros ou mais. Esse critério foi eleito com base na pesquisa “Retratos da leitura no Brasil”, que desde a edição de 2007 considera como leitor aquele que leu, inteiro ou em partes, pelo menos 1 livro nos últimos 3 meses. Logo, isso dá uma média de 4 livros por ano, o que nos leva a considerar que o sujeito que leu mais de 6 obras está acima da média brasileira. Estamos cientes de que a consideração do leitor pelo número de livros lidos é falha, especialmente ao verificar apenas os últimos 3 meses, por isso estendemos o período para 12 meses, uma vez que compreendemos que o leitor pode passar longos períodos sem ler, e voltar quando sentir vontade ou tiver possibilidade para tal. Nesse sentido, dentro do possível, tivemos em vista considerar o primeiro direito do leitor que, conforme Daniel Pennac (1993), é o de não ler, mesmo que para essa pesquisa fosse importante encontrar aqueles que naquele momento estavam ativos como leitores. Portanto, ao aplicar mais um critério de escolha, diminuimos o número de possíveis entrevistados para 74 alunos.

No quarto critério, consideramos as respostas obtidas em duas questões relacionadas às experiências de leitura no papel e na tela durante o EM, sendo: **você leu obras literárias no PAPEL durante o Ensino Médio? Você leu alguma obra literária na TELA durante o Ensino Médio?** Esse critério é relevante para o entendimento sobre o uso dos suportes de leitura pelos jovens. Logo, ao ter experiências recentes com a leitura literária nos dois suportes, inferimos que eles poderiam relatar como escolhem os suportes e constroem as suas preferências por um ou outro. Com isso, chegamos a 58 participantes, o que ainda era um número expressivo para realização da coleta de dados de forma individual.

Portanto, estabelecemos um quinto critério, que visou a divisão dos estudantes por categorias de leitura, para encontrar leitores representativos para cada uma delas. Para isso, analisamos as respostas dadas a duas questões: **você lê obras literárias com mais frequência na tela, papel ou oscila entre os dois? Qual o suporte você prefere para leitura de textos literários longos?** A respeito das categorias de leitura, essas são três, sendo:

A categoria 1, denominada *Leitura na tela*, enfocou os jovens que apontaram ler com frequência nos diferentes dispositivos digitais, como celulares, *notebook*,

computadores, *tablet*, leitores digitais etc., ou/e destacaram sua preferência por eles. Diante disso, tivemos onze estudantes que leem com frequência na tela, sendo o suporte preferido de apenas três deles, dado que quatro indicaram não ter preferência de suporte preferido, e outros quatro afirmaram preferir o papel. A flexibilidade sobre os critérios aplicados à resposta sobre os suportes preferidos, que divergem daqueles usados com frequência, se deu devido à dificuldade em encontrar alunos que, além dos critérios citados anteriormente, tivessem a tela como seu suporte de leitura predileto. Ressaltamos que nas entrevistas com esses leitores visamos compreender o modo como se relacionam com a leitura na tela, sua motivação para a escolha desse suporte e as diferenças no modo de ler. Entretanto, quatro alunos da categoria 1 recusaram o convite da pesquisadora para a entrevista por diferentes motivos, como: indisponibilidade de horário, mudança de escola ou vergonha, reduzindo nossas opções.

A categoria 2, intitulada *Leitura no papel*, foi formada por discentes que leem com frequência no papel e que preferem ler textos longos nesse suporte. Desse modo, obtivemos vinte alunos que afirmaram ler com frequência no papel, sendo também o suporte preferido de dezesseis deles, e os outros quatro indicaram não ter suporte preferido. Portanto, tivemos facilidade em selecionar e entrevistar os alunos dessa categoria, escolhendo ao menos um por escola, pois se mostraram abertos a participar, bem como preenchiam os critérios. Sendo assim, apenas um dos estudantes convidados dessa categoria não aceitou participar da entrevista.

Por fim, a categoria 3, designada como *Leituras no papel e na tela*, foi composta por leitores que leem frequentemente textos literários na tela e no papel e que não têm uma preferência de suporte estabelecida. Com isso, encontramos 27 alunos que leem com frequência na tela e no papel, sendo que dez deles também afirmaram não ter um suporte de leitura preferido. Já dos outros 17, apenas dois indicaram preferir a tela, e quinze o papel. Nesse sentido, dentre os convites enviados, dois estudantes não aceitaram participar da entrevista.

Diante do grande número de possibilidades obtidas nas categorias 2 e 3, optamos por estabelecer um critério a mais para auxiliar nessa escolha, que foi analisar a diversidade de títulos e autores lidos na tela ou no papel. Essa opção foi feita para eleger leitores ecléticos. Isto é, aqueles que mencionaram obras clássicas ou escolarizadas, as quais são normalmente indicadas pela escola, mas aqueles que também citaram obras que normalmente não são acessadas por intermédio da

instituição escolar, mostrando que suas leituras não seguem os ditames da leitura<sup>11</sup> e demonstram autenticidade em suas escolhas. Logo, consideramos como complexos os leitores que leem obras de massa e autores consolidados da literatura, o que é relevante para entender os critérios utilizados para escolher uma obra e o seu suporte.

Diante disso, estabelecemos entrevistar dez estudantes, distribuídos nas três categorias e abrangendo os cinco colégios. Apresentamos no quadro abaixo o perfil dos entrevistados, no qual utilizamos nomes fictícios, codinomes e números para identificar os leitores e preservar as suas identidades. Desse modo, adotamos siglas que nos ajudam a perceber a qual categoria eleita cada um deles se encaixa, sendo: CT – Categoria 1 (tela); CP – Categoria 2 (papel); CPT – Categoria 3 (papel e tela).

**Quadro 1 – Seleção dos entrevistados**

Colégios	Codinomes dos leitores	Suporte		Critério de desempate das categorias 2 e 3.
		Frequente	Preferido	
Colégio 1	<b>Ev_CP</b> (41min)	Papel		Leu “Orgulho e preconceito”, de Jane Austen, bem como diversos <i>best-sellers</i> .
	<b>Ke_CT</b> (50min)	Tela e papel	Tela	Não se aplica.
	<b>Ga_CT</b> (37min)	Tela	Tela e papel	Não se aplica.
Colégio 2	<b>Be_CP</b> (1h37min)	Papel		Leu “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, de Machado de Assis, assim como “É assim que acaba”, de Colleen Hoover.
	<b>Va_CPT</b> (48min)	Tela e papel	Papel	Leu “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, de Machado de Assis e <i>best-sellers</i> , como “A menina que roubava livros”.
Colégio 3	<b>Ed_CPT</b> (1h34min)	Tela e papel	Papel	Leu “Flores para Algernon”, de Daniel Keyes, e <i>best-sellers</i> , como “Crepúsculo”.

<sup>11</sup> Esse é um conceito utilizado por Graciela Montes (2020), ao afirmar que a formação dos leitores é permeada por regras que impedem de acessar os textos livremente, na medida em que a escola, crítica literária, mídia, mercado editorial etc. estão sempre impondo o que se deve ler. Sendo assim, Montes (2020, p. 56) defende que “[...] reestabelecamos o enigma e a diversidade. Que afirmemos o enigma e a diversidade diante do ditame e da padronização”. Isto é, que o leitor tenha a oportunidade de desenvolver o seu próprio espaço poético, do imaginário pessoal e singular, que vai muito além do que lhe é imposto.

Colégio 4	<b>Mi_CP</b> (52min)	Papel	Leu clássicos escolarizados, mas nem todos, por exemplo “O sonho de um homem ridículo”, de Fiódor Dostoievski, que não é tão comentado nas escolas.
	<b>An_CPT</b> (32min)	Tela e papel	Leu “Clara dos Anjos”, de Lima Barreto, e outros <i>best-sellers</i> , como “Vermelho, branco e sangue azul”.
Colégio 5	<b>Le_CPT</b> (29min)	Tela e papel	Leu “Clara dos Anjos”, de Lima Barreto, e <i>best-sellers</i> da autora Paula Pimenta.
	<b>Gu_CT</b> (1h17min)	Tela	Não se aplica.

Fonte: a autora.

Destacamos que foram entrevistados três alunos do Colégio 1; dois alunos do Colégio 2; um aluno do Colégio 3; dois alunos do Colégio 4; dois alunos do Colégio 5. Destacamos que a desigualdade no número de estudantes selecionados por escola se deve ao não atendimento dos critérios estabelecidos para a participação por categorias de leitura, ou mesmo a recusa do convite de alguns jovens.

Assim sendo, enfatizamos que os dez leitores foram separados por categorias, nas quais detalhamos o seu perfil brevemente.

### Quadro 2 – Perfil dos entrevistados

Codínomes dos leitores	Gênero	Idade	Acesso à Internet	Locais de acesso à Internet	Dispositivos que possui
<b>Ev_CP</b>	Feminino	17	Sim	1. Casa; 2. Dados móveis; 3. Escola.	1. Celular/ <i>smartphone</i> .
<b>Be_CP</b>	Feminino	17	Sim	1. Casa.	1. Celular/ <i>smartphone</i> ; 2. Computador/ <i>notebook</i> .
<b>Mi_CP</b>	Masculino	17	Sim	1. Casa; 2. Dados móveis.	1. Celular/ <i>smartphone</i> ; 2. Computador/ <i>notebook</i> .
<b>Ke_CT</b>	Feminino	17	Sim	1. Casa; 2. Dados móveis.	1. Celular/ <i>smartphone</i> ; 2. Computador/ <i>notebook</i> ; 3. Leitor digital.
<b>Ga_CT</b>	Feminino	17	Sim	1. Casa;	1. Celular/ <i>smartphone</i> .
<b>Gu_CT</b>	Masculino	17	Sim	1. Casa; 2. Dados móveis.	1. Celular/ <i>smartphone</i> ; 2. Computador/ <i>notebook</i> .
<b>Va_CPT</b>	Feminino	16	Sim	1. Casa.	1. Celular/ <i>smartphone</i> ; 2. Computador/ <i>notebook</i> .

<b>Ed_CPT</b>	Masculino	17	Sim	1. Casa; 2. Dados móveis.	1. Celular/ <i>smartphone</i> ; 2. Computador/ <i>notebook</i> ; 3. Leitor digital.
<b>An_CPT</b>	Feminino	17	Sim	1. Casa; 2. Dados móveis; 3. Escola.	1. Celular/ <i>smartphone</i> ; 2. Computador/ <i>notebook</i> ; 3. Leitor digital.
<b>Le_CPT</b>	Feminino	16	Sim	1. Casa; 2. Dados móveis.	1. Celular/ <i>smartphone</i> .

Fonte: a autora.

Após selecionar o público-alvo, para conseguir o contato com os leitores, enviamos uma mensagem via *WhatsApp* ao representante da turma e solicitamos o número do estudante eleito a fim de enviar o convite para a segunda etapa também por essa plataforma. Logo, escolhemos a escola como local para as entrevistas, pois os estudantes frequentam esse espaço, não precisando se deslocar. Marcamos um horário a partir da sua disponibilidade, então, alguns optaram por nos encontrar durante a aula porque trabalham ou já têm outros compromissos no período vespertino, já outros preferiram após as aulas.

As entrevistas variaram de 30 minutos a uma hora e meia e aconteceram em algum local disponibilizado pela escola, tais como uma sala de aula vazia, biblioteca ou sala do audiovisual, visando que fosse um local livre naquele horário e relativamente silencioso para a gravação.

Para a entrevista, utilizamos o gravador do celular da pesquisadora, informando o entrevistado sobre o seu uso e obtendo seu consentimento. Depois, elas foram transcritas visando à análise dos dados.

## 4 ANÁLISE DE DADOS

Nesta seção, apresentamos a análise e discussão dos dados coletados a partir da aplicação dos questionários e realização das entrevistas com os estudantes dos terceiros anos do EM.

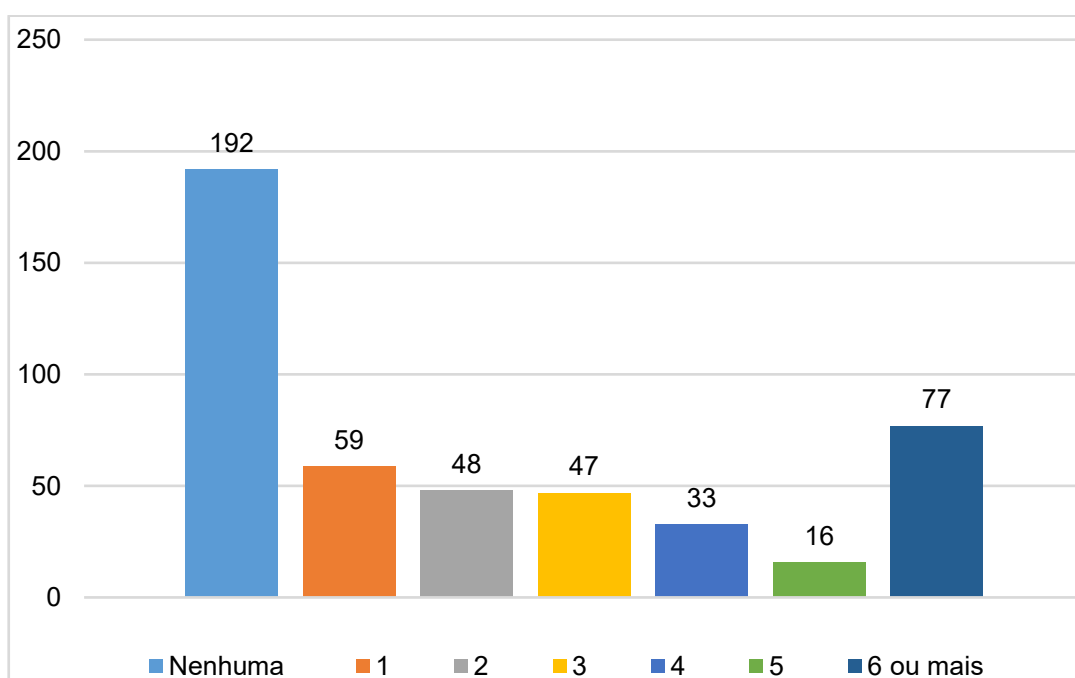
### 4.1 EXPLORANDO A LEITURA NA ERA DIGITAL: ENTRE TINTA E PIXELS

*“A leitura não é somente uma operação abstrata de intelectção; ela é engajamento do corpo, inscrição num espaço, relação consigo e com os outros”*  
(Chartier, 1999, p.16).

Nesta subseção, enfatizamos quantas obras literárias os participantes leram nos últimos doze meses, com destaque para os seus autores e/ou títulos, bem como sobre os suportes a que recorreram e suas motivações para tal, a fim de entender também qual o mais frequente e preferido. Isso é relevante na medida em que focamos em suas percepções afetivas e subjetivas em relação à literatura e aos objetos utilizados para acessá-la e efetivar a sua leitura na atualidade.

Assim sendo, apresentamos um breve panorama sobre quantas obras literárias os estudantes que responderam ao questionário leram nos últimos 12 meses:

**Gráfico 9** – Número de obras literárias lidas nos últimos 12 meses

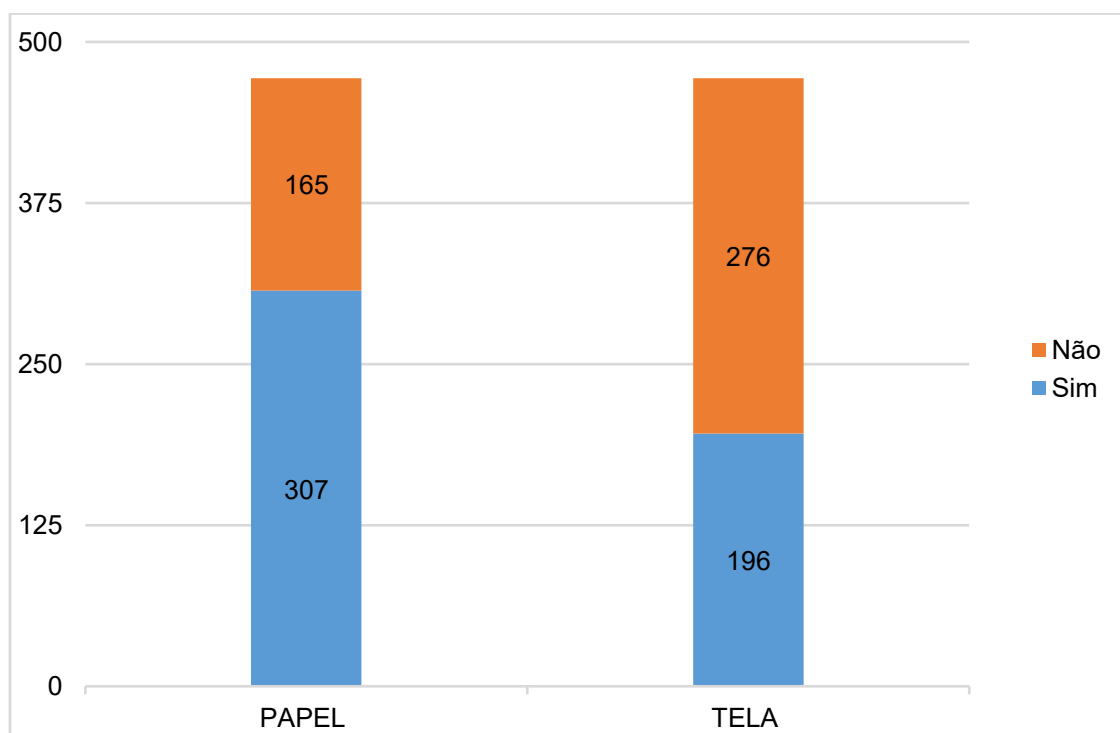


Fonte: a autora.

Nesse gráfico temos números preocupantes sobre a não-leitura de obras literárias, pois 40,6% dos estudantes afirmaram que não leram nenhuma obra, 22% que leram um ou dois livros, 16% três ou quatro, e apenas 16% leram seis ou mais livros nos últimos doze meses. Em pesquisa anterior, também com estudantes do último ano do EM, mas em outro contexto, Batista (2019) observou que apenas 9% deles haviam lido 6 ou mais livros, sendo que a maioria, ou seja, 23% indicaram que não haviam lido nenhum. Embora nesta pesquisa o número de leitores de mais de seis livros seja maior, é perceptível que mais alunos indicaram não ter lido nenhum livro.

Quando consideramos a leitura em diferentes suportes, é necessário reconhecer que a tela e o papel têm suas particularidades, e que estas são ponderadas pelos leitores a fim de escolher o mais adequado, conforme seus objetivos, desejos, subjetividade, limitações corpóreas, entre outros aspectos. Nesse sentido, ao indagarmos aos estudantes se leram obras literárias no papel e na tela durante o EM, obtemos o seguinte panorama:

**Gráfico 10** – Suportes utilizados para a leitura durante o Ensino Médio



Fonte: a autora.

Diante desse dado, percebemos que, dentre os estudantes, a maioria, ou seja,

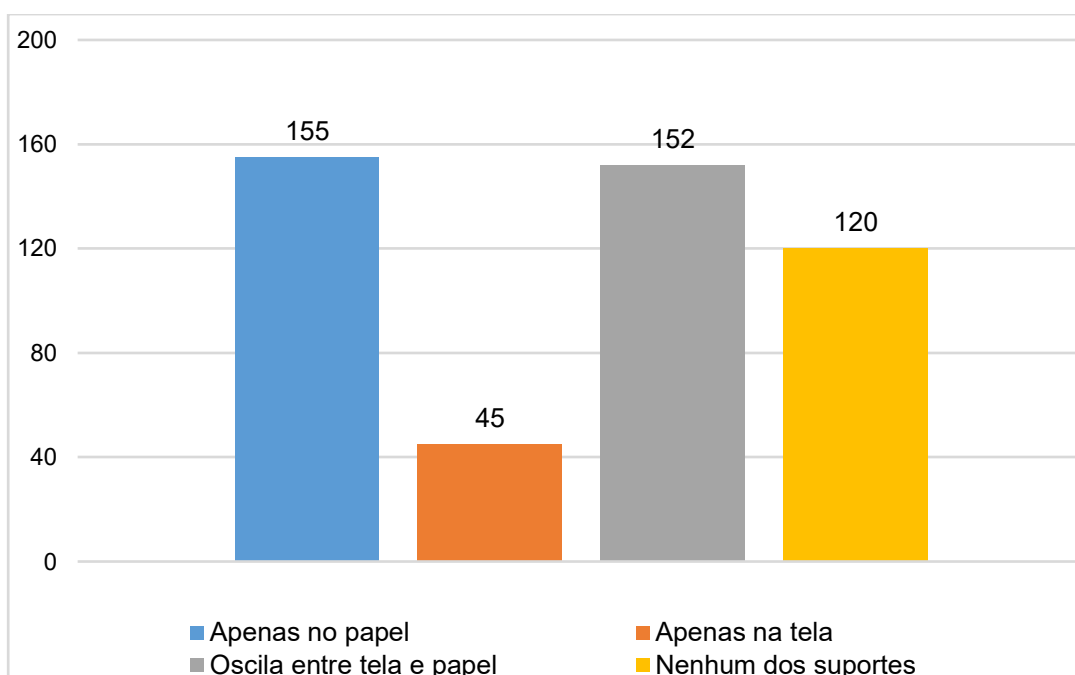
65%, respondeu que utilizou o papel como suporte para a leitura de textos literários durante o EM, e 41,5% utilizaram a tela. Vale ressaltar que há alunos que usaram ambos os suportes para leitura, ou mesmo aqueles que não usaram nenhum.

Inferimos ainda que o número de alunos que informaram que não leram no papel, somado àqueles que não leram na tela, pode representar uma parcela dos 192 estudantes que afirmaram anteriormente que não leram nenhuma obra literária nos últimos 12 meses.

Então, diante desses dados, podemos deduzir que, embora os estudantes tenham recursos tecnológicos que permitam a utilização das telas para a realização de leituras de obras literárias, este não é tão popular quanto o papel. Isso pode indicar que os jovens pesquisados apreciam realizar a leitura de obras literárias no papel, indicando que o fim do “livro”, tal como conhecemos hoje, parece estar longe, ao menos se depender dos pesquisados deste trabalho.

Ainda destacamos que o gráfico 10 traz dados interessantes, porque os participantes desta pesquisa cursaram grande parte do seu EM durante a pandemia, momento em que tiveram suas possibilidades de acesso à leitura de livros físicos limitadas, já que as bibliotecas escolares e públicas foram fechadas. Logo, conforme explicitaram Batista e Lima (2022), a pandemia, causada pela Covid-19, acarretou mudanças nas práticas de leitura literária, pois para garantir o acesso à leitura aos discentes, muitos professores passaram a enviar textos em formato digital, sejam aqueles digitalizados, em formato PDF e/ou livros eletrônicos enviados pelo *WhatsApp, Classroom* etc.

Verificamos ainda o uso dos suportes de forma exclusiva ou combinada, do qual obtivemos o seguinte panorama:

**Gráfico 11 – Exclusividade dos suportes<sup>12</sup>**

**Fonte:** a autora.

Ao analisar o uso do papel e da tela com exclusividade, observamos que 32,8% dos estudantes utilizaram apenas o papel como suporte para a leitura durante o EM, e 8% utilizaram a tela. Desse modo, a tela foi utilizada como suporte exclusivo por uma pequena parcela dos jovens, prevalecendo uma preferência pelo papel ao comparar os dois. Conseqüentemente, percebemos que grande parte dos estudantes, ou seja, 32,2%, utilizou os dois suportes para a leitura.

Para explanar sobre a motivação dos estudantes na escolha do suporte, elaboramos um quadro com um resumo de suas justificativas apresentadas pelos 155 estudantes que leram apenas no papel e pelos 45 que leram apenas na tela, conforme os dados apresentados no gráfico 11. Para tanto, foram elencadas cinco categorias e subcategorias, de acordo com o agrupamento das respostas, e que serão explanadas na seqüência:

<sup>12</sup> Esses dados são resultados da análise das respostas a duas perguntas do questionário, sendo: 1. Você leu obras literárias no PAPEL durante o Ensino Médio? E 2. Você leu alguma obra literária na TELA durante o Ensino Médio? Para tanto, utilizamos o filtro do Excel para compreender quantos estudantes utilizaram um suporte, ambos ou nenhum.

**Quadro 3** – Resumo dos motivos para a não-leitura de literatura no papel ou na tela

<b>Categorias</b>	<b>Motivos para NÃO ler na tela (155 respostas)</b>	<b>Motivos para NÃO ler no papel (45 respostas)</b>
1. <i>Especificidades do suporte</i>	Não gosta de ler na tela ou prefere o papel (76 respostas).	Prefere ler na tela (7 respostas).
	<b>Subcategorias</b>	
	1. Observa prejuízos aos processos cognitivos da leitura, como: concentração, atenção, foco e compreensão (15 respostas); 2. Sente desconfortos físicos nos olhos ou dores de cabeça (8 respostas).	1. Acessa livros de forma gratuita ou de qualquer lugar (7 respostas);
2. <i>Indisposição para a leitura de obras literárias</i>	Desinteresse, oportunidade ou vontade (19 respostas); Falta de tempo (5 respostas); Não gosta de ler (1 resposta).	Desinteresse, oportunidade ou vontade (5 respostas); Falta de tempo (1 resposta).
3. <i>Falta de acesso aos suportes: tela ou papel</i>	Não possui as ferramentas tecnológicas adequadas para a leitura na tela (18 respostas).	Ausência de condições financeiras para adquirir livros físicos (4); Não tem acesso aos livros físicos (3 respostas).
4. <i>Omissão da instituição escolar</i>	Ausência de práticas promotoras da leitura na tela (8 respostas).	-
5. <i>Impactos da pandemia</i>	-	Aulas remotas (5 respostas); Fechamento da biblioteca escolar (1 resposta); Consequência da pandemia (4 respostas).

**Fonte:** a autora.

Notamos que, das 200 respostas analisadas acima, a maioria delas, ou seja, 41,5%, não apresenta de fato uma justificativa para a escolha do suporte, apontando apenas para a preferência de um ou de outro. Logo, na categoria 1. *Especificidades do suporte*, explicitamos que poucos participantes descreveram aspectos que os levaram a eleger determinado suporte, levando à criação de subcategorias.

No que diz respeito às motivações dos participantes para não ler na tela, destacamos duas subcategorias. A primeira refere-se aos leitores que observam prejuízos ao processo de leitura na tela, como dificuldades para se concentrar ou mesmo compreender os textos nesse suporte, o que coincide com a pesquisa de Delgado *et al.* (2018). Ademais, também está em consonância com o que constatamos nas entrevistas, nas quais duas leitoras citam as interferências da tela para o ritmo de leitura, dito por **Ev\_CP**, e **Ga\_CT** para o foco e a atenção. Houve ainda leitores que indicaram desconfortos físicos ao ler na tela, o que provavelmente está relacionado com a emissão de luzes dos dispositivos tecnológicos, que é um aspecto que o livro

físico não apresenta, e será mais aprofundado adiante.

Já aqueles que apontaram não ler no papel, indicaram eleger a tela por oferecer muitos livros de forma gratuita ou de qualquer lugar, sem que para isso tenha que dispensar dinheiro ou mesmo carregar o livro consigo, dado que também aparece em outros momentos desta pesquisa, e que será discutido posteriormente.

Na categoria 2, intitulada *Indisposição para a leitura de obras literárias*, encontram-se as respostas dos jovens que apresentaram indisposição para a leitura, o que nos leva a deduzir que o suporte não é o elemento crucial para eles, ou seja, independente do suporte, não se interessam pela atividade em si.

Na categoria 3, denominada *Falta de acesso aos suportes: tela ou papel*, encontram-se os estudantes que indicaram não ler no papel ou na tela devido à ausência de condições básicas, como acesso ao livro físico ou às ferramentas tecnológicas. Desse modo, como já mencionado no gráfico 6 (página 96), embora possuam celulares, não há como saber se estes permitem o livre acesso a páginas de acervos de obras e *download* de textos literários. É provável que muitos dos participantes desta pesquisa possuam aparelhos que não têm memória suficiente para efetuar o *download* de textos em formato PDF, ou mesmo que tenham uma bateria pouco durável para leituras longas. Portanto, possuir um aparelho celular não é garantia de ter o necessário para efetivar a leitura na tela. Há ainda os alunos que apontaram não ter condições financeiras para adquirir livros físicos, ou acesso a eles, optando pela leitura na tela, por exemplo.

Quanto à categoria 4, *Omissão da instituição escolar*, observamos que oito respostas indicam ausência da escola na promoção da leitura na tela, o que nos chama a atenção na medida em que os participantes cursaram boa parte do EM durante a pandemia, quando o ERE estava vigente. Logo, inferimos que é provável que durante esse período, alguns professores não tenham incentivado a leitura nesse suporte, mesmo que muitas atividades tenham passado a ser realizadas por ele.

Já outros, conforme a categoria 5, referente aos *Impactos da pandemia*, passaram a indicar os textos digitais como uma alternativa frente à situação de isolamento social, e impedimento de acesso a livros físicos na biblioteca escolar.

Dentre os 120 alunos que não efetuaram a leitura de obras literárias no papel ou na tela, apontamos que 33 deles não apresentaram justificativas para tal comportamento, e 50 colocaram a mesma justificativa nas duas questões, tanto para não ler no papel quanto para não ler na tela. Isso nos leva a inferir que, para essa

parcela dos participantes, as obras literárias estarem na tela ou no papel não é um fator determinante para a leitura, uma vez que há outras variantes que os impedem de chegar à atividade.

Nesse sentido, explicitamos no quadro abaixo um resumo das respostas dos jovens, agrupadas pelas mesmas categorias elencadas anteriormente:

**Quadro 4** – Resumo dos motivos para a não-leitura de literatura em nenhum suporte

<b>Categorias</b>	<b>Não-leitura no papel</b>	<b>Não-leitura na tela</b>
1. <i>Especificidades do suporte</i>	Não gosta de ler no papel (1 resposta).	Não gosta de ler na tela (4 respostas).
2. <i>Indisposição para a leitura de obras literárias</i>	Não gosta de ler (24 respostas); Desinteresse, oportunidade ou vontade (33 respostas); Falta de tempo (10 respostas).	Não gosta de ler (23 respostas); Desinteresse, oportunidade ou vontade (29 respostas); Falta de tempo (14 respostas).
	-	-
4. <i>Omissão da instituição escolar</i>	Falta de incentivo docente ou da escola (10 respostas).	Falta de incentivo docente ou da escola (4 respostas).
5. <i>Impactos da pandemia</i>	Interrupção das aulas (3 respostas); Fechamento da biblioteca escolar (1 resposta); Consequência da pandemia (6 respostas).	Consequência da pandemia (2 respostas).

**Fonte:** a autora.

Diferentemente do que observamos no quadro 3, no qual as respostas mais frequentes figuram na categoria 1, aqui, ao focar os jovens que não leem em nenhum suporte, há uma predominância de outra categoria, ou seja, a 2. *Indisposição para a leitura* de obras literárias. Isso nos leva a constatar que muitos alunos não têm motivação para a leitura de obras literárias, registradas de diversas ordens, como: gosto, interesse, oportunidade ou tempo.

É importante ressaltar que essa realidade assola não apenas os jovens desta pesquisa, tendo sido já apontada na pesquisa “Retratos da leitura no Brasil” (Failla, 2024), na qual 32% dos participantes que não leram nenhum livro, inteiro ou em partes, nos últimos 3 meses, afirmaram que não o fizeram por não gostar de ler.

Mas, ao focar no público-alvo desta tese, nos perguntamos por que a leitura não é prazerosa ou interessante para esses jovens. Essa questão nos leva a formular diversas hipóteses de resposta. A primeira é que a leitura não é um hábito inato, muito menos o gosto por essa atividade. É algo que precisa ser desenvolvido ao longo da vida, e que está geralmente ligado à mediação de outras pessoas ou práticas afetivas

que despertam um apreço no indivíduo por essa atividade. Entretanto, o ambiente escolar ainda é terreno para muitas práticas que ligam a leitura a algo obrigatório e longe de ser prazeroso ao ser imposta: provas do livro, resenhas, opiniões de críticos no lugar da própria leitura etc., conforme já apontado por pesquisas, como as de Rildo Cosson (2009), William Cereja (2005), Franciela Zamariam (2018) e Patrícia Cardoso Batista (2019).

No contexto escolar, segundo Joel Haroldo Baade e Ezequiel Theodoro da Silva (2016), os indivíduos se deparam com muitos professores que discursam sobre a importância da leitura, esperando que a partir daí os alunos comecem a ler. Entretanto, mesmo sabendo dessa suposta importância, os estudantes, enquanto seres singulares e constituídos por subjetividade, podem reagir de formas diversas, como: serem indiferentes e/ou desenvolverem sentimento de culpa. “Se a pessoa tem consciência de que precisa ler e existe um outro – talvez um tremendo “chato” – o tempo inteiro lhe cobrando isso, então ela poderá fazer justamente o contrário, ou seja, convencer-se de que não precisa realmente ler no intuito de anular o sentimento de culpa” (Baade; Silva, 2016, p. 129).

Outro ponto que apareceu com certa frequência da categoria 2 refere-se à falta de tempo para a leitura de obras literárias em ambos os suportes. Essa questão é muito presente na contemporaneidade, pois muitas pessoas sentem que o tempo está sempre em falta, uma vez que sempre há uma grande demanda de tarefas a cumprir ou coisas para se fazer, conforme argumentado por Hartmut Rosa (2017).

Nesse sentido, consideramos que os alunos escolhem não dedicar tempo a essa atividade, ou seja, há uma questão das prioridades nas vidas deles, e não necessariamente carência de tempo para isso. Consideramos que a afirmação da falta de tempo é algo genérico, muito usada para justificar por que não se faz algo em diferentes contextos. A respeito dessa afirmação, podemos relacionar que a falta de tempo é ilusória, pois muitos deles têm tempo para outras atividades, como navegar pelas redes sociais, já que 72,2% afirmaram fazer isso no seu tempo livre.

Destacamos ainda que a falta de tempo como um motivo para não ler é um argumento também já indicado na pesquisa “Retratos da leitura no Brasil” (Failla, 2024), seja por leitores ou não leitores. Nessa pesquisa, 46% dos leitores, e 33% dos não-leitores afirmaram que não leram mais nos últimos três meses por falta de tempo.

A falta de tempo não assola apenas os jovens do EM, conforme Baade e Silva (2016), os acadêmicos do Ensino Superior também costumam exclamar essas frases

ao serem solicitados à realização de alguma leitura, revelando os comportamentos de esquiva ou fuga. O ato de ler, como diria Pennac (1993), exige que nos indaguemos qual fração de tempo de vida será subtraída para a leitura, afinal temos outras atividades a nossa disposição, sendo algumas até elaboradas para prender a nossa atenção, tal como as redes sociais.

Diante disso, Pennac (1993, p. 118) afirma “A partir do momento em que se coloca o problema do tempo para ler, é porque a vontade não está lá. Porque, se pensarmos bem, ninguém jamais tem tempo para ler. Nem pequenos, nem adolescentes, nem grandes. A vida é um entrave permanente à leitura.” Logo, o autor expõe que “O tempo para ler é sempre um tempo roubado. [...] A leitura não depende da organização do tempo social, ela é, como o amor, uma maneira de ser”. Nessa esteira, Pennac (1993) defende que o tempo de ler, que muitos alegam que não têm, não é algo relegado aos leitores por outros, mas sim são eles que se oferecem esse tempo.

Entretanto, compreendemos que para alguns jovens esse tempo é um pouco mais escasso do que para outros, pois nessa idade eles enfatizam que trabalham, o que pode tornar difícil conciliar com atividades de leitura. Sendo assim, as dificuldades de gerir o tempo, somada à necessidade de trabalhar para contribuir com o sustento da família ainda na adolescência, faz com que a leitura seja deixada de lado por esse grupo.

Nesse sentido, a escola tem o desafio de propiciar atividades que estimulem a apreciação e despertem o interesse pelo ato de ler entre os jovens, bem como lhes dê tempo para realizá-lo na instituição.

Já na categoria 4. *Omissão da instituição escolar*, os respondentes evidenciaram que a escola poderia atuar mais ativamente na promoção da leitura de obras literárias, e que essa ausência faz com que essa atividade deixe de estar presente em seu cotidiano. Portanto, como já ressaltamos, é nesse espaço onde os jovens terão a oportunidade de encontrar-se com mediadores, sendo essencial sobretudo para aqueles oriundos de famílias não-leitoras.

Na categoria 5. *Impactos da pandemia*, destacamos haver algumas respostas ligadas à impossibilidade de frequentar a biblioteca escolar devido à pandemia, o que dificultou o acesso às obras literárias. Nesta pesquisa, observamos que espaço parecia ser muito utilizado por alguns jovens para o empréstimo de livros físicos, inclusive apresentaremos posteriormente os relatos dos entrevistados **Mi\_CP**,

**Va\_CPT, Ed\_CPT e Le\_CPT**, nos quais comentam sobre o impacto da pandemia sobre seu comportamento leitor.

A respeito da categoria 1. *Especificidades do suporte*, temos alguns jovens que expuseram que ler na tela impõe desafios, que têm que separar o suporte de outros usos comuns, como o de comunicação e navegação pelas redes sociais.

Há ainda um certo imaginário em torno das diferenças entre ler na tela e no papel. A esse respeito, um dos alunos parece ter certo preconceito sobre a leitura da tela, mesmo nunca a tendo experimentado nesse suporte. Outros dois estudantes também explicitam a sua resistência quanto aos livros digitais, esclarecendo que a tela não os estimularia a ler. Esses dados indicam a possibilidade de a escola cativar esses estudantes a partir do incentivo à leitura nos dois suportes, uma vez que cada um deles parece ter uma preferência, o que nos leva a pensar os suportes como objetos complementares, e não excludentes.

Após apreender os suportes utilizados pelos jovens e suas motivações, enfocamos as obras lidas no papel ou na tela. Para tanto, elaboramos uma pergunta aberta na qual o estudante deveria indicar o título e/ou autores das obras literárias lidas no papel e na tela. Esses dados nos permitem além de entender o que os jovens leem na contemporaneidade, identificar o seu conceito de literatura. Sendo assim, estruturamos uma tabela com os 30 autores<sup>13</sup> mais citados e seus respectivos títulos, indicando entre parênteses o número de vezes em que cada obra é mencionada, bem como o número total (T) de aparições de um mesmo autor.

**Tabela 1** – Os 30 autores e suas obras mais lidas no **papel** pelos jovens

N	Títulos	Autor(a)	T
1	<i>*Não menciona o título (12)</i> <i>Dom Casmurro (24)</i> <i>Memórias póstumas de Brás Cubas (12)</i> <i>Quincas Borba (1)</i>	Machado de Assis	50
2	<i>*Não menciona o título (1)</i> <i>Cidade da lua crescente (trilogia) (2)</i> <i>Acotar - Corte de espinhos e rosas – (série) (10)</i> <i>Trono de vidro (saga) (4)</i>	Sarah J. Maas	17
3	<i>Harry Potter (saga)</i>	J. K. Rowling	17

<sup>13</sup> Para quantificar os autores mais citados, consideramos o número de vezes em que apareceram nos dados. Nesse sentido, em alguns casos os participantes leram mais de um título do mesmo autor.

4	*Não menciona o título (2) 9 de novembro (1) As mil partes do meu coração (1) Até o verão terminar (2) Confesse (1) É assim que acaba (3) Talvez um dia (1) Tarde demais (1) Todas as suas (im)perfeições (1)	Colleen Hoover	13
5	Diário de Anne Frank	Anne Frank	13
6	Daisy Jones e the six (3) Malibu renasce (1) Os sete maridos de Evelyn Hugo (8)	Taylor Jenkins Reid	12
7	Casa de pensão (6) O cortiço (4)	Alúcio Azevedo	10
8	*Não menciona o título (2) A revolução dos bichos (6) 1984 (2)	George Orwell	10
9	Iracema (5) Senhora O Guarani (2)	José de Alencar	9
10	A seleção (série) (7) A prometida (1) A sereia (1)	Kiera Cass	9
11	Percy Jackson (saga)	Rick Riordan	9
12	A rainha vermelha (série)	Victoria Aveyard	9
13	A casa do penhasco Convite para um homicídio M ou N? Morte no Nilo O assassinato no expresso Oriente (2) O Natal de Poirot Um corpo na biblioteca	Agatha Christie	8
14	Beren e Lúthien O Hobbit (5) Senhor dos Anéis (2)	J. R. R. Tolkien	8
15	*Não menciona o título Os Rokesbys (série) Os Bridgertons (série) (6)	Julia Quinn	8
16	Cinderela pop Princesa adormecida Fazendo meu filme (série) Minha vida fora de série (série) (2)	Paula Pimenta	8
17	*Não menciona o título O pequeno príncipe (6)	Antoine de Saint-Exupéry	7
18	O homem de giz (6) O que aconteceu com Annie	C.J. Tudor	7
19	Mentirosos	E. Lockhart	7

20	<i>Quarto de despejo: diário de uma favelada</i>	Carolina M. de Jesus	7
21	<i>O povo do ar: o príncipe cruel</i>	Holly Black	7
22	<i>Amor e gelato (5)</i> <i>Amor e azeitona (1)</i>	Jenna Evans Welch	6
23	<i>Alice no país das Maravilhas</i>	Lewis Carroll	5
24	<i>Quem é você, Alasca? (3)</i> <i>A culpa é das estrelas (2)</i>	John Green	5
25	<i>Crepúsculo (saga)</i>	Stephenie Meyer	5
26	<i>A metamorfose</i>	Franz Kafka	4
27	<i>A guerra dos tronos (série)</i>	George R. R. Martin	4
28	<i>Um de nós está mentindo (série)</i>	Karen M. McManus	4
29	<i>Mitologia nórdica</i>	Neil Gaiman	4
30	<i>Histórias que os jornais não contam (3)</i> <i>O mistério da casa verde</i>	Moacyr Scliar	4

**Fonte:** a autora.

Entre os autores mais citados pelos participantes, observamos que quem mais apareceu foi o prestigiado Machado de Assis, que tem seu lugar canônico no ambiente escolar e valorizado socialmente. Isso demonstra que mesmo com todos os seus problemas, a escola ainda atua na criação de um referencial para os jovens leitores e os leva a expandirem suas leituras para obras mais complexas, que fogem às tramas repetitivas. Consideramos que os cânones constituem um repertório profícuo para os estudantes, apresentando normalmente uma linguagem mais complexa, que muitas vezes, alguns jovens leitores precisarão da ajuda do docente para compreendê-la, justificando a sua inserção na sala de aula.

Ao considerar que participaram cinco escolas diferentes, verificamos se se tratava de uma mobilização de uma delas para a leitura das obras do autor. Nesse sentido, constatamos que não, pois o autor figurou entre os estudantes de todas as escolas, embora mais em umas do que outras, sendo: treze alunos do Colégio 1; dez do Colégio 2; seis do Colégio 3; dezesseis do Colégio 4; cinco do Colégio 5.

Todavia, não podemos desconsiderar que o nome Machado de Assis é bem conhecido pelo público brasileiro, o que coincide com os resultados da pesquisa “Retratos da leitura no Brasil”. Desde a sua segunda edição, realizada em 2007, Machado de Assis aparece entre os escritores brasileiros mais admirados ou conhecidos pelos leitores, permanecendo nas edições seguintes, de 2011, 2015, 2019

e 2024. Isso indica que os participantes podem citar o seu nome sem de fato terem lido algum livro dele, tal como pode ser o caso dos doze estudantes que apenas mencionaram o seu nome, conforme a tabela 1. Além disso, esse é um autor bem-quisto pela crítica literária e pelos professores, o que pode influenciar também nos dados, como também pode ser o caso da mesma pesquisa, uma vez que Machado de Assis também ocupa o primeiro lugar na pergunta relacionada ao autor do último livro de literatura lido, tanto na edição de 2019 quanto na de 2024.

Apesar de sua importância literária, histórica e social, consideramos relevante o professor inserir outras obras em suas práticas, visando aproximar o jovem da leitura também a partir de autores diversos em seus usos de linguagem, temáticas, gêneros, etc.

Outro aspecto interessante sobre os livros citados pelos participantes desta pesquisa, é que alguns fazem parte das provas de vestibular da Universidade Estadual de Londrina (UEL), almejada por muitos estudantes, porque oferece 60 cursos de graduação e fica na mesma cidade em que residem, o que facilita no deslocamento. Portanto, são obras referenciadas pelos participantes ou mesmo indicadas pela instituição visando à preparação para o vestibular. Sendo assim, segue a lista de livros das obras cobradas nos últimos anos:

**Quadro 5 – Obras literárias cobradas no vestibular da UEL**

2021 e 2022	2023 e 2024
“Contos novos” - Mário de Andrade (Nova Fronteira)	“Contos novos” - Mário de Andrade (domínio público)
“Quarto de despejo” - Carolina Maria de Jesus (Ática)	“Quarto de despejo” - Carolina Maria de Jesus (Ática)
“Histórias que os jornais não contam” - Moacyr Scliar (L&PM)	“Histórias que os jornais não contam” - Moacyr Scliar (L&PM)
“Eles não usam black-tie” - Gianfrancesco Guarnieri (Civilização Brasileira)	“Cartas chilenas” - Tomás Antônio Gonzaga (domínio público)
“A palavra algo” - Luci Collin (Iluminuras)	“Chove sobre minha infância” - Miguel Sanches Neto (Record)
“Amor de perdição” - Camilo Castelo Branco (Melhoramentos)	“Melhores poemas” - Fernando Pessoa (Global)
“Casa de pensão” – Aluísio Azevedo (Martin Claret)	“Niketche” - Paulina Chiziane (Companhia das Letras)
“Clara dos Anjos” – Lima Barreto (Martin Claret)	“O rei da vela” - Oswald de Andrade (Companhia das Letras)

“O vendedor de passados” - Jose Eduardo Agualusa (Tusquets)	“O seminarista” - Bemardo Guimarães (domínio público)
“Poemas escolhidos de Gregório de Matos” - Gregório de Matos (Companhia das Letras)	“Torto arado” - Itamar Vieira Junior (Todavia)

**Fonte:** a autora, adaptado de COPS (2024).

Ao comparar as listas de obras dos últimos anos cobradas pelo vestibular da UEL, com os títulos citados pelos estudantes desta pesquisa, observamos algumas similaridades, tais como: “Quarto de despejo”; “Clara dos Anjos”; “Casa de pensão”; “Histórias que os jornais não contam”; “Amor de perdição”. Sendo assim, podemos inferir que as obras dos vestibulares impactam nas leituras dos jovens, pois foram mencionadas por alguns deles.

Outro elemento de destaque sobre as obras cobradas no vestibular da UEL é que já se indica o site *Domínio Público* para o seu acesso, ou seja, a possibilidade de acessá-las e lê-las no meio digital. Algo que não era considerado até 2022 ao observamos que a lista indica uma editora específica para a leitura de *Contos novos*, de Mário de Andrade, desconsiderando que a obra do escritor está em domínio público desde 2016, bem como: “Amor de perdição”, de Camilo Castelo Branco, “Casa de pensão”, de Aluísio Azevedo e “Clara dos Anjos”, de Lima Barreto.

É importante enfatizar ainda que a escola e as listas de vestibulares parecem dar visibilidade à literatura brasileira frente à predominância de autores estrangeiros, por exemplo. Sendo assim, observamos que, embora os professores tenham aparecido na quarta posição entre os mediadores indicados pelos jovens participantes, ao analisar os títulos e autores indicados aqui, nota-se que sua influência permanece.

Na sequência, chamam a atenção as sagas e séries, ou seja, livros compostos por uma continuação ou uma sequência, que são sucesso de vendas. Nessa esteira, faz-se relevante discorrer sobre o sucesso dessas obras, que, muitas vezes, tornam-se *best-sellers* e alcançam o público de diferentes localidades.

Segundo Sirleide Lima, Agostinho Souza e Solange Corsi (2015), os livros denominados como *best-sellers*, ou em sua tradução, mais vendidos, são frutos da cultura de massa que começou a se popularizar no século XIX. Esses livros são conhecidos pelo seu sucesso de vendas, e não por sua estética, por exemplo. Nesse viés, o livro é tão somente uma mercadoria a ser consumida. Logo, os autores expõem que é comum que uma obra, ao ter êxito, torne-se uma série, pois a temática passa a

ser reproduzida exaustivamente até o público se cansar dela.

Nesse sentido, explicitamos que: “Harry Potter”, de J. K. Rowling; “A seleção”, de Kiera Cass; Percy Jackson, de Rick Riordan; “A rainha vermelha”, de Victoria Aveyard; “Crepúsculo” (Série); “As crônicas de gelo e fogo” são exemplos, citados pelos estudantes desta pesquisa, de obras produzidas em série, visando ao consumo pelo público-leitor, o que nos leva a considerar que a sua propagação atinge o esperado pelo mercado editorial. Portanto, torna-se evidente a preferência desses jovens por obras sequenciais, indicando sua suscetibilidade à influência da publicidade.

Vale destacar que esta mesma pesquisa foi aplicada no contexto português durante a realização do doutorado sanduíche da pesquisadora, contando com a participação de 86 estudantes da cidade de Évora, também do último ano da escolarização. A partir disso, Batista, Balça e Lima (2024) realizaram uma comparação entre os doze títulos mais citados pelos estudantes portugueses e brasileiros, permitindo constatar que os jovens portugueses ficam mais restritos às leituras escolares, pois os autores mais mencionados por eles estão presentes nos documentos oficiais e são predominantemente de nacionalidade portuguesa. Todavia, há uma autora que foge à leitura escolarizada, Colleen Hoover, que também aparece entre os leitores brasileiros, bem como a saga “Harry Potter”.

Quanto à autora Colleen Hoover, em consonância com os dados desta pesquisa, passou a figurar também na 6ª edição da pesquisa “Retratos da leitura no Brasil” (Failla, 2024), seja como autora do último livro de literatura lido, ocupando a segunda posição apenas atrás de Machado de Assis, bem como entre os 15 autores mais conhecidos ou apreciados.

Com relação à obra “Harry Potter”, escrita pela inglesa Joanne Kathleen Rowling, é composta por sete livros publicados no período de 1997 a 2008, e desde então vem se perpetuando no repertório dos jovens. Essa saga aparece na lista dos livros mais marcantes da pesquisa “Retratos da leitura no Brasil” desde a segunda edição, em 2007, permanecendo até a última edição, a qual é a sexta. Ademais, outra saga que aparece com frequência é “Crepúsculo”, escrita pela americana Stephenie Meyer, publicada em 2005, composta por quatro obras, que figura desde 2011 (terceira edição) na supracitada pesquisa.

Embora sejam produzidas visando ao consumo em grande escala, como reflexos do capitalismo e da globalização, tendo em vista que são obras estrangeiras,

traduzidas para diversos idiomas, não podemos desconsiderar que elas parecem estimular os jovens à leitura de certa forma. Isto é, apesar de serem calhamaços, assustadores para uns, muitos leitores enfrentam a tarefa e se põem a lê-los. Isso é relevante em uma cultura marcada por mensagens curtas com um limite de 140 caracteres, como no *Twitter*, ou agora *X*, ou mesmo extremamente imagéticas, como propagados pelo *Instagram*, *TikTok* etc.

Isso nos leva a abordar a influência das redes sociais como *TikTok*, YouTube e *Instagram* nas escolhas dos jovens. Os livros que viralizam nessas plataformas ocupam geralmente as primeiras posições dos livros mais vendidos.

Ao compararmos os autores mais citados pelos participantes desta pesquisa com a lista dos 25 livros mais vendidos pela *Amazon*, nos anos de 2021 e 2022 no contexto brasileiro, divulgada pelo Extra (2022), percebemos haver algumas semelhanças, tendo em vista que os autores que apareceram aqui, também figuram lá.

No ano de 2021, apresentam-se na lista difundida pela Extra (2022) os seguintes autores: George Orwell (4º e 7º lugares); Taylor Jenkins Reid (5º lugar); E. Lockhart (8º lugar); Sarah J. Maas (12º lugar); Victoria Aveyard (14º lugar); Colleen Hoover (19º lugar); Jenna Evans Welch (22º lugar); Holly Black (25º lugar). Já no ano de 2022, temos: Colleen Hoover (1º, 4º, 7º, 15º, 18º lugar); Taylor Jenkins Reid (3º lugar); Alice Oseman (14º lugar); George Orwell (16º lugar); J.R.R. Tolkien (21º lugar); Tillie Cole (24º lugar).

Considerando outra lista, como a realizada por Eduardo Cunha (2022), diretor de negócios na Yandeh, mais alguns autores aparecem, como: Julia Quinn, J.K. Rowling, Kiera Cass e Karen M. McManus.

Apesar de não ser possível saber se os alunos participantes desta pesquisa contribuíram financeiramente para esses números, é evidente que a publicidade movimentada em torno dessas obras os leva a buscar por essas leituras. A influência do *TikTok* no consumo de livros é tão significativa que a *Amazon* já o utiliza como publicidade das obras, nomeando-o como índice de ranqueamento:

**Figura 5** – Página da *Amazon* indicando o livro como sucesso no *TikTok*



Fonte: *Amazon* (2023).

Nesse sentido, para alavancar as vendas, observamos que a *Amazon* destaca a popularidade do livro nas redes sociais.

Por um lado, percebemos dados animadores de que os jovens brasileiros leem, por outro, ao consumirem a literatura, podem estar sendo levados a optarem por textos promovidos pelo mercado editorial, rendendo-se às publicidades apelativas, cada vez mais presentes na vida contemporânea devido à atuação dos algoritmos. A respeito dos autores, figuram vários estadunidenses, expondo a preferência dos jovens pelos estrangeiros.

Quanto à autora brasileira Paula Pimenta, ela também parece fazer sucesso com suas protagonistas adolescentes, sendo citada como preferida por uma das entrevistadas. A leitora **Ev\_CP** enfatiza que o livro “Fazendo meu filme” foi significativo para o seu enlace com a leitura. Logo, quando se encontra desmotivada diante de algum texto, ou em suas palavras, com uma “*ressaca literária*”, ela o relê.

Notamos ainda que **Ev\_CP**, assim como outros leitores, talvez diante do desconforto provocado por algumas leituras, opta por repetir a sua experiência prazerosa ao buscar por um texto conhecido. Para lidar com isso ela recorre à repetição dos livros que já conhece e com os quais tem familiaridade, que sabe que gostará. Consideramos que é uma maneira dela reviver o prazer de ler livros literários, e partir para outras leituras. Portanto, nesse caso, o ato de reler é entrar em contato com algo que já sabe que gosta e que a levou a apreciar a leitura, ou seja, uma questão afetiva.

Sobre isso, também podemos citar o caso de **Gu\_CT** que nos momentos em que mencionou gêneros e histórias lidas, nos levou a observar elementos semelhantes. Um deles refere-se ao enredo, no qual é comum a presença de personagens que trocam de lugar com outra pessoa ou vivem em mundos paralelos, permeado por vilões e mocinhos.

Além dos entrevistados **Ev\_CP** e **Gu\_CT**, outra leitora que parece buscar repetir experiências leitoras é **Ke\_CT**. Ela geralmente envolve-se com a história e seu universo, fazendo com que tenha dificuldades de iniciar um novo livro, ou seja, uma nova relação com outro enredo, personagens etc., também causando-lhe “*ressaca literária*”. Sobre isso, **Ke\_CT** menciona um texto em especial: “— *Eu terminei e tipo, cadê o resto? Eu quero mais. E não tinha por que acabou a série [Trono de vidro]*”. Sua fala representa por que livros em série fazem tanto sucesso entre os leitores. Isto é, ao apreciar um texto, o leitor tende a querer revivê-los, o que é um dos fatores para a busca de textos semelhantes, seja por ser uma continuação, do mesmo autor, do mesmo tema, do mesmo gênero etc.

Os seres humanos são orientados pelo princípio do prazer (Freud, 2020), o que indica a tendência em repetir experiências agradáveis. Portanto, os depoimentos supracitados apenas evidenciam que esse aspecto se manifesta também no campo da leitura. Desde a infância observamos esse fato entre os leitores, momento em que as crianças pequenas já solicitam aos adultos que leiam para elas uma mesma história várias vezes. Ou mesmo quando os jovens e adultos buscam por elementos conhecidos ao selecionar sua próxima leitura, e que já sabem que irão lhe agradar. Isso nos leva a refletir sobre a busca pela repetição de experiências prazerosas entre os leitores de *best-sellers* ou livros em série.

Segundo Colomer (2015), os *best-sellers* apresentam temáticas gerais. Ademais, conforme Lima, Souza e Corsi (2015), a repetição é uma das características dos *best-sellers*, pois o objetivo é vender o maior número de cópias, levando os escritores a inserirem em suas novas obras aspectos semelhantes àsquelas com que obtiveram sucesso. Isto é, a preocupação com a experiência estética não é enfocada, mas sim a criação de obras vendáveis e de uma vinculação do leitor.

Após abordadas as obras lidas no papel, passamos às lidas na tela, ou seja, às obras acessadas pelos jovens a partir dos aparatos tecnológicos, como celular, *notebook*, computador e leitores digitais. Logo, além do livro físico, o leitor tem a opção de acessar os textos literários em suportes digitais.

**Tabela 2 – Os 30 autores e suas obras mais lidas na tela pelos jovens<sup>14</sup>**

N	Títulos	Autor(a)	T
1	<i>*Não menciona o título</i> <i>Dom Casmurro (5)</i> <i>Memórias póstumas de Brás Cubas (6)</i>	Machado de Assis ✓	12
2	<i>Acotar - (5)</i> <i>Cidade da lua crescente (2)</i> <i>Trono de vidro</i>	Sarah J. Maas ✓	8
3	<i>Harry Potter</i>	J.K Rowling ✓	7
4	<i>Quarto de despejo: diário de uma favelada</i>	Carolina M. Jesus ✓	7
5	<i>*Não menciona o título</i> <i>As mil partes do meu coração (2)</i> <i>É assim que acaba (3)</i> <i>Todas as suas imperfeições</i>	Colleen Hoover ✓	7
6	<i>Fanfics</i>	-	6
7	<i>*Não menciona o título</i> <i>A revolução dos bichos (3)</i> <i>1984 (2)</i>	George Orwell ✓	6
8	<i>Amor e gelato (3)</i> <i>Love and luck</i> <i>Love is war</i>	Jenna Evans Welch ✓	5
9	<i>Mil beijos de garotos (4)</i> <i>Um desejo para nós dois</i>	Tillie Cole	5
10	<i>Chainsaw man (série) ☆</i>	Tatsuki Fujimoto	5
11	<i>Crepúsculo (saga)</i>	Stephenie Meyer ✓	5
12	<i>After (série)</i>	Anna Todd	4
13	<i>Solo leveling (série) ◆</i>	Chu-Gong	4
14	<i>Os setes maridos de Evelyn Hugo (2)</i> <i>Evidence of the affair</i> <i>*Não menciona o título</i>	Taylor Jenkins Reid ✓	4
15	<i>Casa de pensão (3)</i> <i>O cortiço</i>	Aluísio Azevedo ✓	4
16	<i>Iracema</i>	José de Alencar ✓	4
17	<i>Amor de perdição</i>	Camilo C. Branco	3
18	<i>One piece (série) ☆</i>	Eiichiro Oda	3
19	<i>Mentirosos</i>	E. Lockhart ✓	3
20	<i>Os Bridgertons (série)</i>	Julia Quin ✓	3

<sup>14</sup> Símbolo ◆: refere-se aos romances ilustrados no estilo de mangá ou anime.

Símbolo ☆: utilizado para demarcar uma obra de mangá.

Símbolo ✓: para evidenciar que o autor lido na tela, já apareceu também entre os mais lidos no papel.

21	<i>A seleção (série)</i>	Kiera Cass ✓	3
22	<i>Kimetsu no Yaiba (série) ☆</i>	Koyoharu Gotōge	3
23	<i>Percy Jackson (saga) (2)</i> <i>Magnus Chase e os deuses de Asgard (série)</i>	Rick Riordan ✓	3
24	<i>Ever after high (série)</i>	Suzanne Selfors	3
25	<i>Plataforma Wattpad</i>	-	3
26	<i>Spy X Family (série) ☆</i>	Tatsuya Endo	3
27	<i>Inocência</i>	Visconde de Taunay	3
28	<i>Heartstopper (série) ✦</i>	Alice Oseman	2
29	<i>O pequeno príncipe</i>	Antoine de Saint-Exupéry ✓	2
30	<i>Kaguya-sama (série) ☆</i> <i>Oshi no lo (série) ☆</i>	Aka Akasaka	2

**Fonte:** a autora.

Verificamos que também no suporte tela há alguns clássicos da literatura brasileira e universal, obras cobradas no vestibular, bem como *best-sellers*. Ao comparar os autores das obras lidas no papel com aqueles lidos na tela, observamos que dezesseis deles se repetem. Isso evidencia que os leitores leem obras clássicas e contemporâneas nos dois suportes, não sendo exclusivas de um ou outro. Uma possível explicação para isso deriva do valor financeiro dos livros. O livro no Brasil é um bem material caro para muitos leitores, então refletem bem sobre em quais obras irão dispensar o escasso dinheiro.

Nessa perspectiva, Ribeiro (2020b), em uma pesquisa com jovens, constatou que os livros cobrados pela escola não são necessariamente objetos desejados por eles, por isso, muitos recorrem aos textos em formato PDF. Então, para cumprir a determinação escolar, os alunos buscam outras maneiras, muitas vezes, gratuitas, como a leitura na tela, especialmente quando não há exemplares suficientes para todos na biblioteca escolar, sem que para isso tenham que adquirir os livros e dispensar seu dinheiro.

Inclusive tivemos seis entrevistados, sendo **Ev\_CP**, **Be\_CP**, **Mi\_CP**, **Gu\_CT**, **Va\_CPT** e **Le\_CPT** que indicam, de forma explícita ou implícita, que os livros físicos são objetos caros, os quais precisam dispensar dinheiro para obter.

Nesses enunciados, observamos que a maior parte menciona o alto preço dos livros físicos de forma genérica. Isto é, ao falar sobre o tema demonstram seu

distanciamento da situação ao indicar o que “as pessoas” normalmente fazem, tal como realizado por **Mi\_CP** e **Va\_CPT**, que elas recorrem ao digital devido ao aspecto financeiro. Verificamos aqui uma tentativa de trazer um pensamento coletivo, e não necessariamente o seu ou vivenciado por eles. Logo, chama a atenção a fala de **Ev\_CP**, que se diferencia por trazer um exemplo experienciado:

***Ev\_CP:** Teve um que eu comprei, o “Clube do livro dos homens”. Não é que eu não gostei, é que não me prendeu. Aí fico, eu vou ler de novo, mas faz muito tempo. Aí falo: — Não, eu não vou continuar. Mas eu não tenho coragem de dar para outra pessoa, é um apelo emocional, que é o dinheiro. Eu falo assim: — Gente, eu gastei um dinheiro nesse livro, deixa aqui!*

No trecho citado, notamos que **Ev\_CP** tem uma ligação afetiva com o objeto livro, e não necessariamente com o texto em si. Desse modo, ela expressa a sua dificuldade em se desfazer de um livro físico adquirido, demonstrando hesitação entre a ideia de que retomará a leitura no futuro ou a abandonará de vez. Aqui ela demonstra um certo arrependimento com a sua compra, mas que não é possível desfazê-la. Isto é, ao comprar o objeto, valoriza-o devido ao seu investimento financeiro. Esse aspecto será aprofundado na subseção 4.5, onde enfocaremos as leituras não efetuadas, desta e de outros leitores.

Por outro lado, quando o assunto é a tela, quatro leitores entrevistados destacam a possibilidade de acessar textos gratuitamente diante da falta de dinheiro para sua aquisição. Embora eles também possam acessar livros físicos de forma gratuita a partir de bibliotecas públicas, estes não o fazem, o que nos leva a inferir que um dos motivos se refere ao fato de vivermos em uma sociedade que preza pela rapidez. Diante disso, muitos deles veem os textos digitais disponíveis na Internet como uma alternativa mais rápida para acessar e ler os textos que desejam, a despeito de burlarem as leis de direitos autorais.

Ademais, devemos considerar que as desigualdades sociais impedem que muitos indivíduos comprem livros físicos ou digitais, então, a possibilidade de acessá-los na Internet, sem dispensar dinheiro, é muito atrativa, até mesmo porque nem todos os livros estão disponíveis nas bibliotecas, conforme ressaltado por **Le\_CPT**, sendo o ambiente digital uma segunda oportunidade deste leitor encontrar e ler aquilo que deseja, mesmo que de formas que infringem os direitos autorais.

Diante dessas considerações, chama a atenção a fala de **Ed\_CPT**, que é o único que menciona o preço das telas, considerando-o alto. Entretanto, ele não se

refere às telas no geral, e sim especificamente ao *Kindle*, indicando que este pode também ser alvo de furtos. Embora o *Kindle* seja um aparelho tecnológico evidentemente mais barato do que um smartphone, por exemplo, nesta pesquisa, muitos estudantes o consideram caro. Desse modo, inferimos que isso se deve especialmente às diferentes funções que cada aparelho oferece, uma vez que um smartphone oferece inúmeras possibilidades de uso, muitos deles ligados às atividades de lazer dos participantes. Além disso, é importante pontuar que a compra do *Kindle* não garante o pleno acesso aos textos, pois para isso o usuário deve pagar por uma assinatura mensal, ou ainda deve dispensar dinheiro na compra de livros no formato digital para a leitura no aparelho. Portanto, provavelmente os leitores não consideram o valor do objeto condizente com os benefícios que oferece, especialmente para aqueles que preferem os livros físicos e utilizam a tela como uma ferramenta para alargar suas possibilidades.

Percebemos aqui que os participantes desta pesquisa utilizam lógicas diferentes para responder a uma mesma questão, pois enquanto quatro deles consideram provavelmente o texto, tendo em vista que a tela que já possuem, tal como a de um celular, **Ed\_CPT** enfoca os leitores digitais, que conforme os dados recolhidos no questionário desta pesquisa, não são tão comuns entre os jovens brasileiros.

Além disso, os dados sobre os textos lidos na tela pelos jovens, evidenciam que a Internet contribuiu para o acesso a gêneros diversos, uma vez que *fanfics*, mangás e novelas gráficas foram mencionados apenas nessa categoria, bem como a plataforma utilizada para a leitura, intitulada *Wattpad*<sup>15</sup>. Portanto, observamos que os ambientes virtuais, onde textos diversos circulam, ampliam o contato dos jovens com esses gêneros devido à facilidade de acessá-los.

Isso demonstra que os leitores, a partir dos suportes digitais, procuram mais por leituras do seu próprio interesse, e não necessariamente por obras valorizadas socialmente pela escola ou outras entidades. Isto é, ao considerar que Rebora *et al.* (2021) apontam que no site da *Wattpad* a maior demanda de leitura é por histórias escritas por adolescentes, dentre elas as *fanfics*, deduzimos que se trata de escritores iniciantes, talvez, pouco conhecidos, e certamente não indicados no contexto escolar. Então, isso nos leva a concluir que, fora dos muros da escola, os jovens leem aquilo

---

<sup>15</sup> Destacamos que as *fanfictions* (fanfics ou fics) e a plataforma *Wattpad* foram apresentadas na tabela 2 mesmo não tendo os autores ou títulos definidos pelos participantes, pois consideramos um dado importante sobre a leitura nos suportes digitais.

que apreciam, à revelia das instituições ou do que é socialmente valorizado.

Embora as *fanfictions* tenham surgido antes do advento da Internet, publicadas em *fanzines* impressas, comuns desde a década de 1970, conforme Maria Vargas (2005), é evidente que o surgimento das tecnologias digitais e do acesso à Internet possibilitaram ampliar a circulação desses textos ao nível mundial, rompendo barreiras geográficas e linguísticas. Segundo Vargas (2005), as fanfics são histórias ficcionais criadas por fãs. Esse gênero remete a uma comunidade de fãs de obras e de artistas diversos, ou seja, a produtos culturais veiculados em meios de comunicação em massa. “O termo resulta, portanto, da fusão de duas palavras da língua inglesa, *fan* e *fiction*, e designa uma história fictícia, derivada de um determinado trabalho ficcional preexistente, escrita por um fã daquele original” (Vargas, 2005, p. 21). Nesta pesquisa, não é possível discorrer se os jovens são também autores de *fanfics*, mas que são leitores, uma vez que além de ter sido citado diretamente, também é muito presente na plataforma *Wattpad*.

Anna Todd, citada por quatro alunos desta pesquisa, é um exemplo de escritora que utilizou a plataforma *Wattpad* para publicar seus textos. Um dos seus romances foi publicado pela primeira vez nesse espaço virtual em 2013. Com o sucesso editorial, a autora criou uma série, composta por seis livros, sendo também adaptada para o cinema em 2023. Portanto, é uma plataforma que dá visibilidade a autores, anônimos ou não, e que parece ser utilizada pelos leitores desta pesquisa.

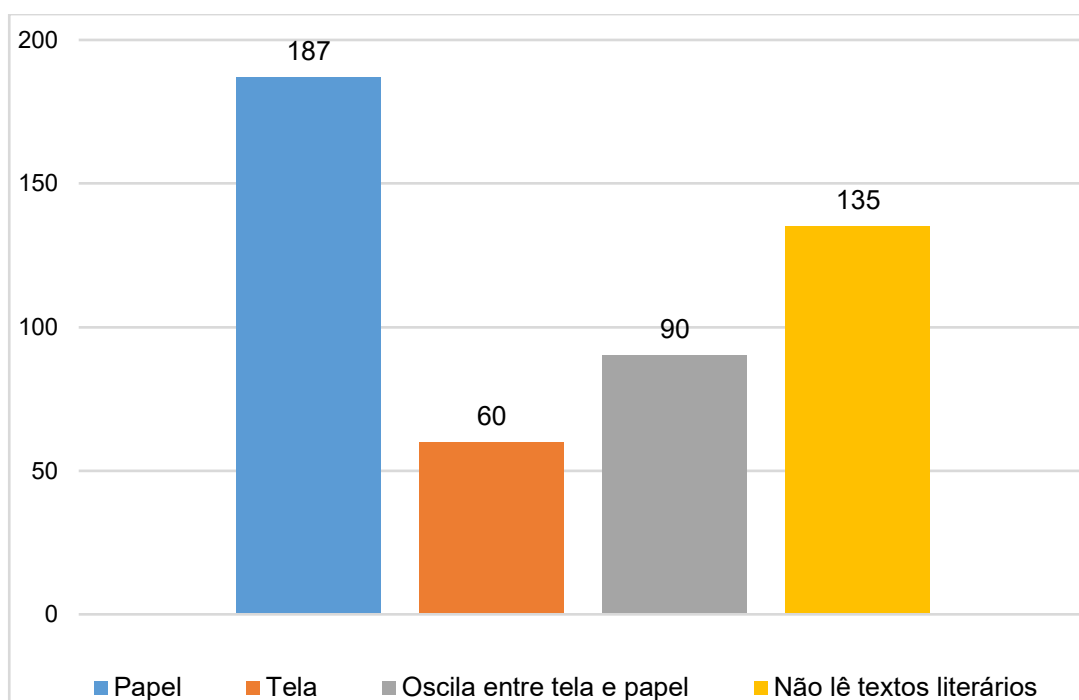
A respeito do mangá, gênero que surgiu no Japão e se popularizou no Brasil, estando presente por aqui desde a década de 1960, segundo Camila Lobo (2018), é composto pelo uso da linguagem verbal e não-verbal, com desenhos tradicionalmente apresentados em preto e branco. A partir da expansão dos suportes digitais, é importante considerar que esse gênero se adaptou bem a eles, especialmente a tela dos celulares. Com isso, muitos mangás são “[...] imaginados para serem essencialmente consumidos dessa maneira e, eventualmente, impressos depois em volume” (Mollier, 2014, p. 59). Esse aspecto nos leva a inferir que a adaptabilidade do gênero às telas é uma das justificativas para que tenha sido mencionado com recorrência apenas na Tabela 2. Isto é, talvez os jovens não sintam necessidade de buscar pelos mangás no papel, pois também é difícil de conseguir devido às limitações financeiras e de idioma, com alguns sem tradução para o português.

Sobre isso, destacamos a fala de um dos leitores entrevistados, na qual diz que algumas séries de mangás que acompanha pararam de ser traduzidas para o

português, ou foram canceladas por diferentes motivos. Diante disso, **Gu\_CT** foi levado a acessá-las na língua original e traduzi-las por conta própria a partir do uso da ferramenta *Google Tradutor*, que nem sempre é tão efetiva. É interessante que o desejo de continuar a leitura é tanto, que mesmo sendo uma língua que pouco domina, e que tem uma escrita tão diferente da que conhece, **Gu\_CT** busca soluções alternativas com a ajuda dos dispositivos digitais. Portanto, nesse caso, o uso dos suportes digitais se faz importante.

A fala de **Gu\_CT** ainda revela uma prática social bem presente entre os leitores de mangás, denominada de *scanlation*, que conforme Tatiane Hirata e Yuji Gushiken (2012, p. 127), refere-se à “reprodução digitalizada e ilegal de mangás (quadrinhos japoneses) levada a cabo por fãs em circuitos de sociabilidade na cibercultura”. Assim sendo, os mangás são acessados, muitas vezes, por vias não autorizadas, a partir da digitalização da obra, tradução e distribuição de forma gratuita entre os leitores nas mídias digitais, em uma prática colaborativa em que os fãs do gênero, compartilham suas habilidades para tornar acessíveis os textos, e alguns até ganham dinheiro com isso, pois outros fãs se dispõem a pagar por esse serviço, afinal conseguem um acesso a textos almejados de forma mais veloz.

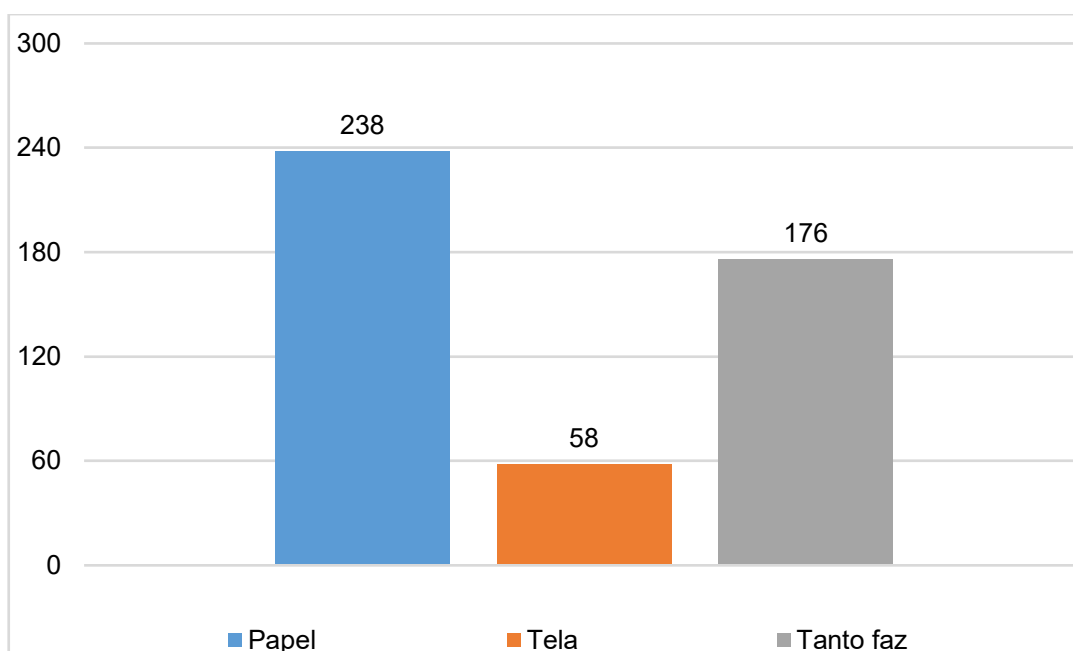
Após entender o que os estudantes leem no papel e na tela, permitindo-nos fazer algumas inferências, buscamos identificar qual o suporte utilizado com mais frequência para a leitura de textos literários:

**Gráfico 12 – Suportes utilizados pelos jovens com mais frequência**

**Fonte:** a autora.

Dentre os estudantes que afirmaram ler textos literários, observamos que a cultura impressa tem grande influência em suas práticas de leitura, uma vez que ainda utilizam o papel com mais frequência do que a tela, tendo em vista que 39,6% dos jovens afirmaram usar o papel, contra 12,7% a tela. Entretanto, uma parcela significativa dos alunos leitores já vem alternando entre a tela e o papel para a leitura de textos literários, representando 19,1% deles. As explicações para a predominância do papel, bem como pelo uso de ambos os suportes, serão aprofundadas no decorrer das análises das perguntas respondidas por eles.

Outro aspecto importante refere-se ao fato de que, embora os jovens realizem as leituras em diferentes suportes, têm suas predileções. Sendo assim, buscamos compreender quais são os seus suportes preferidos para a leitura de textos literários longos:

**Gráfico 13** – Suporte preferido para a leitura de textos literários longos

**Fonte:** a autora.

Diante desses dados, percebemos que a maioria dos estudantes prefere ler obras literárias longas no papel, dado que 50,4% deles assinalou essa alternativa. Apenas 12,3% demonstraram preferir a tela para a mesma finalidade. Desse modo, notamos que a tela até o momento não é o suporte predileto ou mais acessado entre os jovens.

Então, fica claro que, embora os recursos tecnológicos venham ganhando espaço na vida dos jovens como suportes para leitura, estes não se apresentam como superior ao papel, de acordo com suas preferências. Dados semelhantes aparecem na pesquisa “Retratos da leitura no Brasil” (Failla, 2024), na qual 57% dos leitores afirmaram que preferem ler em livros de papel, contra 22% em livros digitais, e 21% em ambos os suportes.

Quanto aos 37,3% que se mostraram indiferentes ao suporte nesta pesquisa, inferimos que englobam os alunos que não costumam ler textos literários, bem como aqueles que de fato não veem diferença entre eles.

Sendo assim, a fim de compreender o porquê das preferências de suporte relacionadas à leitura de textos longos, solicitamos que os participantes discorressem sobre suas justificativas em uma questão aberta. Nesse sentido, a seguir, enfocamos as justificativas apresentadas pelos 238 jovens que disseram preferir o papel para a leitura dos textos longos. Desse modo, organizamos um quadro com duas categorias

principais e algumas subcategorias, que serão comentadas a seguir, para destacar alguns exemplos de respostas que trazem esses aspectos:

**Quadro 6** – Algumas motivações para a escolha do livro físico para leituras longas

<b>Categoria</b>	<b>Subcategoria</b>	<b>Exemplos</b>
1. <i>Processamento da leitura em diferentes suportes</i>	1.1 <i>Experiência cognitiva</i>	<p><i>“Pessoalmente a leitura de um livro físico é uma atividade mais confortável e relaxante, só leio digitalmente quando não possuo o livro físico”;</i></p> <p><i>“Tenho dificuldade de me concentrar então leio quando estou sozinha e desconectada”;</i></p> <p><i>“Gosto de ter o livro em papel nas mãos, a leitura flui melhor e me distraio menos. Além de que gosto de marcar frases e cenas importantes e/ou que gosto mais”;</i></p> <p><i>“Gosto de ler quando estou segurando o livro, consigo ficar mais concentrada se não estiver no celular, onde tem outras redes sociais para me distrair”.</i></p>
	1.2 <i>Comportamento leitor</i>	<p><i>“Histórias longas exigem mais concentração, então sentir o livro na sua mão e sem ter acesso a outras funções sem ser a leitura, você acaba ficando mais imerso na história que o livro apresenta”;</i></p> <p><i>“Pois eu acho mais dinâmico ler em um papel porque não preciso ficar ajustando tamanho e brilho”;</i></p> <p><i>“No papel é mais prático ler textos longos já que não dependo de bateria da tecnologia”.</i></p>
	1.3 <i>Desconfortos físicos provenientes da tela</i>	<p><i>“Consigo “me desligar” do celular e das redes sociais quando leio um livro físico”;</i></p> <p><i>“Prefiro ler textos longos no papel porque me canso de ler pela tela de um computador ou celular, cansa a vista e me dá dor de cabeça com mais frequência”;</i></p> <p><i>“Meus olhos ficam doendo se ficar lendo pelo celular”;</i></p> <p><i>“[...] além de que leitura em telas podem a longo prazo desencadear alguns problemas como na visão, pelo contato prolongado com a luz das telas que cansam a vista”.</i></p>

<p>2. Materialidade e a relação corporal com os livros físicos</p>	<p>2.1 Experiência afetiva e subjetiva</p>	<p>“[...] sente mais a emoção da história”;</p> <p>“Tenho apreço pelos livros físicos”;</p> <p>“Conseguo sentir uma conexão maior com a história”;</p> <p>“Livro eu tenho um apego maior, pois tem a capa e você pode tocar e mergulhar mais na leitura”;</p> <p>“Pois eu me sinto mais atraída, além de poder sempre ver quanto ainda falta pelo volume das páginas que faltam, eu me sinto mais inserida no roteiro”;</p> <p>“[...] eu prefiro ter o livro para guardar para mim”.</p>
	<p>2.2 Experiência sensorial</p>	<p>“[...] nos livros nós podemos ter uma experiência mais concentrada no corpo todo do livro [...]”;</p> <p>“Gosto de sentir as texturas das páginas”;</p> <p>“Porque a sensação de segurar o livro nas mãos é mais viva e mais prazerosa”;</p> <p>“Acredito que seja mais por costume de poder tocar e folhear o livro livremente, por mais que seja possível fazer isso com dispositivos digitais”;</p> <p>“Pode ser usado marcadores nas páginas”;</p> <p>“Eu prefiro ter contato físico com o livro”;</p> <p>“Sentir o livro é mais interessante, mais vivo [...]”;</p> <p>“Eu prefiro ler livros físicos, ainda gosto da sensação de comprar o livro, tirar o plástico, sentir o cheiro do livro. Apesar de livros online serem mais baratos, ainda gosto do livro físico”.</p>
	<p>2.3 Comportamento leitor</p>	<p>“Por costume [...]”;</p> <p>“prefiro ler no papel porque nunca li em tela, então não sei como é”;</p> <p>“Não estou acostumado a ler pela tela, me sinto desconfortável a ler pelo celular por exemplo”;</p> <p>“Como eu sempre li pelo papel, acabo preferindo o mesmo”;</p> <p>“Gosto da sensação de ter um livro físico que não precisa de bateria para ler e de vê-lo na estante”.</p>

Fonte: a autora

A categoria 1, denominada *Processamento da leitura em diferentes suportes*, é composta pelas respostas que indicaram que a tela afeta o ato de ler, e que o papel é mais favorável a essa atividade, especialmente por suas características materiais. Logo, houve algumas subcategorias que puderam ser agrupadas a ela, pois também

se referem a aspectos do processamento da leitura, que, na visão dos estudantes, acontece de formas diferentes a depender do suporte.

Na subcategoria 1.1, intitulada *Experiência cognitiva*, agrupamos referências à leitura como um processo que envolve a cognição. A tela é apontada como causadora de alguns efeitos prejudiciais à leitura em 96 respostas, ao relacioná-la com: desconcentração (39 menções), distração (21 menções), perda de foco (12 menções), desatenção (11 menções), menor imersão/conexão com a obra (8 menções), prejuízos a compreensão/entendimento (5), entre outros.

Já na subcategoria 1.2, nomeada *Comportamento leitor*, temos referências ao papel como sendo mais confortável (20 menções) por ter algumas especificidades, como: não precisa de bateria ou de Internet, não é necessário ajustar o brilho ou mesmo o tamanho da letra. Isto é, o livro, enquanto objeto, apresenta-se ao leitor de forma acabada, com os aspectos já pensados previamente pela equipe editorial, como o tamanho da página, letra, fonte, cor etc., cabendo ao leitor apenas abri-lo e iniciar a leitura, sem se preocupar com o tanto de bateria que ainda lhe resta ou se a luz emitida está muito intensa.

Ademais, o livro físico foi apontado pelos jovens como aquele que tem apenas uma função, ou seja, ler, favorecendo o foco na atividade. Já a tela, especialmente a de um smartphone, tem múltiplos usos, o que alguns jovens relatam incentivá-los a abandonar a leitura e partir para outra tarefa.

Vale ressaltar que esse aspecto também foi mencionado por três dos entrevistados. No depoimento de **Ev\_CP**, notamos que a preferência pelo papel é justificada pela multiplicidade de funções associadas à tela de um celular, como de comunicação com amigos, familiares etc., o que a leva a abandonar a leitura para responder a outras demandas. Inferimos que na percepção dessa leitora há mais chances de ela desistir de uma leitura na tela, do que quando realizada no papel, devido às características de cada suporte e àquilo que estão associados.

Ao apontar as desvantagens da tela, **Ga\_CT** diz que: “— *Eu tenho que desligar [as notificações] senão não presto atenção direito*”. A escolha dessa leitora especificamente pela palavra “desligar”, ao invés de “desativar”, por exemplo, chama a atenção. Embora essas palavras tenham significados semelhantes, a primeira implica um processo relacionado ao dispositivo como um todo, interrompendo o funcionamento de todos os programas e arquivos, enquanto a segunda refere-se apenas à suspensão de uma função específica, permitindo a continuidade do uso

normal do dispositivo. Isso nos permite inferir que **Ga\_CT** precisa, de fato, transformar seu dispositivo eletrônico, que no seu caso é o celular, em um objeto o mais semelhante possível ao livro físico, que tem apenas uma função: propiciar a leitura de um texto. Portanto, isso envolve efetivamente o ato de interromper o funcionamento de todos os outros aplicativos, a fim de dar a devida atenção apenas à leitura, não estando relacionado apenas às notificações emitidas pelo celular.

**Le\_CPT** também comenta sobre esse ponto, destacando que a leitura na tela desperta sua vontade de verificar suas redes sociais. Sendo assim, observamos que ela associa esse suporte a outros fins, interferindo na atividade leitora.

Esses dados demonstram que ler na tela leva o sujeito a adotar estratégias que o ajudem a se concentrar e atribuir um novo uso para o dispositivo digital. Conforme Chartier (2020), as redes sociais favorecem uma leitura dinâmica, nas quais se muda de uma tarefa para outra em segundos e de um *post* para outro. Logo, concentrar-se em uma tarefa mais complexa e por mais tempo, pode demandar do leitor algo com que não está acostumado e deverá treinar para fazer em diferentes suportes, de acordo com seus propósitos.

Além disso, percebemos que tanto no questionário quanto nas entrevistas, os aplicativos de mensagens e as redes sociais são citados como “tentações” frente ao ato de ler. Isso é relevante na medida em que pesquisas como a de Lia Fialho e Francisca Sousa (2019), apontam que o uso contínuo das redes sociais pode acarretar vício e dependência em seus usuários, uma vez que verificaram que os jovens as utilizam em diferentes contextos, como casa, escola etc. visando à interação constante com o mundo virtual. Conforme Andrew Westbrook *et al.* (2021), as redes sociais impactam nos neurotransmissores, como o da dopamina, responsável por provocar o prazer, estimulando seu uso constante. Assim, as redes sociais propiciam ao indivíduo a obtenção de prazer aparentemente sem fazer muito esforço, ao contrário da leitura, especialmente aquelas mais complexas e longas.

É notável para muitos indivíduos que um longo tempo em frente às telas pode provocar efeitos no corpo, sendo um aspecto ressaltado pelos jovens para justificar a sua preferência pelo papel, e agrupados na subcategoria 1.3 *Desconfortos físicos provenientes da tela*. O primeiro deles refere-se à sensação de cansaço (29 menções) causada pelas telas, levantada por alguns participantes, tanto no questionário quanto nas entrevistas. Isso é relevante na medida em que sabemos que os jovens realizam várias atividades nas telas, como: estudar, jogar, assistir a vídeos, navegar pelas

redes etc., já evidenciadas no gráfico 8 (página 98). Nesse sentido, pode ser que eles vejam a leitura no suporte físico como propícia para ter um momento de desconexão com o mundo digital ou mesmo deixar as telas um pouco de lado.

Ademais, outros desconfortos ressaltados por eles foram fadiga ocular (31 menções) e dores de cabeça (12 menções). Sendo assim, observamos que muitos jovens evitam a leitura na tela por acreditarem que trazem prejuízos a sua saúde física. Esse aspecto chama a atenção, uma vez que como já pontuamos, os participantes desta pesquisa realizam diversas atividades nesse mesmo suporte, o que será aprofundado mais adiante.

Destacamos ainda que a categoria 2, ligada à *Materialidade e a relação corporal com os livros físicos*, agrupa elementos levantados por vários participantes. A materialidade do livro está ligada aos afetos provocados no leitor, dado que alguns deles prezam pela sua existência concreta, o que o torna um objeto visível aos olhos, palpável e que exala odores. Logo, alguns estudantes ressaltaram que apreciam manusear o livro, utilizando o corpo e seus sentidos e que esse objeto desperta sensações subjetivas e afetivas, conforme as respostas agrupadas nas subcategorias: *2.1 Experiência afetiva e subjetiva; 2.2 Experiência sensorial; 2.3 Comportamento leitor*.

Esses dados permitem perceber que os livros físicos proporcionam uma experiência de leitura multissensorial (Spence, 2020), que desperta sensações e emoções no leitor ligadas não só ao conteúdo da leitura, mas também ao seu suporte. Nesse sentido, verificamos que apesar de a tela também propiciar uma experiência multissensorial (Levratto, 2017) na medida em que também dispõe de recursos visuais, auditivos e táteis, esta, até o presente, ainda não foi capaz de imitar a experiência corpórea e desejante entre leitor e livro físico.

Ainda, houve oito participantes que enfatizaram usar o papel por ser um suporte com o qual têm mais experiência no uso para a leitura de textos longos. Isto nos leva a pensar que é uma questão de familiaridade com o suporte, especialmente para esse uso específico. Essa familiaridade pode estar relacionada tanto com a sua afetividade, uma vez que o papel geralmente faz parte das primeiras experiências com a leitura, quanto com a cognição, pois alguns leitores possuem mais facilidade em manusear livros físicos devido às práticas sociais de que participam com mais frequência.

Sobre isso, destacamos a fala de três entrevistados. **Ed\_CPT** destaca que no livro físico o sujeito “— vai conseguir [ler] do jeito que sempre leu”. Neste excerto, é

possível identificar que ler no papel é diferente de ler na tela, e que exige mudanças nos gestos e/ou comportamento realizados durante o processo de leitura, sendo um dos motivos para a preferência por livros físicos, quando este é uma opção.

Por sua vez, **Be\_CP** afirma que “— *É que quando comecei a ler, eu sempre li no papel. E está ligado também com costume*”. Ao utilizar o advérbio “*sempre*”, a leitora marca a sua trajetória com a leitura a partir de livros físicos, ou seja, dá indícios de ter se engajado com essa atividade nesse suporte. Então, o livro físico parecer ter um simbolismo para **Be\_CP**, o que também está ligado às sensações despertadas. Ao afirmar que ler no papel é uma prática que tem mais “*costume*” de realizar, nos leva a inferir que ela provavelmente consegue manusear o referido suporte com mais facilidade devido a sua experiência, o que não acontece com a tela de um celular.

Em consonância, **Va\_CPT** também revela a familiaridade com a leitura no papel e que o uso da tela foi algo necessário. Essa leitora opta por ler nos dois suportes para aumentar as suas possibilidades de acesso, uma vez que não consegue adquirir tudo o que deseja ler, e nem tudo está disponível em bibliotecas escolares e públicas.

No tocante à preferência pela **tela**, constatamos que muitos leitores justificaram a sua escolha por ser uma preferência pessoal, sem dar muitos detalhes sobre a sua motivação. Já outros estudantes apontaram que a tela é um objeto prático ou fácil, mas também não detalharam o que seria isso.

Quanto aos estudantes que apresentaram mais detalhes, agrupamos na categoria 1. *Características da tela*, divididas em três subcategorias principais: 1.1 *Portabilidade*, 1.2 *Funcionalidades* e 1.3 *Acessível*:

**Quadro 7** – Algumas motivações para a escolha das telas para leituras longas

<b>Categoria</b>	<b>Subcategoria</b>	<b>Exemplos</b>
1. <i>Características da tela</i>	1.1 <i>Portabilidade</i>	<p>“Às vezes eu saio de casa e o livro é pesado para levar nos lugares”;</p> <p>“A leitura na tela é mais fácil em alguns lugares e/ou algumas ocasiões”;</p> <p>“Muito mais prático ler em tela, porque celular ou tablet, você está em qualquer lugar com ele e fica mais fácil de usufruir”;</p>

	1.2 <i>Funcionalidades</i>	<p><i>“Lendo na tela posso ir pesquisando as palavras que não conheço com mais facilidade”;</i></p> <p><i>“Tenho mais facilidade em ler na tela por ter zoom e ser mais fácil de pesquisar caso eu não saiba o significado de alguma palavra”;</i></p> <p><i>“Eu prefiro ler pelo celular, pois é mais prático que carregar livros, celular está sempre comigo e eu posso ajustar, tamanho da letra, cor e tudo”;</i></p> <p><i>“No Kindle eu tenho uma praticidade absurdamente maior do que em um livro de papel. Sem contar que o acesso a novos livros é muito mais fácil e poupa esforço. O Kindle também entrega uma portabilidade muito maior e possui funções que auxiliam muito na leitura, como dicionário embutido, brilho de tela, tamanho ajustável de fonte, entre outras vantagens”.</i></p>
	1.3 <i>Acessível</i>	<p><i>“É fácil ler online e mais barato do que comprar um próprio”;</i></p> <p><i>“É mais acessível/ fácil de carregar”.</i></p>

**Fonte:** a autora

Evidenciamos que a subcategoria *1.1 Portabilidade* contém as respostas que se referem ao fato de a tela, especialmente a do celular, estar sempre ao seu alcance (12 menções), sem peso adicional. Isto é, os jovens relatam que o celular, mesmo sem intencionalidade prévia de leitura, é carregado para diferentes lugares, logo podem usá-lo para tal quando quiserem. Isso está em consonância com as considerações de Reis e Rozados (2016), que destacam que o peso se caracteriza como uma das comodidades oferecidas pelos dispositivos digitais quando relacionados à leitura. Isso não ocorre no caso dos livros, que dependendo do número de páginas, são pesados e precisam de planejamento prévio do leitor, que deve incluí-los em sua bolsa, por exemplo.

Já na segunda subcategoria, temos outros leitores que ressaltaram as *1.2 Funcionalidades* da tela (8 menções), e que o papel não possui, como a possibilidade de ajustar a letra, pesquisar palavras desconhecidas de forma rápida ou mesmo ler no escuro, dado que esses dispositivos têm luz própria. Então, enquanto esse aspecto é destacado como ruim pelos leitores do papel, aqui ele é visto como positivo.

Ademais, o uso da tela foi justificado em *1.3 Acessível* (6 menções), seja referindo-se à gratuidade dos textos acessados por ela, ou novamente por estar sempre ao seu alcance. Logo, assim como o papel tem mais características positivas para uns, a tela também apresenta recursos próprios e que agradam alguns leitores.

Os aspectos citados na categoria 1. *Características da tela*, e suas respectivas subcategorias também foram mencionadas nas entrevistas, na qual leitores como **Ke\_CT**, **Gu\_CT** e **Va\_CPT** destacam que utilizam a tela para a leitura devido a sua praticidade advinda de diferentes aspectos.

Considerando que o livro físico tem um peso variável, a depender da gramatura do papel, formato, número de páginas, tamanho etc., é provável que um dispositivo eletrônico se apresente como algo mais leve para o transporte, então, um ponto que leva os leitores a considerarem-no para a leitura em determinadas situações. No caso de **Ke\_CT**, isso extrapola uma simples preferência de suporte, mas evidencia que ler um livro físico não é uma alternativa sempre viável com sua rotina, mesmo que seja algo que “adore”. Isso também é ressaltado por **Be\_CP**, deixando claro que tem que ponderar suas escolhas de leitura com base também no “peso” do suporte. Embora não explicita que a solução para o seu problema seja utilizar a tela, como outros leitores, sua fala apresenta um problema real enfrentado pelo leitor. Isto é, mesmo que deseje ler livros “grandes”, o que demonstra que a extensão do texto não a assusta, **Be\_CP** tem que optar por ler textos menores devido às suas condições para a leitura.

A praticidade do acesso também advém da possibilidade de acessar textos de forma gratuita na tela, ou por um preço acessível, aspecto que justifica a recorrência à tela na fala de três leitores.

Sobre isso, **Ke\_CT** afirma pagar 20 reais por mês em sua assinatura do *Kindle*, o que a permite acessar “muitos livros”. Desse modo, ela destaca uma certa resistência em começar a ler na tela, talvez por já estar habituada a realizar a atividade por meio de livros físicos, ou mesmo pela afetividade com esses objetos. Entretanto, diante do desejo de ler no período de pandemia, momento em que acessar livros físicos por meio de empréstimos estava inviável, bem como a compra por sua falta de condições financeiras, a partir do incentivo da amiga, a leitora, **Ke\_CT** passou a realizar leituras na tela. Essa prática parece ter se consolidado e persistido após o término da pandemia, dado que diz ser algo que não “dá para parar”, fato que provavelmente a levou a adquirir um leitor digital.

Portanto, **Ke\_CT** iniciou a leitura na tela por meio de um celular, aparelho que provavelmente já possuía, mas ao perceber que esta era uma opção benéfica, ela realizou um investimento financeiro em um dispositivo *Kindle*. Embora o leitor digital seja o preferido, pois “não machuca a vista, é bem melhor”, **Ke\_CT** argumenta que

ainda continua utilizando o seu celular, pois às vezes este tem que “*ficar guardadinho*”. Então, essa leitora oscila entre as diferentes telas a depender da situação.

Na mesma direção, **Gu\_CT** também destaca que a possibilidade de acessar textos gratuitamente o motiva a ler na tela, dizendo: “— *Eu posso pegar os livros de graça, é meio que a pirataria*”. Chama a atenção a escolha do leitor pela palavra “*meio*”, uma vez que não há como violar apenas parcialmente os direitos autorais. Ele parece escolher esse advérbio para suavizar a sua ação, que implica em infringir a lei brasileira e prejudicar os autores, fato de que parece estar consciente, afinal, destaca na sequência que nas poucas vezes que comprou um livro, uma delas foi para “*ajudar*” a escritora porque “*gostou*” dela. Sobre isso, é possível depreender certa proximidade do leitor com a autora, referindo-se a alguém que ele conheceu e, assim, comprou o livro. Nesse sentido, ao aproximar-se da autora, seja devido à afetividade com os textos lidos, ou mesmo de uma interação nas redes sociais, o livro assume outro *status* para ele.

Outra leitora que também ressalta o aspecto financeiro é **Va\_CPT**, indicando ser esse um fator para a utilização da tela para a leitura, destacando que: “— *Eu geralmente não compro muito livro físico porque é meio caro. Aí eu acabo lendo pela Internet*”. Observamos aqui novamente a escolha lexical pela palavra “*meio*”, mas desta vez para suavizar a palavra “*caro*”. Isso parece uma tentativa de amenizar a situação, dando a impressão de que é possível encontrar alguns com preços acessíveis, pois, algumas vezes consegue comprá-los, o que fica implícito nos advérbios “*muito*” e “*geralmente*”. Outro ponto é o uso do verbo “*acabar*”, não em seu sentido de terminar ou concluir algo, mas que foi levada a ler na tela devido às circunstâncias.

Já os alunos que não têm preferência, e usam os dois suportes, muitos não apresentaram justificativas, ou ressaltaram que assinalaram a alternativa “tanto faz” porque não leem. Dentre os estudantes que relataram os motivos, chamamos a atenção para algumas respostas mais frequentes.

**Quadro 8** – Algumas motivações para a leitura em ambos os suportes

Categoria	Subcategoria	Exemplos
1. Conteúdo em foco		<p><i>“Tanto faz ler na tela ou no papel, os dois têm o mesmo conteúdo”;</i></p> <p><i>“Não importa muito onde eu leio, quando o livro é do meu interesse a atenção à leitura é igual não importa onde”;</i></p> <p><i>“Se o livro me é de interesse eu leio independente de ser na tela ou físico”;</i></p> <p><i>“O que me prende em uma obra é a história, e não o formato em que estou lendo”.</i></p>
2. Escolha condicionada	2.1 Disponibilidade	<p><i>“Depende de qual forma está disponível”;</i></p> <p><i>“Pois nem sempre terei os dois ao mesmo tempo. Enquanto tenho a tela, não necessariamente preciso do papel”;</i></p> <p><i>“Se eu tiver oportunidade de comprar o livro em papel, senão eu leio na internet”;</i></p> <p><i>“Prefiro ler em um livro, pois meu celular não tem um suporte muito bom pra leitura, tanto pela tela muito forte que acaba machucando os olhos e a tela é rachada, porém não vejo problema se tiver que usar”;</i></p> <p><i>“Normalmente eu prefiro o livro físico, mas nem sempre é possível então leio online mesmo”;</i></p> <p><i>“Eu vou pelo acesso mais fácil, por exemplo livros físicos eu só compro se eu puder”.</i></p>
	2.2 Ponderações: o que, onde, quando?	<p><i>“Eu tenho preferência em leitura no papel porque consigo entender mais, já pelo celular preciso prestar mais atenção em um livro grande por exemplo para entender bem, mas mesmo assim não me importo por onde vejo”;</i></p> <p><i>“Um livro muito grande, como Anna Karenina, prefiro ler na tela por conta do peso e ficar desajeitado, mas um livro de até 400 páginas eu prefiro no papel”;</i></p> <p><i>“Se eu estiver em casa, prefiro ler pelo papel, pois acho mais confortável e mais imersivo que ler por tela, porém a tela normalmente é mais móvel e menor que o livro impresso, o que a torna ótima para ler em viagens, e lugares que não sejam sua casa”;</i></p> <p><i>“Para mim tanto faz, pois eu acho que eu teria a mesma emoção ou empolgação em ambas as formas. Mas claro que cada um tem suas vantagens e desvantagens, como o Kindle que seria mais prático para leituras durante a noite. Já no papel, seria algo mais “clássico” e confortável”.</i></p>

Fonte: a autora

Temos em 1. *Conteúdo em foco*, respostas que enfatizam que o texto é o

mesmo tanto no papel como na tela, aspecto mencionado 21 vezes. Isso indica que o suporte não é tão relevante para eles, mas sim o seu interesse pela obra ou pela própria leitura. Isso nos leva a inferir que, no contexto escolar, antes de o docente eleger o suporte da leitura, primeiro é importante despertar a vontade dos alunos pela leitura em si ou pela obra selecionada.

Esse elemento também foi levantado na entrevista, na qual quatro dos entrevistados enfatizam que o conteúdo do texto, acessado pela tela, ou pelo impresso em um livro físico, é o mesmo, representando, portanto, uma semelhança entre os diferentes suportes. Logo, os conteúdos se mantêm e a mudança maior está no formato. Enquanto **Va\_CPT** considera que o conteúdo é mais importante do que o suporte eleito para a leitura, **Gu\_CT**, **Ed\_CPT** e **Le\_CPT** argumentam que todos os elementos que um livro físico tem, como capa, quarta capa, divisão de capítulos etc., são reproduzidos pelo texto lido na tela, representando uma diferença apenas no suporte utilizado para acessá-lo.

Outro ponto que leva os estudantes a lerem na tela e no papel, é que cada suporte oferece algo diferente ao leitor, agrupados em 2. *Escolha condicionada*, ponto exteriorizado por 31 deles. Eles alegaram que não são todos os textos que desejam ler que estão disponíveis nos dois suportes. Diante disso, talvez para alargar as suas possibilidades e satisfazer suas vontades de ler determinadas obras, que dependendo de sua classe social são ainda mais escassas, os alunos adaptam-se à leitura em ambos os suportes. Ainda, houve discentes que reconhecem que cada suporte tem seus pontos negativos e positivos, o que indica que o uso de um ou outro dependerá do que está em jogo naquela leitura.

O fato de que a escolha do suporte depende da disponibilidade da obra foi destacado por alguns entrevistados, ao discorrerem sobre suas motivações para ler em um suporte diferente daquele preferido. Acerca disso, **Be\_CP** e **Le\_CPT** ressaltaram que algumas obras estão disponíveis apenas no formato digital porque ainda não foram traduzidas para o português ou ainda não foram publicados no Brasil. Isso demonstra que a globalização tem impactado cada vez mais as leituras dos jovens, pois eles têm acesso a textos produzidos em outras línguas a partir da Internet, e não apenas aqueles traduzidos e publicados na forma impressa no Brasil.

Quanto a isso, **Le\_CPT** expõe: “— *Aí eu tenho que pegar e ficar traduzindo pelo celular porque não tem*”. Essa fala explicita que essa prática só é realizada devido ao seu desejo de ler determinado texto diante da ausência de alternativas, talvez, mais

simples, e não uma escolha própria. Entretanto, isso releva um dos benefícios da leitura no digital quando se trata de textos em outros idiomas, pois ao se deparar com uma palavra desconhecida, pode traduzi-la de forma rápida, sem precisar folhear um dicionário, que pode ser uma ação mais demorada. Desse modo, a partir dos conhecimentos da língua e recursos tecnológicos, como aplicativos de tradutores, **Le\_CPT** parece efetivar suas leituras conforme seus desejos.

Já **Be\_CP** ao deparar-se com dificuldades de acessar os livros físicos, diz: “— *Aí eu tenho que me render a ler na tela*”. Nessa frase observamos ser interessante a escolha lexical feita por ela para referir-se à tela, “*render*”, que é muito usada no contexto de guerra, no qual o inimigo tem que se submeter ao vencedor. Logo, inferimos que a leitora apresenta resistência para adotar as telas para a leitura, mas ao esgotar outras possibilidades, torna-se difícil não recorrer a elas. Sendo assim, **Be\_CP** deixa claro que leitura na tela não é a sua primeira opção, mas se torna uma delas devido ao seu contexto.

Ainda sobre a categoria 2. *Escolha condicionada*, é pertinente discutir a existência de livros que estão disponíveis apenas em um formato, em decorrência dos processos de publicação contemporâneos, conforme ressaltado por **Ke\_CT** e **Va\_CPT** nas entrevistas.

A leitora **Ke\_CT** relata que “— *Tem muitos livros que estão a tela no Kindle que não estão no papel ainda [...] tem que fazer primeiro na tela para ver se faz sucesso [...]*”. É fato que publicar um texto apenas no formato digital requer poucos recursos materiais e humanos, diferente de um livro em papel, que envolve diferentes pessoas e ainda há o custo da produção e distribuição. Desse modo, a fala de **Ke\_CT** nos remete ao processo do mercado editorial na atualidade, que também é influenciado pela cultura digital, conforme descrito anteriormente.

No caso de **Va\_CPT**, ela argumenta que “— *Eu leio histórias originais que só tem na tela. Eu acabo lendo na tela mesmo porque não tem outra opção*”. Chama a atenção a escolha lexical por “*original*”, ao se remeter não à história em si, mas ao suporte, ou seja, textos que só têm existência no digital. Logo, ela cita o livro *Toca das Raposas*, o primeiro livro de uma trilogia de Nora Sakavic, que ganhou tradução e versão impressa no Brasil apenas em 2023, um ano após a entrevista com essa leitora. Publicada em 2013 na língua inglesa, essa obra teve uma tradução feita por

fãs e ampla divulgação em sites e plataformas digitais<sup>16</sup>, e ao fazer sucesso no formato digital, conquistou o formato impresso.

Esses dados demonstram uma tendência também adotada pelo mercado editorial, de transformar em livros físicos algumas obras que já tiveram seu sucesso atestado no digital, fato já percebido pela leitora **Ke\_CT**.

Temos ainda outros dois leitores, **Ed\_CPT** e **An\_CPT**, que destacam que suas escolhas de suporte estão condicionadas à disponibilidade do texto.

A esse respeito, **Ed\_CPT** enfatiza que nem todos os livros estão disponíveis na biblioteca, e comprar não é sempre uma opção, fazendo com que parta para a leitura na tela.

Já **An\_CPT**, ao pagar a assinatura do *Kindle Unlimited*, o que lhe permite ter alguns benefícios, como: “— [...] *mais acesso a contos e a coisas nacionais do que eu teria nas questões físicas. Então, se eu quero assim alguma coisa mais nacional, eu tento procurar no Kindle mais que no papel*”. Esse trecho nos leva a inferir que **An\_CPT** tem a impressão de que se privilegia a publicação de livros estrangeiros no formato físico, em contraposição aos autores nacionais, talvez, pouco conhecidos, que têm seus textos disponíveis apenas no formato digital.

Diante disso, observamos que a escolha de alguns leitores está condicionada à disponibilidade do texto, ou seja, mesmo preferindo o papel, ao não encontrar maneiras de acessá-lo, optam pela tela. Outro aspecto refere-se às condições em que se encontra, que dependendo do lugar, tamanho do livro, iluminação, um suporte ou outro apresentam condições mais favoráveis. Esse dado permite compreender que a escolha do suporte também está relacionada a outros aspectos. Um deles pode ser devido ao fato de que alguns livros são mais fáceis de encontrar impressos, outros digitais, pelos mais diversos motivos, dos quais alguns foram elencados em respostas anteriores. Então, os jovens recorrem aos suportes impressos ou digitais conforme suas necessidades pessoais e recursos disponíveis.

De modo geral, nesta subseção, fica explícito que embora as práticas de leitura aconteçam em diferentes suportes, o mais acessado e preferido entre os jovens é o papel. Constatamos que eles preferem o papel devido aos benefícios que veem para o processamento cognitivo e a experiência de leitura, que envolve também a interação corpórea com o objeto livro. Por sua vez, aqueles que preferem a tela, indicam que

---

<sup>16</sup> A série traduzida foi divulgada no seguinte blog: [All For The Game - Série Traduzida | Thicoss](#)

são motivados pelas possibilidades dos dispositivos digitais, como acessar o texto de qualquer lugar e a qualquer momento, sua portabilidade e o acesso a algumas funcionalidades únicas, como poder pesquisar palavras cujo significado desconhecem, ou mesmo levando-os a preferirem tal suporte. No caso dos entrevistados citados, embora a recorrência à tela não caracterize necessariamente uma preferência, este também é utilizado para alargar suas possibilidades de encontrar um texto almejado. No caso dos participantes que usam ambos os suportes, talvez por já serem engajados com a atividade, focam no conteúdo do texto, então, a depender das condições e disponibilidade, buscam por um suporte ou outro, pois o mais importante é o acesso ao texto.

Além disso, ao realizar a comparação entre o que os participantes leem na tela e no papel, considerando sua própria concepção de literatura, também foi possível depreender alguns aspectos. O primeiro refere-se ao fato de textos como *fanfics*, mangás e novelas gráficas aparecerem associados à tela, nos levando a inferir que estes circulam amplamente nos ambientes digitais de forma mais facilitada. O segundo está ligado à compreensão da concepção de literatura dos participantes, que não foi definida por nós, deixando-os livres para explicitarem seu próprio conceito. Sendo assim, a partir das obras literárias mencionadas por eles, pudemos observar que os jovens não fazem distinção entre autores canônicos da literatura brasileira e *best-sellers*. Eles citam, por exemplo, Machado de Assis, ocupante da primeira posição da lista, seguido de autores estrangeiros, como Sarah J. Maas, J. K. Rowling e Colleen Hoover, conhecidos pelas suas obras seriadas e por estarem entre as listas de mais vendidos dos últimos anos. Esse dado demonstra que a cultura de massa, amplamente divulgada e consumida nas plataformas e redes sociais, influencia as escolhas dos jovens, bem como o seu conceito de literatura. Isso nos leva a inferir que os estudantes desta pesquisa consideram todas as obras como literárias, desconsiderando aspectos estéticos ou de linguagem. Ademais, nos parece ainda que a maior parte dos textos citados são prosas narrativas ficcionais, talvez, por serem considerados como literários por eles. Logo, é notória a ausência da poesia entre suas preferências de leitura.

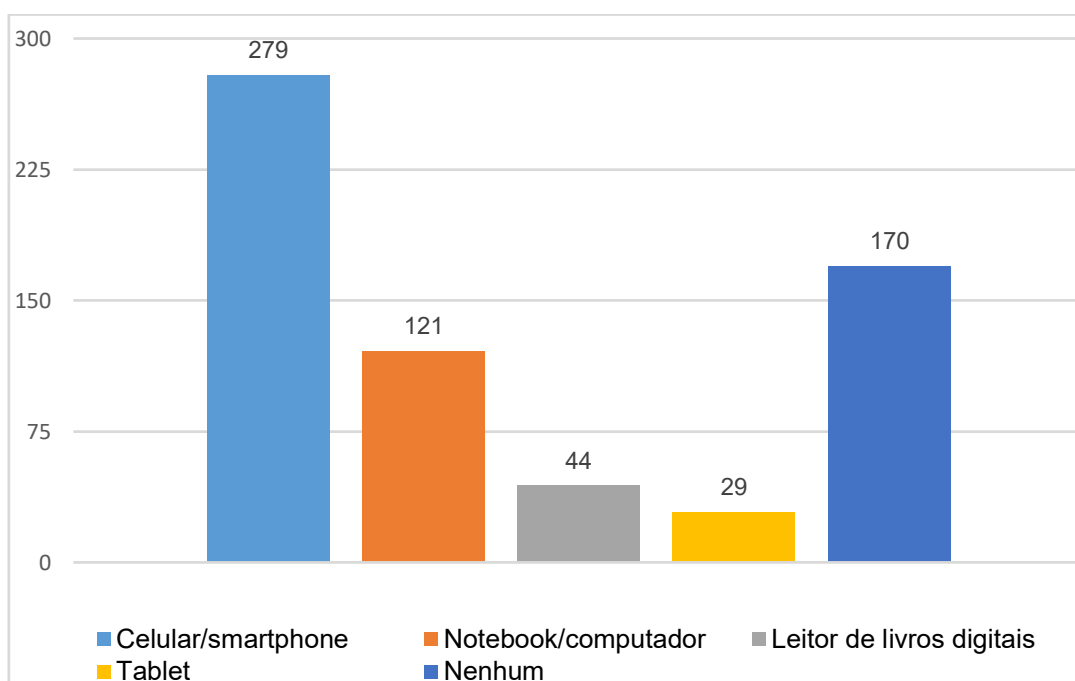
## 4.2 FORMAS DE ACESSO E DE BUSCA DOS TEXTOS LITERÁRIOS

*“De pé, desfiando o texto em direção horizontal, ou em recinto fechado, folheando um códice pesado; ao ar livre ou em um gabinete, absorvido pelo livro portátil, ou sentado, com as pernas encolhidas sob um teclado e os olhos vidrados na luz do monitor. Todos esses gestos, embora se tenham tornado possíveis com o passar do tempo, não se excluíram necessariamente. O que se quer dizer, portanto, é que cumulativamente, o leitor atual conhece mais práticas de ler do que um leitor de séculos atrás”*  
(Ribeiro, 2009, p. 76).

Quando se trata da busca por livros, tanto em formato físico quanto digital, os métodos adotados também diferem. O livro físico pode ser buscado nas bibliotecas, onde o leitor adentra na busca de algo específico, ou escolhe caminhar por entre as estantes até que algo lhe chame a atenção. Após a escolha, realiza-se o empréstimo, com uma data estabelecida para a devolução do livro, e em alguns casos, se isso não for cumprido, implica uma multa ao leitor. No caso dos livros digitais, além das plataformas que circulam textos diversos no formato PDF, são normalmente buscados a partir de palavras-chave, levando o leitor até o que procura.

Diante disso, indagamos aos estudantes sobre quais os suportes são usados para a leitura de obras literárias na tela, obtendo o seguinte resultado:

**Gráfico 14 – Telas usadas para leitura literária**

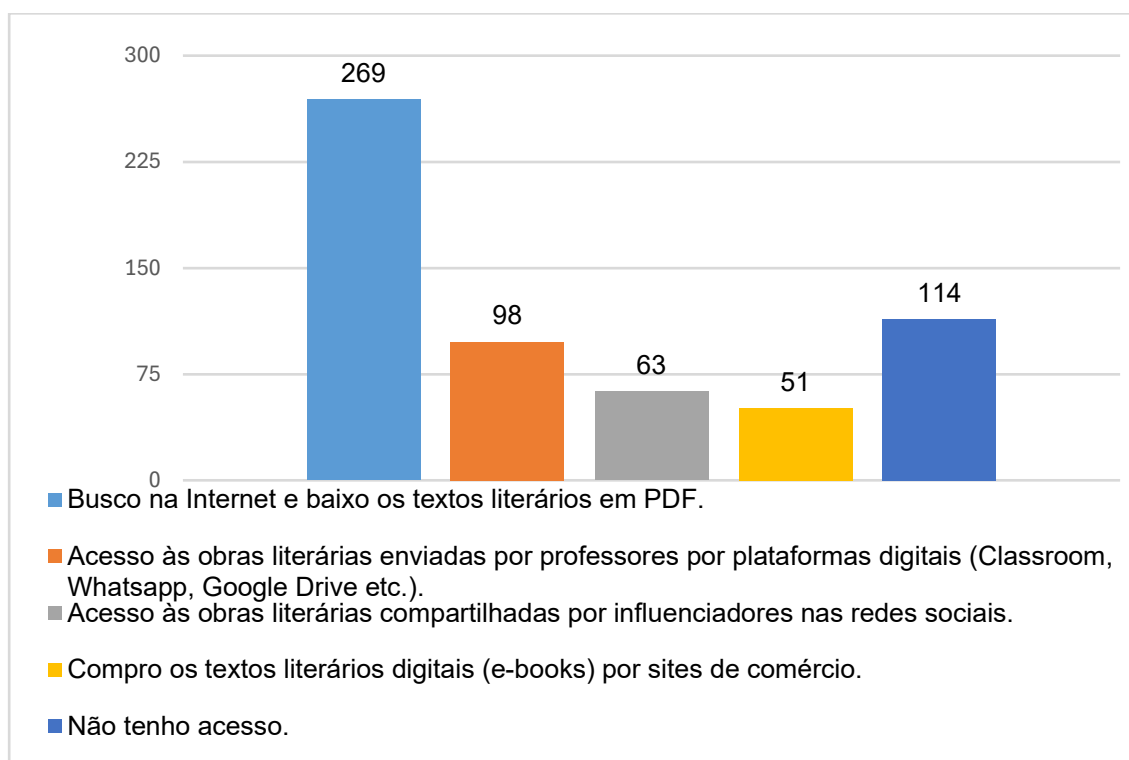


Fonte: a autora.

Constatamos que o suporte mais utilizado é o smartphone, representando 58,9% da amostra. Esse suporte nos últimos anos tornou-se acessível a grande parte dos brasileiros, fazendo parte do seu cotidiano. Além de ser portátil, o que possibilita carregá-lo consigo para todos os lugares, ele também tem multifunções, propiciando a participação em diferentes práticas sociais, como: solicitar um carro por aplicativo, consultar a localização de algum lugar no mapa, traçando uma rota, fazer um pix pelo aplicativo do banco, acessar o QRcode de cardápio em restaurantes etc. Diante disso, é fato que indivíduos têm o hábito de carregar o smartphone consigo para todos os lugares, o que pode justificar o fato de também ser o principal meio de acesso à leitura digital. Por exemplo, o leitor não precisa de planejamento prévio antes de sair de casa para acessar um texto pelo celular, pois basta encontrá-lo, abrir o arquivo e iniciar a leitura em qualquer momento ou lugar, pois esse dispositivo normalmente já está ao alcance das mãos.

Em segundo lugar, aparecem os computadores e *notebooks*, sendo uma opção assinalada por 25,4% dos participantes. A esse respeito, podemos inferir que o acesso a esses dispositivos não se dá apenas por meio de aparelhos particulares, dado que muitas vezes, são utilizados no trabalho ou na escola. Em terceiro lugar, aparecem os leitores digitais, utilizados por 9,3%, seguido dos *tablets*, indicados por 6,1% dos participantes.

Nessa esteira, buscamos entender como os jovens têm acesso às obras literárias na tela, seja por intermédio de alguém ou de forma autônoma. Nesta questão os estudantes puderam marcar mais de uma alternativa, considerando que acessam de mais de uma forma.

**Gráfico 15 – Formas de acessar obras na tela**

**Fonte:** a autora.

Verificamos que a maior parte dos participantes, ou seja, 57% deles, informaram que buscam na Internet – provavelmente a partir do *Google* - e baixam textos literários em PDF. Sendo assim, observamos que os alunos costumam recorrer aos mecanismos de busca para chegar aos textos desejados, sendo estes textos que têm seus direitos autorais cedidos pelos autores ou mesmo recorrem à pirataria.

Destacamos que nas entrevistas metade dos leitores também mencionou essa via de acesso, sendo **Ev\_CP**, **Be\_CP**, **Ga\_CT**, **Gu\_CT** e **Va\_CPT**. Dentre eles, as leitoras **Ev\_CP** e **Be\_CP** parecem ter consciência de que essa ação muitas vezes fere os direitos autorais dos escritores.

Sobre isso, **Ev\_CP** afirma que a pirataria de obras de autores internacionais é aceita pelo “*pessoal*”, sugerindo que a prática é validada não apenas por ela, mas também por outros, o que facilita sua realização sem gerar sentimento de culpa. Observamos também que sua fala sugere implicitamente que os autores internacionais costumam obter maiores lucros com seus livros, em contraste com os autores nacionais, que para ela “*precisa ganhar*”. Essa observação pode aludir à ideia

de que a leitura não é um processo amplamente valorizado em nosso país ou, ainda, de que as obras nacionais raramente alcançam sucesso em nível mundial.

No caso da leitora **Be\_CP**, ela tende a buscar livros que já são “*famosos*”, citando a obra “Harry Potter” de exemplo. Ela sugere que nesses casos, os escritores já obtiveram lucros suficientes, e, portanto, a pirataria não seria tão prejudicial quanto seria para outros, especialmente os nacionais, que acompanha suas dificuldades compartilhadas pelas redes sociais. Desse modo, ela reconhece que a profissão de escritor é desafiadora, uma vez que dependem das vendas de seus livros para seu sustento. Assim, **Be\_CP** sugere que ser escritor no Brasil envolve, de certa forma, um ato de resistência, ao oportunizar a leitura em um contexto que frequentemente a desvaloriza. Logo, ela reconhece que acessar esses textos em sites da Internet os prejudica. Mas, ao mesmo tempo, ela justifica suas ações pela falta de acesso, e tendo critérios, para apaziguar as questões morais e éticas que essa prática implica. Entretanto, a pirataria é uma questão muito delicada, na qual não entraremos neste trabalho.

Outros 20,8% afirmam ter acesso às obras por meio de envio dos professores nas plataformas digitais (*Classroom, WhatsApp, Google Drive* etc.). Considerando que os estudantes fizeram a maior parte do seu EM durante o período pandêmico, é evidente que os docentes buscaram alternativas para continuar oportunizando a leitura, mesmo com as bibliotecas escolares fechadas. Isso foi constatado na pesquisa de Batista e Lima (2022), na qual grande parte dos professores de LP e bibliotecários alegou que a pandemia ocasionou mudanças na promoção da leitura, levando-os a recorrerem aos textos digitais, compartilhados pelas mais diferentes plataformas.

Logo, o período pandêmico exigiu que os profissionais buscassem alternativas para que a leitura continuasse estando presente no ambiente escolar, e isso impactou as práticas sociais dos estudantes, conforme observamos nesta pesquisa. Desse modo, consideramos que as plataformas digitais possibilitaram que docentes e alunos interagissem e compartilhassem textos e leituras, o que provavelmente foi mantido após o retorno do ensino presencial.

Reparamos também que 13,3% indicaram ter acesso às obras literárias compartilhadas por influenciadores nas redes sociais. Esse dado compactua com as considerações de Lluch (2017), ao apontar que uma das mudanças nas práticas leitoras dos jovens refere-se à adesão cada vez maior dos conteúdos divulgados pelos influenciadores da Internet. A esse respeito, conforme pontuamos, há benefícios, pois

pode auxiliar no engajamento dos jovens com a leitura, mas ao mesmo tempo, pode estar pautando suas escolhas, preferências e desejos.

Sendo assim, observamos uma expansão, embora ainda lenta, da venda dos textos digitais, pois 10,8% dos participantes afirmaram que compram textos literários digitais (*e-books*) por sites de comércio. Dados semelhantes aparecem na pesquisa “Retratos da leitura no Brasil” (Failla, 2024), onde apenas 2% dos participantes informaram ter comprado textos no formato digital.

Por fim, 24,2% declaram não ter acesso a esses textos. Dentre os 114 jovens, compreendemos que 99 deles responderam em uma questão anterior que não leem textos literários na tela, indicando que para não deixar a resposta em branco, assinalaram essa alternativa. Então, são poucos aqueles que de fato não têm acesso aos textos literários na tela, sendo muitas vezes uma escolha pessoal não os acessar ou por não receberem um estímulo para tal.

Além dessas opções de resposta, onze estudantes especificaram na alternativa “outros”, que possuem aplicativos para a leitura ou fazem a leitura de modo on-line. Isso é relevante na medida em que provavelmente quiseram deixar claro que não precisam baixar o texto, que ocupa memória do celular, para efetivar suas leituras na tela, o que é importante considerar em um contexto em que nem todos têm aparelhos tão modernos ou possuem uma memória ampla.

Sobre essa prática, temos o caso do leitor **Gu\_CT**, que em sua entrevista diz ler “*tudo on-line*”, estimando ter “*mais de noventa abas abertas [em um navegador]*”. Observamos aqui que esse leitor tem uma organização própria para aquilo que lê, optando por não fazer o *download* dos textos no seu celular.

No questionário, dentre os aplicativos citados na opção “outros”, temos *Wattpad*, *Spirit Fanfics* e *Kindle*. Esse dado pode ser ainda mais expandido ao considerar os relatos de cinco entrevistados: **Be\_CP**; **Ke\_CT**; **Ed\_CPT**; **An\_CPT** e **Le\_CPT**, nos quais também mencionam o *Kindle*, bem como outras duas vias, como o site *Z-Library* que oferece livros gratuitamente, muitos de forma ilegal, mencionado por **Ed\_CPT**, e o aplicativo de mensagens, *Telegram*, também conhecido por facilitar o compartilhamento de textos piratas, citado por **Be\_CP** e **Le\_CPT**.

Diante disso, faz-se relevante aprofundar essa questão, uma vez que representa um importante viés nas práticas de leitura na cultura digital.

Apesar de não terem o leitor digital denominado *Kindle*, **Be\_CP** e **Le\_CPT** parecem desfrutar dos recursos do aplicativo, alguns gratuitos para não-assinantes,

que também é suportado em vários dispositivos, como *tablets*, *smartphones* e computadores. Em sua fala, **Be\_CP** valoriza a integração entre o site e o aplicativo. Isto é, mesmo que essa leitora acesse o site por um computador e lá adquira algum livro, ao abrir o seu aplicativo pelo celular, a obra também estará acessível. É justamente essa integração que se apresenta como um dos motivos que fez com que o leitor digital da *Amazon* fizesse sucesso entre os leitores, bem como a sua ampla lista de livros digitais. A esse respeito, Thompson (2021, p. 171) expõe que “O crescimento das vendas do livro digital e o sucesso do *Kindle* estavam inextricavelmente ligados”. Mesmo que **Be\_CP** indique que costuma escolher entre os livros gratuitos, é fato que a *Amazon* direciona essas escolhas, a partir dos seus algoritmos com fins mercadológicos, e que futuramente podem a levar a optar por outras pagas.

Por sua vez, **Ke\_CT** e **An\_CPT** são assinantes do *Kindle Unlimited*, aproveitando majoritariamente as opções inclusas em seu plano para ler na tela. No caso da leitora **An\_CPT**, é preocupante o fato de ela indicar que sua primeira, e talvez única, ferramenta de busca é o site de vendas da *Amazon*, pois, isso demonstra que está exposta às estratégias de venda da empresa, sendo uma delas a de apresentar textos semelhantes de acordo com suas pesquisas e compras anteriores, conforme já pontuamos nesta pesquisa. Além disso, demonstra novamente que o fato de o site da *Amazon* e o *Kindle* estarem interligados, influencia as compras dos leitores, levando o assinante a visitar ainda mais o site de vendas, o que aumenta as chances de comprar algo nele, bem como o número de dados gerados e captados.

No caso de **Ke\_CT**, ela relata utilizar diferentes ambientes virtuais, seja para comprar, salvar livros almeçados ou mesmo direcioná-la a textos específicos:

**Ke\_CT:** *Eu entro na Amazon e vou pesquisando. Vejo no Instagram alguns livros e-book que me indicam. Eu vou olhando a partir dele, vendo vários outros que são parecidos semelhantes, ou coisas que eu possa gostar. Eu vou salvando [na Amazon] que eu tenho na minha lista de próximas leituras que tem 300 livros que eu ainda não li.*

Essa fala chama a atenção por relevar dois problemas que assolam o leitor contemporâneo. O primeiro se refere ao fato de a *Amazon*, por meio de seus mecanismos de *marketing*, citados nesta tese, direcionar o leitor para obras semelhantes, levando-o muitas vezes a acreditar que é daquilo que gosta e permanecer apenas em um tipo apenas de leitura, sem diversidade. O segundo ponto

está ligado ao aumento das possibilidades de leitura na cultura digital, que dão a impressão ao leitor de que todos os textos são acessíveis, desconsiderando muitas vezes, que não dispõe de tempo de vida suficiente para efetivar todas, ou mesmo recursos financeiros para tal.

Além disso, percebemos que o recurso da lista de desejos, aparentemente considerado como algo bom por **Ke\_CT**, afinal permite reunir os textos que pretende ler ou mesmo que deseja ganhar de presente de alguém, estimula o consumo, e não a leitura. Trata-se de uma das estratégias de venda da própria multinacional, que faz com que o leitor queira comprar muitos itens de sua lista. O próprio nome do recurso alude ao seu propósito, tornar-se alvo de desejo, algo muito caro ao sistema capitalista.

Já o leitor **Ed\_CPT** que tem o aparelho *Kindle*, compartilhado com a sua mãe, dá indícios em sua fala de que não utiliza apenas as ferramentas de acesso dadas pelo próprio leitor digital, buscando alternativas, como o site *Z-Library*, para acessar textos de forma gratuita, utilizando das suas habilidades digitais para encontrar o texto, baixá-lo, transformá-lo para outro formato e acessá-lo.

Além da *Amazon*, **Be\_CP** e **Le\_CPT** citaram o seu acesso a textos na tela pelo *Telegram*, bem como seu envolvimento com comunidades leitoras em ambientes virtuais. Vale destacar que o *Telegram* é conhecido por possuir alguns recursos que facilitam esse processo, o que se diferencia de outros aplicativos, sendo um deles a privacidade de seus usuários e baixo controle do conteúdo que circula na plataforma. Ao compará-lo com outro aplicativo de mensagens, como o *WhatsApp*, percebemos que diferente deste, o *Telegram* permite o compartilhamento de diferentes tipos de arquivo, não apenas vídeos, fotos e documentos, bem como apresenta recursos de armazenamento em nuvem e o tamanho dos arquivos compartilhados são maiores. Ademais, esse meio é conhecido por permitir a criação de canais privados sem limite de usuários ou mesmo grupos amplos. Portanto, esses aspectos levam o supracitado aplicativo a ser um dos mais usados para a pirataria atualmente, enfrentando alguns processos judiciais devido a isso.

Ao detalhar como funcionam os grupos do *Telegram*, **Be\_CP** relata que: “— [...] além das pessoas mandando promoção [...] a gente recebia indicação o tempo inteiro. Só que, ao mesmo tempo, eles mandavam o nome deles no *Skoob*, onde mantém mais atualizado, porque o *Skoob* também dá para ganhar seguidor”. Chama a atenção o fato de a leitora utilizar o tempo passado para falar de sua experiência, o que pode

dar indícios de que não participa mais desses grupos. Observamos ainda, que esses grupos têm diferentes objetivos, como incentivar a compra e a venda de livros a partir do compartilhamento de ofertas e de indicações, orientando as escolhas dos leitores, bem como fazer com que os administradores ganhem mais seguidores nas redes sociais.

Portanto, o que aparentemente é um lugar de democratização de textos, na verdade, é mais um dos lugares que fomentam a pirataria, atendem a propósitos do mercado capitalista, influenciam o que o leitor lê, bem como promovem a popularidade de alguém nas redes sociais. Entretanto, a leitora **Be\_CP** parece não reconhecer esses elementos, enxergando a experiência como algo interessante da cultura digital, quando diz: “— *Aí fica muito ligado, sabe? Instagram com WhatsApp com Telegram com Skoob. Esse negócio da leitura, ele te leva a tudo quanto é canto*”. É interessante a escolha lexical feita por ela pela palavra “negócio”, pois realmente nesses moldes a leitura se torna um negócio lucrativo, afinal, os criadores desses grupos, que são também influenciadores, ditam o que esses leitores devem comprar ou ler e quem seguir, o que geralmente visa retornos financeiros, tendo em vista as parcerias, como citamos anteriormente. Outro ponto que chama a atenção nessa fala é a analogia feita por **Be\_CP** de “cantos”, normalmente relacionada a um espaço físico, com diferentes plataformas digitais. É como se um espaço físico fosse equivalente a um espaço digital, ambos possíveis de serem frequentados pelo leitor.

A leitora **Le\_CPT** também apresenta alguns detalhes sobre a sua participação nos grupos do *Telegram*, o que parece divergir da experiência de **Be\_CP**, uma vez que passa a impressão de que o propósito é realmente compartilhar livros no formato PDF, mas, provavelmente, sem respeitar os direitos autorais. Todavia, diferente do que observamos na fala de **Be\_CP**, o relato de **Le\_CPT** sugere que esse grupo dá mais autonomia aos seus leitores sobre o que ler, ao dizer que os arquivos são enviados conforme são pedidos pelos participantes.

No caso do *Skoob*, citado por **Be\_CP**, conforme argumentamos na fundamentação teórica desta tese, trata-se de uma rede social de leitores, onde eles podem montar uma estante de livros virtual, destacando livros que já leram, ou pretendem ler, bem como avaliá-los e escreverem resenhas sobre eles etc. Diferentemente dos livros físicos que estão sempre ocupando um espaço real, o que, eventualmente levará o leitor a retornar a eles, seja por chegar o momento de limpar a poeira acumulada, ou mesmo em uma mudança de casa, a plataforma funciona

tanto como uma memória leitora, como um controle da leitura, realizada pelo próprio indivíduo, com fins diversos, podendo um deles ser a exibição para outros usuários.

A esse respeito, **Be\_CP** relata que já escreveu algumas resenhas para o Skcoob. Entretanto, parece não ser algo tão frequente em sua rotina, pois diz ser algo que “*tentou*”, o que pode indicar que não deu sequência. Ao utilizar o adjetivo “*curtinhos*” para se referir aos textos escritos por ela, inferimos que a leitora apresenta questionamentos sobre a qualidade textual ou mesmo da sua extensão, talvez em comparação com aquilo que costuma encontrar na plataforma. Percebemos ainda que o ato de deixar um comentário na referida rede social, representa para **Be\_CP** uma forma de incentivar outras pessoas a lerem aquele texto. Todavia, o fato de o *Skoob* direcionar o leitor para uma “*página do livro com todas as resenhas já realizadas*”, em suas palavras, merece reflexão. Tal prática, assim como pode impulsionar o leitor a adentrar um texto, também pode impedi-lo de desenvolver sua própria interpretação, pois, antes mesmo de engajar-se com ele e formar uma opinião independente, é influenciado por outras perspectivas e análises.

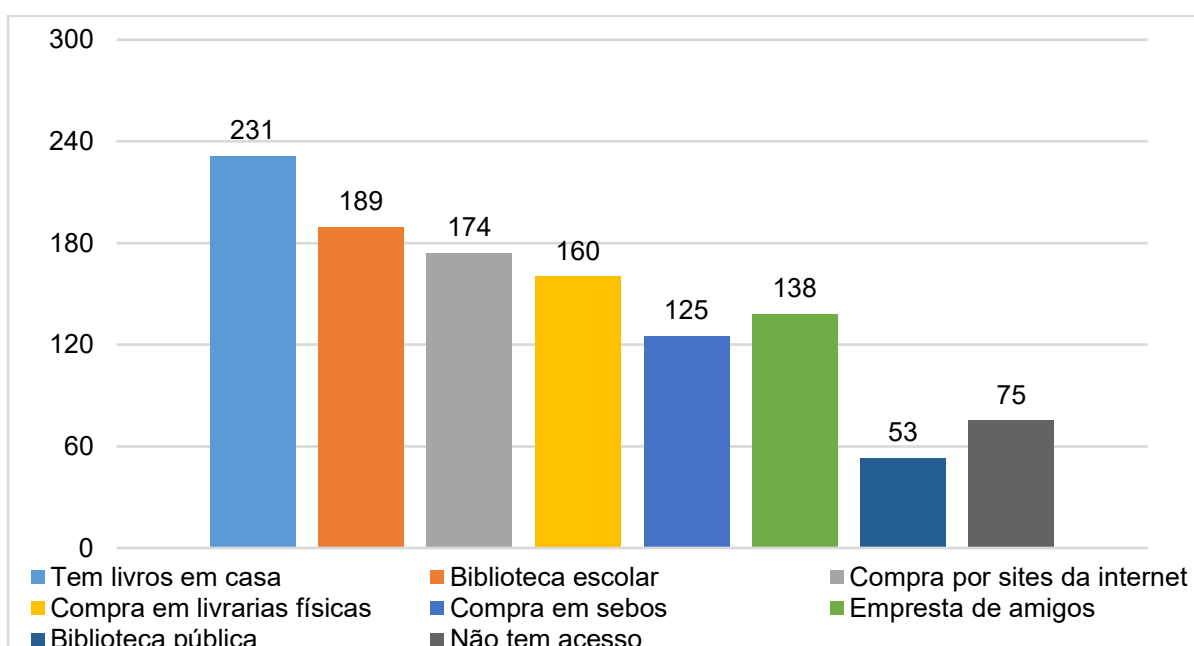
Embora reconheçamos o objetivo do *Skoob* em reunir leitores e incentivar a leitura, não podemos desconsiderar a lógica capitalista das redes sociais e os mecanismos utilizados para manter seus usuários atuantes, como o ato de “*curtir*”, que traz uma sensação de reconhecimento para o leitor que postou sua resenha de algum livro. Por conseguinte, isso pode impulsioná-lo a escrever cada vez mais resenhas para ganhar mais curtidas, mais seguidores, mais visibilidade nas redes sociais etc., levando-o a buscar aumentar cada vez mais o número de livros lidos, entrando numa competição em que o quantitativo tem mais destaque que os aspectos qualitativos. Isto é, ao compartilhar suas leituras, e alcançar um bom número de seguidores, sendo conhecido na comunidade leitora, estes usuários passam a ser patrocinados por escritores, editoras etc., e alguns até criar cursos pagos sobre algum nicho desse segmento. Então, a leitura pode também ser lucrativa nos moldes atuais do sistema capitalista, criados pelos influenciadores digitais.

Diante disso, torna-se necessário mais uma vez questionar a formação de leitores na era digital, considerando a atuação das plataformas, aplicativos e redes sociais. Esses espaços parecem permitir que os leitores expressem suas opiniões individuais, em busca de aprovações externas, manifestada em forma de curtidas. Nesse cenário, observamos que o debate sobre a obra e o compartilhamento da leitura deixam de ser o foco central, pois impera a lógica da competição, de quem lê

mais textos, escreve mais resenhas, recebe mais curtidas, consegue mais seguidores etc. Logo, o quantitativo se sobrepõe ao qualitativo dessas discussões. Isto posto, a prática de uma leitura lenta, atenta, e talvez até íntima, que não circula no espaço público, passa a ser cada vez mais rara entre os jovens leitores, diante do imperativo das redes sociais e da necessidade de ser visto e validado.

Dessa forma, ao questionar os jovens sobre as diferentes maneiras de acessar obras em formato físico, obtivemos o seguinte resultado:

**Gráfico 16** – Formas de acessar obras no papel



**Fonte:** a autora.

Embora não seja possível identificar de quais e de quantos livros se trata, é interessante perceber que uma boa parte dos estudantes, ou seja, 48,9% deles, indicou possuir esses bens culturais em casa. Esse dado é relevante especialmente ao considerar que eles passaram boa parte do EM no isolamento em suas casas devido à pandemia causada pela Covid-19, o que limitou o acesso às obras físicas em bibliotecas públicas, escolares e mesmo o empréstimo de amigos.

Além disso, a sociedade brasileira é conhecida por não ter o hábito de comprar livros, o que é confirmado pela pesquisa “Panorama do consumo de livros”, realizada pela Nielsen BookData em 2023. Essa pesquisa constatou que, embora considerem a leitura importante, os entrevistados não costumam adquirir livros, sendo um dos motivos o preço, dado que muitos consideram um objeto caro, independente da classe

social do entrevistado. Evidenciou-se ainda que 84% da população não comprou nenhum livro nos últimos doze meses, ou seja, que apenas 16% da população o fez, no que se refere àqueles acima de 18 anos (Nielsen BookData, 2023).

Sendo assim, talvez por esta pesquisa não ter indicado o período que compreende a ação, ou pelo público-alvo ser composto majoritariamente por menores de 18 anos, identificamos aqui que boa parte dos participantes adquire livros, seja por sites da Internet (36,9%), ou por livrarias físicas (33,9%), ou via sebos (26,5%). Portanto, os jovens parecem contribuir de maneira significativa para o movimento do mercado do livro no Brasil.

Embora haja pouca diferença entre os percentuais, observamos que a maior parte dos estudantes vem realizando a compra de livros por meio de sites de vendas, prática ressaltada também por alguns leitores entrevistados, o que inferimos ser devido aos preços competitivos e mais acessíveis a eles. Entretanto, esse comportamento adotado pelos leitores contemporâneos, conforme Chartier (2020), reflete nas livrarias físicas. O teórico francês enfatiza que as livrarias vêm enfrentando desafios para manterem-se abertas devido ao aumento das compras on-line, das redes sociais e das mutações das práticas leitoras.

Diante desses dados, recorreremos às falas de alguns entrevistados que complementam esses dados ao explicitarem como buscam textos impressos, indicando o uso de livrarias físicas, sites de vendas e sebos.

As livrarias físicas aparecem na fala de cinco leitores. É fato que os leitores apreciam ir a livrarias físicas, mas nem sempre com a pretensão de adquirir algo, muitas vezes, apenas para conferir os lançamentos, manusear um livro específico, ler trechos, passear entre as estantes etc. A livraria é a via principal de compra de apenas uma das entrevistadas.

No caso da leitora **Ev\_CP**, observamos que vai à livraria física já decidida sobre aquilo que procura, pautando-se nas indicações de mediadores. Ela explica que: “— [...] se você comprar o livro [físico] e não gostar do livro depois, você gastou o dinheiro, né?” Nessa fala verificamos que os poucos recursos financeiros não lhe permitem arriscar na compra de um livro que não foi indicado por alguém “*confiável*”, como amigos e influenciadores. Tendo em vista que os livros são objetos afetivos nos quais “*investe*” dinheiro, precisam ser bem selecionados previamente, sendo raras as vezes em que se permite encontrar e comprar algo que não estava buscando, portanto, desejando.

Já a leitora **Be\_CP** enfatiza que frequenta as livrarias físicas apenas para apreciar aquilo que já tem, e não para comprar novos exemplares, uma vez que destaca os altos valores se comparado a sites da Internet. Então, ela parece ficar satisfeita em saber que já possui muitos livros disponíveis naquele espaço, fazendo com que se sinta atualizada e incluída no mercado do consumo do livro, mesmo que por outras vias. Ao mesmo tempo, ao comprar livros apenas pela Internet, e evitar descobrir novos temas em livrarias, que permitem muitas vezes encontrar por algo inesperado, nos leva a inferir que suas escolhas são pautadas pelos algoritmos.

**Mi\_CP** compra em livrarias físicas porque pode utilizar o próprio dinheiro, uma vez que o cartão de crédito pertence aos seus pais. Talvez desconheça formas de pagamento que dispensem o uso de cartões ou não se interesse por elas. Todavia, mesmo não comprando pelo site, destaca que a *Amazon* influencia em suas leituras, pois segue as indicações dadas por ela, ao dizer: “— *vou no shopping, senti interesse nesse livro que Amazon indicava e daí fui lá e compro [na livraria]*”. Nesta fala, observamos que a estratégia de *marketing* utilizada pela *Amazon*, que é realizar recomendações personalizadas para cada leitor, tem dado seus resultados, uma vez que levou **Mi\_CP** a se interessar pelo livro, e, conseqüentemente, comprá-lo.

Fica evidente que as ações de **Mi\_CP** têm sido impactadas pela performatividade algorítmica descrita por Lemos (2021), ou seja, ao ter seus dados digitais captados e analisados, grandes empresas como a *Amazon* têm fomentado o sistema capitalista e promovido o consumo em diferentes esferas, inclusive a literária. Isso é preocupante na medida em que concordamos com Thompson (2021), para quem as recomendações de títulos realizadas pela *Amazon* limitam a experiência do leitor com base no seu histórico de navegação e compras anteriores, diferentemente das livrarias físicas, que propiciam mais chances de encontrar-se com livros variados, muitas vezes, inesperados.

Por sua vez, **Gu\_CT**, apesar de ir a livrarias físicas e ter comprado dois exemplares, deixa claro que não é seu meio principal de compra. Ele diz que: “— *De vez em quando eu vou na livraria do shopping*”. Devido a sua localização, talvez, este leitor vá até a livraria inicialmente por outros motivos, e não visando à compra de livros. Isto é, mesmo que seja impulsionado a visitar a livraria, assim como a leitora **Be\_CP**, ele não o considera para a efetivação da compra devido aos valores. No entanto, entendemos que essa visita é benéfica, pois, como já mencionado, possibilita

o encontro com obras que anteriormente não eram procuradas, desafiando assim a lógica dos algoritmos.

Diferentemente dos outros leitores, **Le\_CPT** parece ter os espaços físicos como meio principal de compra, ao enfatizar que frequentar Sebos e livrarias para tal fim. Ela diz: “— *Internet eu não compro tanto. Eu vou mais na loja. Eu vou dar uma olhadinha, olho a sinopse, às vezes dá para abrir o livro e ver, dar uma ladinha antes*”. Ao recorrer a expressão “*tanto*”, nos leva a inferir que já realizou compras pela Internet, mas que esse não é o seu meio predominante para tal fim. Ela ainda explicita a realização de procedimentos de escolha que muitas vezes não são possíveis em sites de compras, que é manusear o objeto e ler trechos aleatórios antes de adquirir. No meio digital é possível ler uma amostragem digital do conteúdo, mas pré-selecionada pela empresa, e não da escolha do leitor.

A respeito do processo de escolha, **Le\_CPT** parece ser mais livre, aberta àquilo que encontrará naquele espaço, sem planejamento prévio, o que destoa de leitores como **Ev\_CP**, **Be\_CP** e **Mi\_CP**. Isso vai ao encontro de Chartier (2020), que considera que as livrarias propiciam encontrar livros que não eram buscados, e que podem se tornar muito significativos.

Desse modo, fica claro que as livrarias físicas não conseguem competir com os preços de alguns sites da Internet, levando os leitores a visitarem os espaços, interessarem-se pelos livros, mas, muitas vezes, o comprarem de forma on-line. Esse aspecto foi ressaltado por sete entrevistados, destacando as vantagens de comprar livros em sites, tais como: agilidade na entrega (**Ev\_CP**; **Be\_CP**), frete com valor acessível ou grátis (**Mi\_CP**; **Gu\_CT**), preços mais baixos que nas livrarias físicas (**Ev\_CP**; **Be\_CP**; **Mi\_CP**; **Ke\_CT**; **Gu\_CT**; **An\_CPT**), além de promoções e cupons de desconto (**Be\_CP**; **Ke\_CT**; **Ed\_CPT**). Nesse sentido, observamos que, assim como constatado na pesquisa da Nielsen BookData (2023), os leitores desta pesquisa também reconhecem que é mais acessível adquirir livros pelos sites de vendas da Internet, sendo a mais citada entre eles o site da *Amazon*, o que evidencia o seu domínio no mercado do livro, já atestado por Chartier (2020) e Thompson (2021).

Notamos ainda que as redes sociais e sites de vendas influenciam o que os jovens leem e compram. Houve dois leitores que disseram que seguem as indicações de redes sociais, tal como Pinterest, citado por **Ed\_CPT**, e o *TikTok*, mencionado aqui por **An\_CPT**, mas também na seção anterior por **Ke\_CT** e **Le\_CPT**, como critérios de escolha.

Diante disso, é importante pontuar que essas redes sociais, além de indicarem livros, também já direcionam o leitor para o site de compra, recurso com o qual os influenciadores geram renda. Isto é, muitos sites possibilitam que o influenciador digital se torne um associado, passando a divulgar os produtos da loja a partir de um link personalizado, o que faz com que ganhe uma comissão das vendas efetuadas por seus seguidores. Portanto, os leitores contemporâneos devem estar atentos aos conteúdos sobre livros que encontram nas redes sociais que, muitas vezes, incentivam o consumo, e não a leitura de fato. Nesses meios é comum que os textos sejam tratados apenas como mercadorias a serem consumidas, sem preocupação com a efetivação da leitura. Em vista disso, consideramos que a escola precisa abordar esses aspectos na formação de leitores, uma vez que eles têm sido cada vez mais presentes entre os jovens.

Outro ponto é que os leitores utilizam o site da *Amazon* como orientador de suas escolhas, como mencionado anteriormente por **Mi\_CP**, ou mesmo como o principal site de busca para a compra de livros físicos, como apontado por **Gu\_CT**, **Ed\_CPT** e **An\_CPT**. Nesse contexto, observamos que a aquisição de livros por meio de plataformas on-line, além de direcionar para títulos específicos, com base dos algoritmos, tende a levar o leitor a optar por obras similares às que já conhece. Sobre isso, **Gu\_CT** expõe que: “— *Se eu quiser Mangá, procuro Mangá. Se eu quiser Light novel, procuro Light novel. [...]*”. Dessa forma, o interesse do leitor permanece restrito às suas preferências já estabelecidas, em contraste com outros ambientes físicos, que oferecem maiores oportunidades para a descoberta de novos livros, gêneros, temas etc.

Ademais, por apresentar preços competitivos, a *Amazon* é vista pelos leitores como o primeiro site a ser consultado, o que fica evidente nesta fala de **Be\_CP**: “— *[...] Amazon tem basicamente todos os livros, todos os livros e normalmente o menor preço*”. Apresentar um catálogo extenso gera a percepção de que o jovem pode encontrar tudo o que procura (e até o que não procura) em um único lugar, incentivando-o a considerar esse site como sua principal plataforma de compras. Logo, conforme Thompson (2021) isso caracteriza um dos motivos da sua ascensão, afinal, uma loja on-line consegue dispor de um catálogo maior do que o de uma livraria física.

O preço dos livros é um fator relevante para os leitores. Diante disso, **Mi\_CP**, **Ke\_CT**, **Ed\_CPT** e **An\_CPT** deixam claro que os livros físicos são objetos caros, mas

como há empresas competindo pelas vendas, acabam conseguindo fazer promoções, que os deixam mais acessíveis aos leitores. Eles destacam ter o hábito de comparar os preços em diferentes sites e/ou editoras antes de adquirir, buscando sempre pelo menor valor.

No caso de **Ev\_CP**, esta cita suas compras na *Amazon*, dizendo que “— *Eu compro livros de 20 reais e chega daqui a três dias.*” Ao destacar um valor exato, deduzimos que ela considera este como barato para um livro e um prazo de entrega razoável para esperar. Já **Be\_CP** parece não compreender o porquê dessa diferença exorbitante entre os preços das livrarias físicas e sites da Internet, e as consequências de comprar dessas grandes empresas, por exemplo, ao dizer: “— *O valor da livraria, às vezes se você pega um livro assim, é o mesmo livro, na Internet dá 30 a 20 reais de diferença do livro. Isso é um absurdo.*”

Sendo assim, os relatos desses sete leitores evidenciam os novos padrões de consumo no mercado do livro entre os jovens, o qual conforme já ressaltamos anteriormente, a *Amazon* vem conquistando uma grande fatia ao apresentar preços menores do que os divulgados pelas próprias editoras de tais livros, algo que **Mi\_CP** já percebeu, ao expressar: “—*Você comprar no próprio site da editora às vezes é muito mais um valor fixo e também pode variar a taxa de entrega, fica mais caro.*”

Vale ressaltar ainda que outras empresas foram citadas entre os sites visitados para comparar os preços dos livros, como *Americanas* e *Submarino* (**Be\_CP**, **Ed\_CPT**, **An\_CPT**). Assim sendo, realizamos uma simulação com base no livro mais citado no questionário respondido pelos jovens leitores desta pesquisa a fim de compreender mais sobre as diferenças de preço:

**Tabela 3** – Simulação de valores de livros em diferentes sites de comércio

Livro	Site	Valor	Prazo de entrega para Londrina-PR	Valor do frete	Data da pesquisa
“Dom Casmurro”, de Machado de Assis, da editora Penguin-Companhia	<i>Amazon</i>	R\$ 21,90	06 dias úteis 04 dias úteis	R\$ 10,90 R\$ 16,90 Frete grátis acima de R\$ 129	25/01/2024
	<i>Americanas/ Submarino</i>	R\$ 45,41	09 dias úteis	R\$ 14,60	
	<i>Companhia das Letras</i>	R\$ 54,90	12 dias úteis 18 dias úteis 22 dias úteis	R\$ 35,20 R\$ 20,90 R\$ 8,80	

	<i>Livraria da Travessa</i>	R\$ 46,67	3 dias úteis 13 dias úteis	R\$ 42,92 R\$ 10,30	
--	-----------------------------	-----------	-------------------------------	------------------------	--

Fonte: a autora.

Nessa tabela, observamos que o valor do livro entre os diferentes estabelecimentos é muito discrepante, fazendo com que o leitor se sinta, muitas vezes, desconfortável de pagar tanto, pelo mesmo produto, apenas por encontrá-lo em sites de livrarias, por exemplo. Verificamos que a *Amazon* apresenta o menor preço e prazo de entrega. A obra pesquisada apresenta-se como 50% mais barata no site da *Amazon* do que na própria editora que o produz, que neste caso é a Companhia das Letras. Então, fica evidente que o livro tem preços mais acessíveis aos leitores brasileiros na empresa multinacional.

Entretanto, essa prática, usada para eliminar seus concorrentes, tem alguns impactos, como a diminuição da diversidade de livros, pois impacta na subsistência das editoras. Thompson (2021) aponta que por controlar o mercado, as editoras muitas vezes têm que ceder nas negociações com a *Amazon*, sendo um dos motivos para que lá os consumidores encontrem os preços baixos. Desse modo, ao se consolidar no mercado como dominante, a *Amazon* consegue as melhores condições, repassadas ao consumidor, que retorna com a sua fidelidade.

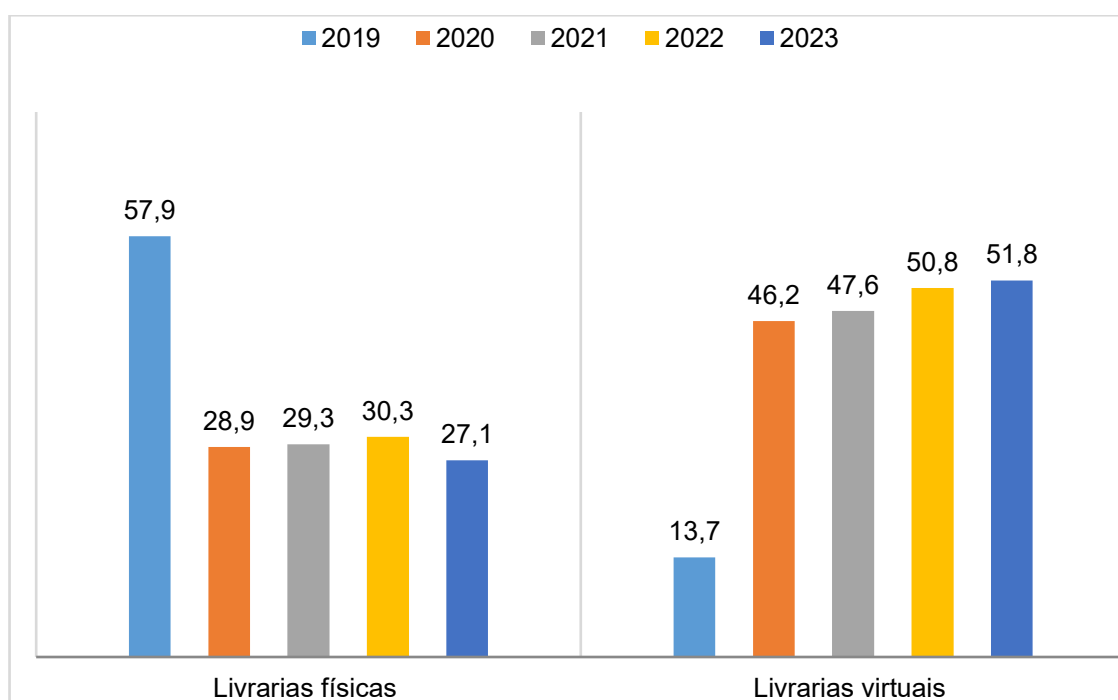
Nessa esteira, Tadeu Breda (2019), editor na Editora Elefante, expõe que a *Amazon* apresenta preços inviáveis para pequenas livrarias que se mantêm apenas da venda de livros, e com isso desbancam a concorrência, o que se chama de *dumping*, visando coletar os dados dos consumidores, bem como lucrar no futuro. Embora reconheçamos os malefícios dessa prática, é difícil apelar apenas para os leitores, instigando-os a não comprarem por essa via, afinal, muitos deles também sofrem com a falta de recursos para a aquisição de livros, que não é nada democrática na sociedade brasileira. Portanto, é uma questão ampla a ser tratada por diferentes setores.

Segundo Márcio Pozzer e Camila Cunha (2020), as transformações tecnológicas e o advento da Internet impactaram na produção, consumo e circulação dos bens artísticos e culturais, tais como algumas profissões e organizações. Por exemplo, o fechamento de livrarias físicas que entraram em recuperação judicial, como a Cultura e a Saraiva, ou mesmo aquelas que vivenciaram as consequências da pandemia, momento em que houve o crescimento das vendas nas lojas virtuais.

Os autores afirmam que “[...] é evidente que as cadeias produtivas estão sendo modificadas e as relações econômicas estão se transformando, bem como a vida cultural das comunidades” (Pozzer; Cunha, 2020, p. 52).

Segundo dados apresentados pelo relatório do ano de 2023, da pesquisa “Produção e vendas do setor editorial brasileiro” (Nielsen Bookdata, 2024), houve um crescimento das vendas em livrarias exclusivamente on-line. Assim sendo, apresentamos abaixo dados referentes ao faturamento com os diferentes canais de distribuição de obras gerais, considerando o faturamento.

**Gráfico 17** – Faturamento dos canais de distribuição de obras gerais - 2019 a 2023



**Fonte:** a autora, com base nos dados da pesquisa “Produção e vendas do setor editorial brasileiro”.

Conforme os dados apresentados no gráfico, fica evidente que houve um crescimento no faturamento das livrarias virtuais nos últimos anos e um declínio quanto às livrarias físicas, o que provavelmente é um reflexo nas mudanças nos hábitos de consumo dos leitores. Vale ressaltar que o crescimento mais expressivo do setor aconteceu no ano de 2020, marcado pela pandemia causada pela Covid-19. Naquele momento os estabelecimentos físicos tiveram que fechar suas portas, bem como os consumidores adotarem novas práticas para se resguardarem do vírus.

A esse respeito, **Ed\_CPT** diz: “— *Com a pandemia eu comecei a consumir mais livro em casa. E antes da pandemia eu ia muito na biblioteca. Só que perde a praticidade e se acostuma a comprar livro de vez em quando ou na promoção, aí fica fácil de ter livro em casa.*” Sua fala nos permite inferir que ao “acostumar-se” com a praticidade de comprar livros e recebê-los em sua casa, frequentar a biblioteca deixa de ser uma boa opção, afinal, o “livro-casa”, conforme Barthes (2004), difere do livro da biblioteca. Além disso, destaca-se a escolha lexical do termo “consumir”, o que pode estar relacionado ao sistema capitalista, que emprega mecanismos para transformar o leitor em um consumidor, impulsionando assim a economia.

O mesmo acontece com **Mi\_CP**, que destaca: “— *Às vezes eu até esqueço daqui [biblioteca], porque termino um [livro] e já falo: - Vou comprar outro! E acabo criando esse ciclo*”. Ao utilizar o termo “ciclo”, estabelecemos uma conexão com o ato de comprar, que para muitos, devido a diversos mecanismos, é associado ao prazer, assim como o desejo de possuir o livro, sem a necessidade de devolvê-lo à biblioteca.

Verificamos então que pandemia impactou no comportamento dos leitores entrevistados, pois eles passaram a comprar mais livros, tendo em vista o impedimento de frequentar as bibliotecas escolares e públicas. Após a pandemia da Covid-19, considerando que as entrevistas foram realizadas em 2022, esses hábitos parecem ter permanecido para os dois jovens supracitados, pois destacaram continuar comprando e/ou frequentando menos os espaços públicos para empréstimo de livros.

Embora infirmos que a compra é um ponto importante para uma grande parte de respondentes do questionário, pois alegaram ter livros físicos em casa, é significativo também o grande número deles que disseram que o acesso se dá também pelo empréstimo, seja de bibliotecas ou de amigos.

A biblioteca escolar aparece como local a que 40% dos respondentes do questionário recorrem para obter obras literárias no papel. Esse número é menor quando se refere às bibliotecas públicas, indicada como via de acesso de apenas 11,2% dos participantes. Provavelmente isso acontece devido à distância da casa dos estudantes desses espaços, o que difere da biblioteca escolar, que, por ficar em um local que frequentam todos os dias, há mais chances de recorrerem a ela. Portanto, esses dados demonstram a importância dos espaços públicos para propiciar o acesso à cultura do livro.

Vale destacar ainda que bibliotecas também foram mencionadas por duas entrevistadas, sendo **Va\_CPT** e **Le\_CPT**. Ambas alegam que frequentam as bibliotecas escolar e a municipal, o que atesta a pertinência desses espaços para o acesso aos livros, levando-nos a inferir que a pandemia afetou bastante suas vidas, sendo que **Le\_CPT** disse ter sido um período no qual teve acesso a “*Bem pouquinho livro físico*”.

Para Chartier (2020), as livrarias e as bibliotecas são lugares de passagens e encontros, instigando a sociabilidade com presença física, bem como permitindo que os leitores caminhem por suas estantes, pelas páginas dos livros e encontrem algo que, muitas vezes, nem era buscado, sendo uma prática que conforme já pontuamos, destoa daquela propiciada pelos algoritmos na era digital. Segundo o historiador,

O mundo digital dá uma forma paroxística à tensão presente desde a Biblioteca de Alexandria, entre o medo da perda e o temor do excesso e da desordem dos discursos. Hoje em dia, as possibilidades digitais prometem o arquivo total, a conservação sem falta, uma memória sem limites e, ao mesmo tempo, produzem o desassossego frente à impossibilidade de domar e organizar a superabundância dos textos e das informações (Chartier, 2020, p. 118-119).

Frente a isso, concordamos com Chartier (2020), para quem as livrarias e bibliotecas são relevantes para auxiliar os leitores, especialmente aqueles que se encontram perdidos dentre tantas possibilidades. Esses espaços permitem contar com a ajuda de livreiros, bibliotecários, outros leitores, ou mesmo descobrir textos de forma autônoma ao folhear os livros.

Quanto aos empréstimos com amigos, também representam uma prática benéfica, pois sabemos da sua importância, dado que ter amigos leitores estimula a cultivar essa prática.

Além dessas possibilidades, alguns estudantes indicaram outros espaços que lhes permitem acessar livros físicos, como nas bibliotecas de cursinhos pré-vestibular que frequentam; na própria sala de aula, quando os próprios professores levam, ou quando alguém os presenteia.

Quanto aos 75 estudantes que disseram que não têm acesso, novamente isso inclui aqueles que não costumam ler textos literários, indicando essa alternativa provavelmente para não deixar a questão em branco. Ou ainda, mesmo que suas escolas tenham bibliotecas escolares disponíveis, e eles mesmos possuam aparelhos eletrônicos que facilitam o acesso a textos digitais, pode ser que não tenham sido

instigados a recorrer a essas opções. Segundo Petit (2009), o livro se torna letra morta se ninguém lhe der vida. Essa analogia pode ser estendida também ao acesso aos textos em diferentes espaços e suportes, pois, na ausência de um mediador que os apresente, dificilmente serão procurados por alguns alunos, especialmente aqueles provenientes de meios desfavorecidos e que acreditam que a cultura escrita não lhes pertence.

Nesta subseção, as reflexões sobre os mecanismos de busca utilizados pelos participantes nos permitiram realizar algumas problematizações. Considerar que, nos questionários, mais da metade dos jovens apontou que quando o assunto é a tela, utilizam a Internet – provavelmente a partir do *Google* – como principal mecanismo, nos levou a tecer considerações sobre a pirataria. Embora essa seja uma prática antiga, afinal, já podíamos fazer cópias xerografadas de um livro antes, o compartilhamento de um PDF apresenta uma diferença muito significativa, que se refere ao fato de o leitor não precisar fazer nenhum investimento financeiro, bastando que ele já possua os dispositivos tecnológicos necessários. Diante disso, esses meios mostraram-se ser muito procurados pelos leitores quando não têm condições de adquirir o livro, seja digital ou físico. Logo, o acesso aos textos de formas ilegais pela tela, representa uma das maneiras a que os leitores recorrem. Mas esta apresenta-se uma prática que fere a legislação brasileira, e que precisa também ser uma pauta na formação de leitores e do próprio poder público, afinal, a pirataria acontece também devido às desigualdades de acesso aos bens culturais.

Outro ponto, embora menos frequente nos questionários, mas bem relevante nas entrevistas, foi a ampla utilização dos recursos da *Amazon* para a leitura na tela. Isso indica que empresas de vendas têm desempenhado um papel ativo na construção dos percursos leitores, uma vez que, para muitos entrevistados, essas plataformas são o principal, senão o único, meio de busca por textos digitais e impressos. Como resultado, observamos que a *Amazon* e seu dispositivo *Kindle* têm se estabelecido como orientadores na seleção de obras, direcionando os leitores para determinados títulos com o objetivo de estimular a compra. Esse cenário é preocupante para o leitor contemporâneo, que parece estar cada vez mais exposto à influência dos algoritmos.

Após refletir sobre as formas de acesso e busca aos livros por vias diversas, torna-se relevante focar a efetivação da leitura. Isto é, entender também como os

jovens percebem a experiência leitora nos diferentes suportes, aspecto a ser abordado na sequência.

#### 4.3 CORPO, GESTOS E COMPORTAMENTO: EXPERIÊNCIA LEITORA EM DIFERENTES SUPORTES

*“Minhas mãos escolhendo um livro que quero levar para cama ou para mesa de leitura, para o trem ou para dar de presente, examinam a forma tanto quanto o conteúdo. Dependendo da ocasião e do lugar que escolhi para ler, prefiro algo pequeno e cômodo, ou amplo e substancial. Os livros declaram-se por meio de seus títulos, seus autores, seus lugares num catálogo ou numa estante, pelas ilustrações em sua capa, declaram-se também pelo tamanho. Em diferentes momentos e em diferentes lugares, acontece de eu esperar que certos livros tenham determinada aparência, e, como ocorre com todas as formas, estes traços cambiantes fixam uma qualidade precisa para a definição do livro. Julgo um livro por sua capa, julgo um livro por sua forma”  
(Manguel, 2021, p. 141).*

Conforme a citação de Manguel (2021), em suas escolhas, o leitor considera não só o conteúdo do livro, mas também a sua forma, envolvendo os órgãos do sentido. Nos depoimentos dos dez estudantes entrevistados, foi possível observar, a partir dos diferentes elementos, que ler um texto no papel ou na tela exige do leitor presenças corpóreas, comportamentais e gestuais diversas. Então, fica claro que esses elementos impactam na experiência leitora, portanto, serão abordados nesta subseção.

Partimos do princípio de que a leitura é experiência multissensorial (Spence, 2020), portanto, envolve também olfato, visão, tato, audição e paladar. Dentre eles, apenas dois não foram mencionados pelos leitores ao discorrerem sobre a leitura nos diferentes suportes, e dizem respeito ao som emitido ao folhear as páginas e ao sabor, que no caso do livro impresso, em que o leitor pode umedecer os dedos para virá-las. Os demais, já apareceram anteriormente, tal como no quadro 6 (página 131), no qual se registra as justificativas dos jovens para suas motivações ao elegerem o livro físico para a leitura.

Nessa esteira, iniciamos pela visão, que está relacionada ao campo da leitura por dois motivos. O primeiro refere-se à aparência visual do objeto livro, confeccionado em determinado tamanho, com determinada capa, fonte, cores, orelha,

sinopse etc., pontos escolhidos cuidadosamente a depender da sensação que o autor (ou talvez equipe editorial) pretenda passar ao leitor. Afinal, não só o conteúdo verbal do livro está em jogo, mas também sua dimensão estética. O segundo ponto está ligado aos olhos, órgão responsável por fazer a captação da beleza, ou mesmo dos registros gráficos que permitem o processamento da leitura, sendo esse último sentido muito mencionado entre os respondentes do questionário e das entrevistas.

Nas entrevistas, muitos leitores enfatizam os problemas causados à visão durante a leitura devido à luminosidade das telas, ou que elas não são as mais propícias para tal atividade, devido ao tamanho do texto, que deve se adequar aos limites das dimensões do dispositivo escolhido, e que se considerada a de um celular, provavelmente são pequenas. Como veremos, esses são alguns dos fatores mencionados pelos leitores para justificar a superioridade do formato físico em relação ao digital, ou, ao menos, sua preferência por aquele.

Sobre isso, **Le\_CPT** argumenta ser mais fácil ler no papel, pois a tela, no seu caso a de um celular, exige mais de sua visão. Embora ela saiba da possibilidade de ampliar a letra, fica implícito que **Le\_CPT** considera que isso seria uma tarefa a mais, além do processo de leitura que em si já é trabalhoso.

Por sua vez, **Ed\_CPT** mesmo possuindo um leitor digital, sendo uma das vantagens oferecidas a simulação do papel e ser antirreflexo, ainda assim considera que “— *o papel é melhor de ver por não ter a iluminação*”. Já **Be\_CP** diz que “— *Eu acho que fico muito mais cansada lendo na tela*”. Nesse excerto, chama a atenção o uso de dois advérbios de intensidade seguidos “*muito mais*”, pois reforçam que, para **Be\_CP**, a leitura no papel também é uma atividade cansativa, mas que, se comparada com aquela realizada na tela, provavelmente é mais cansativa no suporte digital devido a sua luminosidade. Em consonância, outro leitor que enfatiza isso é **Mi\_CP**, para quem: “— *É muito mais da iluminação mesmo, machuca o olho*”.

Ao verificar uma semelhança entre a fala desses três jovens, é viável refletir sobre suas possíveis origens, que vão além de uma percepção individual devido às experiências de leitura, mas também de um discurso socialmente construído. Embora as telas sejam utilizadas diariamente para diferentes práticas sociais, temos a impressão de que os seus malefícios parecem ser mais ressaltados pelos participantes quando se trata do uso específico para a leitura, provavelmente, devido à necessidade de argumentarem sobre suas escolhas de suporte para a pesquisadora, ou até pela pouca reflexão crítica sobre o assunto. Constatamos nas

respostas ao nosso questionário que as atividades mais frequentes no tempo livre dos jovens envolvem telas, dado que 72,2% alegaram navegar pelas redes sociais, 61,2% que assistem a séries, filmes etc., e 32% que jogam on-line.

Assim sendo, torna-se perceptível a construção de um imaginário social que associa a maioria das telas como sendo prejudicial à visão devido à emissão de luzes. Esse fato provavelmente leva leitores como **Be\_CP**, **Mi\_CP** e **Ed\_CPT** a recorrerem a esse discurso para destacar que o suporte pode propiciar experiências leitoras diversas. Em diferentes momentos da entrevista os leitores mencionam que a tela de um *Kindle* não emite reflexo, por isso não desencadeia problemas na visão ou não são desconfortáveis para os olhos, o que parece ser um aspecto importante para a ponderação sobre a compra desse dispositivo.

Em contraposição, **Gu\_CT** expôs que usa apenas o celular para leitura, não se incomodando com a luz, o que difere dos leitores supracitados. Sobre isso, **Gu\_CT**, diz: “— *Se você estiver na cama lendo, se eu quiser ler olhando para o teto e estou deitado com o livro não dá, porque fica a sombra, com o celular eu posso continuar lendo*”. Esse excerto nos leva a pensar sobre as posições adotadas por ele para a leitura, e como isso difere a depender do suporte. No seu caso, depreendemos que provavelmente costuma ler em sua cama, de barriga para cima e durante a noite, quando há menos luz natural, o que pode ser mais fácil realizar com o celular, dada sua iluminação própria, leveza e possibilidade de segurá-lo apenas com uma mão. Logo, consideramos que esses aspectos o levam a considerar a leitura no dispositivo digital mais confortável.

Esse fato também é destacado por **Va\_CPT**, ao dizer que a leitura no celular: “— *É melhor para você, sei lá, se posicionar, tipo ficar deitada assim lendo*”. Sendo assim, fica visível que a posição corporal adotada pelo leitor também depende do suporte eleito por ele, ou que a escolha da posição o leve a eleger certo suporte.

Além da visão, outro elemento da leitura enquanto experiência multissensorial refere-se ao olfato, despertado pelos livros impressos, sejam estes novos ou velhos. O odor do livro de papel pode variar dependendo do material utilizado, da longevidade do objeto e das condições de armazenamento, proporcionando uma dimensão sensorial adicional que ainda não é replicada pelos dispositivos digitais. Destacamos ainda, que além dos respondentes do questionário, houve quatro entrevistados que argumentaram apreciar o cheiro do livro de papel.

A esse respeito, **An\_CPT** aponta: “— *Eu acho que eu gosto mais no papel pelo cheiro do livro e tudo mais*”. Chama a atenção o uso do “*tudo mais*”, pois nos leva a inferir que há mais aspectos sensoriais que fazem com que o livro físico propicie uma experiência de leitura diversa, embora a participante não tenha se aprofundado sobre isso naquele momento da entrevista.

Já **Mi\_CP** afirma gostar “*bastante*” do “*cheirinho*” do papel. A sua escolha pelo diminutivo do substantivo “*cheiro*” parece destacar a sua afetividade por essa característica do livro físico, o que é intensificada pelo uso do advérbio “*bastante*”. Todavia, como o odor dos livros muda de acordo com cada impressão e passagem do tempo, pode ser também um elemento negativo. Isto é, devido à decomposição do papel e outros materiais, estes podem ter um cheiro desagradável, bem como agravar sintomas alérgicos, porque muitas vezes possuem poeira, ácaros, mofo, como pontuado por **Mi\_CP** ao afirmar que os livros velhos prejudicam a sua “*rinite*”, e que aprecia o odor dos livros novos.

Nessa direção, temos **Be\_CP** que argumenta: “— *Quando eu pego o livro mesmo, eu não sei por quê, mas me dá mais gosto de ler ele. E eu também acho muito bonito os livros, o cheiro do livro também*”. Nessa fala, observamos que se fazem presentes três elementos multissensoriais, sendo: olfato, visão e tato. Ao utilizar o verbo “*pegar*”, sendo um dos possíveis significados “*segurar*”, nos leva a inferir que o aspecto tátil do objeto é importante para **Be\_CP**. Além disso, ela se remete à beleza estética desse objeto, bem como ao seu odor, como se numa tentativa de valorizar as sensações corpóreas provocadas pelo contato físico com ele.

Temos ainda outro leitor que menciona elementos semelhantes a fim de ressaltar as diferenças entre o papel e a tela, dizendo: “—*quando você pega um livro mesmo, é diferente de você ler no celular*”. Notamos que a escolha por “*livro mesmo*”, utilizada tanto por **Be\_CP** quanto por **Gu\_CT**, confere ao livro físico uma superioridade frente a outros suportes e representa um dos aspectos da nossa própria cultura, em que o texto impresso tem, por enquanto, certo *status* de superioridade. Isso nos leva a deduzir que a materialidade do livro físico, entendido comumente como aquele composto por folhas de papel encadernadas, é um aspecto que se liga à experiência de leitura como envolta também pelo corpo do leitor.

Por sua vez, o tato aparece relacionado a diferentes situações de manuseio dos objetos, antes, durante ou depois da leitura. Logo, esse ponto foi ressaltado por

outros três leitores a fim de discorrerem sobre a diferença na experiência de leitura em diferentes suportes.

Sobre isso, **Be\_CP** argumenta que o papel, ao permitir realizar interferências gráficas, como: grifar, anotar etc., faz com que ela volte a ler a história e sinta que está *“inserida nela”*, dizendo não poder fazer o mesmo na tela. Observamos que essa leitora aprecia registrar suas emoções durante o processo de leitura, como num ato de ler levantando a cabeça, conforme cunhado por Barthes (2004). Ao analisar sua resposta, inferimos que o processo de escrita está ligado à reflexão e à ressignificação do texto, que lhe permite chegar a um maior *“aprofundamento da história”*.

Vale destacar que o ato de anotar e fazer marcações no texto também são mencionados em outros momentos desta pesquisa, especialmente quando os participantes apontam as diferenças entre o papel e a tela. As leitoras **Ev\_CP**, **Be\_CP**, **Ke\_CT**, **Va\_CPT** e **An\_CPT** ressaltam que o livro físico viabiliza utilizar as mãos para efetuar algumas atividades, como segurá-lo, pegá-lo, passar as páginas, colar *post-it*, grifar trechos, escrever anotações à mão e usar marca páginas. Isso difere da tela, na qual se usam mais os dedos para fazer a maioria desses movimentos.

Diante disso, explicitamos algumas falas, como a de **Ev\_CP** que diz que no papel: *“— posso pegar minha caneta e grifar, eu posso fazer. Eu tenho melhor manuseio”*, ou a de **Va\_CPT** que expõe: *“— Dá [para fazer na tela], mas como está no PDF, eu teria que colocar ou no modificador mesmo, ou colocar, sei lá, nos documentos”*. Observamos aqui uma preferência de ambas as leitoras por realizar essas ações em textos físicos. Enquanto **Ev\_CP** ressalta a sua familiaridade com o ato de marcar o texto manualmente, **Va\_CPT**, parece demonstrar saber que há caminhos para fazer tal ação na tela, mas que nunca o fez, ao indicar *“sei lá”*. Verificamos ainda que no caso de **Ev\_CP** a expressão *“eu posso fazer”* sugere controle sobre a ação, o que pode não ser percebido da mesma forma no meio digital, onde as anotações são realizadas por meio de comandos ao dispositivo eletrônico, indicando percepção de maior intervenção e manipulação direta no livro físico em comparação com o digital.

Sendo assim, embora seja possível fazer marcações nos textos digitais, o aspecto manual de interferir no objeto, ainda é valorizado pelos leitores. É importante considerar ainda que nem todos conseguem fazer esses movimentos nos textos digitais por não terem essas ferramentas nos seus dispositivos, especialmente quando se trata de *smartphones*, uma vez que esses recursos são pagos em alguns

aplicativos, tal como no Adobe, utilizado para abrir textos em PDF, ou ainda devido a sua pouca familiaridade com recursos digitais que permitam deixar marcas nos textos, o que aparece de forma implícita na fala das leitoras. Portanto, isso envolve duas questões importantes já destacadas nesta tese: a habilidade técnica é um ponto relevante da leitura na tela, conforme apontado por Márquez Hermosillo e Valenzuela González (2017), e a sensação tátil propiciada pelo livro físico, é um elemento valorizado entre os leitores, tal como defende Spence (2020).

A materialidade do livro, presente no tempo e espaço junto ao leitor, é ressaltada por dois entrevistados. A esse respeito, **Ke\_CT** destaca que o objeto está “*junto*” a si, permitindo “*pegá-lo*”, ressaltando a sua materialidade. No caso da tela, o texto é virtual e existe apenas na virtualidade, o que não permite uma relação espacial e corpórea com ele.

Por sua vez, **Ed\_CPT**, embora leia em diferentes suportes, deixa clara sua preferência por livros físicos. Ele esclarece que, ao realizar leituras na tela, embora o texto seja “*novo*”, o suporte é sempre o mesmo, ao contrário dos livros adquiridos, ainda sem marcas de uso e por vezes até embalados em um saco plástico, o que sinaliza que **Ed\_CPT** valoriza ser o primeiro a manusear um texto impresso. Desse modo, observamos mais uma vez que o livro, enquanto material, é objeto de desejo. Isso posto, o corpo do livro, aspecto indicado por Littau (2008), parece ser algo relevante a esse leitor.

Esse leitor ainda enfatiza ter uma ligação emocional com o livro físico, que não é a mesma com o livro digital. **Ed\_CPT** explica que: “— [...] *é meio difícil você ter a mesma emoção de ficar esperando para comprar um livro, e você ter ele, e finalmente você consegue ler ele, do que você ir lá na Internet, baixou e começou a ler, acabou. [...]*”. Notamos que o livro é um objeto de desejo para esse leitor, e a espera para a sua aquisição faz com que o encontro seja ainda mais significativo. O momento que antecede a leitura, marcado pela tensão da espera, torna a vivência ainda mais valorizada por **Ed\_CPT**. Ademais, percebemos que o livro físico traz uma sensação de posse para ele, ao dizer que o ato de comprar, portanto, ter o objeto, o que exige esperar para comprar, pois dispensa dinheiro, o que para muitos leitores é escasso, então exige planejamento prévio para poder investi-lo em um livro. Isto é, não é uma ação imediata como na Internet, em que com um clique tem-se acesso ao texto. Parece que o processo ser longo e talvez até um pouco dificultoso faz com que valorize o objeto ainda mais.

Outro ponto relacionado ao tato, refere-se ao fato de um gesto físico poder ser uma forma de o leitor expressar suas emoções sobre a leitura. Por exemplo, **Ev\_CP** ao “*não gostar*” de algo na história, fecha o livro, expressando sua reação. Embora seja possível interromper a leitura na tela também, provavelmente, essa leitora queira demonstrar que por ter outros usos, a tela continuará a ser usada, diferentemente do livro físico, que se “*fechado*”, ficará assim até a situação ser processada e a leitura retomada. Logo, inferimos que essa é uma atitude simbólica da leitura frente aos afetos causados pelo texto.

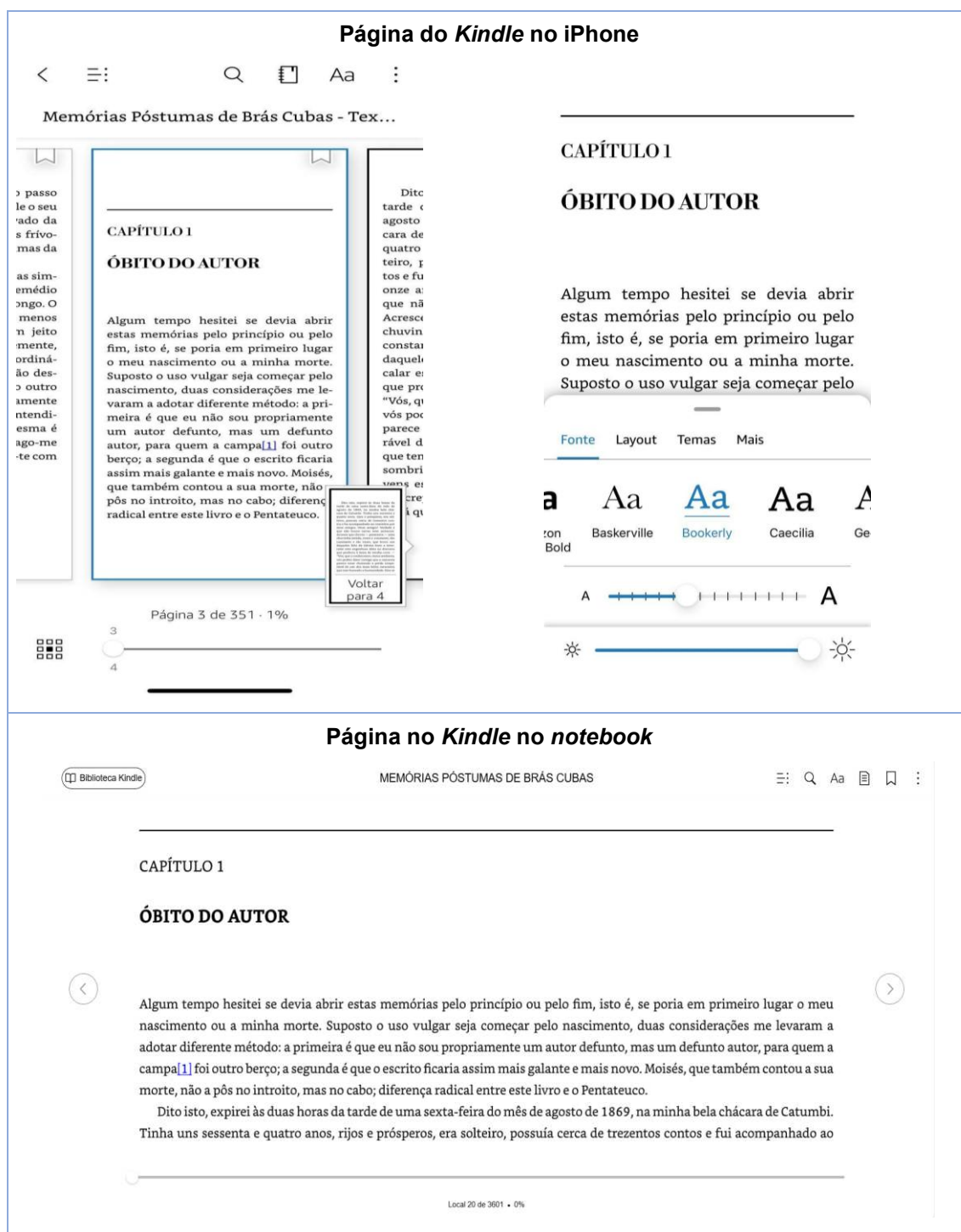
Os gestos físicos realizados pelos leitores durante a leitura, aparecem também relacionados ao ato de virar as páginas, que varia a depender do suporte. **Mi\_CP** e **Ed\_CPT** relacionam esse aspecto a sua percepção de progresso da leitura, portanto, ligado ao tato e à visão. Eles destacam que a variação da distribuição do texto na página visualizada na tela é negativa.

A esse respeito, **Mi\_CP** pontua: “— *Se eles colocam uma fonte menor, para colocar bastante coisa ali, você vai lendo, não acaba, não acaba, você quer passar para outra página, não passa. É de fluir, porque o texto está fluindo*”. Ao repetir a expressão “*não acaba*”, **Mi\_CP** transmite uma ideia de frustração, sugerindo que a adaptabilidade do texto na tela nem sempre é eficiente, pois interfere na sua percepção da progressão da leitura. Todavia, é importante pontuar que no seu relato há uma desconsideração quanto aos problemas de legibilidade que também podem ocorrer em textos impressos. Frequentemente, utiliza-se uma fonte menor para reduzir o número de páginas, visando diminuir os custos com material, ou mesmo para economizar espaço, reduzindo o tamanho e o peso do livro, conforme se observa nas edições de bolso. Dessa forma, depreendemos uma supervalorização do livro impresso ao afirmar que, nesse suporte, o texto é bem distribuído, o que pode advir do acesso a obras graficamente trabalhadas para gerar conforto e adesão.

No caso de **Ed\_CPT**, embora tenha aderido aos suportes digitais, ainda enfrenta dificuldades, destacando que ao ler no *Kindle* não entende a contagem das páginas, que difere da paginação do próprio texto: “[...] — *porque tá na página 300 e do nada vai para a 324 e você fala: — Ué, que posição é essa que eu estou?*”. Sua fala deixa clara a falta de entendimento sobre o funcionamento desse mecanismo no dispositivo digital, ou mesmo uma maior familiaridade com os livros impressos, indicando estar desenvolvendo conhecimentos sobre a leitura no digital.

Com base nessas considerações, apresentamos um exemplo ilustrativo das mudanças na formatação de uma mesma página de texto quando acessada no *Kindle* por meio de um celular *iPhone* e de um *notebook*.

**Figura 6 – A paginação do texto em diferentes suportes eletrônicos**



**Fonte:** a autora.

Apesar de a alteração no número das páginas ocorrer também com livros impressos, a depender das edições ou versões, a diferença é que o leitor não pode alterá-la, uma vez que não é possível interferir no *layout* do texto. Logo, no caso de livros impressos, o leitor consegue visualizar seu progresso de leitura a partir da percepção das páginas diminuindo do lado direito e aumentando do lado esquerdo, e não só pelo número que aparece no rodapé. No caso do texto digital, observamos que a distribuição do texto na página de uma mesma obra, edição e editora, muda conforme as configurações escolhidas pelos leitores ou mesmo do dispositivo eletrônico utilizado, que possui uma tela maior ou menor. Isso deixa claro que há alterações na percepção do texto, a depender do suporte escolhido para a leitura, as quais o leitor deverá aprender a manusear o controle do *layout*, caso queira utilizá-lo.

Além desses pontos mencionados, temos também outro relacionado às características do livro físico, como qualidade, textura ou mesmo espessura do papel em que foi confeccionado, bem como a questão do peso, que varia de acordo com a gramatura das folhas e capa, tamanho da impressão ou mesmo extensão do texto. Esses elementos levam o leitor **Gu\_CT** a destacar que o “[...] — *livro foi feito para ser lido em papel impresso. [...]*”. Portanto, ele destaca esses elementos a seguir:

**Gu\_CT:** — *Tem capa que se você abrir, ela mostra uma coisa completa. [...]. Quando você abre a capa inteira de um lado e do outro, completa a imagem, coisa assim. E se você olhar no celular, de vez em quando, uma parte que fica perfeita no papel é a interação de páginas. Tem livro que tem para aparecer mostrando o jornal de alguém, coisa assim. Eles colam um pedacinho que parece que está um pouco rasgado, mas não está. Ou alguém derrubando um café ou pouco de tinta, no celular é difícil de fazer isso por causa se está de uma página para outra, normalmente você não consegue ver. Você ver uma de uma vez ou ver uma de cada lado, vai ficar muito pequeno. No computador dá até para ver assim um pouquinho maior, mas eu acho que ler no computador meio que estranho um pouco, o propósito de ler, uma coisa assim. Porque era mais fácil de achar, mais portátil, deixar sua vida mais fácil. Você lê no computador porque você não tem como pagar pelo livro. Só que o propósito de ler on-line é só para ter uma coisa mais portátil, mais barato e mais acessível.*

Novamente aqui o leitor **Gu\_CT** deixa claro que sua preferência pela leitura na tela não está relacionada apenas a sua predileção pessoal, mas sim ao fato de utilizar esse suporte como uma forma de burlar suas limitações financeiras e ler aquilo que deseja. Logo, ele reconhece a importância da materialidade do livro impresso, que lhe permite tê-lo para si, bem como destaca o fato de que nem todos os textos foram feitos para serem lidos na tela, com isso, não conseguem ser apreendidos da mesma forma.

Ao perceber que muitos leitores destacam diferenças relacionadas à experiência sensorial, fazem-se relevantes algumas considerações. Iniciamos pelo fato de que ao ler um texto no meio digital, não se pode contar com alguns atributos do livro físico, presentes na cultura impressa desde o século XVIII, que são “estabilidade, singularidade e originalidade” (Chartier, 2002).

Chartier (2002) expõe que a revolução digital fez com que a ordem dos discursos fosse alterada. O que permitia, por exemplo, diferenciar um livro de um jornal ou de uma revista apenas pelo suporte, atualmente se dilui, pois um mesmo aparelho permite acessar “[...] diversos tipos de textos tradicionalmente distribuídos entre objetos diferentes. Todos os textos, sejam eles de qualquer gênero, são lidos em um mesmo suporte (a tela do computador) e nas mesmas formas (geralmente as que são decididas pelo leitor)” (Chartier, 2002, p. 23).

O livro não é apenas o conteúdo nele impresso, mas também a sua forma. Diversos leitores ressaltam essa proximidade com o objeto, como Ana Maria Machado (1996), em sua obra “Esta força estranha”, em que diz: “[...] minha atração pelos versinhos era tão grande, que logo aumentei o repertório com *Poesias Infantis*, de Olavo Bilac, livro que adoraria reencontrar hoje” (Machado, 1996, p. 19, grifo da autora). Pensando nisso, será que Ana Maria Machado teria as mesmas emoções despertadas ao encontrar um PDF daquele mesmo livro, ou apenas um encontro com o livro físico, na edição lida em sua infância, seria capaz de rememorar aquele momento afetivo?

Sendo assim, fica claro que o livro impresso, enquanto objeto material, pode despertar sensações e afetos no corpo do leitor. Nesse sentido, observamos que o suporte digital ainda não consegue imitar alguns elementos presentes no livro impresso, que é a estética do volume, com seu formato, tamanho, peso, espessura, textura, projetados para cada texto especificamente, e o seu odor, que muda de acordo com o material utilizado em sua confecção ou mesmo devido à passagem do tempo. O suporte digital, independente do texto eleito, não varia no tamanho ou peso, nem mesmo apresenta um cheiro característico. Portanto, assim como o texto, o suporte também afeta o leitor e sua experiência.

De modo geral, nesta subseção, constatamos que muitos leitores apresentaram de forma explícita a percepção que têm das diferenças entre a experiência de leitura na tela e no papel, deixando claro que múltiplos fatores influenciam essa prática, sendo o suporte um deles. Logo, observamos que a tela e o

papel despertam aspectos sensoriais e emocionais diversos, o que está relacionado ao fato de a leitura também ser um ato corpóreo. Isso nos leva a compreender que a interação acontece não apenas entre leitor e texto, mas entre leitor, texto e suporte.

O corpo do livro (Littau, 2008), materializado no papel, permite que o leitor o possua, o sinta próximo ao seu próprio corpo, despertando os órgãos das sensações (Spence, 2020) e seus afetos (Jouve, 2002). Portanto, mesmo que as telas tenham conquistado espaço na vida de alguns desses leitores, um número significativo dos entrevistados ainda preza pelos textos no papel, a diferença é que transitam entre as múltiplas possibilidades. Nesse sentido, as práticas de leitura na contemporaneidade são diversificadas. Diante disso, concordamos com Silva, Almeida e Gomes (2020, p. 406), para quem “O leitor das telas é também o do papel, ainda que possa haver preferências entre uma e outra modalidade”.

Diante dessas considerações sobre a experiência de leitura em diferentes suportes, na próxima subseção, abordaremos outro aspecto que também interfere nessas preferências, que é a mediação.

#### 4.4 MEDIAÇÃO E SUPORTES DE LEITURA

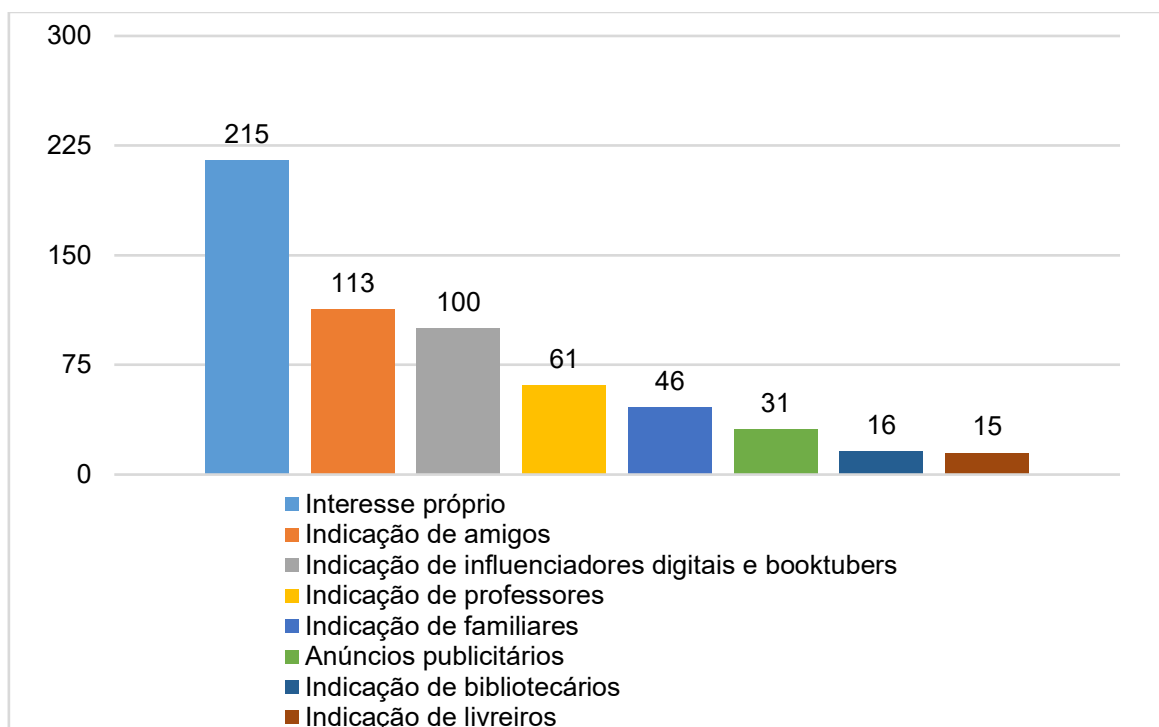
*O gosto pela leitura não pode surgir da simples proximidade material com os livros. Um conhecimento, um patrimônio cultural, uma biblioteca, podem se tornar letra morta se ninguém lhes der vida. Se a pessoa se sente pouco à vontade em aventurar-se na cultura letrada devido a sua origem social, ao seu distanciamento dos lugares do saber, a dimensão do encontro com um mediador, das trocas, das palavras “verdadeiras”, é essencial” (Petit, 2009, p.154).*

As palavras de Petit (2009) abrem esta subseção destacando a relevância dos mediadores para o engajamento dos jovens com as práticas leitoras, uma vez que a simples existência de livros numa instituição, ou mesmo sua disponibilidade em plataformas digitais, não são elementos suficientes para criar uma boa relação com a leitura. Portanto, evidenciamos aqui quais mediadores têm atuado na promoção da leitura na era digital a fim de compreender se são agentes relevantes também na escolha do suporte.

Diante disso, iniciamos enfocando nos mediadores citados pelos jovens em seu

questionário. Indagamos como eles chegaram às obras lidas nos últimos meses, para o que poderiam marcar até três alternativas. Sendo assim, tivemos o seguinte resultado:

**Gráfico 18 – Mediadores de leitura na juventude<sup>17</sup>**



**Fonte:** a autora.

Observamos que grande parte dos pesquisados (45,5%) apontou escolher seus livros a partir de seu interesse próprio como uma das alternativas. Deprendemos que essa alternativa indica que em algum momento as preferências pessoais dos jovens os levaram a algum texto para o qual efetuaram a leitura nos últimos meses. Isso é o esperado de um leitor autônomo, que cria seus próprios critérios de escolha para se orientar dentre as inúmeras possibilidades de textos físicos e digitais. Entretanto, conforme esta pesquisa revela, nem sempre as escolhas feitas pelos jovens têm sido de fato orientadas pelo seu interesse próprio, pois na cultura digital, muitos mecanismos atuam sobre o que eles devem desejar e ler. Então, é possível que essa suposta autonomia nas seleções de leitura seja ilusória, considerando um contexto em que os algoritmos estão sempre em ação.

<sup>17</sup> Destacamos que na referida pergunta uma das opções era “Não li nenhuma obra literária nos últimos 12 meses”, alternativa marcada por ao menos 182 estudantes. Isso revela que alguns dos estudantes que indicaram não ter lido nenhuma obra na questão anterior, optaram por marcar outras alternativas.

Além disso, é preciso refletir que há leitores que, se orientados apenas ao seu interesse próprio ou mesmo pelos algoritmos, acabam ficando limitados em determinados gostos, sem ampliar seus horizontes de leitura e sem mergulhar em textos de diferentes complexidades, para os quais, muitas vezes, precisarão da ajuda de um mediador para adentrá-los ou mesmo compreendê-los, conforme argumentamos.

Portanto, argumentamos em favor de a escola refletir sobre o seu trabalho na formação de leitores autônomos, que leem textos em uma diversidade de gêneros, autores, temáticas, suportes etc., instigando-os a ler “textos difíceis”, conforme Andruetto (2017), ou mesmo os levando a descobrir que “[...] entre todos esses textos escritos – de hoje ou de ontem, daqui ou de outro lugar – haverá certamente alguns que dirão algo de muito particular a eles” (Petit, 2009, p. 178).

Vale ressaltar ainda que indicar que suas leituras são escolhidas individualmente já apareceu como a opção mais indicada na pesquisa anterior realizada por Batista (2019), na qual foi a alternativa eleita por 58% dos jovens, seguida da indicação de professores e amigos. É interessante que naquela pesquisa nenhum participante tenha citado os influenciadores digitais ou *booktubers*, embora estes já existissem e tivessem sido mencionados por uma aluna entrevistada por Batista (2019).

Em segundo lugar, com 23,9% das respostas, aparecem as indicações de amigos, que, muitas vezes, compartilham leituras e conhecem intimamente o leitor, facilitando a indicação de algo que apreciarão. Esse aspecto é interessante na medida em que concordamos com Rouxel (2013, p. 73), para quem “os livros aconselhados por alguém próximo, mas, sobretudo, pelos colegas, suscitam interesse”. Ademais, não podemos desconsiderar que somos seres sociais e que apreciamos interagir com os outros e pertencer a uma comunidade, portanto, ter amigos leitores pode ser um ponto crucial para cultivar a leitura. Ainda, é importante explicitar que é comum que os adolescentes durante esse período busquem encontrar um lugar para se encaixar no mundo. Para pertencer a um determinado grupo é preciso acompanhar as leituras que os colegas estão fazendo para não se sentirem excluídos, ou mesmo deixar de ler, quando não se trata de uma atividade bem-vista.

Em terceiro lugar, temos um dado interessante, que nos mostra que a cultura digital impacta nas leituras dos jovens, dado que 21,1% deles marcaram que os últimos livros lidos foram a partir das indicações de influenciadores digitais ou

*booktubers*. Esse dado evidencia que os leitores fazem parte de comunidades de leitores virtuais, ou mesmo acompanham as publicações de influenciadores digitais nas redes sociais, sendo esta uma atividade que ocupa o tempo livre da grande maioria (72,2%) dos jovens, conforme o gráfico 8 (página 98).

Desse modo, percebemos que o uso dos ambientes virtuais para o incentivo da leitura pode ser benéfico, pois são recursos que os jovens usam e que podem ser destinados a diferentes propósitos, inclusive para a troca de experiências leitoras. Entretanto, é necessário considerar que no mundo digital há muito patrocínio de grandes editoras a esses influenciadores e/ou *booktubers*, com a intenção de usá-los como garotos propaganda de seus produtos. Assim sendo, constatamos que essa questão deve ser pauta da formação de leitores na contemporaneidade.

O impacto das redes sociais e influenciadores no que os jovens leem, também foi mencionado em duas entrevistas. Sobre isso, **An\_CPT** explicitou evitar ler Monteiro Lobato por ser “*um autor um pouco problemático por questões raciais*”, fato derivado de opiniões alheias. Apesar de ser interessante que essa leitora esteja preocupada com questões raciais, muito relevantes em nosso país devido nossa história marcada pela escravidão e colonização europeia, é alarmante que ela passe a evitar determinadas leituras devido a opiniões de outras pessoas, sem de fato adentrar o livro para tirar suas próprias conclusões. Ao dizer que “*pesquisa*” sobre o assunto, nos leva a inferir que ela não lê o texto de fato. Ademais, consideramos que a literatura não representa apenas aquilo que é bom e correto, mas discursos em torno da realidade, em todas as suas nuances, sendo uma delas uma sociedade repleta de preconceitos enraizados historicamente. De maneira geral, seja no ambiente escolar ou em outros contextos, os livros que apresentam essas temáticas podem ser pontos de partida para problematizações sociais mais amplas, não sendo a solução bani-los das estantes dos leitores, ou mesmo das bibliotecas escolares.

Já **Le\_CPT**, destaca que suas escolhas decorrem da recomendação de diferentes pessoas como amigos, autores, influenciadores digitais e editoras. Nesse sentido, **Le\_CPT**, assim como **An\_CPT**, está inserida na cultura digital, o que interfere significativamente nas suas práticas leitoras. Elas acompanham e buscam por conteúdos literários nas redes sociais a fim de pautar suas leituras. Portanto, são influenciadas pelas opiniões divulgadas por diferentes pessoas na Internet, como *booktubers* e *booktokers*.

Em quarto lugar, aparecem as indicações dos professores, assinaladas por

12,9% dos estudantes. Logo, observamos que os docentes estão atrás dos influenciadores digitais, o que nos preocupa, dado que, para ocupar esse cargo, o professor precisa cursar o Ensino Superior, dentre outras especializações e cursos complementares. Assim sendo, isso difere dos influenciadores digitais que não precisam ter nenhuma formação específica para fazer sucesso na Internet e atingir o público jovem.

Na visão de Lluch (2017) também há um aspecto positivo nesta mudança dos mediadores, que hoje também é uma posição ocupada pelos influenciadores da Internet. Para a pesquisadora espanhola, conforme pontuamos, a Internet permite que os jovens leitores encontrem aquilo que, muitas vezes, não conseguem na escola ou na vizinhança, que são outros jovens que também gostam de ler. Esses leitores encontraram um espaço na Internet para compartilhar, escrever, falar dos livros, encontrar com autores, formando uma comunidade de leitores autêntica. Portanto, ela defende que o papel dos *booktubers* e influenciadores digitais é o de quebrar o estigma de que jovens não leem, pois eles vêm comentando e propondo livros na Internet e criando comunidades de leitores nas redes sociais. Para Lluch (2017), esses leitores, ao assumirem o papel de *booktubers* e/ou influenciadores, transformaram-se em autores, prescritores e designers de novas formas de incentivar a leitura. Desse modo, eles têm conseguido alcançar um novo circuito de leitura, que não é nem melhor, nem pior, mas diferente.

Em quinto lugar aparecem as indicações de familiares, assinaladas por 9,7% da amostra. A esse respeito, podemos mencionar que nem todos os jovens encontram leitores no seio familiar, o que pode ser um dos motivos para a pequena parcela de estudantes que assinalaram essa opção em seu questionário. Entretanto, compreendemos que a família é um elemento importante para o estabelecimento da conexão do indivíduo com o livro, pois é uma relação permeada por afetividade, tanto amorosa, como de afetação, ou seja, que atinge sua subjetividade. Consideramos que a família é o primeiro ambiente em que se tem experiências com o letramento, e quando as experiências literárias não são propiciadas neste espaço, entram em jogo os outros espaços sociais. Logo, podemos perceber que os amigos são mais influentes do que a família na adolescência desses indivíduos. Entretanto, mesmo assim a entidade familiar continua relevante para a expansão da leitura dos estudantes, pois além de indicar, incentiva a compra de livros, a leitura etc.

Em sexto surgem os anúncios publicitários, presentes especialmente nas redes

sociais, uma vez que, conforme Lemos (2021), por meio de algoritmos é possível identificar as preferências dos usuários e personalizar esses anúncios. Então, ao detectar o que o leitor aprecia, direcionam-se os seus anúncios a ele. A leitura baseada nas indicações dos anúncios, se realizada de maneira ingênua, pode contribuir para o jovem ler sempre os mesmos gêneros ou temáticas. Isto é, essa prática pode fazer com que o aluno não expanda suas formas de ler, mas fique sempre no mesmo. Além disso, por mais que essas práticas incentivem a leitura, seu propósito é vender livros, fomentando o consumo. Então, também é um dado que deve ser considerado pela escola para instrumentalizar os estudantes sobre a finalidade da publicidade e algoritmos, e como estes podem influenciar os seus gostos. Nesta esteira, mais do que comprar livros, a escola deve incentivar a leitura deles.

Em sétimo lugar, estão as indicações de livreiros, presentes em livrarias e sebos frequentados pelos jovens. Logo, esses profissionais auxiliam os alunos que estão em dúvida sobre o que levar ou mesmo aqueles que querem uma indicação. Eles se assemelham aos bibliotecários, com a diferença de que o seu papel é auxiliar a vender, e não oportunizar a leitura gratuitamente.

Além das respostas apresentadas no gráfico acima, tivemos outras menos frequentes, tais como as que informam que chegaram aos livros por meio de: filmes, desenhos ou animes (6); exigência da escola (5); lista de obras do vestibular (3); clube de livros (1); divulgação da própria autora por redes sociais (1); doação (1).

Dentre elas, chama nossa atenção o fato de que seis alunos enfatizaram que a cultura visual os levou para a leitura do texto verbal. É comum que ao ver uma produção cinematográfica, a curiosidade do indivíduo seja despertada para ler a obra original ou mesmo comparar as duas linguagens.

Outro ponto que também se destaca entre as respostas, refere-se ao fato de que mesmo não sendo uma opção elencada nas alternativas, oito alunos enfatizaram que leram devido à pressão do vestibular e/ou da escola. Trata-se de leituras obrigatórias, e não de fato orientadas pelo desejo dos alunos de acessá-las, mas que expandem o seu repertório, pois as leem para esses fins. O problema dessas práticas é que afetam muitos estudantes de forma negativa, chegando a contribuir para o desenvolvimento de uma aversão a leitura. Sendo assim, ao deixar a escola e passar em um vestibular, é comum que a leitura de obras literárias deixe de fazer parte de sua vida cotidiana, pois a atividade tinha um fim específico.

Ao realizar uma comparação dos dados desta pesquisa com a “Retratos da

leitura no Brasil” (Failla, 2024), em uma pergunta similar<sup>18</sup>, observamos haver algumas coincidências.

**Figura 7 - Mediadores na pesquisa “Retratos da leitura no Brasil”**

### Indicação do último livro



**Fonte:** Failla (2024, p. 94).

Tanto a pesquisa “Retratos da Leitura do Brasil” (Failla, 2024), quanto esta, constata que a maior parte dos participantes não recebeu indicação de ninguém em especial. Entretanto, quando os mediadores são professores, observamos uma divergência significativa entre esta pesquisa e a supracitada. Enquanto aqui os docentes aparecem em 4º lugar, conseqüentemente atrás de amigos (2º lugar) e influenciadores digitais (3º lugar), na pesquisa “Retratos da Leitura do Brasil” (Failla, 2024), esses mediadores estão em 1º lugar. Talvez isso aconteça porque a opção “influenciador digital” não tenha sido apresentada aos participantes, tal como fizemos aqui.

A respeito da mediação, é importante pontuar também que esta é relevante não só para o engajamento do sujeito com a leitura, mas também para a escolha do suporte para realização dessa atividade. No caso do livro físico, trata-se de um suporte textual que tem seu lugar consolidado na formação do leitor em diferentes contextos,

<sup>18</sup> Diferente desta pesquisa que abrangeu todos os livros lidos nos últimos 12 meses, a pesquisa *Retratos da leitura no Brasil* (Failla, 2024) foca o último, ao indagar: “Quem indicou esse último livro que o(a) sr(a) leu ou o que está lendo?”

pois desde cedo incentiva-se a manuseá-los e lê-los. No caso dos suportes digitais, embora os jovens utilizem as tecnologias para atividades cotidianas diversas, inclusive para a escolha de suas próximas leituras, conforme os dados do gráfico anterior, são poucos os que as empregam para a realização de leitura, conforme notamos nos dados do questionário e exposto no gráfico 12 (página 130).

Sendo assim, consideramos que a presença de alguém para apresentar as telas como um suporte para leitura literária e compartilhar formas de acessar os textos, como sites, aplicativos, plataformas, textos em formato PDF, entre outros, por vias legais é um elemento relevante, inclusive apontado no gráfico 16 (página 155), no qual percebemos que muitos deles relatam acessar textos na tela compartilhados por professores, por exemplo.

Entretanto, é preciso ressaltar que utilizá-los para tais fins não traz só benefícios, uma vez que ao utilizar a Internet para acessar, comprar e escolher leituras, observamos que os leitores ficam vulneráveis a mecanismos capitalistas que incentivam o consumo e chegam a determinar seu comportamento, conforme relatamos. Portanto, o papel do mediador continua sendo essencial para a formação de leitores, pois além de incentivar a prática da leitura em seus diferentes suportes, ele assume também a função de provocador de reflexões sobre as influências às quais os leitores estão expostos.

Diante dessas considerações, enfocamos os mediadores mencionados pelos dez entrevistados ao discorrerem sobre seu engajamento com a leitura, bem como o incentivo a essa prática, tanto em suportes físicos quanto digitais.

Diferentemente dos dados recolhidos no questionário, aqui a família merece destaque, pois foi mencionada pela maioria dos entrevistados. Entretanto, quando ligada ao suporte, fica claro que ela incentiva a leitura no formato físico, fato relatado por seis leitores.

**Be\_CP** relata que seus pais a incentivam a ler exclusivamente em papel, pois acreditam que o uso prolongado de telas de celulares prejudica a visão. Diante desse fato, **Be\_CP** destaca que está tentando convencê-los a comprarem um *Kindle* para ela, sob o argumento de que são seguros para a vista. Logo, isso remete a um aspecto já comentado nesta pesquisa, ou seja, a ligação entre tela e prejuízos à saúde ocular. Além disso, **Be\_CP** reconhece que seus pais a incitam a ler no impresso porque conseguem vê-la realizando a leitura, ao contrário do celular, que dá acesso a uma infinidade de atividades e conteúdos sobre os quais eles não têm nenhum controle.

Por sua vez, **Ga\_CT** enfatiza que sua família é composta de leitores, porém focados em textos técnicos voltados à área de trabalho. Nesse sentido, ela atribui o incentivo à leitura de livros físicos a seu padrinho, visto como alguém que recomenda livros e discute sobre eles.

Em contraposição, **Mi\_CP** destaca que seus pais não são leitores, mas que sempre o incentivaram a ler e a comprar livros. É interessante que ele expõe que ao comprar algum livro novo, costuma mostrá-lo e folheá-lo com seus pais e sua irmã, compartilhando sua “*animação*”, o que demonstra ser uma prática permeada pelos afetos.

A compra também aparece na fala de outros três leitores como prática de incentivo à leitura. A esse respeito, **Ke\_CT** e **Gu\_CT** indicam que suas mães compram livros para eles desde a infância. Já **An\_CPT** se lembra de ganhar livros de seus pais em seu aniversário, bem como das leituras de gibi realizadas por sua tia. Inferimos que essa prática provavelmente estava ligada aos livros físicos, o que nos leva a perceber que eles estiveram presentes desde cedo na vida desses entrevistados.

Além de sua mãe, outro familiar que aparece na fala de **Ke\_CT** é sua prima, que às vezes a presenteia com livros físicos, pois “*sabe que eu amo*”. Aqui temos a expressão de seu sentimento pelo objeto, apresentando elementos em sua fala que podem ser comparados metaforicamente com a posição ocupada por uma pessoa amada. Ela parece também sentir ciúme de seus livros, uma vez que evita emprestá-los a outras pessoas devido ao seu zelo com a integridade e preservação deles, ressaltando sentir segurança em emprestá-los apenas para sua irmã. Observamos, portanto, que a ligação de **Ke\_CT** com os livros físicos foi estabelecida desde a infância, o que provavelmente, está ligada aos afetos provocados pelo objeto e suas relações com as pessoas que os dão a ela.

No caso de **Ev\_CP** e **Le\_CPT**, ambas destacam que os pais a incentivam a ler tanto no papel quanto na tela. Além de comprarem livros para essas leitoras, eles também valorizam a prática da leitura. Entretanto, como os pais nem sempre podem adquirir todas as obras que elas desejam devido aos preços, a estimulam a ler também nos dispositivos digitais a fim de ultrapassar essa limitação. Inferimos, portanto, que para as duas leitoras a sua primeira opção é o livro físico, mas quando isso não é possível, são encorajadas pelos mediadores a buscar por outros formatos.

Em consonância com os dados do questionário, nas entrevistas os amigos são mencionados indiretamente em diferentes momentos, seja nos relatos sobre trocas

de indicações, empréstimos de livros ou compartilhamentos de leituras. No entanto, são eles que a maior parte dos entrevistados associa como incentivadores da leitura em dispositivos digitais, citados por **Be\_CP**, **Ke\_CT**, **Ga\_CT**, **Va\_CPT**, **An\_CPT** e **Le\_CPT**.

Todavia, com exceção de **Va\_CPT** e **An\_CPT**, que mencionaram compartilhar suas leituras com amigos, bem como textos em formato PDF, os demais participantes não relataram práticas específicas de incentivo. Em vez disso, descrevem uma exposição indireta aos hábitos deles, que leem mais frequentemente na tela ou possuem leitores digitais. Isso indica que estar exposto a uma comunidade leitora e as suas práticas influencia as ações dos sujeitos.

Além de ser encorajada, é interessante notar que **Ke\_CT** também desempenha o papel de mediadora de leitura, conforme relata na seguinte situação:

**Ke\_CT**: — *Eu sou mais a pessoa que está enviando o negócio em PDF para as pessoas lerem. Minha prima queria ler “Trono de vidro”, que é um dos meus livros favoritos da série, mas ela não tem como comprar porque são oito livros. Daí eu peguei e fui lá, entrei num aplicativo que eu tenho aqui, que dá para baixar livro do Google no iPhone, só que não vai direto para iPhone, passava só no aplicativo, depois você manda para o Kindle. Eu peguei e baixei no modo que tem lá [...], arrumei o arquivo e enviei para ela. E aí ela leu no celular mesmo.*

Nesse trecho, percebemos que **Ke\_CT** domina alguns recursos digitais que lhe permitem encontrar e compartilhar textos eletrônicos em diversos formatos, utilizando essa habilidade para oportunizar a leitura. Nesse sentido, notamos a sua tentativa de fazer com que os textos desejados cheguem aos leitores, fazendo com que o acesso não seja um impeditivo para o ato de ler. Isso é relevante, pois tais habilidades não são inatas, mas desenvolvidas, ou seja, consideramos que ler em dispositivos digitais demanda não apenas habilidades leitoras, mas também habilidades técnicas, conforme observado por Márquez Hermosillo e Valenzuela González (2017). Para os autores, a habilidade técnica é desenvolvida com a experiência no uso dos suportes digitais e com a interação com leitores mais experientes, o que pode representar uma nova exigência na formação de leitores contemporâneos.

Outros potenciais mediadores da leitura na tela são plataformas e redes sociais. Sobre isso, **Le\_CPT** citou sua participação em um clube do livro na plataforma *Telegram*, onde os leitores compartilham textos diversos em PDF, ressaltando que o foco do grupo é “*mandar as coisas*”, ou seja, a finalidade é possibilitar o acesso a determinados textos. Já **Ed\_CPT** e **An\_CPT**, ao se remeterem às redes sociais,

apontam haver publicações de influenciadores incitando o uso da tela para leitura, bem como a aquisição de dispositivos específicos para tal fim, como o *Kindle*.

Além desses mediadores citados, é importante pontuarmos o aparecimento da escola em dois depoimentos. Ao discorrer sobre o livro impresso **Ed\_CPT** se lembra de uma docente da quarta série, destacando que ela o presenteou com um livro de mitologia grega que guarda até hoje.

Em contraste, **Gu\_CT** referencia o contexto escolar de maneira negativa. Ao mencionar sua professora de Português, enfatiza que ela estimulava a leitura visando dois propósitos: “*aprender a fazer redação e para fazer as provas do livro*”. Essa fala evidencia que a leitura tinha relevância apenas para fins escolares, levando o estudante a ler alguns textos, mas sem o engajamento necessário para efetivar a leitura e estabelecer uma relação pessoal com ela, enfatizando que “*ninguém gostava do livro ou queria ler.*” É interessante notar que ele não limita os sentimentos diante da situação apenas a si, mas aos demais envolvidos nessa prática, o que indica ausência de participação nas leituras eleitas, conseqüentemente afetividade.

Relacionado a essa prática, **Gu\_CT** também cita a mãe de seu amigo que lhe emprestava “*livros da escola*”, ou seja, de obras obrigatórias no contexto escolar, e não de sua preferência pessoal.

Diante disso, faz-se importante mencionar como aconteceu o engajamento de **Gu\_CT** com a leitura, para o qual a tela tem destaque. Conforme **Gu\_CT**, ele começou apenas na adolescência, quando passou a ler mangás, *manhwas*<sup>19</sup> e *light novels*. Nesse contexto, o entrevistado relata que já apreciava assistir a produções cinematográficas, especialmente animes japoneses legendados. Ao perceber que um deles não teria uma segunda temporada, e estando já familiarizado com a leitura das legendas, optou por buscar os textos escritos on-line. Esse depoimento reforça a ideia expressa por ele, ou seja, que não houve pessoas que o incentivassem a ler na tela, destacando que descobriu essa possibilidade de forma autônoma, sem a mediação.

Assim como **Gu\_CT**, o entrevistado **Mi\_CP** destaca que começou a ler na tela por iniciativa própria. Ele cita ter recebido indicações de leitura de sua professora durante a pandemia. A partir disso, buscou na Internet e leu pela tela do computador as obras brasileiras “*Inocência*” e “*Casa de pensão*” no formato PDF. Embora tenha sido uma demanda escolar, seu relato deixa claro que a iniciativa de utilizar os

---

<sup>19</sup> Trata-se de um termo utilizado para histórias em quadrinhos coloridas e com desenhos mais simplificados, diferente dos mangás.

dispositivos digitais para atendê-la partiu dele mesmo, e não da docente em questão. Diferentemente de **Mi\_CP**, outra leitora relata uma situação em que a própria docente explicou como acessar livros pelo site *Domínio Público*, o que levou **An\_CPT** a conhecer esse recurso e utilizá-lo para a leitura.

Diante desses dados, percebemos a necessidade de mais iniciativas voltadas à apresentação do suporte digital como uma possibilidade. Inclusive uma das entrevistadas, que preza pelos livros físicos, destacou que foi levada a ler na tela em uma prática escolar:

**Ev\_CP:** — [...] eu estava tendo uma aula de português com uma estagiária que apresentou um livro que geralmente cai no vestibular da UEL. [...] Ela tinha o livro no físico, mas ela mandou também o PDF para gente. E aí, quando ela foi lendo com a gente, eu fui acompanhando com o PDF, eu gostei muito. [...] como ela mandou e foi lendo com a gente, eu fui ali acompanhando dentro para o meu celular. Eu achei bem melhor e gostei bastante do livro, até onde eu li. Principalmente porque era uma autobiografia, né? Então ela foi narrando um diário. Eu me senti muito íntima da autora. [...]

Observamos que mesmo que a obra tenha sido levada para a escola por ser cobrada em uma prova de vestibular, tocou a leitora **Ev\_CP** quando pôde vivenciar a experiência de leitura na sala de aula. Essa prática chama a atenção, pois não acontece sempre no contexto escolar, conforme ressaltado em pesquisas como a de Batista (2019) e Zamarian (2018), ao exporem que a leitura é uma atividade muitas vezes relegada ao tempo livre dos estudantes fora da sala de aula. Além disso, esse relato nos leva a inferir que os textos em PDF, em alguns casos, são uma alternativa utilizada pelos docentes para dar acesso a um texto literário a todos os estudantes.

Diante desses dados, fica claro que ao apresentar as diferentes opções de acesso aos sujeitos, possibilita-se que eles elejam aquele que melhor atende às suas necessidades e afetos. No caso de **Mi\_CP**, verificamos que a sua demanda era encontrar maneiras alternativas para acessar textos num momento em que bibliotecas públicas ou escolares estavam fechadas, ou apresentavam riscos à saúde. Então, o encontro das obras em formato PDF, citadas por ele, parece ter ocorrido ao acaso, e não devido à orientação escolar sobre essa possibilidade. Já no caso de **Gu\_CT**, a tela parece ser uma ferramenta importante para acessar uma diversidade de textos e gêneros, considerando que aqueles que aprecia, além de serem em sua maioria estrangeiros, são lançados em capítulos, que podem ser facilmente acessados via Internet de forma rápida.

Por fim, houve ainda dois leitores que indicaram que o tipo de suporte não é um aspecto central nas práticas de mediação de que participam, mas sim a leitura em si. Diante disso, optamos por não classificar os mediadores mencionados por esses leitores com base no uso de tela ou papel, mas, sim, apresentar um breve relato de suas trajetórias leitoras. Sobre isso, **Va\_CPT** e **Ed\_CPT** citam seus familiares como encorajadores da leitura desde cedo. **Va\_CPT** conta que seus pais compravam livros e a levavam nas férias para participar de diferentes oficinas na biblioteca municipal. Já **Ed\_CPT** enfatiza que sua mãe, que é professora, sempre o incentivou a aprender e o alfabetizou, e que se lembra dela levando-o à biblioteca para emprestar livros.

Nesta subseção, ressaltamos a importância dos amigos para os jovens leitores, pois tanto no questionário quanto nas entrevistas figuram como mediadores. Eles ainda têm destaque entre os maiores incentivadores da leitura na tela, seja por meio de ações diretas como indiretas.

Com relação aos professores, notamos o seu pouco comparecimento enquanto ocupantes do papel de mediadores, independente do suporte, uma vez que constam em quarto lugar dentre as opções assinaladas no questionário, bem como foram mencionados poucas vezes pelos entrevistados. Logo, fica evidente a necessidade de a escola se colocar de modo mais efetivo nas mediações em geral, criando uma memória sobre isso, como também no trabalho de indicar os caminhos para a leitura em suporte digital, como alternativa mais econômica de acesso.

Quanto à família, há uma discrepância entre os resultados. Enquanto nos questionários essa instância parece ter pouca relevância, ocupando o quinto lugar, nas entrevistas foi a mais citada, associada ao incentivo da leitura em livros físicos. Verificamos que, para os entrevistados, os familiares são importantes para o engajamento com a leitura a partir de diferentes ações, seja valorizando sua prática, comprando e presenteando com livros, compartilhando momentos de afeto, oportunizando idas a bibliotecas etc. Entretanto, esses agentes parecem valorizar mais as práticas ligadas aos livros físicos, o que provavelmente está ligado à própria história desses objetos, presentes na humanidade há centenas de anos, em contraposição às telas, que têm uma história mais recente, bem como à própria história dos pais, que, em suas formações enquanto leitores, provavelmente tiveram acesso às obras por meio do livro físico.

Outro dado relevante refere-se aos influenciadores digitais e/ou *booktubers* que se apresentam, como dissemos, relevantes para as escolhas de leituras dos

respondentes dos questionários, o que nos leva a inferir que eles vêm ganhando espaço na era digital, em contraposição à escola, que nos parece que tem perdido esse lugar. Esses agentes também aparecem, embora em menor número, como incentivadores da leitura na tela, conforme os relatos dos jovens entrevistados que citam plataformas e redes sociais.

Diante disso, fica claro que a mediação é de fato relevante para a escolha das próximas leituras, bem como do suporte em que será realizada. Os dados analisados evidenciam uma expansão dos suportes de leitura nas práticas de mediação, embora ainda bem restritas. Isso é pertinente na medida em que esta pesquisa tem demonstrado a importância dos suportes diversos para o aumento das possibilidades de os leitores conseguirem acesso aos textos almejados. Entretanto, a promoção da leitura exclusiva na tela pode não ser tão benéfica, afinal, além do papel ter lugar cativo entre os leitores, os suportes também provocam afetos diversos ao sujeito desejante, elemento que será um dos tópicos abordados nas análises apresentadas a seguir.

#### 4.5 DO DESEJO À (NÃO) LEITURA: INÚMERAS POSSIBILIDADES DE TEXTOS E DE ACESSO

*“Ai que prazer  
Não cumprir um dever,  
Ter um livro para ler  
E não fazer!”  
(Fernando Pessoa)*

No poema *Liberdade*, nos deparamos com a ironia de Fernando Pessoa que nos incita à rebeldia de não cumprir nossos deveres, inclusive o de não ler. Exercer essa liberdade, que inclusive é citada por Pennac (1993) como um direito do leitor, torna-se muito importante no mundo contemporâneo, no qual convive-se com inúmeras possibilidades de leitura e de acesso.

Na era digital, o leitor tem a facilidade de acessar textos gratuitos disponíveis na Internet, emprestá-los de bibliotecas virtuais ou comprá-los em sites diversos, geralmente, com preços abaixo do que costumam ser apresentados nas livrarias. Entretanto, mesmo com todas as obras de arte disponíveis a um “clique”, num viés psicanalítico, consideramos ser impossível o leitor satisfazer-se plenamente, afinal,

além do vazio nunca poder ser preenchido, sequer nomeado, a experiência de leitura em suportes virtuais está longe de ser suficiente para todos.

Diante dessa reflexão, nesta subseção, refletimos sobre como o jovem leitor lida com as inúmeras possibilidades de leitura e de acesso na era digital. Assim sendo, abordamos os sentimentos despertados pela infinidade de opções de leitura disponíveis, ampliadas ainda mais pelo contexto digital, que se mostraram diversos, indo desde angústia até a animação. Buscamos também entender se os jovens conseguem ler tudo o que desejam, destacando as limitações que os impedem de concretizar esse desejo, como os fatores temporais e materiais. Problematicamos ainda a questão da efetivação da leitura, afinal, mesmo diante das inúmeras possibilidades de texto e de acesso, nem sempre é realizada.

Iniciamos destacando as respostas dos seis leitores que manifestaram algum tipo de desconforto diante da diversidade de opções disponíveis, pois ao optarem por uma obra, deixam diversas outras para trás. Nessa esteira, os depoimentos de **Ev\_CP**, **Mi\_CP**, **Va\_CPT** e **An\_CPT** revelam que se sentem “*perdidos*”, já **Ke\_CT** se diz “*confusa*” e **Ga\_CT**, *angustiada*. Esses depoimentos explicitam que mais do que desejo, esse cenário de possibilidades, alargado pela era digital, causa-lhes sentimentos de angústia, o que também está relacionado à sociedade do desempenho, descrita por Han (2015).

Nesse caso, **Ev\_CP** expõe que a facilidade de buscar e encontrar textos nos ambientes virtuais amplia ainda mais suas opções de leitura, enfatizando que: “— *Ao pensar que não vou conseguir ler tudo, eu me sinto triste porque eu quero muito ler tudo, tudo, tudo, mas não consigo. [...]*”. Observamos, nesse caso, uma ênfase na palavra “*tudo*”, repetida três vezes pela leitora, o que evidencia o contraste entre seu desejo e a impossibilidade de realizá-lo, bem como destaca o excesso de materiais disponíveis frente à escassez de tempo para aproveitá-los. Algo semelhante é relatado por **Mi\_CP**, ao reconhecer que escolher um texto significa deixar muitos outros para trás. Portanto, notamos que **Ev\_CP** e **Mi\_CP** vivenciam sentimentos de “*tristeza*” e de “*dor*” respectivamente, ao reconhecerem que não conseguirão ler todas as opções disponíveis, ou que deverão escolher uma delas por vez.

Por sua vez, **Ga\_CT** também sente alguma inquietude diante desta situação, ao descrever que: “— *Eu tenho vontade de ler muita coisa. [...]. Eu fico um pouco angustiada para poder terminar de ler para poder achar outro livro e começar*”. Verificamos aqui um sentimento de descontentamento constante por parte dessa

leitora, já que nada do que é lido parece ser suficiente para satisfazê-la, pois está sempre pensando na próxima leitura.

Os depoimentos desses três leitores nos levam a ponderar sobre suas ambições, pois parecem desejar ler “*muito*” ou “*tudo*”, enfatizando a quantidade. Entretanto, na busca pela plenitude e totalidade, são frustrados pela realidade, na qual é impossível absorver o “*tudo*” que lhes é ofertado.

Diante da quantidade de possibilidades, sejam de obras físicas ou digitais, outro problema se apresenta, ou seja, definir o que ler ou por onde começar, conforme expresso por três leitoras: **Ke\_CT**, **Va\_CPT** e **An\_CPT**.

Sobre isso, destacamos a fala de **Ke\_CT**, que afirma: “— Às vezes [*me sinto*] *confusa com o que eu leio no momento. O que pode ser melhor? Porque é muita coisa e é totalmente diferente, às vezes, é bem parecido também*”. Nesse trecho é possível notar que a leitora reconhece que dentre as inúmeras possibilidades, há muitas que se repetem e que não merecem ser lidas. Isso nos remete aos *best-sellers*, dado que muitos deles recorrem a enredos padronizados e fórmulas comerciais para garantir vendas, mas que, em última análise, não trazem qualquer novidade ao leitor.

Diante desse cenário, os leitores criam estratégias que os ajudem a navegar entre tantas opções. A tática de **Ev\_CP** é refletir sobre o seu comportamento com o objetivo de alterá-lo, evitando assim um consumo vazio de significado. Já a de **Mi\_CP** e de **Va\_CPT** é analisar os temas dos livros ou mesmo a sinopse, priorizando aquilo que lhes interessa mais. Todavia, quando a dúvida permanece, **Va\_CPT** faz a brincadeira, ‘uni duni tê’, ou seja, escolhe aleatoriamente dentre aquelas obras que pré-selecionou.

Por sua vez, **Ke\_CT** utiliza a plataforma *TikTok* para pesquisar sobre livros a fim de selecioná-los, dizendo que: “— *Eu vejo por frasezinhas, videozinho deles, que me interessam, eu vou escolher aquele primeiro*”. Chama a atenção o uso do diminutivo, pois nos leva a inferir que são vídeos e frases curtas, o que caracteriza o conteúdo que circula nessa rede social. Não podemos desconsiderar ainda que provavelmente a estratégia utilizada por **Ke\_CT** para a sua seleção, lhe cause ainda mais angústia, afinal, leva a se deparar com mais opções.

Sobre a seleção, na tentativa de ler tudo aquilo que deseja, **An\_CPT** sugere ter mais de um livro por vez, o que parece não funcionar para ela, afinal, na tentativa de dar conta de todos, não finaliza nenhum, pois admite que se perde.

Portanto, as falas desses seis leitores, ao indicarem sentimentos que remetem a algum tipo de desconforto diante do aumento de possibilidades de leitura, nos levam a refletir sobre alguns pontos importantes da contemporaneidade. Enquanto alguns deles dão a impressão de não se submeter ao recalque da leitura (Barthes, 2004), e ler vários textos ao mesmo tempo, e não os concluir, outros sentem-se angustiados por não poderem ser plenos nas ofertas de leitura que, ao que parece, assumem um sentido mais de consumo. Então, ao mesmo tempo que ter diversas possibilidades auxilia na democratização da leitura, em alguns casos, isso pode levar os leitores a priorizarem a leitura frenética, sem preocupação com a qualidade dos textos. Isto é, observamos uma possível compulsão provocada pelos discursos de produtividade e de consumo, aspecto observado por Han (2015) na sociedade contemporânea.

Na sequência, destacamos que cinco leitores, dentre eles, dois já citados, afirmam se sentirem bem por ter tantas opções.

Acerca disso, **Ev\_CP** destaca que: “— *Eu me sinto muito animada porque são tantas opções que dá vontade de ler tudo. Mas a gente não consegue também*”. Observamos nessa fala que, num primeiro momento, a leitora associa o fato a um aumento do seu desejo de ler, seguido de uma reflexão de que este não será satisfeito.

Do mesmo modo, **Mi\_CP** se diz “*encantado*”, todavia, acentuou que esse sentimento advém apenas das opções físicas, ou seja, que se apresentam em livrarias ou bibliotecas, pois o faz perceber que há muitos livros com temas que aprecia.

Em consonância, **Ed\_CPT** alega sentir-se “*em êxtase*”, pois há muitas opções para “*aproveitar*”. Por sua vez, **Be\_CP** ressalta que se sente “*eufórica*” com a quantidade de opções disponíveis na Internet. Ela relata que: “— *quando você vai atrás de um livro, você encontra mais uns dez. Eu tenho minha lista de desejo na própria Amazon, e quando eu vou procurar um novo, aparece muitas sugestões de livros. [...]. Aí em vez de salvar um, eu salvo onze.*” Nesse depoimento, depreendemos que a leitora enxerga a situação como algo positivo, desconsiderando as intenções que estão por trás dessa tática capitalista. Isto é, ao sugerir obras que provavelmente o indivíduo irá gostar, os algoritmos estão incentivando o consumo delas, o que não garante a promoção efetiva da leitura.

O relato de **Be\_CP** é mais um dos exemplos observados nesta tese, que nos leva a perceber que os algoritmos identificam as preferências de busca dos leitores,

e lhe sugerem opções personalizadas, aumentando suas listas de potenciais leituras, porém, restringindo a um campo já de domínio do sujeito.

Na direção contrária, temos o depoimento de **Le\_CPT** que destaca diversificar as suas leituras frente a tantas opções, lendo diversos gêneros literários, extrapolando o campo conhecido. **Le\_CPT** parece buscar expandir o seu repertório e descobrir novos gêneros. Dentre os leitores citados aqui, essa participante parece lidar de outro modo com o fato de o sujeito não poder ser pleno, pois dá indícios de que não se limita a ler um certo tipo de texto, um certo autor, um campo do conhecimento ou uma pequena parte de quase tudo numa tentativa de satisfazer o seu desejo.

Além disso, há um leitor que afirmou sentir-se “*indiferente*”, que é **Gu\_CT**, uma vez que só lê aquilo que deseja, que são gêneros específicos como *manhwas* e mangás. No seu relato, observamos que mesmo que tenha dito que tem mais de 90 abas abertas em seu celular, referente às séries que acompanha, consegue lidar com a situação. Isso ocorre porque, conforme **Gu\_CT**, os mangás demoram para lançar novos capítulos, e os *manhwa*, normalmente lançados semanalmente, são leituras “*simples*” e que terminam rapidamente. Inferimos que **Gu\_CT** opta por textos com que tem mais familiaridade, ou seja, leituras menos desafiadoras, muitas vezes, ligadas ao consumo dos textos. Entretanto, esse desejo por acompanhar a série, fez com que enfrentasse outros desafios, por exemplo, começar a aprender japonês, ou mesmo utilizar ferramentas de tradução para ler alguns textos que ainda não foram traduzidos para o português.

Desse modo, percebemos que assim como alguns leitores enfrentam dificuldades diante de tantas opções para ler, outros apreciam esse aspecto, ou se mostram indiferentes a ele. Mas, por vezes, isso tem feito com que muitos deles se deparem com textos que já têm familiaridade, seja pelo gênero, tema, autor etc., não configurando a variedade que poderia haver na multiplicidade de leituras a sua disposição. Diante disso, verificamos mais uma vez que, para lidar com as armadilhas da era digital, o leitor precisa de uma formação consistente. Isso envolve ser ativo e capaz de elaborar seus próprios critérios de escolha, evitando se deixar levar pelas sugestões dos algoritmos, que, na maior parte das vezes, os leva a permanecerem em leituras agradáveis, e não a se desafiar, cruzar as fronteiras e expandir-se.

Outro ponto que se apresenta como relevante para pensar o leitor diante de tantas opções, refere-se ao seu desejo. Nessa perspectiva, indagamos aos entrevistados se conseguem ler tudo o que desejam, considerando que além do

acesso, que implica um aspecto material, também é preciso tempo para realizar essas leituras. Assim sendo, mesmo que tenham acesso a todos os textos do mundo, os leitores nunca conseguirão ler todos o que desejam, o que pode provocar o *recalque da leitura* (Barthes, 2004).

Desse modo, o aspecto temporal é ressaltado por **Ev\_CP** e **Va\_CPT**, pois reconhecem que seu tempo livre é limitado, uma vez que elas têm outras responsabilidades a cumprir, e, ao mesmo tempo, novos livros, que despertam seu interesse, surgem a todo momento, o que torna inviável a leitura de todos.

Sobre isso, destacamos a fala de **Ev\_CP**: “[...]. — *Por exemplo, eu quero muito ler um livro X, mas eu vi no TikTok uma resenha e me interessei mais por outro livro. Aí, na hora de comprar, eu vou comprar o que mais me interessei no momento. Mas eu sempre penso no que eu não comprei*”. Nesse relato, verificamos que **Ev\_CP** enfrenta dificuldades para terminar suas leituras, afinal, há sempre outras possibilidades à sua disposição, o que acaba sendo um “*impedimento*” para a leitura. Inferimos ainda que, no anseio de acessar todos os livros que deseja, **Ev\_CP** opta por ler um pouco de cada um, levando-a a não finalizar a leitura, o que parece lhe deixar angustiada. Logo, o aspecto quantitativo acaba sendo priorizado diante do qualitativo. Isso provavelmente tem sido impulsionado pelas redes sociais, uma vez que até mesmo os livros, como mencionado anteriormente, se tornam tendências a serem seguidas — ou melhor, lidas — para evitar a sensação de exclusão.

Em consonância, a fala de **Va\_CPT** traz aspectos semelhantes ao apontar que: “[...]. — *Tem muito livro que eu quero ler. [...]. Aí tem mais livro que lança que eu quero ler também. Aí fica juntando e não dá para ler.*” Observamos aqui que o sentimento de falta e de desejo estão sempre latentes, uma vez que sua lista de livros almejados aumenta a cada novo lançamento, faltando tempo para efetuar todas as leituras.

Então, os relatos de **Ev\_CP** e **Va\_CPT** nos levam a refletir sobre a importância de selecionar bem as leituras frente à escassez de tempo, apresentando-se como uma necessidade na formação leitora contemporânea. Isto é, o leitor precisa ter consciência de que nunca conseguirá satisfazer seu desejo de forma plena, sendo sempre parcialmente, e que deverá lidar com isso.

Outra fala que remete à questão temporal, mas de forma implícita, é a de **Ga\_CT**, uma vez que parece constantemente se esforçar para administrar aquilo que adquiriu ou recebeu como presente, alegando ter vários livros para “*terminar na prateleira*”. Esse enunciado nos leva a perceber que o livro, enquanto objeto de

consumo, pode ficar esquecido em suas estantes (ou memórias dos dispositivos digitais), mesmo que obtido pelos leitores, pois devem lidar também com a falta de tempo para realizar todas as leituras.

Outro fator que impede os leitores de lerem tudo o que desejam está relacionado ao acesso ao texto, ou seja, a uma questão material. Isso foi pontuado por cinco leitores ao ressaltarem que nem sempre conseguem obter os livros almeçados para a sua leitura, seja por meio da compra, empréstimo ou formato PDF. Esse elemento foi mencionado nesta pesquisa, quando discorremos sobre o que leva os entrevistados a lerem uma obra em um suporte diferente daquele preferido. Então, algumas dessas motivações se repetem aqui, como: o fato de os livros serem objetos caros para comprar (**Be\_CP**, **Mi\_CP** e **Ed\_CPT**); dificuldades de encontrá-los em bibliotecas ou na Internet (**Le\_CPT**); ausência de traduções para o português (**Be\_CP** e **Gu\_CT**).

Diante desses dados, verificamos que muitos leitores não conseguem lidar com o recalque da leitura (Barthes, 2004). As diversas possibilidades de leitura, com acesso facilitado por diferentes vias, aparentam dar a ilusão a alguns leitores de que podem ler tudo o que desejam e se satisfazer plenamente e de forma rápida. Ao almejar finalizar “todas” as leituras, bem como abarcar as novas possibilidades que surgem a todo momento, observamos sentimentos de angústias para alguns deles.

Portanto, mesmo que a Internet contribua para alargar as possibilidades de acesso aos textos que o leitor deseja, não haverá tempo de vida suficiente para de fato ler todos, ou mesmo, sempre haverá um texto mais interessante, um que ainda não foi traduzido, ou que o leitor quer na versão física, e esta é muito cara. Enfim, o desejo sempre será satisfeito parcialmente, algo com que muitos dos entrevistados aqui parecem ter que aprender a lidar, sem que isso lhes cause ainda mais angústia.

Diante dessas reflexões sobre o leitor contemporâneo e seu desejo diante das inúmeras possibilidades de leituras, outro aspecto vem à tona, ou seja, as leituras não efetuadas. Embora este seja um dos direitos do leitor, considerando as preposições de Pennac (1993), é possível que, com o aumento das vias de acesso na era digital, bem como das estratégias fomentadas pelo sistema capitalista para estimular o consumo, inclusive de livros, esse elemento tenha ficado ainda mais explícito nas práticas de leitura. Em vista disso, abordaremos esse assunto a seguir.

Com a facilidade de acessar os textos, sejam impressos ou digitais, por diferentes vias, como fazer o *download* em seu dispositivo ou acessá-lo on-line, fazer

o empréstimo do livro de alguém ou de alguma instituição, ou mesmo comprá-lo, é possível que cada vez mais os leitores tenham buscado, baixado e emprestado mais obras do que conseguem ou mesmo almejam ler. Logo independentemente da via eleita para tal fim, há casos em que as leituras não serão efetivadas por diferentes motivações. Diante disso, discorreremos sobre esses aspectos que aparecem nas falas dos entrevistados.

Quando o assunto é o acesso via *download*, constatamos que todos os entrevistados afirmaram já terem baixado textos em seus dispositivos digitais e não efetivado a leitura, o que acontece por diversos motivos, sendo alguns identificados aqui nesta pesquisa, tais como a preferência por determinado suporte, a falta de tempo para ler tudo aquilo que deseja, o hábito de acumular textos além do que é possível ler, na esperança de abordá-los em um momento futuro, entre outros.

Sendo assim, discorreremos sobre essas motivações, a iniciar pela preferência de suporte. Isto é, caso tenham acesso a um texto em dois formatos, alguns leitores optarão pelo livro físico, abandonando o texto eletrônico, como no caso de **Be\_CP**. Ou ainda, consideram que há textos que devem ser lidos na versão física, como **Ev\_CP**.

A leitora **Ev\_CP** enfatiza haver textos que devem ser experienciados no formato impresso, portanto, aspecto que a levou a abandonar duas leituras, sendo “É assim que acaba”, de Colleen Hoover e um da série “Bridgertons”. Apesar de não ter apontado diferenças entre a experiência de leitura nos diferentes suportes em sua entrevista, **Ev\_CP** revelou que a experiência de leitura diverge de acordo com o suporte, preferindo o físico, portanto, se contradizendo. Logo, em suas vivências considera haver livros que devem ser lidos na versão física, e não na digital, o que se relaciona à afetividade. Então, observamos que há mais chances dessa leitora abandonar suas leituras quando só tem acesso a elas no formato digital.

Embora utilize a tela para a leitura, **Be\_CP** afirma que ler nesse suporte requer um “*esforço*” maior. Isto é, a atividade de leitura, que já é um processo que exige do leitor cognitiva e afetivamente, torna-se ainda mais custoso para ela no formato digital. Então, notamos que provavelmente a leitora recorre à tela para alargar suas possibilidades de leitura, considerando que deixou claro durante a entrevista sua preferência pelo papel. A esse respeito, **Be\_CP** esclarece que se tiver a opção de escolher, optará pelo físico: “— *Só que já aconteceu também de eu baixar um livro e ganhar ele físico. Aí eu optei por ler ele físico ao invés de ler na tela, uma benção*”. É

interessante a escolha pela palavra “*benção*”, expressando o sentimento de satisfação ao receber um livro de seu interesse no formato físico, permitindo abandonar a versão digital.

Verificamos ainda que **Be\_CP** utiliza a tela também para manter uma biblioteca digital, utilizando o aplicativo *Kindle*, no qual faz uma triagem inicial a partir das sinopses. Ou seja, ela salva possíveis leituras, num ato de guardá-las para si, mesmo que nunca venham a se efetivar.

É importante ainda citar o caso de uma leitura abandonada por **Be\_CP**. Ao descrever a leitura do livro “*Cordialmente Cruel*”, diz que: “— *Eu já tenho que fazer um pouco de esforço para ler na tela. Aí eu comecei a ler, só que para mim foi uma leitura muito pesada e muito demorada. Você passava lá 50 páginas e não tinha acontecido nada*”. Observamos aqui que a leitora recorre aos adjetivos “*pesada*” e “*demorada*”, que podem estar relacionados tanto à história, quanto ao suporte eleito para a leitura, que, talvez por não ter o aspecto visual do progresso da leitura, e apenas uma representação numérica, torne a leitura maçante, trazendo uma sensação de imobilidade. Logo, devido a esses motivos, ela optou por abandonar essa leitura.

Outro motivo recorrente para o fato de baixar textos nos dispositivos digitais e não os ler, refere-se ao tempo, fato citado por dois entrevistados. A questão temporal é um aspecto que sempre esteve, e provavelmente sempre estará, entre as justificativas para a não realização de determinadas leituras, independente do suporte eleito para tal. Esse fato já foi constatado nas respostas apresentadas pelos jovens desta pesquisa no questionário e nas entrevistas, ou mesmo em outras pesquisas, como a “*Retratos da leitura no Brasil*” (Failla, 2024).

A sensação de que o tempo está escasso diante daquilo que se precisa ou quer fazer é um dos aspectos da sociedade contemporânea, segundo Hartmut Rosa (2017), ou mesmo porque a leitura, ao menos aquela lenta e atenta, tem, a cada dia, perdido o seu lugar em uma sociedade que preza pelos sujeitos multitarefas, conforme Han (2015), ou ainda porque realmente há mais possibilidades de leitura do que os leitores poderiam dar conta em uma vida apenas. Isto é, mesmo que a Internet propicie uma sensação de que todo o conhecimento está disponível de todo lugar e a qualquer hora para o indivíduo, a finitude da vida apresenta-se como um limite para esse acesso. Esse fato, conforme argumentado anteriormente, já foi percebido por

três leitores (**Ga\_CT**, **Ev\_CP** e **Va\_CPT**) ao atribuírem a ele a não efetivação de todas as leituras que desejam.

Diante disso, temos a fala de **Mi\_CP** sobre dois livros específicos: “— *Não li devido ao tempo, às vezes não estava dando muito brechinha para eu poder ler*”. Observamos que ele justifica sua ação com um argumento genérico, e que pode não representar de fato a realidade, uma vez que em outro momento enfatiza que está “*num momento muito cansado da vida*”. Sendo assim, embora tenha interesse na leitura, busque pelos livros e os baixe no formato PDF, há implicações que o impedem de efetuar essa leitura. Portanto, isso nos leva a inferir que ter acesso ao texto não é sinônimo de que a leitura será realizada, o que nos remete à importância de práticas que não só incentivam a leitura, mas oportunizem também o seu acompanhamento.

Já para a leitora, **Ke\_CT**, o ato de baixar textos e não os ler parece ser algo mais recorrente, dizendo que já aconteceu com “*vários*”. Ao utilizar a plataforma *Kindle* **Ke\_CT**, parece render-se ao consumo de livros digitais, dado que essa plataforma disponibiliza textos digitais gratuitos, que mudam diariamente. Trata-se de uma estratégia da *Amazon*, provavelmente para atrair mais usuários para a plataforma, aumentar consequentemente as vendas e leitores de textos digitais.

Verificamos, então, que **Ke\_CT**, assim como **Be\_CP** e **An\_CPT**, claramente baixa mais livros do que consegue ler, afinal, talvez por não ter que dispensar dinheiro para comprá-los, salva muitos, pois após algum tempo a plataforma pode colocá-lo de forma paga novamente. Logo, mesmo que não tenha planos concretos de lê-los, possivelmente é uma maneira que encontrou de retê-los consigo, mantendo uma biblioteca digital ampla. Em sua fala, destacam-se os marcadores quantitativos como “*vários*”, “*muitos*”, “*alguns*”, o que pode sugerir que, diante do desejo de ler em grande quantidade, a qualidade desses textos pode não estar sendo tão priorizada por ela.

Nessa esteira, **Ke\_CT** parece consciente de que o tempo disponível não é suficiente para ler tudo o que baixa. Embora invista tempo na seleção desses textos e planeje lê-los no futuro, ou ao menos “*tentar*”, identificamos que neste caso, a leitora é tomada pelo impulso consumista, pois ao ver que o texto está com um desconto, sente que deve adquiri-lo.

Além disso, temos outros três leitores (**Va\_CPT**, **Ed\_CPT** e **An\_CPT**) que baixaram livros em seus dispositivos eletrônicos, mas não os leram, o que sugere terem o hábito acumular materiais não lidos, possivelmente pela facilidade de acessá-los no meio digital. Trata-se de leitores que baixaram textos com expectativas de lê-

los no futuro, mas o que dificilmente acontecerá, pois, sempre novos textos são lançados e baixados, ficando impossível com nosso tempo limitado abarcar a leitura de todos.

Por fim, temos leitores que já baixaram textos digitais e não os leram, mas que, diferentemente dos demais, não parece ser um comportamento frequente.

Sobre isso, **Ga\_CT** indica acessar apenas o que de fato pretende ler, e não acumula textos em seu dispositivo, bem como ter preferência por ler on-line. Sobre isso, ela diz: “— [...] *quando eu pego para eu ler, leio até o final. [...] Já [abandonei], mas aí é livro que eu vi que não ia gostar muito, daí deixava de canto*”. Essa fala demonstra o seu comprometimento com as leituras baixadas, o que indica que serão excluídas de seu dispositivo, caso perceba que não a apreciou, ou seja, a abandona, sem intenções de retornar a ela em outro momento. Por sua vez, **Gu\_CT**, apesar de utilizar a tela como suporte principal para leitura, não tem o hábito de baixar os textos, e sim lê-los em sites on-line. Provavelmente é por isso que indicou que o fato ocorreu apenas com livros de Role Playing Game (RPG), e não com outros gêneros.

Portanto, é possível constatar que todos os leitores, independentemente de suas preferências quanto ao suporte de leitura, recorrem ao meio digital em busca de textos específicos, possivelmente motivados pelo desejo de acessar obras indisponíveis no formato físico ou mesmo pela facilidade de baixá-las, sem ter que fazer um investimento financeiro para isso.

Entretanto, diante da abundância de opções e do desejo de abranger uma variedade de conteúdos, tendem a realizar o *download* de um número superior de textos em relação à capacidade de leitura efetiva. Nesse sentido, os participantes entrevistados justificam suas ações apontando restrições temporais, conforme evidenciado por **Mi\_CP** e **Ke\_CT**, ou expressam a intenção de ler os textos baixados em momentos posteriores, como elucidado por **Va\_CPT** e **Ed\_CPT**.

É relevante notar também que o *Kindle*, citado por **Be\_CP**, **Ke\_CT** e **An\_CPT**, parece incentivar o ato de fazer o *download* ou até mesmo a compra de textos, em detrimento da realização de sua leitura. Isso pode decorrer da facilidade proporcionada pela plataforma em adquirir textos digitais, levando os leitores a baixarem mais do que conseguem efetivamente ler, muitas vezes desviando-se do propósito inicial. Paralelamente, destaca-se que a plataforma possibilita a construção de uma biblioteca digital pessoal, algo inacessível para muitos de forma física, devido às limitações financeiras ou mesmo espaciais.

Nesse contexto, plataformas como o *Kindle* e a capacidade de armazenamento em dispositivos digitais representam bibliotecas pessoais de forma simbólica, onde os leitores selecionam e organizam os textos de acordo com suas preferências, representando as "prateleiras" existentes em uma biblioteca tradicional.

Outra via de acesso aos livros que merece destaque refere-se ao empréstimo. Trata-se de uma prática de considerável relevância em território nacional, especialmente diante das disparidades sociais que limitam o acesso à aquisição desses objetos para a prática da leitura. Diante desse contexto, instituições públicas, como bibliotecas escolares e municipais, assumem um papel crucial na promoção da democratização da leitura e da cultura, pois proporcionam acesso a uma variedade de textos, reduzindo as barreiras econômicas que podem impedir o engajamento com o universo literário.

Além do papel desempenhado pelas bibliotecas públicas, é fundamental reconhecer a relevância dos círculos sociais na promoção da prática de empréstimo de livros, como amigos e familiares que são leitores, pois viabilizam não apenas o acesso ao material textual, mas também constituem um meio de compartilhar experiências de leitura, enriquecendo o repertório literário dos envolvidos.

Todavia, ter acesso ao livro e emprestá-lo, não é sinônimo de leitura, uma vez que muitos fatores podem impedir o leitor de efetivá-la, conforme discorreremos ao longo desta tese, como o tempo limitado, dificuldades para a compreensão do texto, ou mesmo desmotivação, especialmente quando se trata de leituras obrigatórias.

A respeito do empréstimo de livros, temos cinco leitores entrevistados que relatam situações em que o realizaram, mas não efetivaram a leitura ou mesmo abandonaram o livro, revelando os desafios enfrentados por eles. Dentre eles, destacam-se a necessidade de devolver o livro, a desmotivação para a atividade e as dificuldades com a linguagem do texto.

No seu relato, **Be\_CP** reflete uma situação enfrentada por muitos leitores que emprestam livros de bibliotecas ou de alguém, e que muitas vezes, podem favorecer o abandono da leitura: “— [...] eu estava sendo cobrada para devolver. [...] Era minha amiga. Aí ela foi buscar porque ia se mudar. E aí ela precisava do livro de volta. Mas eu fiquei meio triste porque ela levou embora, mas era dela. Eu queria terminar!”. Essa fala ilustra a dificuldade de concluir uma leitura no prazo estabelecido para devolução, não podendo haver prorrogação diante da mudança de sua amiga e dona dos livros. Embora expresse entender que os livros não lhe pertenciam, essa situação deixou

**Be\_CP** “triste”, pois o desejo de terminar a leitura permaneceu. Esse episódio sugere que o empréstimo, seja de uma biblioteca, ou de alguém próximo, pode causar o recalque da leitura nos termos propostos por Barthes (2004).

É notável ainda que **Be\_CP** tentou apaziguar o seu desejo a partir da leitura de resenhas sobre aqueles livros, mas que deixa claro que não foi suprido: “— [...] *eu ainda quero ler para tirar minha própria conclusão*”. É interessante o fato de a leitora não se deixar levar pela opinião alheia sobre as obras, reconhecendo que diferentes leitores, enquanto seres singulares, podem experimentar uma mesma leitura de modo diverso.

O relato de **Be\_CP** nos remete ao conto “Felicidade Clandestina”, de Clarice Lispector, já trazido, no qual acompanhamos a trajetória da protagonista com um livro muito almejado. Logo, quando ela finalmente consegue emprestá-lo, destaca que o prazo para a leitura não fora estabelecido: “E você fica com o livro por quanto tempo quiser. ”Entendem? Valia mais do que me dar o livro: pelo tempo que eu quisesse” é tudo o que uma pessoa, grande ou pequena, pode ter a ousadia de querer” (Lispector, 1998, p. 12). Isto é, a não delimitação do tempo permite que o leitor faça a leitura no seu ritmo, bem como experimente a felicidade de possuir o livro para si.

Da mesma forma, a narrativa de **Mi\_CP** destaca um cenário de empréstimo de livros, neste caso, provenientes de um familiar, sugerindo uma menor pressão temporal para sua leitura. Observamos que o empréstimo de um dos livros foi motivado pela preparação para um exame de vestibular. Sobre isso, inicialmente, **Mi\_CP** justifica sua atitude em relação à não-leitura com base na escassez de tempo, mas, apresenta posteriormente o possível motivo subjacente, indicando que a atividade fica em segundo plano diante das demandas da vida, que exigem também ter momentos de ócio, por exemplo.

É pertinente considerar ainda o contexto de **Mi\_CP**, como estudante que está prestes a concluir o EM, fase marcada pela tensão devido à necessidade de tomar decisões sobre seu futuro, como eleger um curso e prestar exames para entrar na universidade. Nesse sentido, torna-se evidente que a pressão para se dedicar aos estudos aumenta consideravelmente, levando-o a ficar “*cansado da vida*”. Embora o ócio seja muito importante para a vida criativa e bem-estar do ser humano, este é estigmatizado em uma sociedade que valoriza a produtividade incessante, conforme pontua Han (2015). Diante disso, verificamos a possibilidade de **Mi\_CP** sentir-se culpado por experimentar tais sentimentos de exaustão e desmotivação, pois isso em

primeiro momento alegou a falta de tempo, e só depois demonstrou a sua falta de motivação para a atividade.

Paralelamente, o relato de **Gu\_CT**, assim como o de **Mi\_CP**, revela que a obrigatoriedade de uma leitura nem sempre é suficiente para motivar a sua realização. Logo, ao responder à pergunta, **Gu\_CT** lembra de uma situação em específico em que emprestou um livro físico para cumprir uma atividade escolar, mas não o leu, apontando que: “— *Como eu não tinha tempo para ler o livro, [...] ao invés de ler, eu peguei um audiobook e fui ouvindo [...]*”. Nesse sentido, observamos que **Gu\_CT** emprestou o livro apenas para cumprir o protocolo da escola, mas ao estar a sós com ele, não efetivou a leitura, buscando outros recursos para fazer a prova, como o audiolivro. Inferimos que esse leitor optou por esse recurso provavelmente por considerá-lo menos exigente e por acreditar que ouvir demandaria menos tempo do que ler, uma vez que ele mencionou que o tempo era uma das dificuldades para completar a tarefa.

Por sua vez, **An\_CPT** expressa em sua fala que já emprestou livros da biblioteca escolar e não os leu, o que está ligado ao momento que vivenciava, argumentando que “— *[...] eu queria ler, mas às vezes não conseguia e acabava devolvendo sem ler mesmo*”. Ao frequentar uma biblioteca, escolher um livro e enfrentar a burocracia que envolve o empréstimo, fica evidente que de fato essa leitora tinha o desejo de ler, mas, ao se deparar com algumas dificuldades, como a complexidade dos textos, acabava os devolvendo sem de fato lê-los.

Nesse cenário, **An\_CPT** parece ter encontrado sozinha um caminho para o engajamento com a leitura, ao enfatizar: “— *Então, eu peguei um livro, que era acho que “Seleção”, e daí eu consegui ler porque era mais simples e daí eu fiquei com vontade de ler mais livros*”. Nessa fala observamos a presença de uma estratégia que pode ser eficaz na promoção da leitura, pois permite um progresso gradual do leitor até que consiga ler textos mais desafiadores e complexos, exigindo comprometimento e motivação para a atividade.

Em consonância, **Le\_CPT** também vivenciou dificuldades com a linguagem, denominada por ela como “*antiga*”, bem como o fato de “*aí não tinha nem sinal no livro*”, fatores que a levaram a abandonar o livro. Percebemos que a leitora tentou realizar a leitura, tendo em vista os detalhes apresentados, mas parou devido às dificuldades enfrentadas.

Mais uma vez, a partir da fala de **An\_CPT** e **Le\_CPT**, notamos que muitas vezes os leitores precisam da presença de mediadores para persistir diante de textos difíceis, o que remete aos apontamentos de Andruetto (2017) e de Petit (2009) sobre o acompanhamento da leitura, evitando assim o seu abandono devido à linguagem.

Na direção contrária, existem indivíduos que demonstram um comprometimento com a atividade de leitura resultante do empréstimo de livros físicos, uma prática associada a várias dimensões, incluindo o compartilhamento da experiência de leitura com aquele que emprestou o livro, o que muitas vezes reflete uma relação de confiança entre ambas as partes. Nesse contexto, analisamos as contribuições de quatro leitores que adquirem livros emprestados de bibliotecas públicas ou de amigos, demonstrando um compromisso com a realização efetiva da leitura.

Sobre isso, **Ev\_CP** destaca que “— *Eu sempre leio, porque eu me sinto na obrigação. A pessoa vai me perguntar sobre o livro e eu vou falar o quê? Aí eu tenho que ler (risos) [...]. A bibliotecária só anotava o nome, por isso que daí eu sabia que podia dar um miguézinho. (risos)*”. A fala dessa leitora evidencia uma diferença entre a prática de emprestar um livro de alguém próximo e de uma instituição. Isto é, ao realizar um empréstimo de alguém próximo, **Ev\_CP** considera que envolve não apenas ler, mas compartilhar a leitura, o que pode funcionar como uma motivação adicional para a sua efetivação. Ao mesmo tempo, nos parece que a retribuição ao outro por um empréstimo é partilhar a leitura.

Esse dado nos leva a refletir que quando o empréstimo vem de uma instituição pública, especialmente daquelas que não têm investimento pessoal dos profissionais com o seu público, observamos que o abandono pode acontecer mais facilmente, pois não há motivação externa para a realização da leitura.

Ressaltamos ainda, que no trecho da fala de **Ev\_CP**, chama a atenção a escolha da palavra “*obrigação*”, pois denota um sentimento de controle exercido sobre a leitura por aquele que emprestou. Entretanto, quando se trata do empréstimo de uma biblioteca, esse elemento parece não estar presente.

Já **Ke\_CT** parece não ter o hábito de emprestar livros atualmente, pois disse que era algo que fazia quando “*mais nova*”. O uso dessa expressão, acompanhado do título do texto emprestado, nos remete a sua infância. Sobre isso, ela diz: “— *Minha amiga tinha a coleção inteira de “Diário de um Banana”. Eu fui lá: — Nossa, me empresta, me empresta! Ela foi e me emprestava, eu lia, devolvia e emprestava o*

*próximo*". As escolhas lexicais dessa leitora, denotam alguns aspectos interessantes. Ao usar o verbo "ir" no passado acompanhado do advérbio "lá", nos leva a inferir que **Ke\_CT** só soube da referida coleção ao frequentar a casa de sua amiga. A expressão "nossa", seguida de uma repetição do verbo "emprestar", demonstra a empolgação diante da descoberta, bem como seu desejo de acessar aqueles livros. O relato de **Ke\_CT** apresenta certa semelhança com "Felicidade Clandestina", de Clarice Lispector, pois assim como a protagonista do conto sente o desejo de emprestar determinado livro de sua suposta amiga, tem que lidar com as condições impostas por ela. No caso de **Ke\_CT**, mesmo que a amiga lhe tenha emprestado facilmente, o fazia de um por vez, ou seja, nunca pôde possuir todos ao mesmo tempo.

Por sua vez, **Ga\_CT** prefere adquirir livros, ou emprestá-los da biblioteca, evitando o empréstimo de amigos. O fato de preferir a compra ao empréstimo está provavelmente relacionado ao desejo de possuir o livro para si, sem precisar devolvê-lo ou lidar com as responsabilidades que implicam o empréstimo. Por outro lado, a biblioteca, por ser uma instituição pública, em sua percepção, provavelmente permite mais flexibilidade na devolução dos livros, no que se refere aos prazos e condições do objeto, então, talvez seja uma possibilidade, quando comprar não é uma opção.

A prática de empréstimo de livros emerge como uma atividade frequente para **Va\_CPT**. Ao longo de sua entrevista, ela indicou que costumava frequentar a biblioteca municipal, bem como emprestar livros de amigos e de familiares. Sendo assim, ela afirma: "*— Toda vez que eu emprestei, eu li. Eu posso ter demorado um ano para ler, muito tempo, mas eu leio até o final*". Sua fala sugere um compromisso significativo com a leitura das obras emprestadas, caracterizado pelo fato de concluí-las. Por outro lado, ao mencionar o período temporal, aspecto importante da prática de empréstimo, **Va\_CPT** parece não se preocupar com o tempo empreendido para terminar uma leitura, o que pode indicar a flexibilidade em renovar os prazos nas instituições frequentadas, ou com as pessoas próximas.

Por fim, **Ed\_CPT** destaca a importância da confiabilidade nas relações de empréstimo de livros, provavelmente fundamentada na expectativa de que o receptor do livro irá devolvê-los em bom estado e, crucialmente, que os lerá. Ele relata como sendo uma exceção uma situação em que não concluiu a leitura e devolveu o livro, devido a sua percepção de que o enredo apresentava um "*suspense forçado com estereótipo*", uma avaliação que ecoava a opinião de sua amiga que inicialmente o havia adquirido.

Em relação aos empréstimos de livros da biblioteca, **Ed\_CPT** demonstra um padrão consistente de realização da leitura, embora ocasionalmente não consiga cumprir os prazos estipulados: “— Às vezes eu ficava cinco semanas com ele [livro]. Não, tem que ler! Às vezes eu esquecia de devolver o livro, pagava cinquenta centavos e continuava lendo”. É interessante que o leitor cita um número exato de semanas e do valor da multa, o que provavelmente implicava as regras do estabelecimento frequentado, demonstrando as cumprir e pagar pelo atraso visando finalizar a leitura.

Diante disso, observamos que o acesso aos livros por meio do empréstimo nem sempre é suficiente para a efetivação da leitura, dado que os leitores devem lidar com prazos, alguns inadequados para a devolução, desmotivação para a atividade após o empréstimo, abandonando-os devido a diversas razões, como temáticas abordadas ou linguagem difícil. Portanto, embora seja muito importante, o empréstimo de livros é sempre inadequado ao desejo, o que relembra as palavras de Barthes (2004). Isso ocorre por diferentes aspectos, como o fato de o leitor, mesmo tendo criado uma relação afetiva com o texto, o que muitas vezes desperta a vontade de possuí-lo para si, ter que devolvê-lo ao proprietário original. Conseqüentemente, para não enfrentar essas questões, há leitores como **Ga\_CT**, que embora usem a biblioteca, preferem mesmo comprar o livro.

Ademais, nas práticas de empréstimo os termos para a leitura são ditados pelo outro, que inclui prazos para conclusão. Embora isso para alguns funcione até mesmo como um incentivo, fazendo com que se comprometam com a leitura, para outros, o tempo estabelecido pode ser inadequado, e gerar uma punição, como uma multa no caso de **Ed\_CPT**, ou mesmo ficar sem saber o resto da história, como **Be\_CP**.

Nesse sentido, as narrativas dos leitores entrevistados ilustram a complexidade do processo de empréstimo de livros, permeadas por relações de afeto e de desejo. Isso demonstra que o leitor deve lidar com os limites impostos ao desejo, ou mesmo desviá-lo para outro objeto. Então, por vezes, o objetivo inicial se transforma em um resultado distinto do esperado. Mesmo que deseje possuir para si aquele livro, quando isso não é uma opção, cabe ao leitor contentar-se com o empréstimo, lidando com as frustrações que esse processo gera. Logo, cada pessoa lidará com esse desejo não realizado de uma maneira, criando estratégias para enfrentar a situação.

Quando o assunto é o acesso aos textos via compra e a sua não-leitura, observamos casos nos quais os entrevistados iniciaram a atividade leitora, mas a

abandonaram por algum motivo (**Ev\_CP**), tal como a falta de tempo (**Va\_CPT** e **Be\_CP**), pretendendo retomar a leitura em algum momento, ou ainda desistiram da leitura antes mesmo de começá-la.

Sobre isso, **Ev\_CP** cita um caso particular em que não apreciou o início da história, culminando no seu abandono. Não obstante, em virtude da compra realizada, verificamos em sua fala que **Ev\_CP** sente-se na obrigação de retomar a leitura, indicando “— *Mas eu tenho que ler, na verdade, porque eu comprei*”. Ela ainda detalha que: “— [...] *parei bem no comecinho, na página 10*”, o que revela que o enredo deve engajar **Ev\_CP** desde o início, caso contrário, sente-se compelida a interromper a leitura.

Reparamos ainda que a compra do livro efetivada por **Ev\_CP** foi motivada por recomendação alheia, quando diz: “— *Na época estava falando muito desse livro e aí eu coloquei muita expectativa*”. Ela não nomeia os canais ou mesmo pessoas que a “*influenciaram*”, discorrendo sobre a situação de forma genérica. De todo modo, esse dado nos permite refletir sobre a importância de o leitor fazer as próprias escolhas em meio a tantas possibilidades, não deixando se levar apenas pela opinião do outro.

Tal questão é particularmente relevante no âmbito das redes sociais, nas quais determinados conteúdos, conseqüentemente livros, costumam viralizar, levando algumas pessoas a comprarem determinados produtos, por estarem entre os mais “comentados”, o que tem grande apelo comercial, conforme já discutimos.

A falta de tempo para realização de uma leitura é uma justificativa utilizada por **Va\_CPT** e por **Be\_CP**, elemento muito abordado pelos leitores, conforme já comentado. A esse respeito, chama a atenção o fato de **Be\_CP** considerar que a escassez de tempo é momentânea, então, os livros comprados ainda serão lidos. Então, de certo modo, eles nunca ocuparão o lugar de não-lidos, pois sempre, em seu imaginário, serão leituras pendentes e com perspectiva de lê-las no futuro. Portanto, ela justifica as suas compras com o seu desejo de lê-los, o que está relacionado ao seu vínculo afetivo com os objetos: “— *Eu não tenho coragem de abandonar eles*”.

Já **Va\_CPT** compartilha sua experiência em relação a um livro específico, indicando ser um fato isolado. Em contraste com a fala de **Ev\_CP** e **Be\_CP** que manifestam a crença de que lerão os textos adquiridos em algum momento do futuro, **Va\_CPT** adota uma postura distinta, reconhecendo que não realizaria a leitura do texto devido ao fato de que “*estava sem tempo na época*”, decidindo presentear outra

pessoa com ele. Chama a atenção a marcação temporal apresentada por ela, ao indicar “*na época*”, o que dá indícios que esse não é um problema no tempo presente.

Outra justificativa que aparece na fala de cinco leitores sobre a não efetivação da leitura dos livros comprados, está ligada às próprias dinâmicas contemporâneas que refletem a influência do sistema econômico capitalista nas práticas sociais de leitura. Isto é, incentiva-se o consumo de objetos culturais por meio de algumas estratégias, como a realização de propagandas nas redes sociais (**Ke\_CT**) e de ofertas atrativas (**Mi\_CP**; **Gu\_CT**; **Ed\_CPT**; **An\_CPT**).

A questão da publicidade nas redes sociais e a abundâncias de opções de leitura apresenta-se na fala de **Ke\_CT**, indicando sempre haver alguma obra, já publicada ou para ser lançada, aguardando por sua atenção. Essa percepção é acentuada pelos estímulos publicitários disseminados nas redes sociais, que despertam seu desejo de adquirir textos literários, sejam estes no formato físico ou virtual (*e-book*). Logo, esse interesse constante por diferentes obras, parece comprometer o ato de ler, pois sua atenção está sempre dividida entre as diversas possibilidades, ou mesmo dispersa, afinal, a atenção se volta para o que poderá ler/comprar, desviando-se daquilo que há para ler em sua estante ou para prosseguir. Isto é, na tentativa de ler tudo o que deseja, acaba não se dedicando a nenhuma leitura.

Outra estratégia que merece destaque e que está relacionada à não-leitura, refere-se às promoções ou mesmo ao prazer propiciado pelo consumo. Esse aspecto é reconhecido por **Mi\_CP**, ao admitir haver uma discrepância entre a quantidade de livros comprados e o tanto que consegue ler. Reparamos, então, que **Mi\_CP** é levado pelo impulso de consumir os objetos, ressoando as dinâmicas de uma sociedade capitalista, na qual o ato de comprar propicia alguma satisfação, ao utilizar o adjetivo “*gostoso*” para caracterizá-la.

Já **Gu\_CT** nomeia alguns livros que estão à espera de serem lidos. Embora tenha intenções de lê-los em algum momento do futuro, diz que “*vai demorar*”, demonstrando que estes não fazem parte de suas prioridades de leitura. Isso nos leva a retomar algo dito por ele em outro momento da entrevista: “— *Teve um que eu comprei assim, só que ele era muito barato. Eu comprei três livros por sessenta reais, estava em promoção ainda*”. É possível que os livros comprados e não lidos, sejam os mesmos adquiridos por ele numa promoção. Portanto, ele foi levado a consumir os

objetos devido ao preço, mas não pela leitura em si, atraído pelas estratégias mercadológicas.

Assim como **Gu\_CT**, o leitor **Ed\_CPT** também enfatizou adquirir determinados livros devido aos preços acessíveis. Nesta pesquisa, evidenciou-se que o preço do livro é um fator relevante para os leitores, ao pontuarem que buscam sempre as melhores ofertas em sites on-line. Então, ao realizar liquidações, as empresas de vendas conseguem a atenção do seu público-alvo, levando-os a efetivarem a compra, por vezes, até por impulso, apenas devido à sensação de que é uma oportunidade única, o que está implícito na fala de **Ed\_CPT**, que utiliza a palavra “*imperdível*”. Notamos que esse leitor primeiro efetiva a compra, e apenas “*depois*” pensa na efetivação da leitura. Isso nos leva a inferir que esses livros não eram antes buscados, mas que devido ao seu baixo valor, passam a ser considerados com uma boa opção de compra, talvez, de leitura.

É importante pontuar ainda, que, diferentemente de **Gu\_CT**, o discurso de **Ed\_CPT** é permeado pela afetividade com o objeto adquirido. Esse leitor descreve o ritual simbólico realizado ao receber o livro. Primeiramente, **Ed\_CPT** indica abrir a embalagem, libertando o livro, o que remete ao uso da personificação, atribuindo ao objeto características humanas. Depois, aprecia seu cheiro e posiciona o objeto na estante, admirando-o esteticamente, o que parece complementar a decoração do ambiente. Por fim, ele compromete-se com a leitura, apresentando-se convicto de que a realizará num futuro: “*Depois vou te ler, tenho certeza disso*”. Chama a atenção a escolha pelo uso do pronome “*te*”, pois se dirige ao próprio objeto livro, demonstrando uma relação de proximidade com este, caracterizando novamente uma personificação e relação de afeto.

**An\_CPT** indica ter vários livros adquiridos e “*ainda*” não lidos. O uso do advérbio “*ainda*” indica suas intenções de ler esses textos no futuro. O volume de livros cuja leitura ainda não realizou decorre também do aproveitamento das promoções, pois **An\_CPT** disse em um momento da entrevista que: “— [...] eu também acompanho vários canais no Telegram, por exemplo, de promoções, então eu consigo comprar livros mais baratos”. Observamos nessa fala o aparecimento mais uma vez do *Telegram*, mas desta vez não para o compartilhamento de textos em PDFs e/ou sugestões de leitura, e sim para o acompanhamento de ofertas ou cupons de desconto, algo indicado também por **Ke\_CT**. Desse modo, percebemos que essa

plataforma parece reunir leitores com diferentes propósitos e práticas, sendo uma delas instigar o consumo de livros.

Os dados apresentados nas falas desses cinco leitores, como **Ke\_CT**; **Mi\_CP**; **Gu\_CT**; **Ed\_CPT**; **An\_CPT**, revelam um cenário problemático e que merece reflexões, pois interferem significativamente na formação de leitores no contexto da cultura digital. Nesses depoimentos fica claro que a publicidade presente nas redes sociais e outras plataformas, conforme evidenciado em diversos momentos desta pesquisa, emerge como um fator determinante que influencia os hábitos de leitura dos jovens, bem como outras estratégias de *marketing*, como a realização de campanhas, promoções e cupons de descontos. Logo, há muitas vias que parecem incentivar o consumo de livros, mas poucas a leitura de fato.

Diferentemente da maioria dos entrevistados, há duas leitoras (**Ga\_CT**; **Le\_CPT**) que indicaram ler todos os livros que compram. Ambas as leitoras, alegaram dispensar tempo na seleção dos livros antes de adquiri-los, o que provavelmente contribui para a compra apenas de livros que de fato irão ler. Desta forma, **Ga\_CT** e **Le\_CPT** têm um ritual para eleger os livros, uma vez que mais do que investimento afetivo, envolve também investimento financeiro. Portanto, elas parecem comprometerem-se com os livros que elegem para compra.

Diante dos dados apresentados, constatamos que as expectativas de leitura associadas à aquisição de livros são frequentemente frustradas devido à limitação de tempo disponível para dedicar-se à atividade de leitura, desapontamento com a conteúdo ou mesmo pela compra efetuada de forma impulsiva. Percebemos que alguns leitores entrevistados adquiriram obras literárias para além de sua capacidade de leitura efetiva, motivados pelos preços acessíveis. Esta atitude pode ser atribuída, em parte, à percepção dos livros como objetos de valor elevado no contexto brasileiro, levando os leitores a aproveitarem promoções como uma estratégia para acessar obras a um custo mais acessível. Entretanto, trata-se também de um comportamento influenciado pela sociedade capitalista, que leva os indivíduos a consumirem mercadorias, incluindo também livros. Portanto, essas dinâmicas complexas revelam uma interação entre fatores econômicos, culturais e individuais que influenciam o comportamento de compra e leitura de livros entre os entrevistados.

À vista disso, observamos que o mercado do livro também realiza promoções para atrair mais consumidores, o que é relevante no cenário brasileiro, marcado por desigualdades sociais e que de fato o objeto é caro para grande parte da população,

conforme os dados divulgados pela Folha de São Paulo (2023). Desse modo, a baixa dos preços pode contribuir para os leitores comprarem mais com menos. Mas, ao efetuar uma compra por impulso, apenas porque estão baratos, tem-se mais chances de serem esquecidos nas prateleiras ou nas memórias dos dispositivos eletrônicos.

## 5 CONCLUSÃO

Nesta pesquisa, buscamos compreender as nuances da leitura literária entre os jovens, o que revelou um cenário complexo, explorado ao longo do texto. Embora a leitura seja uma atividade relevante social e individualmente, conforme vários autores, como Petit (2019), Todorov (2010), Freud (2020), Barthes (2004), Batista (2019), Lima (2019), para citar alguns, em um país tão desigual como o Brasil, garantir a sua presença na vida dos indivíduos, perpassa à questão do acesso, portanto, dos suportes textuais. Portanto, retomaremos esses aspectos brevemente aqui a fim de apresentar algumas considerações finais.

A partir dos dados recolhidos pelos questionários e entrevistas, pudemos perceber que os jovens oscilam entre os diferentes suportes para a leitura literária, o que responde ao problema desta pesquisa, que se baseou na seguinte questão: *quais são os suportes utilizados pelos alunos do EM para realização da leitura literária e quais suas motivações para essas escolhas?*

Todavia, apesar de utilizarem diferentes suportes, o preferido e mais acessado pela maioria dos participantes desta pesquisa é o papel, confirmando a hipótese levantada na introdução deste trabalho. Dentre as motivações para tal, verificamos que o papel está relacionado à implicação material e corporal dos leitores com o suporte, ao considerar que os livros físicos propiciam uma experiência de leitura afetiva, subjetiva e multissensorial.

A materialidade do livro impresso, que permite uma relação corpórea entre leitor e objeto, em consonância com as afirmações de Chartier (2020), ainda se faz relevante para os sujeitos desejantes, que valorizam os aspectos sensoriais do livro físico, como senti-lo próximo a si, fazer marcações manuais, cheirá-lo, ouvir suas páginas passando, apalpá-lo, ou mesmo apreciar sua forma física, e talvez até exibi-lo em suas prateleiras, dentro outros elementos. Isto é, não apenas o texto afeta a experiência de leitura, mas também o suporte em que é realizada, uma vez que o papel desperta no leitor sensações diversas daquelas mencionadas em relação à tela, resultado que está em consonância com os estudos de Spence (2020).

Nesse viés, considerar a subjetividade do leitor, tal como preconizada por Jouve (2013), Petit (2009), Lima (2019), dentre outros, torna-se um elemento importante desta pesquisa, pois percebemos que esta não se apresenta apenas durante o ato de ler, mas na interação entre texto, leitor e suporte, seja antes, durante

ou após a atividade. Isso acontece na medida em que todo o corpo do leitor trabalha no processo de leitura, e não só a sua mente durante a interpretação, por exemplo. Então, a subjetividade leitora se faz presente tanto nas escolhas quanto nas recusas de determinados gêneros e/ou conteúdos, de suportes, das posições corpóreas a serem adotadas para efetivação da leitura, ou mesmo do formato do texto ou local em que será armazenado após a sua finalização.

Nesse sentido, nos parece que a tela é utilizada pelos jovens, a despeito de suas preferências subjetivas e afetivas, numa tentativa de aumentar suas possibilidades de encontrar o texto almejado, satisfazendo o seu desejo, mesmo que parcialmente, assim, contornando o recalque da leitura (Barthes, 2004). Então, em muitos casos, a tela é mais um dos substitutos do desejo (Barthes, 2004) a que o leitor recorre diante da impossibilidade de acessar o texto no suporte pretendido. A partir disso, é importante retomar que em um viés psicanalítico, entende-se que o desejo nunca será satisfeito totalmente (Freud, 2020), o que não impede de o jovem leitor tentar chegar a essa suposta plenitude por diversas vias.

Entretanto, conforme os dados desta pesquisa, na maior parte das vezes, isso só causará ainda mais frustração ao indivíduo, pois, mesmo que ultrapasse a barreira do acesso, se deparará com outros impedimentos. Um deles refere-se ao aspecto temporal, ou seja, ao fato de que sempre faltará tempo de vida para ler tudo o que deseja – ou pensa que se deseja ao considerar os ditames dos algoritmos e dos influenciadores na era digital. O outro é o material, afinal, mesmo que consiga o acesso a uma obra, como por meio do empréstimo de um amigo, biblioteca etc., ou de um PDF da Internet, isso não é suficiente para muitos leitores, que mais do que acessar o conteúdo, almejam manter a obra próxima a si, numa relação desejante, subjetiva e que também é corpórea, envolvendo necessariamente o livro físico.

Então, diante do pressuposto de que o texto eletrônico possibilitou o acesso a uma biblioteca universal (Chartier, 1998), pode ter-se a ideia de que o leitor pode encontrar tudo aquilo que almeja nos labirintos da Internet, a depender de suas habilidades e dispositivos tecnológicos para tal. Entretanto, ficou claro que muitos leitores, ao tentarem satisfazer seu desejo por determinado texto – seja por meio da compra, empréstimo ou *download* –, muitas vezes, se deparam com ainda mais opções, encontrando-se com novos textos, tendências, viralizações, alguns ainda mais interessantes, outros repetitivos etc., gerando ainda mais desejo irrealizado, ou mesmo a não-leitura. A esse respeito, observamos que a facilidade de baixar textos

gratuitamente em seus dispositivos eletrônicos, atrelada ao desejo de abarcar um amplo número de obras, provavelmente, tem feito com que os sujeitos acumulem arquivos, ultrapassando sua capacidade real de leitura, numa relação não mais desejante, mas compulsiva.

Sendo assim, a existência de inúmeros textos e de alternativas de acesso, alargadas ainda mais com a era digital, não só propicia uma maior democratização da leitura entre os jovens leitores, mas também faz com que eles tenham que lidar com esse labirinto de possibilidades, daí surge o título desta tese. Cada leitor, enquanto ser subjetivo e permeado pelos afetos (Jouve, 2002), encara esse cenário de forma diversa, pois enquanto alguns resistem ao recalque da leitura (Barthes, 2004), outros submetem-se a ele, resultando em sentimentos de desconforto.

Diante desse labirinto de opções de textos e de alternativas de acesso, consideramos que os mediadores podem ser relevantes. De modo geral, nesta pesquisa, assim como defende Petit (2009), essa figura apresentou-se como atuante tanto na indicação de livros e promoção do engajamento com a leitura, quanto na escolha do próprio suporte. Dentre eles, destacam-se os amigos (2º lugar), influenciadores digitais (3º lugar) e professores (4º lugar).

A relevância dos amigos já era um dado esperado, afinal, estes têm influência significativa por sua carga afetiva, conforme Rouxel (2013), ou mesmo pelo desejo de pertencer e se encaixar em um grupo, o que muitas vezes é feito por meio da realização de atividades em comum. Entretanto, o que chamou nossa atenção foi o fato de que os influenciadores digitais têm mais relevância do que os docentes. Esse dado é significativo na medida em que demonstra que mais uma instância tem atuado na promoção da leitura, alargando ainda mais as possibilidades de os jovens se engajarem com essa atividade, conforme Lluch (2017), mas ao mesmo tempo, demonstra que a escola, principal responsável pela formação de leitores, vem perdendo o seu espaço. Sendo assim, esses dados revelam uma mudança cultural importante nos mediadores mais influentes na vida dos jovens leitores, marcada pela perda de espaço de instâncias tradicionais, como a escola.

Então, isso nos permite inferir que cada vez menos a escola é capaz de competir com os influenciadores digitais. Enquanto os últimos contam com os mecanismos da Internet para atrair a atenção do público num espaço de suposta liberdade, os docentes têm poucas horas de aula na semana para fazer o mesmo, em um ambiente muitas vezes relacionado à obrigação. Além disso, é necessário

considerar que no contexto escolar não apenas a promoção da leitura é enfatizada, mas outros inúmeros conteúdos. Somado a isso, temos ainda a necessidade desses profissionais em cumprirem com as exigências dos órgãos governamentais. Por exemplo, no contexto paranaense, a partir de 2023, passou-se a obrigar a utilização da plataforma *Leia Paraná*, desconsiderando que esta nem sempre atende às demandas dos leitores contemporâneos, que como vimos aqui nesta pesquisa, ainda prezam pela experiência com livros físicos, caso possam escolher. Isto é, embora os suportes coexistam e sejam amplamente utilizados pelos jovens de acordo com seus propósitos, estes os afetam de formas diferentes, e isso deve ser considerado nas práticas de mediação. Talvez o mais adequado na era digital seja possibilitar o acesso a diferentes suportes, a fim de que o sujeito eleja aquele que melhor atende as suas necessidades e afetos.

Todavia, independente das dificuldades enfrentadas no contexto escolar, esse ambiente ainda continua sendo essencial para a promoção do acesso a textos literários e seu acompanhamento, conforme evidenciado em diferentes momentos desta pesquisa. Por exemplo, quando os participantes comentam sobre os impactos da pandemia nas suas práticas leitoras, período em que as bibliotecas e escolas estavam fechadas, diminuindo seu contato com a leitura; ou levando alguns a descobrirem as telas para tal; ou ainda quando discorrem sobre suas dificuldades com determinados textos ou suportes, relacionados à falta de habilidades leitoras, aprimoramento da compreensão, esgotamento do tema, sentir-se perdido etc. Logo, esses aspectos demonstram que a presença do mediador pode dar a oportunidade de os jovens leitores ultrapassarem determinadas barreiras e alcançarem uma nova etapa, conforme Petit (2009).

Além disso, os professores, mesmo com todas as limitações que lhes são impostas, podem contribuir para o desenvolvimento crítico dos jovens leitores na era digital, o que envolve instigar reflexões sobre o papel dos influenciadores digitais e dos inúmeros estímulos que recebem diariamente nas redes sociais e sites de vendas de livros, pontos que têm criado novos padrões de consumo, talvez, também no âmbito da leitura. É importante pontuar que embora esse assédio ao leitor já acontecesse antes da era da Internet, nos parece que agora ele está mais acirrado, muitas vezes, sem haver consciência disso.

Nesse contexto, ao analisar os procedimentos de busca por livros impressos e digitais entre os jovens, verificamos haver uma predominância de compras realizadas

por sites da internet, que se justifica pelas diferenças nos preços dos livros encontrados em estabelecimentos físicos, em comparação com os ofertados on-line, sendo a *Amazon* a plataforma mais mencionada por eles. À primeira vista, isso pode ser considerado benéfico, pois, ao oferecer preços competitivos, permite que leitores com menos recursos adquiram mais livros físicos — objetos de grande valor afetivo para muitos, conforme demonstrado aqui. Entretanto, há um custo oculto associado a essa dinâmica, fato já identificado por Lemos (2021) e Pozzer e Cunha (2020): o fornecimento de dados pessoais, que são coletados para mapear padrões de consumo de seus usuários e direcionar futuras estratégias de vendas. Observamos, ainda, que os jovens estão particularmente vulneráveis a essa prática, pois tendem a enxergar essa dinâmica como uma conveniência proporcionada pela cultura digital. No entanto, de forma autoritária, ela tem influenciado e moldado suas preferências de leitura.

Além da *Amazon*, constatamos ainda, que as diferentes redes sociais, aplicativos e plataformas têm influenciado o que os jovens leem e consomem. Isto é, esses meios, onde os influenciadores digitais, em suas diferentes denominações, têm destaque, são repletos de publicidades que visam mais à venda de livros do que à promoção de leitura. Isso é preocupante na medida em que observamos que muitos jovens entrevistados participam e utilizam essas vias para selecionar suas próximas leituras, ou mesmo foram levados por elas a adquirir ou desejar determinada obra. O resultado é uma limitação no repertório de leitura, que frequentemente se restringe a textos semelhantes ou com forte apelo publicitário, conforme os dados aqui discutidos. Essa tendência é preocupante, pois ao se manterem dentro do que já conhecem, suas experiências literárias acabam sendo reduzidas.

Sendo assim, nos parece que nesse cenário, os profissionais da educação devem almejar a formação de sujeitos capazes de acompanhar influenciadores, ou mesmo visualizar uma sugestão de leitura em um site de vendas, mas de analisar criticamente se aquilo lhes diz respeito, distinguindo o que de fato merece ser lido ou ainda adquirido. Talvez mais do que ler, muitos leitores precisam também aprender a exercer o seu direito de não ler (especialmente em termos quantitativos), na contramão da sociedade do desempenho (Han, 2015) ou acelerada Hartmut Rosa (2017), sem que isso lhe cause ainda mais angústia.

Diante disso, acreditamos que os resultados desta pesquisa podem contribuir para um melhor entendimento sobre a leitura na era digital, ponto essencial para (re)

pensar a formação de leitores. Esperamos, portanto, que esses dados, ao serem acessados por profissionais da área educacional, instiguem reflexões sobre o seu papel, enquanto mediadores de leitura, na atualidade, e que os leve a ponderar estratégias para expandir o repertório de leitura dos jovens e mitigar os impactos dos algoritmos e da promoção do consumo, em detrimento da leitura.

Outro ponto identificado, nesta pesquisa, refere-se ao fato de que as práticas de promoção da leitura devem levar em conta as diferenças entre os suportes. Os dados mostram que, assim como apontado por Chartier (2020), os jovens desta pesquisa também reconhecem que a leitura em tela e em papel demanda gestos e comportamentos distintos. Cada suporte oferece benefícios, possibilidades e funcionalidades específicas, o que exige posturas variadas frente a cada um deles. Por exemplo, no caso da tela, os processos requeridos para encontrar o texto almejado pelos labirintos da Internet, baixá-lo e transformá-lo em formato compatível com o dispositivo que se quer ler, ou até mesmo compartilhar textos, que muitas vezes são arquivos pesados, precisam ser aprendidos e dominados. Isso não acontece de uma simples aproximação do leitor com as tecnologias, mas, requer habilidades também técnicas, conforme destacado por Márquez Hermosillo e Valenzuela González (2017), e confirmado a partir dos dados desta pesquisa. Logo, trata-se de alguns pontos que podem ser pauta nas práticas voltadas à formação de leitores na contemporaneidade.

Para além das questões enfocadas aqui, chamamos a atenção para dois pontos que merecem ser mais aprofundados em pesquisas futuras.

O primeiro deles refere-se ao baixo engajamento do jovem com a leitura literária. Preocupamo-nos com o alto número de estudantes que destacaram em seu questionário que não leem em nenhum suporte. Afinal, viver em uma sociedade letrada sem motivação ou mesmo interesse pela leitura, pode indicar que eles ainda não descobriram um gênero, um tema, um autor, um propósito, ou mesmo temem o livro por este ser pouco familiar em seu contexto. Ou ainda que isso indique que as ofertas de leitura propiciadas pela escola não têm alcançado o seu interesse. O segundo diz respeito à sobreposição da prosa narrativa ficcional sobre outros gêneros, indicando uma falta de diversidade nas leituras realizadas pelos estudantes, o que talvez seja um reflexo do seu tratamento nas práticas escolares, ou mesmo confirme que os algoritmos têm pautado fortemente o que os jovens leem. Logo, trata-se de temáticas para serem pensadas também no contexto da formação de professores, a

fim de entender como esses profissionais devem ser preparados para atuar como mediadores na era digital e formar leitores para transitar entre os diferentes textos, formatos e suportes, desafiando os ditames dos algoritmos.

Por fim, almejamos que os resultados inspirem novas pesquisas sobre a leitura na era digital, com foco no agente principal: o leitor, ampliando nossos conhecimentos sobre esse cenário que está em constante mudança. Esperamos, então, que esta pesquisa, ao ser acessada por pesquisadores, professores, bibliotecários, entre outros, convide-os a refletir sobre suas práticas e como elas podem ser (re)pensadas.

## REFERÊNCIAS

ABRAMS, J. J.; DORST, Doug. **S**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2016.

ALVES, Castro. O Livro e a América. *In*: ALVES, Castro. **Obra completa**. Organização e notas Eugênio Gomes. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1980.

AMAZON. **Livros**. Mentirosos – Sucesso no TikTok. 2023. Disponível em: [Mentirosos – Sucesso no TikTok | Amazon.com.br](https://www.amazon.com.br/mentirosos-sucesso-no-tiktok). Acesso em: 17 mar. 2023.

ANDRUETTO, María Teresa. **A leitura, outra revolução**. Tradução de Newton Cunha. São Paulo: Edições Sesc, 2017.

ARAÚJO, Monica Daisy Vieira. **Práticas de leitura literária digital entre leitores jovens**. 2016. 341 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal De Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUOS-APCPUR>. Acesso em: 22 mar. 2021.

ASSIS, Machado. Dom Casmurro. *In*: ASSIS, Machado. **Obras completas de Machado de Assis**. v. I. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. Disponível em: <https://machado.mec.gov.br/obra-completa-lista/itemlist/category/23-romance>. Acesso em: 03 abr. 2023.

BAADE, Joel Haroldo; SILVA, Ezequiel Theodoro da. “Professor, não tenho tempo para ler!” – a prática docente diante do hábito de não-leitura. **Leitura: Teoria & Prática**, Campinas-SP, v. 34, n. 67, p.125-136, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.34112/2317-0972a2016v34n67p125-136>. Acesso em: 20 set. 2022.

BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. Tradução de Mario Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BATISTA, Patrícia Cardoso. **Formação de leitores literários no Ensino Médio: tecendo histórias**. 2019. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2019. Disponível em: <https://repositorio.uel.br/handle/123456789/13569>. Acesso em: 03 abr. 2023.

BATISTA, Patrícia Cardoso; BALÇA, Ângela; LIMA, Sheila Oliveira. Formação leitora de jovens brasileiros e portugueses: suportes, títulos e autores. **Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso**, [S. l.], v. 19, n. 3, 2024. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/64023>. Acesso em: 25 set. 2024.

BATISTA, Patrícia Cardoso; LIMA, Sheila Oliveira. A leitura de literatura e o recalque da Internet nos jovens estudantes do Ensino Médio. **Itinerarius Reflectionis**, Jataí - GO, v. 15, n. 4, p. 01-18, fev. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.5216/ir.v15i4.60234>. Acesso em: 03 abr. 2023.

BATISTA, Patrícia Cardoso; LIMA, Sheila Oliveira. Leitura literária na escola em tempos de pandemia: práticas docentes. **Antares**, [S. l.], v. 14, n. 32, jan./abr. 2022.

Disponível em: <http://dx.doi.org/10.18226/19844921.v14.n32.06>. Acesso em: 03 abr. 2023.

BELO, André. **História & livro e leitura**. 2. ed. Belo Horizonte: Grupo Autêntica, 2013. *E-book*. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788582172148/> . Acesso em: 22 ago. 2023.

BOJUNGA, Lygia. **Livro – um encontro**. 6 ed. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2004.

BORGES, Jorge Luis. **Borges oral & sete noites**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

BREDA, Tadeu. **Amazon destrói**. 30 maio 2019. Disponível em: <https://editoraelefante.com.br/amazon-destroi/>. Acesso em: 25 jan. 2024.

CAMÕES, Luís de, 1524-1580. **20 Sonetos**. Introdução e edição comentada por Sheila Hue. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2018.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. *In*: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 4. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2004. p. 169-191.

CECCANTINI, João Luís. Leitores iniciantes e comportamento perene de leitura. *In*: SANTOS, Fabiano dos; NETO, José Castilho Marques; RÖSING, Tânia M. K. (org.). **Mediação de leitura**: análises e alternativas para formação de leitores. São Paulo: Global, 2009. p. 207-231.

CEREJA, William R. **Ensino de literatura**: uma proposta dialógica para o trabalho com a literatura. São Paulo: Atual, 2005.

CGI.br. **Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros**: TIC Domicílios 2023. 2023. Disponível em: [https://cetic.br/media/analises/tic\\_domicilios\\_2023\\_coletiva\\_imprensa.pdf](https://cetic.br/media/analises/tic_domicilios_2023_coletiva_imprensa.pdf). Acesso em: 27 dez. 2023.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador. São Paulo: Unesp, 1999.

CHARTIER, Roger. A leitura em telas - um convite à reflexão em tempos pandêmicos: entrevista com Roger Chartier. Entrevista concedida a Luzmara Curcino. **Revista Brasileira de Alfabetização**, [S. l.], n. 14, p. 115–137, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.47249/rba2021532>. Acesso em: 15 abr. 2024.

CHARTIER, Roger. Do código ao monitor: a trajetória do escrito. **Estudos Avançados**, [S. l.], v. 8, n. 21, p. 185-199, 1994. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-40141994000200012>. Acesso em: 01 ago. 2023.

CHARTIER, Roger. Do livro à leitura. *In*: CHARTIER, Roger. (org.) **Práticas da leitura**. Tradução de Cristiane Nascimento. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001. p. 77-106.

CHARTIER, Roger. **Os desafios da escrita**. Tradução de Fulavia M. L. Moretto. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

CHARTIER, Roger. **Um mundo sem livros e sem livrarias?** Guiomar de Grammont (coord.). São Paulo: Letraviva, 2020.

COELHO, Marcelo. **Pode ser chato saber disso, mas Monteiro Lobato era de um racismo delirante**. Folha de S. Paulo. 19 jan. 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/marcelocoelho/2021/01/pode-ser-chato-saber-disso-mas-monteiro-lobato-era-de-um-racismo-delirante.shtml>. Acesso em: 25 jan. 2023.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. Tradução de Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.

COLOMER, Teresa. **Introdução à literatura infantil e juvenil atual**. Tradução de Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2015.

COPS - Coordenadoria de Processos Seletivos. **Processo seletivo vestibular 2024**. Disponível em: <https://www.cops.uel.br/v2/>. Acesso em: 16 mar. 2024.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2009.

CRUZ, Afonso. **O vício dos livros**. Porto Alegre: Dublinense, 2024.

CUNHA, Eduardo. **Mas, afinal, qual livro foi o mais vendido no Brasil em 2021?** PublishNews. 04 fev. 2022. Disponível em: <https://www.publishnews.com.br/materias/2022/02/04/mas-afinal-qual-livro-foi-o-mais-vendido-no-brasil-em-2021>. Acesso em: 15 abr. 2022.

DARNTON, Robert. **A questão dos livros: presente, passado e futuro**. Tradução de Daniel Pellizari. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

DELGADO, Pablo *et al.* Don't throw away your printed books: A meta-analysis on the effects of reading media on reading comprehension. **Educational Research Review**, [S. l.], v. 25, p. 23-38, nov., 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.edurev.2018.09.003>. Acesso em: 20 set. 2022.

DÍAZ GÓMEZ, Álvaro; GONZÁLEZ REY, Fernando. Subjetividad: una perspectiva histórico cultural. Conversación con el psicólogo cubano Fernando González Rey. **Universitas Psychologica**, Bogotá, Colombia, v. 4. n.3. p. 373-383, out-dez., 2005. Disponível em: [http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1657-92672005000300011&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1657-92672005000300011&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 22 mar. 2022.

ELIA, Luciano. **O conceito de sujeito**. 3 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

ELO. Electronic Literature Organization. **Welcome to the ELO**. Disponível em: <https://eliterature.org/>. Acesso em: 26 mar. 2022.

EXTRA. **Veja quais foram os 25 livros mais vendidos no Brasil em 2022 e saiba onde encontrá-los**. 2022. Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/veja-quais-foram-os-25-livros-mais-vendidos-no-brasil-em-2022-saiba-onde-encontra-los-25632273.html>. Acesso em: 24 dez. 2022.

FAILLA, Zoara. **Retratos da leitura no Brasil**. 2. ed. Instituto Pró-livro, 2007. Disponível em: [https://www.prolivro.org.br/wp-content/uploads/2020/07/APRESENTACAO\\_RETRATOS\\_DA\\_LEITURA\\_NO\\_BRASIL\\_28MAIO.pdf](https://www.prolivro.org.br/wp-content/uploads/2020/07/APRESENTACAO_RETRATOS_DA_LEITURA_NO_BRASIL_28MAIO.pdf). Acesso em: 17 mar. 2023.

FAILLA, Zoara. **Retratos da leitura no Brasil**. 4. ed. Instituto Pró-livro, 2015. Disponível em: [https://www.prolivro.org.br/wp-content/uploads/2020/07/Pesquisa\\_Retratos\\_da\\_Leitura\\_no\\_Brasil\\_-\\_2015.pdf](https://www.prolivro.org.br/wp-content/uploads/2020/07/Pesquisa_Retratos_da_Leitura_no_Brasil_-_2015.pdf). Acesso em: 25 mar. 2023.

FAILLA, Zoara. **Retratos da leitura no Brasil**. 5. ed. Instituto Pró-livro, 2020. Disponível em: [https://www.prolivro.org.br/wp-content/uploads/2020/12/5a\\_edicao\\_Retratos\\_da\\_Leitura- IPL\\_dez2020-compactado.pdf](https://www.prolivro.org.br/wp-content/uploads/2020/12/5a_edicao_Retratos_da_Leitura- IPL_dez2020-compactado.pdf). Acesso em: 17 mar. 2023.

FAILLA, Zoara. **Retratos da leitura no Brasil**. 6. ed. Instituto Pró-livro, 2024. Disponível em: <https://pesquisa.prolivro.org.br/press-kit-retratos-da-leitura-no-brasil>. Acesso em: 02 dez. 2024.

FAVA, Rui. **Educação para o Século XXII: a era do indivíduo digital**. São Paulo: Editora Saraiva, 2016. *E-book*. Disponível em: <https://app.minhabiblioteca.com.br/#/books/978-85-472-0494-5/>. Acesso em: 11 abr. 2024.

FIALHO, Lia Machado Fiuza; SOUSA, Francisca Genifer Andrade de. Juventudes e redes sociais: interações e orientações educacionais. **Revista Exitus**, Santarém, v. 9, n. 1, p. 202-231, jan. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.24065/2237-9460.2019v9n1id721>. Acesso em: 19 set. 2024.

FINK, Bruce. **O sujeito lacaniano: entre a linguagem e o gozo**. Tradução de Maria de Lourdes Sette Câmara. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Preço dos livros e vendas do mercado editorial subiram em 2022, mostra pesquisa**. 23. jan. 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2023/01/preco-dos-livros-e-vendas-do-mercado-editorial-subiram-em-2022-mostra-pesquisa.shtml>. Acesso em: 30 mar. 2024.

FREUD, Sigmund. **Além do princípio de prazer** [Jenseits des Lustprinzips]. Edição crítica Bilingue. São Paulo: Grupo Autêntica, 2020. *E-book*. Disponível em: <https://app.minhabiblioteca.com.br/#/books/9786588239933/>. Acesso em: 20 ago. 2024.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

G1. **Após biblioteca falsa despencar, desembargador diz que usa painel para não mostrar a casa**: 'os livros são minha vida'. 04 fev. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2022/02/04/apos-biblioteca-falsa-despencar-desembargador-diz-que-usa-painel-para-nao-mostrar-a-casa-os-livros-sao-minha-vida.ghtml>. Acesso em: 18 de dez. 2023.

G1. **Ashley Tisdale é criticada por comprar 400 livros para decoração de casa**. 04 abr. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2022/04/04/ashley-tisdale-e-criticada-por-comprar-400-livros-para-decoracao-de-casa.ghtml>. Acesso em: 22 dez. 2023.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Introdução à metapsicologia freudiana**: artigos de metapsicologia. v. 3. 6. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7. ed. 4. Reimp. São Paulo: Atlas, 2024.

GIL, Antonio Carlos. **Como fazer pesquisa qualitativa**. São Paulo: Atlas, 2021. *E-book*. Disponível em: <https://app.minhabiblioteca.com.br/#/books/9786559770496/>. Acesso em: 18 jan. 2024.

GOMES, Luiz Fernando. **Hipertexto no cotidiano escolar**. v.1. (Coleção trabalhando com... na escola). São Paulo: Cortez, 2013. *E-book*. Disponível em: <https://app.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788524920875/>. Acesso em: 24 set. 2024.

GOULART, Ilsa do Carmo Vieira; FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. Relações que entremeiam leitor e livro: da materialidade à afetividade. **Revista Álabe**, Almería, n. 12, p. 1-16, ago./dic. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.15645/Alabe.2015.12.5>. Acesso em: 5 jan. 2024.

GUERRERO-PICO, Mar; ESTABLÉS, María-José; COSTA-SÁNCHEZ, Carmen. Fan fiction y prácticas de lectoescritura transmedia en Wattpad: una exploración de las competencias narrativas y estéticas de adolescentes. **Profesional de la información**, [S. l.], v. 31, n. 2, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.3145/epi.2022.mar.12>. Acesso em: 5 jan. 2024.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

HIRATA, Tatiane; GUSHIKEN, Yuji. Scanlation: reprodução e consumo subalterno de mangá na cibercultura. **Revista Líbero**, São Paulo, v. 15, n. 30, p. 127-138, dez. 2012. Disponível em: <https://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/277> . Acesso em: 16 fev. 2024.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios**: acesso à Internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal 2022. Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv102040\\_informativo.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv102040_informativo.pdf). Acesso em: 14 ago. 2022.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. Pesquisa Itaú Cultural IPL – **Perfil leitores da Bienal de SP – 2022**. Disponível em: [https://www.prolivro.org.br/wp-content/uploads/2022/08/Pesquisaitau%CC%81Cultural\\_IPL\\_PerfilLeitoresdaBienaldolivroSP22-2-1.pdf](https://www.prolivro.org.br/wp-content/uploads/2022/08/Pesquisaitau%CC%81Cultural_IPL_PerfilLeitoresdaBienaldolivroSP22-2-1.pdf). Acesso em: 25 jul. 2024.

INTRÍNSECA. **S. - J.J. Abrams & Doug Dorst**. Youtube. 1 de dez. de 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LlyH96fCWGg>. Acesso em: 05 jun. 2023.

JOUBE, Vincent. **A leitura como retorno a si**: sobre o interesse pedagógico das leituras subjetivas. *In*: ROUXEL, Annie; LANGLADE, Gérard; REZENDE, Neide L. (org.). Tradução de Amaury C. Moraes *et al.* São Paulo: Alameda, 2013. p. 53-65.

JOUBE, Vincent. **A leitura**. Tradução de Brigitte Hervot. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

KIRCHOF, Edgar Roberto. Como ler os textos literários na era da cultura digital? **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, [S. l.], n. 47, p. 203–228, jan. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2316-40184710>. Acesso em: 19 abr. 2023.

LAZZARINI, Eliana Rigotto; VIANA, Terezinha de Camargo. O corpo em psicanálise. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, [S. l.], v. 22, n. 2, p. 241–249, maio 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-37722006000200014>. Acesso em: 27 set. 2024.

LEMOS, André. **A tecnologia é um vírus**: Pandemia e cultura digital. Porto Alegre, RS: Editora Sulina, 2021.

LEMOS, André. **Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. 4. ed. Porto Alegre: Sulina, 2008.

LEVRATTO, Valeria. Encuentro entre lectura en papel y lectura digital: hacia una gramática de lectura en los entornos virtuales. **Foro de Educación**, [S. l.], v. 15, n. 23, p. 85-100, jun. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.14516/fde.555>. Acesso em: 19 abr. 2023.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 2009.

LIMA, Giselly. Da página à tela: apontamentos sobre a leitura da literatura infantil na cultura digital. **Revista Brasileira de Alfabetização**, Belo Horizonte - MG, v. 1, n. 8, jul.-dez. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.47249/rba.2018.v1.299>. Acesso em: 29 out. 2023.

LIMA, Sheila Oliveira. Escutar o leitor: leitura e subjetividade em biografias e depoimentos de escritores. **Revista Interterritórios**, Caruaru-PE, v. 5 n. 9, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.33052/inter.v5i9.243608>. Acesso em: 29 out. 2023.

LIMA, Sheila Oliveira; GODOY, Maria Carolina de. Sobrescrever os corpos: ressignificação e emancipação de sujeitos pela (ou na) literatura. **Anais do VI SIMELP – Da união à diversidade**, Santarém, Instituto Politécnico de Santarém, Tomo I, p. 1592- 1607, 2021. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.15/3891>. Acesso em: 11 out. 2024.

LIMA, Sheila Oliveira; MELO, Henrique Furtado de. A leitura literária como revivência e ressignificação subjetiva de um aluno-detento. **Revista Conexão**, Ponta Grossa, v. 9, n. 2, p. 312-323, 2013. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=514151730014>. Acesso em: 28 abr. 2024.

LIMA, Sirleide de Almeida; SOUZA, Agostinho Potenciano; CORSI, Solange da Silva. O best-seller e a formação do gosto pela leitura dos jovens leitores. **Revista Eco-Pós**, [S. l.], v. 18, n. 1, p. 190–204, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.29146/eco-pos.v18i1.1387>. Acesso em: 4 jan. 2024.

LISPECTOR, Clarice. **Felicidade clandestina**. Rio de Janeiro, Rocco, 1998.

LITTAU, Karin. **Teorías de la lectura: libros, cuerpos y bibliomanía**. Buenos Aires: Manantial, 2008.

LLUCH, Gemma. Los jóvenes y adolescentes comparten la lectura. *In*: CRUCES, Francisco (Dir.) **¿Cómo leemos en la sociedad digital?** Lectores, booktubers y prosumidores. Madrid: Ediciones Culturales Paidós & Fundación Telefónica, 2017. p. 31-54. Disponível em: <https://www.fundaciontelefonica.com/cultura-digital/publicaciones/601/>. Acesso em: 01 fev. 2021.

LOBO, Camila Teixeira. **Gostar de ler: o mangá na formação de leitores**. 2018. 53f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia e Documentação) - Universidade Federal Fluminense, 2018. Disponível em: <http://app.uff.br/riuff/handle/1/24502>. Acesso em: 01 fev. 2021.

MACHADO, Ana Maria. **Esta força estranha: trajetória de uma autora**. São Paulo: Atual, 1996.

MANGEN, Anne; WEEL, Adriaan van der. The evolution of reading in the age of digitisation: an integrative framework for reading research. **Literacy**, [S. l.], v. 50, n. 3, p. 116-124, Sep., 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/lit.12086>. Acesso em: 20 mar. 2022.

MANGUEL, Alberto. **Encaixotando minha biblioteca: uma elegia e dez digressões**. Tradução de Jorio Dauster. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia de Bolso, 2021.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. A questão do suporte dos gêneros textuais. **DLCV: Língua, lingüística e literatura**, João Pessoa-PB, v. 1, n.1, p. 9-40, out. 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/dclv/article/view/7434>. Acesso em: 24 set. 2024.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Aspectos da questão metodológica na análise verbal: o continuum qualitativo-cuantitativo. **Revista Latinoamericana de Estudios del Discurso**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 23–42, 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.35956/v.1.n1.2001.p.23-42>. Acesso em: 27 jan. 2022.

MÁRQUEZ HERMOSILLO, Mónica María; VALENZUELA GONZÁLEZ, Jaime Ricardo. Leer más allá de las líneas: análisis de los procesos de lectura digital desde la perspectiva de la literacidad. **Sinéctica: Revista Electrónica de Educación**, Tlaquepaque, México, v. 50, nov., 2017. Disponível em: [https://doi.org/10.31391/S2007-7033\(2018\)0050-012](https://doi.org/10.31391/S2007-7033(2018)0050-012). Acesso em: 20 mar. 2022.

MICHAELIS. Livro. *In: Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa online*. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2015. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=livro>. Acesso em: 23 ago. 2022.

MOLLIER, Jean-Yves. Ler na era digital. Tradução de Pedro Paulo Garcia Ferreira Catharina. *In: MELLO, Celina Maria Moreira de; CATHARINA, Pedro Paulo Garcia Ferreira; REIS, Sonia Cristina. A palavra, o artista e a leitura - Homenagem a Théophile*. (org.). Rio de Janeiro: Confraria do Vento, 2014. p. 48-66.

MONTES, Graciela. **Buscar indícios, construir sentidos**. Tradução Cícero Oliveira. Salvador: Solisluna, 2020.

MORAES, Debora Ferreira Leite de. O perigo da leitura literária: questões para o campo da psicanálise. **Semina: Ciências Sociais e Humanas**, [S. l.], v. 40, n. 1, p. 77–88, 2019. DOI: 10.5433/1679-0383.2019v40n1p77. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/seminasoc/article/view/35242>. Acesso em: 8 ago. 2024.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. **Análise textual discursiva**. 2. ed. Ijuí: Editora UNIJUÍ, 2011.

NIELSEN BOOKDATA. **Panorama do consumo de livros**: um estudo sobre o perfil e hábitos de compradores de livros no Brasil. Dezembro, 2023. Disponível em: <https://conteudo.cbldados.org.br/lp-pesquisas-2023-panorama-do-consumo-de-livros>. Acesso em: 23 ago. 2024.

NIELSEN BOOKDATA. **Panorama do consumo de livros**: um estudo sobre o perfil e hábitos dos consumidores de livros no Brasil. 2. ed. Janeiro, 2025. Disponível em: <https://conteudo.cbldados.org.br/lp-panorama-do-consumo-de-livros-2024>. Acesso em: 14 mar. 2025.

NIELSEN BOOKDATA. **Produção e vendas do setor editorial brasileiro: Ano-base 2023**. Maio, 2024. Disponível em:

<https://static.poder360.com.br/2024/05/producao-e-vendas-livros-2023.pdf>. Acesso em: 23 ago. 2024.

NOVAK, Courtney Henning Novak. **@courtneyhenningnovak**. TikTok (2024). Disponível em: <https://www.tiktok.com/@courtneyhenningnovak/video/7378951454889037102>. Acesso em: 24 set. 2024.

OBSERVATÓRIO DA LITERATURA DIGITAL BRASILEIRA. **Atlas da literatura digital brasileira**. Plataforma digital on-line. 2024. Disponível em: <https://www.observatorioldigital.ufscar.br/atlas-da-literatura-digital-brasileira/>. Acesso em: 15 abr. 2023.

PENNAC, Daniel. **Como um romance**. Tradução de Leny Werneck. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

PESSOA, Fernando. Liberdade. *In*: PESSOA, Fernando. **Antologia poética**. SOUZA, Rui (org.). Porto, Portugal: Livraria Lello, 2019. p. 119.

PETIT, Michèle. **Ler o mundo**: experiências de transmissão cultural nos dias de hoje. Tradução de Julia Vidile. São Paulo: Editora 34, 2019.

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura**: uma nova perspectiva. Tradução de Celina Olga de Souza. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2009.

POZZER, Márcio Rogério Olivato; CUNHA, Camila Porsch da. As transformações da era digital e o impacto na economia da cultura do livro. **Políticas Culturais em Revista**, [S. l.], v. 13, n. 1, p. 47–66, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.9771/pcr.v13i1.35309>. Acesso em: 15 mar. 2023.

PRENSKY, Marc. Digital Natives, Digital Immigrants. **On the horizon**, [S. l.], v. 9, n. 5, p. 1-7, oct. 2001. Disponível em: <https://marcprensky.com/writing/Prensky%20-%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2023.

REBORA, Simone. *et al.* Digital humanities and digital social reading. **Digital Scholarship in the Humanities**, [S. l.], v. 36, n. 2, p. 230-250, Oct. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/lhc/fqab020>. Acesso em: 02 jun. 2022.

REIS, Juliani Menezes dos; ROZADOS, Helen Beatriz Frota. O livro digital: histórico, definições, vantagens e desvantagens. XIX Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias, Manaus, 2016. **Anais**. Manaus, AM: UFAM, p. 34-39, 2016. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/151235/001009111.pdf?sequence=1>. Acesso em: 26 fev. 2024.

RIBEIRO, Ana Elisa. Do fosso às pontes: um ensaio sobre natividade digital, nativos Jr. e descoleções. **Revista da ABRALIN**, [S. l.], v. 18, n. 1, p. 1–24, 2019. Disponível em: [10.25189/rabralin.v18i1.1330](https://doi.org/10.25189/rabralin.v18i1.1330). Acesso em: 19 abr. 2023.

RIBEIRO, Ana Elisa. Livro. *In*: RIBEIRO, Ana Elisa. CABRAL, Cleber Araújo (org.). **Tarefas da edição**: pequena mediapédia. Belo Horizonte: Impressões de Minas, 2020a. p. 85-89. Disponível em: <https://www.lettras.bh.cefetmg.br/wp-content/uploads/sites/193/2019/10/Tarefas-da-Edic%CC%A7a%CC%83o-arquivo-digital-07-10-20.pdf>. Acesso em: 05 maio 2024.

RIBEIRO, Ana Elisa. Navegar sem ler, ler sem navegar e outras combinações de habilidades do leitor. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, MG, v. 25. n. 3, p.75-102, dez. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/i/edur/a/NTGtVK7QkZwRS3y79X4sLch/#>. Acesso em: 02 abr. 2023.

RIBEIRO, Ana Elisa. O bibliógrafo digital: questões sobre a materialidade do livro no século XXI. **Perspectivas em Ciência da Informação**, [S. l.], v.22, n. especial, p.120-130, jul. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1981-5344/3236>. Acesso em: 02 abr. 2023.

RIBEIRO, Ana Elisa. Sem modo avião: jovens e leitura de livros, hoje. **Comunicação & educação**, [S. l.], XXV. n.1. jan/jun, 2020b. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v25i1p93-108>. Acesso em: 17 abr. 2022.

ROCHA, Rejane C. Literatura digital. *In*: RIBEIRO, Ana Elisa; CABRAL, Cleber Araújo (org.). **Tarefas da edição**: pequena mediapédia. Belo Horizonte: Impressões de Minas, 2020, p. 80-85. Disponível em: <https://www.lettras.bh.cefetmg.br/wp-content/uploads/sites/193/2019/10/Tarefas-da-Edic%CC%A7a%CC%83o-arquivo-digital-07-10-20.pdf>. Acesso em: 05 maio 2024.

ROSA, Hartmut. Modernidade dessincronizada: aceleração social, destemporalização e alienação: uma entrevista com Hartmut Rosa. Entrevista concedida a João Lucas Facó Tziminadis. **Estudos de Sociologia**, Araraquara-SP, v. 22, n. 43, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.52780/res.10462>. Acesso em: 25 mar. 2022.

ROUXEL, Annie. Autobiografia de leitor e identidade literária. *In*: ROUXEL, Annie; LANGLADE, Gérard; REZENDE, Neide L. (org.). **Leitura subjetiva e ensino de literatura**. Tradução de Amaury C. Moraes *et al.* São Paulo: Alameda, 2013. p. 67-87.

SILVA, Thaís Costa; ALMEIDA, Maria Isabel Mendes; GOMES, Lilian Alves. Booktubers: Elogio da materialidade e do compartilhamento. **Revista ECO-Pós**, v. 23, n. 3, p. 396-421, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.29146/eco-pos.v23i3.27580>. Acesso em: 15 nov. 2023.

SNBP - SISTEMA NACIONAL DE BIBLIOTECAS PÚBLICAS. **Informações das Bibliotecas Públicas**. 2023. Disponível em: <http://snbp.cultura.gov.br/bibliotecaspublicas/>. Acesso em: 15 dez. 2023.

SKOOB. **Leitores**. 2024. Disponível em: <https://www.skoob.com.br/usuario/lista>. Acesso em: 24 out. 2023.

SPENCE, Charles. The multisensory experience of handling and reading books. **Multisensory Research**, [S. l.], v. 33, n. 8, p. 902-928, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1163/22134808-bja10015>. Acesso em: 15 fev. 2022.

STØLE, Hildegunn. El mito del nativo digital: ¿por qué necesitan libros? *In: KOVAČ, Miha; WEEL, Adriaan van der. Lectura en papel vs. Lectura en pantalla.* Traducción de Laura Tibaquirá. Bogotá, Colombia: CERLARC-Unesco, 2020. p.49-69. Disponível em: <https://cerlarc.org/publicaciones/dosier-lectura-en-papel-vs-lectura-en-pantalla/>. Acesso em: 19 abr. 2023.

THOMPSON, John B. **As guerras do livro: a revolução digital no mundo editorial.** Tradução de Fernando Santos. São Paulo: Editora Unesp, 2021.

THOMPSON, John B. O futuro dos livros. **MATRIZES**, [S. l.], v. 17, n. 1, p. 11-20, 2023. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v17i1p11-20>. Acesso em: 22 jan. 2024.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo.** Tradução de Caio Meira. Rio de Janeiro: Difel, 2010.

TOREZAN, Zeila C. Facci; AGUIAR, Fernando. O sujeito da psicanálise: particularidades na contemporaneidade. **Revista Mal-estar e Subjetividade**, Fortaleza, v. 11, n. 2, p. 525-554, 2011. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1518-61482011000200004&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482011000200004&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 12 abr. 2022.

TRIVIÑOS, Augusto N.S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1987.

VARGAS, Maria Lucia Bandeira. **O fenômeno fanfiction: novas leituras e escrituras em meio eletrônico.** Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2005. Disponível em: [https://dtllc.fflch.usp.br/sites/dtllc.fflch.usp.br/files/VARGAS\\_O%20fen%C3%B4meno%20fanfiction.pdf](https://dtllc.fflch.usp.br/sites/dtllc.fflch.usp.br/files/VARGAS_O%20fen%C3%B4meno%20fanfiction.pdf). Acesso em: 05 jan. 2024.

WATTPAD. **Página inicial.** 2024. Disponível em: <https://www.wattpad.com/?language=6>. Acesso em: 04 mar. 2024.

WE ARE SOCIAL; MELTY. **Digital 2024: 5 billion social media users.** 31 jan. 2024. Disponível em: <https://wearesocial.com/uk/blog/2024/01/digital-2024-5-billion-social-media-users/>. Acesso em: 10 jan. 2024.

WESTBROOK, Andrew *et al.* Striatal dopamine synthesis capacity reflects smartphone social activity. **iScience**, [S. l.], v. 24, n. 5, may. 2021. Disponível em: [10.1016/j.isci.2021.102497](https://doi.org/10.1016/j.isci.2021.102497). Acesso em: 10 jan. 2024.


WOLF, Maryanne. **O cérebro no mundo digital: os desafios da leitura na nossa era.** Tradução de Rodolfo Ilari e Mayumi Ilari. São Paulo: Contexto, 2019.

ZAMARIAM, Franciela S. **Cartas à mesa**: o ensino da leitura literária através do RPG. 2018. 177 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2018. Disponível em: <https://repositorio.uel.br/handle/123456789/16450>. Acesso em: 25 set. 2022.


ZUIN, Antônio A. S. A cultura digital, a semiformação e o novo elo pedagógico. **Revista Inter-Ação**, Goiânia, v. 39, n. 2, p. 241–256, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.5216/ia.v39i2.31705>. Acesso em: 13 set. 2023.

## APÊNDICES

## APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO ON-LINE APLICADO AOS JOVENS PARTICIPANTES



## Pesquisa - Os jovens e a literatura nas mídias digitais

pattycardoso88@gmail.com [Alternar conta](#) 

\* Indica uma pergunta obrigatória

E-mail \*

Seu e-mail

CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO \*

0 pontos

Declaro que concordei em participar voluntariamente desta pesquisa e entreguei assinado o TCLE/TALE para a pesquisadora responsável.

Não concordo em participar desta pesquisa.

Próxima

Limpar formulário

**Informações pessoais****1. Nome completo \***

Sua resposta \_\_\_\_\_

**2. Escola \***

1 ponto

- Colégio Estadual [REDACTED]
- Colégio Estadual [REDACTED]
- [REDACTED]
- Colégio [REDACTED]
- Colégio Estadual [REDACTED]

**3. Turma \***

1 ponto

- A
- B
- C
- D
- E
- F
- G

4. Turno \*

1 ponto

- Manhã
- Noite

5. Idade \*

1 ponto

- 15 anos
- 16 anos
- 17 anos
- 18 anos
- 19 anos
- Outro: \_\_\_\_\_

6. Gênero \*

1 ponto

- Feminino
- Masculino
- Outro: \_\_\_\_\_

7. Marque os itens que você possui. \*

- Tablet
- E-reader (Leitor de livros digitais, como Kindle.)
- Computador/notebook
- Celular/smartphone

8. Você tem acesso à Internet? \*

1 ponto

- Sim
- Não

8. a) Se sim, onde você tem acesso à Internet?

- na escola
- em casa
- dados móveis do smartphone
- no trabalho
- Outro: \_\_\_\_\_

9. Em suas horas vagas você faz o quê? (Marque até 2 alternativas) \*

Navega pelas redes sociais.

Faz atividade física.

Sai com amigos.

Assiste a séries, filmes etc.

Realiza leituras.

Estuda.

Joga on-line.

Outro: \_\_\_\_\_

[Voltar](#)

[Próxima](#)

[Limpar formulário](#)

### Práticas leitoras no Ensino Médio

1. Você se considera um(a) leitor(a)? \*

1 ponto

Sim

Não

Talvez

2. O que é ser um(a) leitor(a) para você? \*

Sua resposta  
\_\_\_\_\_

3. Você lê obras literárias com frequência? \*

1 ponto

Sim

Não

Às vezes

4. Quantas obras literárias você leu nos últimos 12 meses? \*

1 ponto

- Nenhum
- 1
- 2
- 3
- 4
- 5
- 6 ou mais

5. Como você chegou às obras literárias mencionadas acima? (Marque até 3 alternativas). \*

- Não li nenhuma obra literária nos últimos 12 meses.
- Indicação de amigos.
- Indicação de bibliotecários.
- Indicação de professores.
- Indicação de familiares.
- Indicação de influenciadores digitais ou booktubers.
- Interesse próprio.
- Indicação de livreiros.
- Anúncios publicitários de editoras e livrarias.
- Outro: \_\_\_\_\_

[Voltar](#)

[Próxima](#)

[Limpar formulário](#)

### Leitura literária: papel x tela

Espero que você fale sobre as obras que leu durante o período em que esteve no Ensino Médio (do 1 ao 3 ano), sejam livros exigidos pela escola ou livros escolhidos por você para ler fora da escola.

1. Você leu obras literárias no PAPEL durante o Ensino Médio? \*

1 ponto



Sim

Não

**ATENÇÃO:** na próxima questão você deverá complementar a resposta da 1. Para isso, responda à questão 1. a) OU a questão 1.b).

1. a) Se SIM, cite os títulos e/ou autores das obras lidas no PAPEL:

Sua resposta

---

1. b) Se NÃO, explique o motivo por não ter lido uma obra no PAPEL neste período:

Sua resposta

---

2. Você leu alguma obra literária na TELA durante o Ensino Médio? \*

1 ponto



Sim

Não

**ATENÇÃO:** na próxima questão você deverá complementar a resposta da 2. Para isso, responda à questão 2. a) OU a questão 2.b).

2. a) Se sim, cite os títulos e/ou autores das obras lidas na TELA:

Sua resposta

---

2. b) Se não, explique o motivo por não ter lido nenhuma obra literária na TELA:

Sua resposta

---

3. Você lê obras literárias com mais frequência: \*

1 ponto



- na tela.
- no papel.
- oscila entre a tela e o papel.
- NÃO lê textos literários.

4. A respeito da extensão dos textos literários lidos na TELA, você... \*

1 ponto



- lê normalmente mais textos longos, como: romances etc.
- lê geralmente mais textos curtos, como: poemas, contos, crônicas, fábulas etc.
- lê textos longos e curtos.
- não lê textos literários na tela.

5. Qual o suporte você prefere para leitura de textos literários longos? \*

1 ponto

- Prefiro ler textos narrativos longos na TELA.
- Prefiro ler textos narrativos longos no PAPEL.
- Para mim, tanto faz.

5. a) Justifique a sua resposta da pergunta anterior \*

Sua resposta

---

6. Os suportes usados para leitura de obras literárias na tela, são: \*

- Notebook/computador
- Tablet
- Celular/smartphone
- E-reader (Leitor de livros digitais, como Kindle.)
- Não leio textos literários na tela
- Outro: 

---

## 7. Como você tem acesso às obras literárias no PAPEL? \*

- Não tenho acesso
- Biblioteca escolar
- Biblioteca cidadã e/ou municipal
- Tenho livros em casa
- Empresto de amigos
- Compro em livrarias físicas
- Compro em sebos
- Compro por sites da internet, como: Amazon, Mercado livre, etc.
- Outro: \_\_\_\_\_

## 8. Como você tem acesso às obras literárias na TELA? \*

- Busco na Internet e baixo os textos literários em PDF.
- Compro os textos literários digitais (e-books) por sites de comércio.
- Acesso às obras literárias enviadas por professores por plataformas digitais (Classroom, Whatsapp, Google Drive etc.).
- Acesso às obras literárias compartilhadas por influenciadores nas redes sociais.
- Não tenho acesso.
- Outro: \_\_\_\_\_

9. Em relação à duração da leitura, você consegue ficar mais tempo lendo <sup>\*</sup> 1 ponto obras literárias (especialmente textos longos) na tela, ou no papel?

- Consigo passar mais horas lendo no PAPEL.
- Consigo passar mais horas lendo na TELA.
- Consigo passar o mesmo tanto de horas lendo na tela e no papel.
- Não sei, porque não tenho experiência com a leitura de textos literários na tela.

9. a) Cite um motivo para a resposta dada anteriormente. <sup>\*</sup>

Sua resposta

---

10. Em qual dos dois suportes você sente-se mais concentrado na leitura <sup>\*</sup> 1 ponto de uma obra literária?

- Na tela.
- No papel.
- A concentração na tela ou no papel são iguais.
- Não sei, porque não tenho experiência com a leitura de textos literários na tela.

10. a) Justifique a resposta anterior. <sup>\*</sup>

Sua resposta

---

11. Em relação à memória, você consegue se recordar melhor de uma obra literária lida no papel ou tela? \* 0 pontos

- na tela.
- no papel.
- nos dois suportes.
- não sei, porque tenho experiência apenas com a leitura no papel.

12. Você sente diferença no ritmo de leitura entre papel e na tela? \* 1 ponto

- Sim, no papel eu leio mais rápido, e na tela sou mais lento(a).
- Sim, na tela eu leio mais rápido, e no papel sou mais lento(a).
- Não, eu leio com o mesmo ritmo no papel e na tela.
- Não sei, porque tenho experiência apenas com a leitura no papel.

13. Você está disposto a ler uma obra literária na TELA? \* 3 pontos

- Sim
- Não
- Talvez

13. a) Justifique a resposta anterior. \*

Sua resposta

Uma cópia das suas respostas será enviada para o endereço de e-mail fornecido

Voltar

Enviar

Limpar formulário

## APÊNDICE B – ROTEIRO PARA A ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM OS LEITORES

- **O LEITOR DE LITERATURA**

1. Quando você começou a ler literatura? Como surgiu o seu interesse por esses livros?
2. Alguém te incentivou a começar a ler livros literários?
3. Por que você lê literatura?
4. O que você está lendo agora?
5. No seu questionário você marcou que chegou a algumas obras por meio da indicação de algumas pessoas. Pode falar mais sobre isso? Como foi?

- **LEITURA NA TELA E NO IMPRESSO: SUBJETIVIDADE E AFETIVIDADE**

6. No questionário, você disse que prefere ler textos longos no papel/na tela. O que te levou a preferir a leitura de literatura neste suporte?
7. Alguém te incentiva a ler literatura no papel/na tela? Por quê? (Por exemplo, alguém te envia um texto por PDF ou te empresta/dá um livro para você?)
8. Na sua opinião, quais são as principais diferenças entre a **leitura na tela e no papel**? E semelhanças?
9. Quais são as vantagens de ler no papel? E na tela? Quais são as desvantagens?
10. Você disse que não gosta de ler na **tela/papel**. Mas, há algum motivo que te leve a buscar um livro para ler nesse suporte?
11. Como você busca pelos livros em papel? E na tela? (Falar mais sobre o procedimento de busca)
12. Você percebe diferença na experiência de leitura propiciada pelo papel e tela?
13. O que é uma biblioteca para você? Como você a descreveria?
14. Você tem uma biblioteca? Como é? Como você a organiza? (Pode me mandar uma foto?)

- **O LEITOR E AS INFINITAS POSSIBILIDADES DE LEITURAS**

15. Como você escolhe suas leituras? Quais são seus critérios? O que te motiva a ler um livro?
16. Você consegue ler tudo o que deseja? Por quê?
17. Como você se sente frente a tantas opções de leitura disponíveis na biblioteca e/ou na internet?
18. Você já baixou um livro e não leu? Qual? Você já emprestou um livro físico e não leu? Você já comprou um livro físico e não leu? Como foi essa situação?

- **FORMAÇÃO DE LEITORES NA ESCOLA**

19. Como você avalia o trabalho com a literatura na escola?
20. A literatura que é ensinada ou indicada na escola o/a ajudou a buscar outras leituras?
21. Você provavelmente tem estudado literatura no Ensino Médio. Pode me contar como tem sido esse trabalho? Como você pensa que a literatura deveria ser trabalhada na escola? O que falta?

## APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

**(Para responsáveis legais de participantes menores de 18 anos)**

Prezado(a) senhor(a):

Gostaríamos de convidar o(a) adolescente sob sua responsabilidade para participar da pesquisa **Jovens e literatura nas mídias digitais: acesso versus labirinto de possibilidades**, a ser realizada nas escolas estaduais da região central da cidade de Londrina - PR.

O objetivo da pesquisa é identificar se as mídias digitais podem contribuir, ou não, para a ampliação da leitura literária entre os jovens estudantes do Ensino Médio regular. A pesquisa se justifica pela relevância de adensar os estudos sobre a formação de leitores na atualidade, considerando as mídias digitais como possibilidade de ampliar o acesso dos jovens aos textos literários, mas também como geradora do recalque à leitura, dado que pode imobilizá-lo diante da multiplicidade de textos. Os benefícios esperados são contribuir para a ampliação do saber acumulado sobre a formação de leitores de literatura no Ensino Médio, discutir a relevância dos suportes para a leitura na cultura digital.

A participação do(a) adolescente é muito importante e se dará da seguinte forma: respondendo a um questionário on-line, constituído por 39 perguntas abertas e fechadas. Estima-se que o(a) adolescente precisará de aproximadamente 15 minutos.

Esclarecemos que a participação do(a) adolescente é totalmente voluntária, podendo o(a) senhor(a) solicitar a recusa ou desistência de participação a qualquer momento, sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo ao(à) adolescente. Esclarecemos, também, que as informações do(a) adolescente sob sua responsabilidade serão utilizadas somente para os fins desta e futuras pesquisas e serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a sua identidade.

Esclarecemos ainda, que nem o(a) senhor(a) e nem o(a) adolescente sob sua responsabilidade pagarão ou serão remunerados(as) pela participação. Garantimos, no entanto, que todas as despesas decorrentes da pesquisa serão ressarcidas, quando devidas e decorrentes especificamente da participação.

Quanto aos riscos, estes são considerados mínimos, tais como aborrecimento ou estresse ao responder o **questionário on-line**. Entretanto, destacamos que caso ocorra algum tipo de desconforto, o(a) participante será prontamente atendido e amparado pela pesquisadora. Também ressaltamos que faremos o armazenamento adequado dos dados coletados. Para tanto, nos comprometemos a fazer o *download* dos dados coletados para um dispositivo eletrônico local, apagando todo e qualquer registro de qualquer plataforma virtual.

Informamos que esta pesquisa atende e respeita os direitos previstos no Estatuto da Criança e do Adolescente- ECA, Lei Federal nº 8069 de 13 de julho de 1990, sendo eles: à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária. Garantimos também que será atendido o Artigo 18 do ECA: “É dever de todos velar pela dignidade da criança e do adolescente, pondo-os a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor. ”

Caso você tenha dúvidas ou necessite de maiores esclarecimentos poderá nos contatar, ou procurar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Universidade Estadual de Londrina, situado junto ao LABESC – Laboratório Escola, no Campus Universitário, telefone 3371-5455, e-mail: [cep268@uel.br](mailto:cep268@uel.br).

Diante das explicações, se o senhor(a) concorda com a participação do(a) adolescente nesta pesquisa, forneça os dados a seguir:

<p>(NOME COMPLETO DO(A) RESPONSÁVEL PELO PARTICIPANTE), tendo sido devidamente esclarecido sobre os procedimentos da pesquisa, concordo com a participação voluntária do(a) adolescente _____</p> <p>(NOME COMPLETO DO(A) PARTICIPANTE), sob minha responsabilidade.</p> <p>Assinatura do(a) responsável (ou impressão dactiloscópica): _____</p> <p style="text-align: right;">Data: ____/____/2022.</p>
-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

**OBS.: Termo apresenta duas vias, uma destinada ao participante e a outra a pesquisadora.**

Patrícia Cardoso Batista

**Pesquisadora Responsável**

## APÊNDICE D – TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TALE)

**(Para menores com idade entre 12 e 17 anos)**

Prezado(a) estudante:

Gostaríamos de convidá-lo(a) para participar da pesquisa **“Jovens e literatura nas mídias digitais: acesso versus labirinto de possibilidades”**, a ser realizada nas escolas estaduais da região central da cidade de Londrina - PR.

O objetivo da pesquisa é identificar se as mídias digitais podem contribuir, ou não, para a ampliação da leitura literária entre os estudantes do Ensino Médio regular. A pesquisa se justifica pela relevância de adensar os estudos sobre a formação de leitores na atualidade, considerando as mídias digitais como possibilidade de ampliar o acesso dos jovens aos textos literários, mas também como geradora do recalque à leitura, dado que pode imobilizá-lo diante da multiplicidade de textos. Os benefícios esperados são contribuir para a ampliação do saber acumulado sobre a formação de leitores de literatura no Ensino Médio, discutir a relevância dos suportes para a leitura na cultura digital.

Sua participação é muito importante e se dará da seguinte forma: respondendo a um **questionário on-line**, constituído por 39 perguntas abertas e fechadas. Estima-se que você precisará de aproximadamente 15 minutos, sendo que a precisão de suas respostas é determinante para a qualidade da pesquisa.

**Esclarecemos que os seus pais (ou responsáveis) devem autorizar você a participar desta pesquisa, caso você deseje.** A sua participação é totalmente voluntária, podendo você: recusar-se a participar, ou mesmo desistir a qualquer momento, sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo à sua pessoa. Informamos que esta pesquisa atende e respeita os direitos previstos no Estatuto da Criança e do Adolescente- ECA, Lei Federal nº 8069 de 13 de julho de 1990, sendo eles: à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária. Garantimos também que será atendido o Artigo 18 do ECA: “É dever de todos velar pela dignidade da criança e do adolescente, pondo-os a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor”.

Esclarecemos, também, que suas informações serão utilizadas somente para os fins desta e futuras pesquisas e serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a sua identidade. Ademais, ressaltamos que você não pagará e nem será remunerado(a) por sua participação. Garantimos, no entanto, que todas as despesas decorrentes da pesquisa serão ressarcidas, quando devidas e decorrentes especificamente de sua participação.

Quanto aos riscos, estes são considerados mínimos, tais como aborrecimento ou estresse ao responder o **questionário on-line**. Entretanto, destacamos que caso ocorra algum tipo de desconforto, o(a) participante será prontamente atendido e amparado pela pesquisadora. Também ressaltamos que faremos o armazenamento adequado dos dados coletados, nos comprometemos a fazer o *download* para um dispositivo eletrônico local, apagando todo e qualquer registro de qualquer plataforma virtual.

Caso você tenha dúvidas ou necessite de maiores esclarecimentos poderá nos contatar, ou procurar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Universidade Estadual de Londrina, situado junto ao LABESC – Laboratório Escola, no Campus Universitário, telefone 3371-5455, e-mail: [cep268@uel.br](mailto:cep268@uel.br).

Diante das explicações, se você concorda em participar desta pesquisa, forneça o seu nome completo, assinatura, e-mail e coloque a data no espaço a seguir:

<p>(<b>NOME COMPLETO DO(A) PARTICIPANTE DA PESQUISA</b>), tendo sido devidamente esclarecido sobre os procedimentos da pesquisa, concordo em participar <b>voluntariamente</b> da pesquisa descrita acima.</p> <p>Assinatura do(a) participante (ou impressão dactiloscópica): _____</p> <p>E-mail do(a) participante: _____</p> <p style="text-align: right;">Data: ____/____/2022.</p>
------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

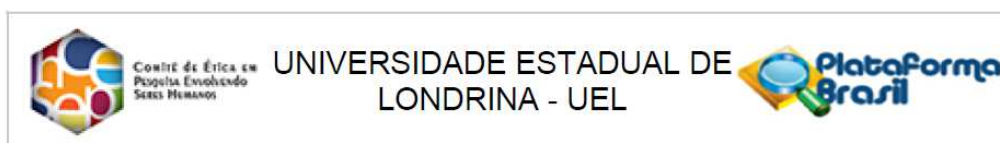
**OBS.: Termo apresenta duas vias, uma destinada ao participante e a outra a pesquisadora.**

Patrícia Cardoso Batista

**Pesquisadora Responsável**

**ANEXOS**

## ANEXO A – APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA



## PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

## DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** Jovens e literatura nas mídias digitais: acesso versus labirinto de possibilidades

**Pesquisador:** PATRICIA CARDOSO BATISTA

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 54533721.2.0000.5231

**Instituição Proponente:** CLCH - Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem - PPGE

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

## DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 5.243.192

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1835524.pdf	08/02/2022 16:56:16		Aceito
Folha de Rosto	folha_de_rosto.pdf	08/02/2022 16:54:10	PATRICIA CARDOSO BATISTA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_DE_PESQUISA_DETALHADO.docx	08/02/2022 14:38:15	PATRICIA CARDOSO BATISTA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.doc	08/02/2022 14:31:37	PATRICIA CARDOSO BATISTA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TALE.doc	08/02/2022 14:31:23	PATRICIA CARDOSO BATISTA	Aceito
Declaração de concordância	NRE.pdf	16/12/2021 14:30:01	PATRICIA CARDOSO BATISTA	Aceito
Outros	Coparticipantes.pdf	16/12/2021 14:27:34	PATRICIA CARDOSO BATISTA	Aceito
Orçamento	Tabelagastos.docx	28/10/2021 09:51:35	PATRICIA CARDOSO BATISTA	Aceito
Cronograma	Cronograma.docx	28/10/2021 09:51:17	PATRICIA CARDOSO BATISTA	Aceito

**Endereço:** LABESC - Sala 14

**Bairro:** Campus Universitário

**UF:** PR

**Município:** LONDRINA

**CEP:** 86.057-970

**Telefone:** (43)3371-5455

**E-mail:** cep268@uel.br



Continuação do Parecer: 5.243.192

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

LONDRINA, 14 de Fevereiro de 2022

---

**Assinado por:**

**Adriana Lourenço Soares Russo  
(Coordenador(a))**

## ANEXO B – APROVAÇÃO DA SEED-PR E DAS ESCOLAS PARTICIPANTES

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO – SEED



ANEXO V da RESOLUÇÃO N.º 406/2018 – GS/SEED

## CONCORDÂNCIA DA INSTITUIÇÃO COPARTICIPANTE

Declaramos para os devidos fins que a realização da pesquisa intitulada: *Jovens e literatura nas mídias digitais: acesso versus labirinto de possibilidades* a ser realizada por Patrícia Cardoso Batista, sob o RG n. 13. 187. 536 – 3, nas dependências de Colégios da rede estadual de Londrina, recebeu do SAA, Setor de Articulação Acadêmica, autorização para o desenvolvimento do proposto, pelo fato de a acadêmica, já ter recebido aprovação do Comitê de Ética da Universidade Estadual de Londrina. Sendo assim, a direção do Colégio autoriza a realização da pesquisa na referida instituição de ensino,

[REDACTED]

Diretora da instituição: [REDACTED]

Londrina, 28 de maio 2022.

[REDACTED]

Obs: a declaração deverá estar em papel timbrado ou carimbado pelo declarante.